

Do autor de *Reparação e Enclausurado*

A CRIANÇA NO TEMPO

IAN
MCEWAN





IAN MCEWAN

A criança no tempo

Tradução

Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes autores e seus livros: Christina Hardyment, *Dream Babies* (Jonathan Cape, 1983); David Bohm, *Wholeness and the Implicate Order* (Routledge & Kegan Paul, 1980); Joseph Chilton Pearce, *Magical Child* (E. P. Dutton, 1977).

Um

[...] e, para aqueles pais orientados erroneamente durante muitos anos pelo anêmico relativismo dos que se autoproclamam peritos em matéria de assistência às crianças [...].

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

Por muito tempo, tanto no entender do governo quanto no da maioria da população, o subsídio aos transportes públicos foi associado à negação da liberdade individual. Como os vários serviços entravam em colapso duas vezes por dia na hora do rush, Stephen se deu conta de que era mais rápido caminhar de seu apartamento até Whitehall do que pegar um táxi. Era o fim de maio, pouco antes das nove e meia da manhã, e a temperatura já se aproximava dos trinta graus. Caminhou rumo à Ponte Vauxhall, passando por filas duplas e triplas de carros resfolegantes que não tinham para onde escapar, cada um com seu motorista solitário. Pelo jeito, a busca da liberdade era mais um exercício de resignação que de paixão. Dedos com anéis tamborilavam pacientemente no metal dos tetos quentes, cotovelos cobertos por camisas brancas despontavam através das janelas abaixadas. Viam-se jornais abertos sobre os volantes. Stephen andava rápido através da multidão, através da balbúrdia sonora vinda dos carros — jingles, locutores veementes de programas matinais, noticiários, alertas de trânsito. Os motoristas que não estavam lendo ouviam estoicamente. O avanço incessante da turba nas calçadas devia transmitir-lhes uma sensação de movimento relativo, de estarem deslizando aos poucos para trás.

Com ágeis manobras para ultrapassar os mais lentos, Stephen, embora de forma quase inconsciente, permanecia como sempre à espreita de crianças,

em especial uma com cinco anos de idade. Era mais que um hábito, pois um hábito pode ser abandonado. Tratava-se de uma profunda predisposição, uma silhueta que a experiência tinha gravado em sua mente. Não era exatamente uma busca, apesar de haver sido uma caça obsessiva — e por muito tempo. Passados dois anos, só restavam vestígios daquilo: agora era uma grande saudade, uma fome insaciada. Havia um relógio biológico, impiedoso em seu progresso inescapável, que fazia com que sua filha continuasse a crescer, aumentasse e enriquecesse seu vocabulário antes bastante simples, se fortalecesse, firmasse seus movimentos. O relógio, fibroso como um coração, era fiel a uma condição permanente: ela estaria aprendendo a desenhar, começando a ler, perdendo um dente de leite. Ela seria alguma coisa bem conhecida, vista como algo rotineiro. Era como se a proliferação de ocorrências pudesse erodir aquele condicional, o biombo, frágil e semiopaco, cujos tênues tecidos de tempo e acaso a separavam dele: ela está de volta da escola e cansada, o dente foi posto sob o travesseiro, procura pelo pai.

Qualquer menina de cinco anos — embora os garotos também servissem — emprestava substância à sua continuada existência. Nas lojas, ao passar pelos parquinhos, na casa de amigos, ele não podia deixar de procurar por Kate em outras crianças, ou nelas ignorar as lentas mudanças, as competências crescentes, ou deixar de sentir a potência irresistível de semanas e meses, do tempo que deveria ser dela. O crescimento de Kate tinha se transformado na própria essência do tempo. Seu crescimento espectral, o produto de uma tristeza obsessiva, era não apenas inevitável — nada era capaz de fazer parar o relógio fibroso — mas necessário. Sem a fantasia de sua continuada existência, ele estava perdido, o tempo pararia. Era o pai de uma criança invisível.

Mas ali, no Millbank, só havia ex-crianças se arrastando rumo ao trabalho. Mais adiante, pouco antes da praça do Parlamento, via-se um grupo de pedintes com as devidas autorizações. A rigor, não lhes era permitido mendigar perto do Parlamento ou de Whitehall, ou mesmo nas proximidades da praça. No entanto, alguns deles estavam se valendo da

confluência das artérias que vinham dos subúrbios. Ele viu seus distintivos brilhando a uma distância de quase duzentos metros. Aquela era a melhor época do ano para eles, que pareciam arrogantes na sua liberdade. Os assalariados tinham de lhes dar passagem. Uns dez mendigos trabalhavam nos dois lados da rua, caminhando inelutavelmente em sua direção, na contracorrente dos demais pedestres. Stephen vinha observando uma criança. Não de cinco anos, mas uma magricela na pré-pubescência. Ela reparara nele de longe. Andava devagar, como uma sonâmbula, estendendo a tigela preta regulamentar. Os funcionários de escritório se dividiam diante dela e voltavam a se juntar mais além. Tinha os olhos fixados em Stephen. Ele sentiu a ambivalência costumeira. Dar um trocado garantia o êxito do programa de governo. Não dar envolvia a decisão consciente de ignorar um sofrimento pessoal. Não havia saída. A arte do mau governo consistia em romper o vínculo entre as políticas públicas e o sentimento privado, o instinto com relação ao que era correto. Ultimamente ele vinha deixando por conta do acaso. Se tivesse moedas no bolso, dava. Caso contrário, não dava nada. Jamais entregava notas.

A garota tinha a pele bronzeada porque passava os dias nas ruas ensolaradas. Usava uma bata encardida de algodão amarelo, os cabelos cortados bem curtos. Talvez para matar os piolhos. À medida que se aproximavam, viu que ela era bonita, com ar travesso e sardenta, o queixo pontudo. Estavam a menos de sete metros de distância quando ela disparou e apanhou na calçada um bocado de chiclete ainda reluzente. Pôs na boca e começou a mastigar. Dobrou para trás a cabeça pequena ao voltar a olhar na direção dele.

E então se viram frente a frente, a tigela erguida entre os dois. Ela o selecionara havia alguns minutos, era um truque que tinham. Horrorizado, ele meteu a mão no bolso de trás da calça para pegar uma nota de cinco libras. Ela observou inexpressiva quando Stephen depositou a nota em cima das moedas.

Tão logo ele afastou a mão, a garota agarrou a nota, enrolou-a bem enrolada e disse: “Se fodeu, tio”. E já passava a seu lado.

Stephen plantou a mão em seu ombro duro e estreito, apertando-o. “O que foi que você disse?”

Num rodopio, a garota se libertou. Os olhos se estreitaram, e falou com uma voz aflautada: “Eu disse valeu, tio”. Já estava fora de alcance quando acrescentou: “Seu rico de merda!”.

Stephen mostrou as palmas das mãos vazias numa admoestação amena. Sorriu sem entreabrir os lábios para manifestar sua imunidade ao insulto. Mas a garota retomara a caminhada sistemática ao longo da rua, ainda como uma sonâmbula. Acompanhou-a por um minuto antes que se perdesse em meio à multidão. Ela não olhou para trás.

A Comissão Oficial de Assistência à Infância, sabidamente um projeto visto com muito bons olhos pelo primeiro-ministro, havia gerado catorze subcomitês cuja tarefa consistia em fazer recomendações ao órgão superior. Sua verdadeira função, diziam os cínicos, era satisfazer os ideais disparatados de uma infinidade de grupos de interesse — os lobbies do açúcar e do fast food, os fabricantes de roupas, brinquedos, leite em pó e fogos de artifício, as instituições de caridade, as organizações de mulheres, as associações interessadas em criar faixas para pedestres — pressões de todos os lados. Entre os segmentos da sociedade que abrigavam os formadores de opinião, poucos se recusaram a servir. Concordava-se em geral com o fato de que o país estava cheio de gente de má índole. Havia fortes correntes de opinião sobre o que era um bom cidadão e o que cabia fazer pelas crianças a fim de que constituíssem uma cidadania digna no futuro. Todo mundo participava de algum subcomitê — até mesmo Stephen Lewis, autor de livros infantis, embora isso se devesse inteiramente à influência de seu amigo, Charles Darke, que tinha pedido demissão pouco depois de os comitês começarem a trabalhar. Stephen era membro do Subcomitê de Leitura e Escrita, presidido pelo reptiliano lorde Parmenter. Semanalmente, ao longo dos meses ressequidos daquele que se revelou ser o último verão decente do século XX, Stephen frequentou as reuniões numa sala lúgubre do Whitehall, onde, lhe disseram, haviam sido planejados em 1944 os bombardeios noturnos contra a Alemanha. Ele teria muito a dizer com respeito à leitura e à escrita em

outros momentos de sua vida, mas, naquelas sessões, tendia a descansar os braços sobre a grande e lustrosa mesa, inclinar a cabeça numa atitude de respeitosa atenção e manter a boca fechada. Ele vinha passando muito tempo sozinho. Uma sala apinhada não diminuía sua introspecção, como havia esperado, e sim a intensificava e tornava mais sólida.

Pensava em especial na mulher e na filha, e no que deveria fazer consigo próprio. Ou matutava acerca da repentina saída de Darke da vida pública. À sua frente havia uma janela alta através da qual, mesmo no meio do verão, os raios solares jamais penetravam. Mais além, um retângulo de grama cortada bem rente emoldurava um pátio onde cabia meia dúzia de limusines ministeriais. Nas horas de folga, os motoristas relaxavam e fumavam, lançando olhares desinteressados para os membros do comitê. Stephen remoía recordações e devaneios, o que era e o que podia ter sido. Ou era remoído por tudo aquilo? Às vezes pronunciava mentalmente seus discursos compulsivos, acusações tristes ou amargas cujas diversas versões eram revisadas de forma meticulosa. Enquanto isso, mal e mal acompanhava as discussões em volta dele. O comitê estava cindido entre os teóricos, que tinham feito todas as suas reflexões muito tempo antes, e os pragmáticos, que achavam que iam descobrir o que pensavam durante o processo de dizer o que pensavam. Os limites da polidez eram testados, porém nunca rompidos.

Lorde Parmenter presidia com uma banalidade solene e astuta, indicando quem devia falar com um movimento rápido dos olhos semicerrados e sem cílios, erguendo um braço frágil para controlar os arroubos, fazendo seus raros pronunciamentos de macaquinho com uma língua seca e sarapintada. Somente o jaquetão escuro denunciava uma origem humanoide. Ele possuía um jeito aristocrático de usar lugares-comuns. Uma longa e mal-humorada discussão sobre a teoria do desenvolvimento infantil tinha terminado num útil impasse graças à sua decisiva e substancial intervenção: “As crianças são assim mesmo”. As crianças detestavam sabonete e água, aprendiam bem depressa e cresciam rápido demais, tudo era apresentado na forma de axiomas igualmente difíceis. A trivialidade de Parmenter, além de desdenhosa, era destemida ao proclamar a circunstância de ser ele um

homem demasiado importante e invulnerável para se importar com a possibilidade de parecer um imbecil quando abria a boca. Não precisava impressionar ninguém. Não se curvava sequer à conveniência de ser interessante. Stephen não tinha dúvida de que se tratava de um sujeito muito inteligente.

Os membros do comitê não consideravam necessário se conhecer muito bem. Terminadas as longas sessões, enquanto papéis e livros eram enfiados nas pastas, tinham início conversas corteses que se mantinham ao longo dos corredores pintados em duas cores e se tornavam meros ecos à medida que todos desciam a escada de concreto em caracol, dispersando-se nos vários níveis da garagem subterrânea do ministério.

Nos meses de calor sufocante e mesmo depois, Stephen empreendeu a viagem semanal a Whitehall. Era seu único compromisso numa vida livre de qualquer outra obrigação. A maior parte desse tempo disponível ele passava de cueca, estendido no sofá diante da televisão, bebericando melancolicamente uísque sem gelo, lendo revistas de trás para a frente e assistindo às Olimpíadas. À noite, ele bebia mais. Comia num restaurante da região, sozinho. Não procurava os amigos. Nunca retornava as chamadas registradas na secretária eletrônica. Em geral não se importava com a imundície do apartamento, com as avantajadas moscas pretas em suas rondas sem pressa. Quando saía, temia rever a deprimente configuração de suas velhas posses, o modo como as poltronas vazias se acocoravam tendo a seus pés pratos sujos e jornais antigos. Era a teimosa conspiração dos objetos — assento de privada, roupas de cama, sujeira no chão —, desejosos de permanecer tal como haviam sido deixados. Em casa também nunca estava distante de seus temas: a filha, a mulher, o que fazer. Mas ali lhe faltava concentração para manter um pensamento continuado. Seus devaneios eram fragmentários, desordenados, quase inconscientes.

Os membros faziam questão de ser pontuais. Lorde Parmenter sempre chegava por último. Ao se acomodar na cadeira, abria a sessão emitindo um tênue gargarejo que, com muito engenho, se transformava em suas primeiras

palavras. O secretário do comitê, Peter Canham, sentava-se à sua direita, com a cadeira afastada da mesa a fim de simbolizar seu distanciamento das atividades. Tudo que se exigia de Stephen era parecer plausivelmente alerta durante duas horas e meia. Essa útil moldura era-lhe familiar desde os seus tempos de estudante, das centenas ou milhares de horas de aulas dedicadas à vadiagem mental. A própria sala era familiar. Sentia-se em casa com os interruptores de baquelite marrom, os fios elétricos dentro de canos empoeirados presos sem elegância às paredes. Na escola que havia frequentado, a sala onde eram dadas as aulas de história se parecia muito com aquela: o mesmo conforto desgastado e generoso, a mesma mesa comprida maltratada que alguém ainda se dava ao trabalho de encerar, os vestígios de solenidade convivendo soporificamente com a burocracia maçante. Quando Parmenter, com sua afabilidade de réptil, traçou as diretrizes do trabalho da manhã, Stephen ouviu a balsâmica cadência galesa de seu professor dissertando sobre as glórias da corte de Carlos Magno ou os ciclos de depravação e reforma no papado medieval. Pela janela, via não o pátio de estacionamento murado e os carros cozidos pelo sol, mas, como se estivesse dois andares acima, um roseiral, campos esportivos, uma balaustrada cinzenta bem enodada e, mais além, terras acidentadas e sem cultivo que desciam em direção aos carvalhos e faias, terminando no largo litoral do braço de mar, bem azul, um quilômetro e meio separando uma margem da outra. Tratava-se de um tempo perdido e de uma paisagem perdida: ele voltara certa vez para descobrir que as árvores haviam sido eficientemente derrubadas, as terras aradas e o estuário atravessado por uma ponte para veículos. E, como vivia obcecado pela perda, foi fácil transportar-se para um dia gélido e ensolarado no lado de fora de um supermercado no sul de Londres. Ele segurava a mão da filha. Ela usava um cachecol de lã vermelha tricotado pela mãe dele e carregava junto ao peito um burrico bem gasto. Caminhavam para a entrada. Era um sábado, havia muita gente em volta. Ele segurou sua mão com firmeza.

Parmenter tinha terminado de falar, agora um dos professores universitários fazia uma defesa hesitante dos méritos de um alfabeto fonético recém-elaborado. As crianças aprenderiam a ler e escrever mais cedo e com

maior prazer; a seu juízo, a transição para o alfabeto convencional seria feita sem esforço. Stephen segurava um lápis e parecia prestes a tomar notas. Com a testa franzida, movia a cabeça ligeiramente, embora fosse difícil precisar se em sinal de concordância ou repulsa.

Kate estava na idade em que lhe causavam pesadelos a linguagem em rápida expansão e as ideias que daí surgiam. Era incapaz de descrevê-los aos pais, mas certamente continham elementos encontrados nos seus livros infantis — peixes falantes, uma grande rocha com uma cidade dentro, um monstro solitário que desejava profundamente ser amado. Havia tido pesadelos na noite anterior. Várias vezes Julie precisou sair da cama para ir vê-la, e só voltou a dormir bem depois do raiar do dia. Dormia agora. Stephen preparou o café da manhã e vestiu Kate. Ela estava bem acesa, apesar da provação noturna, ansiosa para ir ao supermercado e passear no carrinho de compras. Aquele sol estranho num dia gélido a intrigava. Coisa rara, cooperou na tarefa de ser vestida. Postou-se entre os joelhos dele enquanto Stephen fazia entrar os braços e as pernas na roupa de inverno. Seu corpo era tão compacto, tão imaculado! Ele a levantou e encostou o rosto em sua barriga, fingindo que ia mordê-la. O corpinho cheirava a cama e a leite. Ela soltou um gritinho e se contorceu, mas suplicou para que fizesse de novo quando a pôs no chão.

Stephen abotoou a camisa de lã, a ajudou a vestir o grosso suéter e fechou o macacão. Ela começou uma cantoria vaga e abstraída que resvalava para a improvisação, cantigas de ninar e trechos de canções natalinas. Sentou-a na cadeira, calçou as meias e deu laço nas botinhas. Quando ele se ajoelhou, Kate acariciou seus cabelos. Como muitas menininhas, ela tinha uma típica atitude protetora com relação ao pai. Antes de saírem do apartamento, se certificaria de que Stephen havia abotoado o casaco até em cima.

Levou uma xícara de chá para Julie, que se encontrava semiacordada, com os joelhos erguidos contra o peito. Ela disse alguma coisa que se perdeu entre os travesseiros. Ele enfiou a mão por baixo das cobertas e massageou a parte inferior de suas costas. Ela se virou e puxou o rosto dele na direção de seus seios. Ao se beijarem, ele sentiu na boca de Julie o gosto denso e

metálico do sono profundo. Mais além da escuridão do quarto, Kate ainda cantarolava seu pot-pourri de melodias. Durante alguns segundos, Stephen se sentiu tentado a desistir de ir às compras e plantar Kate com alguns livros diante da televisão. Podia se meter debaixo das pesadas cobertas ao lado de sua mulher. Tinham feito amor logo ao nascer do sol, mas sonolentos, sem chegar ao fim. Ela o acariciava agora, desfrutando de seu dilema. Ele voltou a beijá-la.

Estavam casados havia seis anos, um período de lentos e delicados ajustes aos princípios conflitantes do prazer físico, das obrigações domésticas e da necessidade de solidão. Quando um deles era negligenciado, na certa vinha prejuízo ou caos para os demais. Mesmo enquanto apertava levemente o mamilo de Julie entre o indicador e o polegar, ele fazia seus cálculos. Depois da noite conturbada e da expedição para fazer as compras, Kate necessitaria tirar uma soneca ao meio-dia. Teriam então a certeza de um tempo ininterrupto. Mais tarde, nos tristes meses e anos que se seguiram, Stephen se esforçava para recapturar aquele momento. Para achar de volta o caminho entre as dobras que separavam os eventos, enfiar-se por baixo das cobertas, reverter sua decisão. Mas o tempo — não necessariamente como ele é, mas como o pensamos — proíbe de forma monomaníaca as segundas oportunidades. Não há um tempo absoluto, sua amiga Thelma lhe disse várias vezes, nenhuma entidade independente. Só a nossa compreensão pessoal e frágil. Ele postergou o prazer, cedeu ao dever. Apertou a mão de Julie e se pôs de pé. No hall, Kate veio em sua direção falando alto, erguendo o burrico bastante puído. Ele se curvou para dar mais uma volta no cachecol em torno do pescoço dela. Ela se pôs na ponta dos pés a fim de verificar se os botões do casaco de Stephen estavam abotoados. Deram-se as mãos antes mesmo de passar pela porta da frente.

Pisaram na calçada como se enfrentassem uma tempestade. A rua era uma artéria importante que levava ao sul, de tráfego feroz. O dia muito frio, anticiclônico, ficou muito bem gravado numa memória obsessiva por sua intensa luminosidade, que punha em relevo cada detalhe impudente. Perto dos degraus e sob o sol, havia uma lata amassada de coca-cola cujo

canudinho, ainda tridimensional, permanecia no lugar. Kate mostrou vontade de salvá-lo, mas foi proibida por Stephen. Mais adiante, junto a uma árvore e como se iluminado por dentro, um cachorro fazia cocô com o traseiro trêmulo e uma expressão radiante, sonhadora. A árvore era um carvalho cansado cuja casca parecia recém-esculpida, os relevos engenhosos e brilhantes, os sulcos em profunda sombra.

Em dois minutos se chegava ao supermercado cruzando a rua de quatro pistas numa faixa de pedestres. Perto da zebra, onde aguardaram para atravessar, havia uma loja de motocicletas, um local de encontro internacional para os fãs daquele tipo de veículo. Homens com barrigões e roupas de couro surradas estavam encostados ou montados nas máquinas paradas. Quando Kate tirou da boca o dedo que vinha chupando e apontou, o sol baixo iluminou o que parecia ser um revólver fumegante. No entanto, ela não encontrou palavras que exprimissem o que via. Por fim atravessaram diante de uma matilha de carros impacientes que saltaram para a frente, rosnando, no instante em que os dois alcançaram a ilha central. Kate procurou pela senhora que vendia pirulitos e sempre acenava para ela. Stephen explicou que era sábado. Como havia muita gente, segurou sua mão com mais força enquanto caminhavam para a entrada. Em meio ao vozerio, aos gritos e ao matraquear das registradoras, encontraram um carrinho. Kate sorria prazerosamente ao se aboletar no assento.

Os fregueses dividiam-se em dois grupos, tão distintos quanto tribos ou nações. Os primeiros eram proprietários nas vizinhanças de casas vitorianas que tinham sido reformadas. Os segundos moravam em altos prédios dentro de conjuntos habitacionais erguidos nas vizinhanças. Os que compunham o primeiro grupo tendiam a comprar frutas e legumes frescos, pão de centeio, café em grão, peixes recém-pescados num balcão especial, vinho e bebidas alcoólicas, enquanto os do segundo compravam legumes em lata ou congelados, feijão cozido, sopas instantâneas, açúcar branco, bolos, cerveja, bebidas alcoólicas e cigarros. No segundo grupo havia aposentados comprando carne para seus gatos e biscoitos para eles próprios. E jovens mães, magras e fatigadas, com cigarros pendurados nos lábios, que às vezes

perdiam o controle no caixa e davam uns tabefes em alguma criança. O primeiro grupo continha casais jovens e sem filhos, com roupas vistosas, que na pior das hipóteses estavam pressionados pela falta de tempo. Também se viam mães fazendo compras na companhia das babás, além de pais, como Stephen, comprando salmão fresco, dando sua contribuição.

O que mais ele comprou? Pasta de dente, lenços de papel, sabonete líquido, o melhor bacon disponível, um pernil de cordeiro, bifes, pimentões verdes e vermelhos, rabanetes, batatas, papel-alumínio, um litro de uísque. E quem estava lá quando sua mão se estendia para pegar esses produtos? Alguém que o seguiu enquanto ele empurrava Kate entre as prateleiras abarrotadas, alguém que se mantinha a alguns passos de distância quando ele parava, que fingia estar interessado num rótulo, mas depois continuava a caminhar atrás dele? Ele havia retornado mil vezes, visto sua própria mão, uma prateleira, os produtos se acumulando, tinha ouvido Kate tagarelando, e tentou mover os olhos, erguê-los contra o peso do tempo, para divisar a figura encoberta na periferia de sua visão, aquela que estava sempre ligeiramente de lado e atrás, aquela que, movida por um estranho desejo, calculava as probabilidades ou apenas esperava. Mas o tempo fixava para sempre sua vista nas tarefas mundanas, e em volta dele formas indistintas vagavam e se dissolviam, enquadradas em categorias.

Quinze minutos depois chegaram ao caixa. Havia oito bancadas paralelas. Ele se juntou a uma pequena fila no balcão mais próximo da saída porque sabia que a moça daquele caixa trabalhava com rapidez. Havia três pessoas à sua frente quando parou o carrinho, e ninguém atrás quando se voltou para levantar Kate de seu assento. Ela estava se divertindo e pouco propensa a ser perturbada. Choramingou e prendeu o pé de propósito no assento. Ele foi obrigado a erguê-la mais alto para liberar o pé. Notou sua irritabilidade com certa satisfação: era um sinal seguro de que estava cansada. Terminada essa pequena luta, só havia duas pessoas à sua frente, uma das quais se preparava para sair. Ele contornou o carrinho a fim de esvaziá-lo na esteira transportadora. Kate segurava a barra larga na outra extremidade do carrinho, fingindo que o empurrava. Ninguém atrás dela. Nesse momento, a pessoa

logo à frente de Stephen, um homem encurvado, se preparava para pagar por várias latas de ração para cachorros. Stephen pôs os primeiros itens na esteira. Quando endireitou o corpo, julgou ter sentido uma figura atrás de Kate usando um casaco escuro. Mas nem chegou a ser uma percepção, foi antes uma debilíssima suspeita criada por uma memória em desespero. O casaco podia ser um vestido, um saco de compras ou sua própria invenção. Ele estava empenhado em uma atividade banal, louco para terminar logo. Naquele instante, mal era um ser consciente.

O homem com a comida de cachorro estava indo embora. A moça do caixa já entrara em ação, os dedos de uma das mãos movendo-se velozmente sobre o teclado enquanto a outra puxava para perto os produtos comprados por Stephen. Ao tirar o salmão do carrinho, Stephen deu uma olhada para baixo, na direção de Kate, e piscou o olho. Ela o imitou, mas desajeitadamente, enrugando o nariz e fechando os dois olhos. Ele pôs o peixe na esteira e pediu à moça um saquinho. Ela meteu a mão debaixo de uma prateleira e lhe entregou o saquinho. Ele pegou e olhou para trás. Kate havia desaparecido. Não havia ninguém na fila atrás dele. Sem pressa, afastou o carrinho, imaginando que ela houvesse se escondido atrás do balcão. Depois deu mais alguns passos, varrendo com os olhos o único corredor que ela teria tido tempo de alcançar. Caminhou de volta, olhou para a esquerda e para a direita. De um lado havia filas de fregueses, do outro uma área vazia, depois a catraca cromada, as portas automáticas que davam para a calçada. Poderia ter havido uma figura encasacada correndo para se afastar dele, mas naquele momento Stephen procurava por uma criança de três anos, e sua preocupação imediata era o tráfego.

Tratava-se de uma ansiedade teórica, mera precaução. Ao abrir caminho entre os fregueses e chegar à larga calçada, sabia que a filha não estaria lá. Aventuras daquele tipo não eram com ela. Não costumava sumir. Era demasiado sociável, preferia a companhia de quem estivesse com ela. Também tinha pavor da rua. Ele deu meia-volta e se acalmou. Tinha de estar na loja, onde não corria nenhum risco sério. Esperava vê-la surgir por trás das filas dos fregueses nos caixas. Era bastante fácil ignorar uma criança

na primeira onda de preocupação, olhar rápido demais, com um excesso de concentração. Mesmo assim, quando voltou lhe vieram uma certa náusea e um aperto na base da garganta, uma leveza desagradável nos pés. Passando pelos caixas, sem ligar para a moça que o atendera e que irritadamente tentava chamar sua atenção, sentiu um frio na boca do estômago. Acelerando o passo — ainda não superara o desejo de evitar parecer um idiota —, percorreu todos os corredores, deixando para trás montes de laranjas, rolos de papel higiênico, latas de sopa. Somente ao retornar ao ponto de partida é que perdeu toda noção de boas maneiras, encheu os pulmões retraídos e berrou o nome de Kate.

Agora dava passadas largas, urrando o nome dela ao longo de um corredor e rumando de novo para a porta. Os rostos se voltavam para ele. Não havia como confundi-lo com um dos bêbados que entravam trôpegos no supermercado para comprar cidra. Seu medo, demasiado evidente, demasiado enérgico, projetava no espaço impessoal, sob as lâmpadas fluorescentes, um calor humano impossível de ser ignorado. Dentro de poucos momentos cessaram todas as compras a seu redor. Cestas e carrinhos foram postos de lado, as pessoas convergiam em sua direção, pronunciavam o nome de Kate e, sabe-se lá como, rapidamente todos sabiam se tratar de uma menina de três anos, vista pela última vez no caixa, que vestia um macacão verde e levava um burrico de pelúcia. As mães se mostravam tensas, alertas. Vários fregueses tinham visto a menina sentada no carrinho. Alguém se recordava da cor do seu suéter. O anonimato típico de uma loja na cidade comprovou-se tênue, uma fina camada sob a qual as pessoas observavam, julgavam, lembravam. Um grupo de fregueses que cercavam Stephen se moveu rumo à porta. A seu lado estava a moça do caixa, o rosto rígido, concentrada. Havia outros funcionários da hierarquia do supermercado com paletós marrons, paletós brancos, ternos azuis, que de repente não mais eram trabalhadores no depósito, subgerentes ou representantes da companhia, e sim pais, reais ou potenciais. Estavam todos agora na calçada, alguns em volta de Stephen fazendo perguntas ou oferecendo consolo, enquanto outros, de modo mais útil, seguiam em

diferentes direções para percorrer as lojas vizinhas.

A menina perdida era propriedade de todos. Mas Stephen estava só. Olhou os rostos bondosos que o cercavam, e olhou mais além. Eram irrelevantes. Suas vozes não chegavam até ele, eram obstáculos em seu campo de visão. Estavam bloqueando sua possibilidade de localizar Kate. Tinha que abrir caminho entre eles, mesmo empurrá-los, para chegar até ela. Sentia falta de ar, era incapaz de raciocinar. Ouviu-se pronunciando a palavra “roubada”, que logo se espalhou até a periferia, aos transeuntes atraídos pela comoção. A moça alta de dedos ágeis, que dera a impressão de ser tão forte, chorava. Stephen teve tempo de se sentir momentaneamente desapontado com ela. Como se chamado pela palavra que ele pronunciara, um carro de polícia branco, salpicado de lama, estacionou junto ao meio-fio. A confirmação oficial do desastre o deixou nauseado. Algo subia em sua garganta, ele se dobrou. Talvez tenha vomitado, mas não se recordava disso. A próxima coisa de que se lembra é de novo o supermercado, e dessa vez as regras do que era adequado, da ordem social, já haviam selecionado as pessoas que se postavam a seu lado — um gerente, uma jovem mulher que poderia ser sua assistente pessoal, um subgerente e dois policiais. Tudo de repente ficou silencioso.

Eles caminhavam rapidamente para os fundos da vasta loja. Passaram-se alguns momentos até que Stephen se desse conta de que estava sendo levado, e não seguido. O estabelecimento tinha sido evacuado. Através da parede de vidro à sua direita viu outro policial do lado de fora cercado por fregueses, tomando notas. O gerente falava rápido em meio ao silêncio, em parte tecendo hipóteses, em parte se queixando. A criança — ele sabe o nome dela, Stephen pensou, mas sua posição o impede de usá-lo — poderia ter ido parar na área de entrega. Deviam ter pensado nisso antes. Às vezes, deixavam aberta a porta do depósito refrigerado, por mais que reclamasse com seus subordinados.

Aceleraram o passo. Uma voz ininteligível era ouvida em curtas explosões através do rádio de um dos policiais. Na seção de queijos, atravessaram uma porta e chegaram a uma área onde todo o fingimento era deixado para trás,

onde o piso de plástico era substituído pelo chão de concreto em que partículas de mica espalhavam fagulhas frias e a luz crua provinha de lâmpadas presas a um teto invisível. Havia uma empilhadeira estacionada junto a uma montanha de caixas de papelão dobradas. Saltando uma poça de leite sujo, o gerente se apressou a atingir a porta do depósito refrigerado, que estava escancarada.

Todos o seguiram para dentro de uma sala baixa e atulhada, em que dois corredores se perdiam na penumbra. Latas e caixas estavam empilhadas desordenadamente de ambos os lados, e no centro, suspensas por ganchos, havia enormes carcaças. O grupo se dividiu em dois e percorreu os corredores. Stephen foi com os policiais. O ar frio penetrou seco na parte de trás do seu nariz, trazendo um gosto de estanho gelado. Caminhavam lentamente, examinando os espaços atrás das caixas nas prateleiras. Um dos policiais quis saber quanto tempo alguém sobreviveria ali. Através dos intervalos na cortina de carne que os separava, Stephen viu o gerente lançar um olhar na direção do subordinado. O rapaz limpou a garganta e respondeu com tato, dizendo que, desde que a pessoa continuasse a se movimentar, nada havia a temer. Escapava vapor de sua boca. Stephen soube que, se achassem Kate ali, ela estaria morta. Mas foi abstrato o alívio que sentiu quando os dois grupos se reuniram na outra extremidade. Ele se distanciara mentalmente de um modo enérgico e calculista. Se era para Kate ser encontrada, eles iriam encontrá-la porque ele estava preparado para não fazer nenhuma outra coisa senão procurá-la; se não era para Kate ser encontrada, então, passado algum tempo, isso teria de ser encarado de uma forma sensata, racional. Mas não agora.

Saíram para um ilusório calor tropical, seguindo rumo ao escritório do gerente. Os policiais pegaram seus cadernos de anotações, e Stephen contou a história com tanta intensidade emocional quanto riqueza de pormenores. Ele se encontrava suficientemente distante de seus próprios sentimentos para apreciar a brevidade competente do relato, a hábil apresentação dos fatos relevantes. Estava observando a si próprio, e viu um homem sob pressão funcionando com admirável autocontrole. Foi capaz de esquecer de Kate no

detalhamento meticuloso de suas roupas, no retrato preciso de suas feições. Apreciou também as perguntas rotineiras porém incisivas dos policiais, o cheiro de óleo e couro de suas cartucheiras bem enceradas. Eles e Stephen estavam unidos diante de uma inenarrável dificuldade. Um dos policiais transmitiu sua descrição de Kate pelo rádio, e ouviram a resposta distorcida de um carro-patrolha nas redondezas. Tudo muito reconfortante. Stephen estava chegando a um estado próximo à exultação. A assistente pessoal do gerente lhe falava com um ar receoso, que parecia bem despropositado. Apertava seu antebraço, estimulando-o a beber o chá que tinha trazido. O gerente, do lado de fora do escritório, queixava-se a um empregado de que os supermercados eram o território predileto dos sequestradores de crianças. A assistente pessoal tratou de fechar a porta com o pé. O movimento súbito liberou o perfume das dobras de suas roupas sóbrias e levou Stephen a pensar em Julie. Confrontou a escuridão que emanava do interior de sua cabeça. Agarrou o lado da cadeira e esperou, deixando que sua mente se esvaziasse; quando sentiu que recobrava o controle, se pôs de pé. As perguntas tinham terminado. Os policiais fechavam seus cadernos e também se erguiam. A assistente pessoal se ofereceu para levá-lo até sua casa, mas Stephen recusou, sacudindo vigorosamente a cabeça.

Então, sem nenhum intervalo aparente, sem eventos intermediários, ele estava do lado de fora do supermercado, aguardando na faixa de pedestres com mais meia dúzia de pessoas. Carregava uma sacola cheia. Lembrou-se de que não havia pagado. O salmão e o papel-alumínio eram presentes, uma compensação. Os carros desaceleraram com relutância e pararam. Ele atravessou junto com os demais fregueses e tentou absorver o insulto da normalidade do mundo. Viu como era rigorosamente simples — fora fazer compras com a filha, a perdera, e agora voltava sem ela para contar à mulher. Os motociclistas continuavam lá, como também, mais adiante, a lata de coca-cola e o canudinho. Até o mesmo cachorro debaixo da mesma árvore. Subindo a escada, parou num degrau quebrado. Havia uma música retumbante dentro de sua cabeça, um grande zumbido orquestral cuja dissonância foi se diluindo enquanto continuava agarrado ao corrimão, mas

que recomeçou no momento em que ele voltou a subir.

Abriu a porta da frente e ficou escutando. O ar e a luz no apartamento lhe disseram que Julie ainda dormia. Tirou o casaco. Quando o levantou para pendurar, seu estômago se contraiu, e um raio — pensou naquilo como um raio negro — do café matinal foi disparado contra sua boca. Cuspiu nas mãos em concha e foi lavá-las na cozinha. Teve que saltar o pijama que Kate havia largado no chão. Não pareceu tão difícil. Entrou no quarto de dormir sem saber o que lá faria ou diria. Sentou-se na beirada da cama. Julie virou-se para seu lado mas não abriu os olhos. Ela encontrou sua mão. A dela estava quente, insuportavelmente quente. Sonolenta, disse algo sobre a mão de Stephen estar tão fria. Puxou-a para si, enfiando-a debaixo do queixo. Ainda sem abrir os olhos. Estava se deleitando com a segurança da presença dele.

Stephen contemplou a mulher, e certos clichês — mãe devotada, apaixonada pela filha, amorosa — pareceram ganhar um novo significado; eram expressões úteis e decentes, ele pensou, longamente testadas. Sobre a maçã do rosto dela havia um anel perfeito de cabelo negro, logo abaixo do olho. Era uma mulher calma, observadora, com um sorriso adorável, que o amava intensamente e gostava de lhe dizer isso. Ele havia construído sua vida em torno da intimidade dos dois e agora dependia dela. Julie era violinista, dava aulas no Guildhall. Formava com três amigas um quarteto de cordas. Estavam sendo convidadas para tocar e tinham recebido um comentário sucinto mas favorável num jornal de grande circulação. O futuro era, tinha sido, muito promissor. Os dedos da mão esquerda dela, com as pontas calejadas, acariciavam o pulso dele, que agora a contemplava de uma imensa distância, a centenas de metros de altura. Podia ver o quarto, o quarteirão de apartamentos eduardianos, anexos nos quintais com seus telhados cobertos de asfalto e cisternas tortas de grossas tampas, a confusão urbana do sul de Londres, a curvatura enevoada da Terra. Julie era pouco mais que um pontinho em meio à bagunça dos lençóis. Ele estava subindo ainda mais, e mais depressa. Ao menos, pensou, de lá, onde o ar era rarefeito e a cidade abaixo ganhava contornos geométricos, seus sentimentos não

seriam visíveis, ele poderia reter algum autocontrole.

Foi então que ela abriu os olhos e encontrou o rosto dele. Precisou de alguns segundos para ler o que estava lá antes de se pôr de pé na cama de um salto e emitir um som de incredulidade, um pequeno ganido ao puxar asperamente o ar para dentro dos pulmões. Por um instante, as explicações não eram nem possíveis nem necessárias.

Em geral, o comitê não via com bons olhos um alfabeto fonético. O coronel Jack Tackle, do Diga Não à Violência Doméstica, disse que aquilo lhe parecia uma idiotice completa. Uma jovem mulher, chamada Rachael Murray, manifestou uma áspera recusa cujo emprego da terminologia dos linguistas profissionais não foi capaz de esconder seu indignado desdém. Depois disso, Tessa Spankey dirigiu a todos um sorriso radioso. Ela era editora de livros infantis, uma mulher corpulenta, com dobras carnudas na base de cada dedo. Sua cara simpática e com queixo duplo era só sardas e rugas. Fez questão de incluir um por um em seu olhar carinhoso. Falou devagar e num tom tranquilizador, como se estivesse se dirigindo a um grupo de crianças nervosas. Não havia língua no mundo, ela disse, que não fosse difícil de aprender a ler e escrever. Se o aprendizado pudesse ser divertido, seria ótimo. Mas a diversão era algo periférico. Os professores e pais deviam admitir o fato de que no cerne do aprendizado da linguagem estava a dificuldade. O triunfo sobre a dificuldade era o que dava às crianças dignidade e senso de disciplina mental. A língua inglesa, disse ela, era um campo minado de irregularidades, as exceções eram mais numerosas que as regras. Mas cumpria vencer tal campo, e isso exigia empenho. Os professores temiam muito a impopularidade, gostavam muito de dourar a pílula. Deviam aceitar as dificuldades, comemorá-las e levar seus alunos a fazer o mesmo. Só havia uma maneira de aprender a soletrar, e era por meio do contato com a palavra escrita, da imersão nos textos impressos. De que outro jeito — e ela desfiou uma lista bem ensaiada — a gente aprende a grafia correta de exceção, obsessão, fricção, persuasão? O olhar maternal da sra. Spankey percorreu os rostos atentos. Esforço, ela disse, aplicação, disciplina, trabalho duro.

Ouviru-se um murmúrio de aprovação. O professor universitário que propusera o alfabeto fonético começou a falar em dislexia, em venda de escolas estatais, em déficit habitacional. Houve grunhidos espontâneos. O intelectual comedido prosseguiu. Dois terços das crianças de onze anos nas escolas urbanas, disse ele, eram analfabetas. Parmenter interveio com a alacridade digna de um réptil. As necessidades dos grupos especiais estavam fora dos termos de referência do comitê. A seu lado, Canham concordava com a cabeça. As preocupações do comitê eram os meios e os fins, e não as patologias. O debate se tornou fragmentário. Por algum motivo, propôs-se uma votação.

Stephen ergueu a mão em favor do que sabia ser um alfabeto inútil. Pouco importava, porque ele estava atravessando a larga faixa de asfalto esburacado e com fissuras que separava dois blocos de apartamentos. Carregava uma pasta com fotos e listas de nomes e endereços, cuidadosamente datilografados e dispostos em ordem alfabética. As fotos — ampliações de instantâneos tirados nas férias — eram mostradas a todos a quem conseguia interessar. As listas, compiladas na biblioteca a partir de exemplares antigos dos jornais locais, eram de pais cujos filhos tinham morrido nos seis meses anteriores. Sua teoria, uma de muitas, era que Kate havia sido roubada a fim de substituir uma criança morta. Ele batia às portas e falava com mães, que de início se mostravam perplexas, e depois hostis. Visitava pessoas que cuidavam de crianças. Subia e descia as ruas de comércio exibindo as fotos. Ficava perto da entrada do supermercado e da farmácia ao lado. Foi alargando sua área de busca, que compreendia agora um raio de cinco quilômetros. Anestesiava-se com atividade.

La sozinho a todos os lugares, saindo todos os dias pouco depois da hora mais tardia em que o sol nascia no inverno. A polícia perdera interesse no caso depois de uma semana. Distúrbios de rua nos subúrbios do norte, diziam eles, estavam levando ao limite seus recursos. E Julie ficava em casa. Tinha obtido uma dispensa especial na escola de música. Quando ele saía pela manhã, ela estava sentada numa poltrona do quarto, de frente para a lareira apagada. Era ali que a encontrava ao voltar à noite e acender as luzes.

No início, houvera uma grande movimentação do tipo mais desolador: entrevistas com inspetores veteranos e equipes de policiais, cães farejadores, algum interesse jornalístico, mais explicações, tristeza e pânico. Durante esse período, Stephen e Julie se apoiaram, compartilhando aturdidadas perguntas retóricas, passando noites insones, tecendo teorias esperançosas num momento, entrando em desespero no momento seguinte. Mas isso foi antes que o tempo, o acúmulo impiedoso dos dias, tivesse exposto a verdade amarga e absoluta. O silêncio se infiltrou e se adensou. As roupas e brinquedos de Kate ainda se encontravam espalhados pelo apartamento, sua cama ainda por fazer. Então, certa tarde, a desordem havia desaparecido. Stephen descobriu a cama nua e três sacos plásticos estufados junto à porta do quarto. Zangou-se com Julie, irritado com o que considerou uma autodestruição feminina, um derrotismo deliberado. Mas não podia falar com ela sobre isso. Não havia espaço para a raiva, nenhuma abertura. Eles se moviam como figuras num pântano, sem forças para uma confrontação. De repente, seus sofrimentos se tornaram separados, insulares, incomunicáveis. Seguiram caminhos diferentes: ele com suas listas e longas incursões diárias, ela na poltrona, mergulhada num pesar profundo e particular. Agora não havia consolo mútuo, nenhum toque entre os dois, nenhum amor. A velha intimidade, a presunção habitual de estarem do mesmo lado, tinha morrido. Debruçados sobre suas perdas distintas, os ressentimentos inarticulados começaram a crescer.

Ao final de um dia na rua não havia nada que machucasse Stephen mais do que a consciência de que sua mulher estaria sentada no escuro, de como ela mal se mexeria para assinalar seu retorno, e de como ele não possuiria nem a disposição nem a engenhosidade capazes de romper seu silêncio. Suspeitava — e viu depois que tinha razão — que ela considerava seus esforços uma evasão tipicamente masculina, uma tentativa de ocultar os sentimentos sob manifestações de competência, organização e esforço físico. A perda os levava aos extremos de suas personalidades. Tinham descoberto um grau de intolerância mútua que a tristeza e o choque tornavam insuperável. Não suportavam mais comer juntos. Ele comia sanduíches, de

pé nas lanchonetes, ansioso para não perder tempo, relutante em se sentar e escutar seus pensamentos. Tanto quanto sabia, ela não comia nada. No começo, ele havia trazido pão e queijo, que, no correr dos dias, desenvolviam tranquilamente seus próprios mofos na cozinha jamais visitada. Uma refeição conjunta teria implicado o reconhecimento e a aceitação da família diminuída.

Chegou uma hora em que Stephen não se sentia em condições de olhar para Julie. Não apenas porque via reflexos tresnoitados de Kate ou de si mesmo no rosto dela. Era a inércia, o colapso da vontade, o sofrimento quase extático que o desgostavam e ameaçavam minar seus esforços. Ele acharia a filha e mataria o homem que a tinha sequestrado. Bastava se valer do impulso correto e mostrar a fotografia à pessoa certa, e seria levado a ele. Se houvesse mais horas de sol, se pudesse resistir à tentação que crescia a cada manhã de manter a cabeça debaixo dos lençóis, se conseguisse andar mais depressa, manter a concentração, lembrar-se de olhar para trás vez por outra, e então perder menos tempo comendo sanduíches, confiar em sua intuição, percorrer ruas laterais, se movimentar mais depressa, cobrir uma área maior, quem sabe até passar a correr, correr...

Parmenter se pôs de pé, hesitando ao ajustar a caneta prateada no bolso interno do paletó. Quando se dirigiu à porta, que Canham mantinha aberta para ele, deu um sorriso geral de despedida. Os membros do comitê, recolhendo os papéis, iniciaram a conversa amena de costume que os conduziria para fora do prédio. Stephen caminhou ao longo do quente corredor com o professor universitário que tinha sido derrotado de forma tão convincente na votação. Chamava-se Morley. Naquele seu estilo civilizado e vacilante, ele explicava como os desacreditados sistemas alfabéticos do passado tinham tornado seu trabalho bem mais difícil. Stephen sabia que, em breve, estaria de novo a sós. Mas mesmo então não podia deixar de divagar, não podia deixar de refletir que a situação havia se deteriorado tanto que não tinha sentido nenhuma emoção particular quando, voltando de sua busca numa tarde de fevereiro, encontrou a poltrona de Julie vazia. Um bilhete no chão trazia o nome e o número de telefone de um retiro nas

Chilterns. Nenhuma outra mensagem. Rodou pelo apartamento, acendendo luzes, examinando cômodos abandonados, pequenos cenários prestes a ser demolidos.

Por fim voltou à poltrona de Julie, ficou por lá uns segundos, a mão pousada nas costas do móvel como se calculasse as probabilidades de alguma ação perigosa. Após certo tempo, saiu do torpor, contornou a poltrona com dois passos e se sentou. Contemplou a lareira enegrecida onde fósforos usados, dispostos desordenadamente, podiam ser vistos ao lado de um pedaço de papel-alumínio; passaram-se vários minutos, tempo suficiente para sentir que o estofado da poltrona substituíra os contornos de Julie pelos seus, minutos vazios como todos os outros. Então desabou, ficou imóvel pela primeira vez em semanas. Permaneceu assim por horas, a noite toda, cochilando um pouco às vezes e, quando acordado, sem mover um músculo ou afastar os olhos da lareira. Durante todo esse tempo parecia que algo se formava no silêncio em volta dele, uma lenta onda de compreensão com a força de uma maré montante que não quebrava ou explodia dramaticamente, mas que o levou nas altas horas da noite ao primeiro grande fluxo de entendimento da verdadeira natureza de sua perda. Tudo antes tinha sido uma fantasia, uma imitação banal e frenética do sofrimento. Pouco antes do amanhecer começou a chorar, e foi a partir desse momento, na semiescuridão, que assumiu o luto.

Dois

Torne claro para a criança que não se pode discutir com o relógio e que, quando é hora de sair para a escola, de papai ir para o trabalho, de mamãe executar suas tarefas, então essas mudanças são tão incontestáveis quanto as marés.

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

O fato de Stephen Lewis ter um bocado de dinheiro e ser famoso entre os jovens em idade escolar era fruto de um erro administrativo, da inatenção momentânea do encarregado de distribuir a correspondência na editora Gott, que levava o pacote contendo um original para a mesa errada. O fato de Stephen não mais mencionar tal erro — passados tantos anos — se devia em parte aos cheques de direitos autorais e pagamentos adiantados que desde então tinham fluído da Gott e de muitas editoras estrangeiras, e em parte à aceitação do destino que chega quando a pessoa começa a envelhecer: aos vinte e poucos anos, lhe parecia arbitrariamente hilário que ele fosse um bem-sucedido escritor de livros infantis porque havia numerosas outras coisas que ainda podia vir a ser. Já agora não conseguia imaginar ser qualquer outra coisa.

O que mais podia fazer? Os velhos colegas dos tempos de estudante, os experimentadores estéticos e políticos, os drogados visionários, haviam agora se acomodado com muito menos. Alguns de seus conhecidos, no passado homens realmente livres, estavam resignados a ganhar a vida como professores de inglês para estrangeiros. Outros entravam na meia-idade esgotando-se nas aulas de inglês para alunos repetentes ou ensinando “habilidades sociais” a adolescentes relutantes em escolas secundárias nos cafundós de judas. Esses eram os sortudos, porque haviam encontrado

emprego. Outros limpavam o chão de hospitais ou dirigiam táxis. Uma colega conseguira se qualificar para receber um distintivo de pedinte. Stephen morria de medo de esbarrar com ela na rua. Todas aquelas almas promissoras, bem formadas, brindadas com uma vida intelectual excitante graças ao estudo da literatura inglesa, na qual haviam recolhido seus breves lemas — “a energia é uma delícia perpétua”, “a maldição revigora, a bênção debilita” —, tinham sumido das bibliotecas, no final da década de 1960 e início da seguinte, decididas a empreender viagens internas ou seguir rumo ao leste em ônibus pintados. Voltaram para casa quando o mundo se tornou menor e mais sério a fim de servir à Educação, agora uma profissão sem viço, desprestigiada: as escolas estavam sendo vendidas a investidores privados, a idade de término dos estudos em breve seria reduzida.

A ideia de que quanto mais educada a população mais facilmente seus problemas poderiam ser resolvidos tinha saído de moda sem que ninguém notasse. Desvanecera-se juntamente com o princípio mais amplo de que, em geral, a vida iria melhorar para mais e mais pessoas, sendo os governos responsáveis por encenar e dirigir aquele espetáculo de potenciais realizados, aquela ampliação de oportunidades. O rol dos atores que produziriam tais melhorias tinha sido imenso, havendo sempre empregos para gente como Stephen e seus amigos. Professores, museólogos, mímicos, atores, contadores de histórias itinerantes — uma grande trupe inteiramente patrocinada pelo Estado. Agora, as responsabilidades do governo tinham sido redefinidas em termos mais simples e puros: manter a ordem e defender o Estado contra seus inimigos. Durante certo tempo, Stephen alimentara a vaga ambição de ensinar numa escola pública. Via-se junto ao quadro-negro, alto e de rosto vincado, tendo diante de si uma turma calada e respeitosa, intimidada por seus rompantes de sarcasmo, os alunos inclinados para a frente, sorvendo cada palavra. Sabia agora a sorte que havia tido. Permanecia como autor de livros infantis, tendo quase esquecido de que tudo aquilo se devia a um erro.

Um ano após terminar o University College, Stephen voltara a Londres com uma disenteria amebiana depois de uma excursão à Turquia, Afeganistão e Khyber envolta numa nuvem estonteante de haxixe; descobriu

que a ética do trabalho, que tinha feito o possível para destruir junto com os seus companheiros de geração, continuava forte dentro dele. Ansiava pela ordem e pelo senso de propósito. Alugou um lugarzinho para dormir, empregou-se como arquivista numa agência de recortes de jornal e se pôs a escrever um romance. Trabalhava quatro a cinco horas todas as noites, deliciando-se com a aura romântica, a nobreza da empreitada. Estava imune à chatice de seu emprego: guardava um segredo que crescia à taxa de mil palavras por dia. E tinha todas as fantasias de praxe. Era Thomas Mann, era James Joyce, talvez fosse William Shakespeare. Intensificava a excitação de sua faina escrevendo à luz de duas velas.

Queria escrever sobre suas viagens num romance intitulado *Haxixe*, em que figurariam hippies esfaqueados em seus sacos de dormir, uma moça muito bem-criada condenada à prisão perpétua num presídio turco, pretensões místicas, sexo turbinado por drogas, disenteria amebiana. Em primeiro lugar, precisava explorar a formação de seu protagonista principal, algo acerca de sua infância que mostrasse a distância física e moral que ele precisaria vencer em suas viagens. Mas o primeiro capítulo teimava em não terminar. Ganhou vida própria, e foi assim que Stephen acabou escrevendo um romance baseado nas férias de verão que tinha passado aos onze anos com suas primas, uma história de calças curtas e cabelos curtos para os meninos e, para as meninas, tiaras de cabelo e calções largos presos à altura dos joelhos, com desejos dissimulados, dedos pudicamente entrelaçados em vez de sexo alucinado, bicicletas com cestas para compras em vez de ônibus da Volkswagen pintados com tintas fluorescentes, passado não em Jalalabad mas nas cercanias de Reading. Foi escrito em três meses e recebeu o título de *Limonada*.

Durante uma semana, ele manuseou e folheou o manuscrito, preocupado com o fato de ser curto demais. Então, numa manhã de segunda-feira, alegou estar doente, fez uma fotocópia e a entregou pessoalmente ao escritório da Gott em Bloomsbury, a famosa editora literária. Como de praxe, ficou muito tempo sem notícias. Quando a carta finalmente chegou, não era de Charles Darke, o editor sênior ainda jovem cujo perfil tinha sido

publicado nos jornais de domingo por ter salvado a reputação periclitante da Gott. Era da srta. Amanda Rien, cujo sobrenome — como ela explicou com uma risada aguda ao convidá-lo para entrar em seu escritório — não era pronunciado como a palavra francesa, mas como “rim”.

Stephen sentou-se com os tornozelos apertados contra a mesa da srta. Rien, pois ela estava instalada num antigo depósito de vassouras. Não tinha janelas. Nas paredes, em vez dos retratos emoldurados em preto e branco dos gigantes do início do século que haviam feito a fama da editora, estava um retrato não de Evelyn Waugh, como era de esperar, mas de um sapo de terno com colete e apoiado numa bengala junto à balaustrada de uma mansão no campo. Nos outros pequenos espaços disponíveis, havia desenhos de ursinhos de pelúcia, pelo menos meia dúzia deles, tentando fazer pegar o motor de um carro de bombeiros, uma camundonga de biquíni apontando um revólver para sua própria cabeça e um corvo, com uma expressão soturna e um estetoscópio pendurado ao pescoço, verificando o pulso de um pálido menino que parecia ter caído da árvore.

A srta. Rien estava sentada a menos de um metro de distância, contemplando Stephen com o ar de encanto de alguém que aprecia uma propriedade sua. Ele sorriu de volta, desconfortável, e baixou a vista. Aquele era realmente seu primeiro romance?, ela desejava saber. Todos na Gott estavam empolgados, grandemente empolgados. Ele fez que sim com a cabeça, suspeitando se tratar de um erro terrível. Não conhecia suficientemente o mundo editorial para se abrir, e a última coisa que queria era fazer papel de bobo. Sentiu-se mais seguro quando a srta. Rien disse que Charles sabia de sua presença e estava interessadíssimo em conhecê-lo. Minutos depois a porta se abriu de um golpe e Darke, sem sair do corredor, curvou-se para a frente e apertou a mão de Stephen. Falou rapidamente, dispensando as apresentações. Era um livro brilhante e é claro que queria publicá-lo. Sem dúvida queria. Mas tinha de sair correndo. Nova York e Frankfurt aguardavam ao telefone. Porém almoçariam. Em breve. E parabéns. A porta se fechou de imediato e Stephen se voltou para encontrar a srta. Rien estudando em seu rosto os primeiros sinais da adulação. Ela

falou solenemente e em voz baixa. Um grande homem. Um grande homem e um grande editor. Não havia nada a fazer senão concordar.

Retornou ao seu quarto alugado excitado e insultado. Como um Joyce, um Mann ou um Shakespeare em potencial, ele pertencia sem a menor dúvida à tradição cultural europeia, a adulta. Verdade que, desde o começo, ansiara por ser compreendido. Tinha escrito numa linguagem simples e precisa. Quis ser acessível, mas não a qualquer um. Após longas reflexões, decidiu não fazer nada até voltar a se encontrar com Darke. No meio-tempo, para complicar ainda mais seus sentimentos, chegaram pelo correio um contrato e a oferta de um adiantamento de duas mil libras, o equivalente a dois anos de seu salário. Investigou aqui e ali, descobrindo que era uma quantia excepcional para um primeiro romance. A agência de recortes era agora insuportavelmente tediosa depois que havia terminado de escrever. Durante oito horas por dia recortava artigos de jornal, carimbava a data e os arquivava. As pessoas no escritório tinham emburrecido com aquele trabalho. Estava louco para anunciar que ia deixar o emprego. Várias vezes pegou a caneta, preparando-se para assinar e recolher o dinheiro, mas, pelo canto dos olhos, via uma multidão de irônicos ursinhos, camundongos e corvos que zombavam dele ao recebê-lo em suas fileiras.

E, quando por fim chegou a hora de pôr a gravata que havia comprado para aquela ocasião, a primeira que usava desde os tempos de universitário, e de manifestar sua confusão na tranquilidade discreta de um restaurante e durante a refeição mais cara que comera em sua vida, nada ficou esclarecido. Darke ouviu, balançando a cabeça com impaciência sempre que Stephen se aproximava do fim de uma frase. Antes que ele terminasse, Darke descansou a colher de sopa, pousou sua mão pequena e lisa sobre o pulso de Stephen e explicou de um modo cordial, como se falasse a uma criança, que a distinção entre a ficção para adultos e para crianças era, ela própria, uma ficção. Algo inteiramente falso, mera conveniência. Tinha de ser, quando todos os grandes escritores possuíam uma visão semelhante à de uma criança, uma simplicidade de abordagem — por mais complicada que fosse sua manifestação — que trazia o gênio do adulto ao nível da infância.

E, vice-versa — Stephen estava puxando a mão para liberá-la —, os melhores livros supostamente infantis eram aqueles que falavam tanto às crianças quanto aos adultos, ao adulto incipiente na criança, à criança esquecida dentro do adulto.

Darke estava se deliciando com seu discurso. Estar num restaurante famoso fazendo observações generosas para um jovem autor era um dos mais desejáveis privilégios de sua profissão. Stephen terminou os camarões servidos num potinho e se recostou para observar e ouvir. Darke tinha cabelos cor de areia, com um tufo indisciplinado que se erguia na parte de trás da cabeça. Tinha também o hábito de tatear em busca desse tufo e domá-lo com a palma da mão enquanto falava. Os cabelos pulavam de volta para o alto tão logo os liberava.

Apesar de toda sua segurança cosmopolita, do terno escuro e da camisa feita à mão, Darke era apenas seis anos mais velho que Stephen. No entanto, eram seis anos cruciais: da parte de Darke, representavam a reverência pela maturidade que faz com que os adolescentes ambicionem aparentar o dobro da idade; da parte de Stephen, a convicção de que a maturidade era traição, timidez e cansaço, enquanto a juventude constituía um estado abençoado a ser mantido por tanto tempo quanto fosse social e biologicamente viável. À época em que almoçaram juntos pela primeira vez, Darke estava casado com Thelma havia sete anos. A grande casa em Eaton Square estava solidamente montada. As então quase valiosas pinturas a óleo de batalhas navais e cenas de caça já estavam em seus lugares. Como também as toalhas limpas e felpudas no quarto de hóspedes, a arrumadeira que trabalhava quatro horas por dia e não falava uma palavra de inglês. Enquanto Stephen e seus amigos circulavam por Goa e Cabul com frisbees e cachimbos de haxixe, Charles e Thelma tinham um manobrista para estacionar seu carro, uma secretária eletrônica, jantares para convidados, livros de capa dura. Eram adultos. Stephen vivia num quarto alugado e podia guardar tudo que possuía em duas malas. Seu romance era adequado para crianças.

E havia mais que a casa de Eaton Square. Darke já fora o dono de uma produtora de discos e a vendedora. Quando terminou a Universidade de

Cambridge, todos sabiam, menos as pessoas comercialmente astutas, que a música popular era o domínio exclusivo dos jovens. Os astutos se recordavam da outra Inglaterra, a dos pais que tinham atravessado a Depressão e lutado numa guerra mundial. Com aqueles pesadelos no passado, precisavam de doçura, calor e uma dose ocasional de melancolia em sua música. Darke se especializou em *easy listening*, nos clássicos prediletos, melodias inesquecíveis com arranjos orquestrais para duzentos violinos.

Contrariando os ditames da moda, foi também muito bem-sucedido na escolha de uma esposa doze anos mais velha que ele. Thelma ensinava física na Birkbeck, com uma respeitada tese, recém-concluída — tanto quanto os colonistas de mexericos podiam afirmar —, sobre a natureza do tempo. Não era a mulher óbvia para um milionário tão jovem da área de música kitsch, um homem com idade, como se comentava maldosamente, para ser seu filho. Thelma convenceu o marido a criar um clube de leitura cujo êxito o levou à empoeirada Gott, que dois anos depois registrou seu primeiro lucro em um quarto de século. Ele estava havia quatro anos à testa da editora quando levou Stephen para almoçar, porém se passaram outros cinco anos, quando então Darke comandava um canal independente de televisão e o próprio Stephen era um sucesso limitado, antes que os dois se tornassem amigos íntimos e Stephen — tendo renunciado a seu anseio de uma juventude eterna — passasse a ser um visitante regular em Eaton Square.

A chegada de novos pratos e a prova perfunctória de um vinho diferente não interromperam nem por um instante a preleção séria, amistosa e narcisística de Darke. Ele falava depressa, com uma espécie de autoafirmação defensiva, como se estivesse se dirigindo a acionistas céticos, como se temesse que o silêncio o levasse de volta a seus próprios pensamentos. Levou um bom tempo até que Stephen entendesse que o discurso tinha origens profundas. Naquele momento, pareceu um esforço de convencimento no qual o editor fez um uso positivo e instintivo do primeiro nome do autor.

“Escute, Stephen. Stephen, fale com um menino de dez anos no meio do

verão sobre o Natal. Seria a mesma coisa que conversar com um adolescente sobre seus planos de aposentadoria, sua pensão. Para as crianças, a infância não está vinculada a uma noção de tempo. É sempre o presente. Tudo acontece no presente do indicativo. Claro que elas têm recordações. Claro que há um movimento do tempo para elas, o Natal finalmente chega. Mas elas não sentem isso. O que sentem é o hoje e, ao dizerem: ‘Quando eu crescer...’, sempre há uma ponta de descrença — como é que poderão algum dia ser diferentes do que são? Você então me diz que *Limonada* não foi escrito para crianças, e acredito em você, Stephen. Como todos os bons escritores, você o escreveu para si próprio. E é exatamente isso o que eu estou querendo dizer: você se dirigiu para o menino que você era aos dez anos. Esse livro não é para crianças, é para uma criança, e essa criança é você. *Limonada* é uma mensagem que você está enviando para um eu anterior que nunca deixará de existir. E a mensagem é amarga. É isso que torna o livro tão perturbador. Quando a filha de Mandy Rien o leu, ela chorou, lágrimas amargas, mas também lágrimas úteis, Stephen. Outras crianças reagiram do mesmo modo. Você falou diretamente às crianças. Tenha desejado ou não, se comunicou com elas por cima do abismo que separa a criança do adulto, e lhes deu uma primeira e fantasmagórica insinuação da mortalidade. Ao ler o que você escreveu, elas têm uma indicação de que são finitas como crianças. Em vez de simplesmente ouvirem isso, de fato compreendem que não durará, que não pode durar, que mais cedo ou mais tarde tudo termina, que a infância não é para sempre. Você transmitiu a elas alguma coisa chocante e triste sobre os adultos, sobre aqueles que deixaram de ser crianças. Algo ressequido, impotente, um tédio, um sentimento de que as coisas são o que são. A partir do que você escreveu, entendem que tudo isso virá para elas, tão certo quanto o Natal. É uma mensagem triste, mas verdadeira. Este é um livro para crianças pelos olhos de um adulto.”

Charles Darke tomou um gole vigoroso do vinho que havia provado com distraído discernimento alguns minutos antes. Dobrou a cabeça, saboreando a implicação de suas próprias palavras. Depois, erguendo a taça, a esvaziou e

repetiu: “Uma mensagem triste, mas muito, muito verdadeira”. Stephen levantou os olhos rapidamente quando algo o fez crer que o editor estava com a voz embargada.

Excetuadas as duas semanas que foram objeto do romance, a infância de Stephen tinha sido agradavelmente monótona apesar das locações exóticas. Se tivesse que mandar de volta uma mensagem agora, ela seria de austero encorajamento: as coisas vão melhorar — bem devagar. Mas havia também uma mensagem para adultos?

A boca de Darke estava cheia de miúdos. Ele fez pequenos círculos no ar com o garfo, muito ansioso para falar; por fim conseguiu, junto com um bafo de alho que temporariamente alterou o gosto do salmão de Stephen. “Claro. Mas não vai mudar a vida de ninguém. Vai vender três mil exemplares e ganhar umas resenhas bem decentes. Mas, se for comercializado para crianças...” Darke se deixou cair na cadeira e levantou a taça.

Stephen fez que não com a cabeça e falou baixinho: “Não vou permitir. Não vou permitir nunca”.

Turner Malbert fez as ilustrações em aquarelas límpidas e de bom gosto. Na semana do lançamento, um famoso psicólogo infantil apareceu na televisão para fazer um ataque candente ao livro. Era mais do que uma criança seria capaz de absorver, perturbaria cabeças com alguma instabilidade latente. Outros peritos o defenderam, um punhado de bibliotecários incentivou as vendas recusando-se a oferecer a obra. Durante um ou dois meses se transformou em tópico de conversa nos jantares. *Limonada* vendeu duzentos e cinquenta mil exemplares de capa dura e, com o tempo, vários milhões em todo o mundo. Stephen largou o emprego, comprou um carro veloz e um apartamento cavernoso, de teto alto, no sul de Londres, dando origem a uma cobrança de impostos que, dois anos depois, praticamente obrigou que publicasse seu segundo romance também como livro para crianças.

Em retrospecto, os acontecimentos no ano de Stephen, o ano do comitê,

pareciam ter sido organizados em torno de um único resultado. Enquanto vivia aquele ano, contudo, ele sentia que estava num tempo vazio, sem significado ou propósito. Seu retraimento usual foi espetacularmente exacerbado. Por exemplo, o segundo dia dos Jogos Olímpicos gerou uma repentina ameaça de extinção global: durante doze horas as coisas ficaram bem fora de controle, e Stephen, esparramado de cueca no sofá por causa do calor, não se sentiu especialmente mobilizado.

Dois corredores de curta distância, um russo e um americano, ambos com a constituição de galgos nervosos, se entrechocaram na linha de partida e se estranharam. O americano deu um soco no russo, que revidou e esfolou seriamente o olho do contendor. A violência e a ideia da violência se expandiram e foram subindo através de complexos sistemas de comando. Primeiro outros atletas, depois os treinadores, tentaram intervir, se enfureceram e entraram na briga. Os poucos espectadores russos e americanos nas arquibancadas partiram para o confronto. Houve um incidente grave com uma garrafa quebrada e, dentro de alguns minutos, um jovem americano — infelizmente um soldado de folga — sofreu uma hemorragia fatal. Na pista, dois dirigentes que representavam as potências em conflito se atracaram, puxando os respectivos blazers, e uma lapela foi arrancada. Alguém disparou a pistola que serve para dar a largada da corrida e atingiu o rosto de uma mulher russa, cegando mais uma pessoa — olho por olho. Mesmo na tribuna de imprensa houve hostilidades e empurrões.

Dentro de meia hora, as duas equipes tinham se retirado dos jogos e, em coletivas de imprensa separadas, trocavam insultos com intensidade escatológica. Pouco depois, o assassino do soldado foi preso, havendo alegações de que ele era vinculado à KGB e tinha motivações militares. Houve uma troca de notas virulentas entre as duas embaixadas. O presidente norte-americano, recém-empossado e ele próprio com um físico de corredor, estava ansioso para demonstrar não ser um fracote em matéria de política externa, como proclamavam com frequência seus oponentes, e procurava algo para fazer. Ponderava ainda quando os russos surpreenderam o mundo ao fechar a travessia da fronteira em Helmstedt.

Nos Estados Unidos, esse ato foi atribuído às prevaricações de um presidente dócil, que então silenciou seus críticos elevando ao máximo a prontidão das forças nucleares. Os russos fizeram o mesmo. Submarinos nucleares deslizaram silenciosamente para seus locais de disparo, os depósitos subterrâneos de mísseis foram abertos e as ogivas despontaram em meio aos arbustos da quente zona rural de Oxfordshire e nas florestas de faias dos Cárpatos. As colunas dos jornais e as telas de televisão foram tomadas por professores de dissuasão, que advogavam a importância de disparar os foguetes antes que fossem destruídos em terra. Numa questão de horas, os supermercados da Grã-Bretanha ficaram sem açúcar, chá, feijão cozido em lata e rolos de papel higiênico sedoso. A confrontação durou meio dia, até que as nações não alinhadas iniciassem a redução simultânea e supervisionada da prontidão nuclear. Como a vida na Terra afinal continuaria, em meio a muitas manifestações veementes sobre o espírito olímpico a prova de cem metros rasos foi retomada, e o alívio foi planetário quando um neutro sueco chegou em primeiro lugar.

Pode ter sido o verão excepcional, ou o uísque que bebia desde o fim da manhã, o que o fazia se sentir melhor do que de fato estava, mas Stephen honestamente não se importava se a vida na Terra ia ou não continuar. Aquilo lembrava muito uma final de campeonato mundial de futebol disputada entre dois países estrangeiros. O drama prendia a atenção dele, mas o resultado pouco importava, qualquer um podia ganhar. O universo era enorme, pensou com cansaço, e a vida inteligente ocupava uma camada bem fina mas num número provavelmente incontável de planetas. No grupo daqueles em que por acaso ocorria a convertibilidade entre matéria e energia, era inevitável que muitos tivessem virado pó numa explosão, exatamente os que talvez não merecessem mesmo sobreviver. Não se tratava de um dilema humano, ele refletiu indolentemente, coçando-se debaixo da cueca; derivava da própria estrutura da matéria e não havia muito o que fazer.

De modo similar, outros eventos mais pessoais, alguns dos quais bastante estranhos ou intensos, o fascinavam enquanto aconteciam, mas com certo

afastamento, como se outra pessoa e não ele estivesse envolvida; mais tarde, não pensava muito neles e sem dúvida não os conectava entre si. Serviam como pano de fundo para as coisas realmente importantes, tal como beber deitado e com frequência, evitar os amigos e o trabalho, não conseguir se concentrar quando chamado a uma conversa, ser incapaz de ler mais que vinte linhas de qualquer texto antes de voltar a divagar, fantasiar, lembrar.

E, quando Darke pediu demissão — o anúncio oficial foi feito dois dias após o início dos trabalhos do comitê de Parmenter —, Stephen visitou Eaton Square porque Thelma lhe telefonou e pediu que fosse. Ele se envolveu não por ser um velho amigo e naturalmente se preocupar, nem por dever favores a Charles e Thelma. Não tomou, ou pareceu não tomar, nenhuma decisão na matéria; seus amigos necessitavam de uma testemunha, alguém a quem pudessem se explicar, capaz de representar o mundo exterior. Embora tenha sido escolhido, Stephen mais tarde questionou a extensão de sua própria passividade; afinal de contas, o casal Darke tinha muitos amigos, porém ele era o único observador adequado do que Charles ia pôr em prática.

Duas horas depois que Thelma telefonou, Stephen decidiu ir a pé de Stockwell para Eaton Square atravessando a Chelsea Bridge. O ar ameno do início da noite deslizava macio pela garganta, e as calçadas na frente dos pubs estavam apinhadas de bebedores de cerveja, bronzeados e falando muito, aparentemente distraídos do mundo. O temperamento nacional tinha sido transformado pela prolongada onda de calor. No meio da ponte, ele parou para ler o jornal vespertino. O pedido de demissão tinha aparecido na primeira página, embora não fosse manchete. Uma matéria destacada no pé da página falava de problemas de saúde, sugerindo, com um toque de escândalo, algum tipo de colapso nervoso. Dizia que o primeiro-ministro estava “vagamente irritado” com o fato de não ter sido avisado com antecedência. Na coluna de notas esparsas, um curto parágrafo afirmava que Darke era muito distante da política, com uma atitude demasiado blasé para aspirar a altos cargos públicos. O primeiro-ministro desconfiava de sua

associação prévia com os livros. Somente os amigos íntimos, terminava a matéria, lamentariam muito sua saída. Stephen dobrou o jornal e continuou a travessia da ponte ao reparar que se aproximavam dois mendigos usando casacos compridos apesar do calor.

Muitos anos antes, durante uma noite num restaurante grego, Darke havia iniciado uma brincadeira de salão. Estava considerando abandonar a direção de um canal de televisão, em que tivera bastante sucesso, para entrar na política. Mas a que partido devia se filiar? Exultante, Darke servia o vinho ao lado de Julie, exibindo-se como um freguês exigente diante do garçom, fazendo o pedido de todos. A conversa, bem-humorada e com um quê cínico, incorporava contudo um elemento de verdade. Darke não tinha convicções políticas, apenas capacidade gerencial e uma grande ambição. Podia aderir a qualquer partido. Uma amiga de Julie, que morava em Nova York, levou a coisa a sério e insistiu que a escolha era entre dar ênfase à dimensão coletiva da experiência ou à sua singularidade. Darke espalmou as mãos e disse que era capaz de argumentar em favor das duas posições: no apoio aos fracos, no encorajamento aos fortes. A questão mais fundamental era — ele fez uma pausa enquanto alguém completou a frase: entre seus conhecidos, quem pode conseguir que o selecionem como candidato? Darke riu mais alto que qualquer um.

Quando o café turco foi servido, já tinha sido decidido que ele deveria fazer sua carreira na direita. Os argumentos eram simples. Os conservadores estavam no poder e provavelmente lá se manteriam. De seus tempos como homem de negócios, Darke conhecia um bom número de pessoas com conexões na máquina partidária. Na esquerda, os métodos de seleção eram tortuosamente democráticos e injustificadamente punitivos para os que nunca haviam pertencido ao partido. “É tudo muito simples, Charles”, disse Julie quando eles saíram do restaurante. “Tudo que você deve temer é o desprezo eterno de todos os seus amigos.” Mais uma vez, Darke soltou uma gargalhada.

No começo houve dificuldades, mas não levou muito tempo para que aparecesse a chance de uma candidatura na área rural de Suffolk, onde ele

foi capaz de reduzir pela metade a maioria obtida por seu antecessor graças a algumas observações impensadas sobre porcos. Ele e Thelma venderam o chalé de Gloucestershire onde passavam os fins de semana e compraram outro nas bordas de sua circunscrição eleitoral. A política trouxe para a superfície algo em Darke que a indústria fonográfica, as funções editoriais e a direção do canal de televisão mal haviam tocado. Dentro de semanas, ele começou a aparecer na televisão ostensivamente para comentar alguma irregularidade em sua circunscrição — um aposentado cujo fornecimento de eletricidade tinha sido suspenso morrera de hipotermia. Rompendo a regra tácita, Darke se dirigia à câmera e não ao entrevistador, conseguindo inserir rápidos resumos dos sucessos recentes do governo. Suas palavras eram disparadas como salvas de artilharia. Voltou ao estúdio duas semanas mais tarde para refutar com competência alguma verdade evidente. Os amigos que o tinham ajudado estavam impressionados. Sua atuação foi notada no quartel-general do partido. Num momento em que o governo sofria com a hostilidade de seus próprios membros, Darke mostrou ser um defensor feroz. Dizia coisas que soavam razoáveis e demonstrava preocupação social ao mesmo tempo que advogava que os pobres deviam ser autossuficientes e os ricos deviam receber incentivos. Depois de longas reflexões e mais brincadeiras de salão à mesa do jantar, ele decidiu se pronunciar contra os partidários do enforcamento no debate sobre a pena de morte que ocorria na conferência anual do partido. A ideia era ser duro mas compreensivo, duro e compreensivo. Falou bem sobre o tema numa discussão acerca da lei e da ordem transmitida pelo rádio — merecendo três solenes manifestações de aplauso da plateia presente no estúdio e sendo citado num artigo de relevo do *Times*.

Durante os três anos seguintes, compareceu a jantares e estudou os campos onde acreditava haver possibilidades de cargos — educação, transporte, agricultura. Manteve-se ocupado. Pulou de paraquedas a fim de angariar fundos para projetos de caridade e quebrou o tornozelo. As câmeras de televisão estavam lá. Participou de um painel de juízes que concedeu um famoso prêmio literário e fez comentários indiscretos acerca do presidente.

Foi escolhido para apresentar o projeto de lei que impedia os homens de dirigir devagar junto ao meio-fio para negociar com prostitutas. O projeto não avançou por falta de tempo, porém o tornou popular entre os jornais sensacionalistas. E, durante todo esse tempo, continuou falando, espetando o indicador para cima, expressando opiniões que nunca imaginou ter, desenvolvendo o estilo oracular dos porta-vozes — “Acho que falo por todos nós quando digo...” e “Que ninguém negue...” e “O governo tornou clara sua posição...”.

Escreveu um artigo para o *Times* passando em revista os primeiros dois anos da mendicância autorizada, que leu em voz alta para Stephen na magnífica sala de estar de Eaton Square. “Com vistas a gerar um setor público de caridade mais ágil e eficiente ao remover a escória da época que antecedeu a essa legislação, o governo se ofereceu, em escala reduzida, um ideal a que devem aspirar suas políticas econômicas. Dezenas de milhões de libras foram poupadas em gastos com proteção social, e um grande número de homens, mulheres e crianças passaram a experimentar tanto os imprevistos quanto as vigorosas satisfações da autossuficiência que são bem familiares à comunidade de homens de negócio deste país.”

Stephen nunca duvidou de que, mais cedo ou mais tarde, seu amigo se cansaria da política e iniciaria nova aventura. Manteve um distanciamento irônico, zombando de Charles por seu oportunismo.

“Se você tivesse decidido ir para o outro lado”, Stephen lhe disse, “estaria agora argumentando com igual paixão em favor da estatização do sistema financeiro, de menores gastos de defesa, da abolição do ensino privado.”

Darke deu um tapa na testa, fingindo estar atônito com a ingenuidade do amigo. “Não seja bobo! Defendi o programa do governo. Uma maioria me elegeu por causa dele. Não interessa o que eu penso. Tenho um mandato — um sistema financeiro mais livre, mais armas, boas escolas particulares.”

“Então você não está aí para pôr em prática suas ideias.”

“Claro que não. Presto um serviço!” E os dois riram antes de voltar a beber.

Na verdade, o cinismo de Stephen escondia uma fascinação com a

carreira de Charles. Stephen não conhecia nenhum outro membro do Parlamento. Seu amigo já era bem famoso de um modo modesto, e tinha um monte de histórias de bebedeiras e até mesmo de violência no bar da Câmara dos Comuns, dos pequenos absurdos dos rituais parlamentares, dos malignos mexericos nos gabinetes dos ministros. E quando Darke ganhou um cargo de nível ministerial após três anos de trabalho nos estúdios de televisão e salas de jantar, Stephen ficou realmente empolgado. Ter o velho amigo ocupando um alto posto transformava o governo num processo quase humano, fazendo com que Stephen se sentisse um homem do mundo. Agora uma limusine — embora bem pequena e amassada — ia até Eaton Square todas as manhãs a fim de levar ao trabalho o ministro, que adquirira certo ar de fatigada autoridade. Stephen às vezes se perguntava se seu amigo tinha finalmente sucumbido às opiniões que assumira sem maior esforço.

Foi Thelma quem recebeu Stephen à porta.

“Estamos na cozinha”, ela disse, conduzindo-o através do hall. Depois mudou de ideia e deu meia-volta.

Ele apontou para as paredes nuas, onde retângulos cinzentos e enodoados substituíam os quadros.

“É, o pessoal da mudança começou a trabalhar esta tarde.” Ela o levou à sala de visitas, falando rapidamente em voz baixa. “Charles está muito frágil. Não pergunte nada a ele, não o faça se sentir culpado por te deixar naquele comitê.”

Desde a ascensão política de Darke, Stephen tinha passado mais tempo na companhia de Thelma, sobretudo às noites, e tentava aprender um pouco de física teórica. Ela gostava de fingir que Stephen era mais íntimo dela que o marido, que entre os dois havia um entendimento especial, uma espécie de conspiração. Aquilo nada tinha de traição, e sim de adulação. Era embaraçoso e irresistível. Ele assentiu com a cabeça, como sempre feliz em agradá-la. Charles era o filho difícil de Thelma, e ela havia recrutado a ajuda de Stephen muitas vezes; certa ocasião, para limitar o consumo de álcool pelo ministro na véspera de um debate parlamentar; noutra, para impedi-lo,

na mesa de jantar, de provocar um jovem físico amigo dela, socialista.

“Me conta o que aconteceu”, Stephen pediu, mas ela estava caminhando de volta para o ecoante hall e falando num tom de falsa admoestação.

“Acabou de sair da cama? Está muito pálido.”

Ela fez um sinal enérgico com a cabeça quando Stephen protestou, sugerindo que mais tarde iria arrancar a verdade dele. Começaram de novo a cruzar o hall, desceram alguns degraus e passaram por uma porta de baeta verde, algo que Charles mandara instalar pouco depois de ganhar uma posição no governo.

O ex-ministro estava sentado à mesa da cozinha, bebendo um copo de leite. Pôs-se de pé e caminhou na direção de Stephen, enxugando um bigode de leite com as costas da mão. A voz soou leve, estranhamente melodiosa. “Stephen... Stephen, muitas mudanças. Espero que você seja tolerante...”

Havia muito tempo Stephen não via o amigo sem um terno escuro, camisa listrada e gravata de seda. Agora ele vestia uma calça larga de veludo cotelê e uma camiseta branca. Tinha uma aparência mais flexível, mais jovem; sem o enchimento dos ternos feitos à mão, os ombros ganhavam um contorno delicado. Thelma estava servindo uma taça de vinho para Stephen, Charles o conduzia para uma cadeira de madeira. Todos se sentaram com os cotovelos sobre a mesa. Pairava no ar uma calma excitação, notícias demasiado difíceis de serem transmitidas. Thelma disse: “Decidimos que não podemos te contar tudo de uma vez. Na verdade, achamos que seria melhor te mostrar em vez de contar. Por isso, seja paciente, vai saber de tudo mais cedo ou mais tarde. Você é a única pessoa a quem estamos nos abrindo, por isso...”

Stephen sacudiu a cabeça.

Charles perguntou: “Você viu o noticiário da televisão?”

“Vi o jornal vespertino.”

“A história é que estou tendo um colapso nervoso.”

“E então?”

Charles olhou para Thelma, que disse: “Tomamos algumas decisões bem

ponderadas. Charles está abandonando a carreira e eu pedindo demissão do emprego. Estamos vendendo a casa e nos mudando para o chalé”.

Charles foi até a geladeira e reencheu o copo com leite. Não voltou à sua cadeira, pondo-se atrás de Thelma, uma das mãos pousada de leve no ombro dela. Desde que Stephen a conhecesse, Thelma tinha vontade de deixar de ser professora universitária, mudar-se para algum lugar no campo e escrever seu livro. Como teria convencido Charles? Ela estava olhando para Stephen, à espera de uma reação. Difícil não ler uma expressão de triunfo no sorriso ligeiro, difícil seguir as instruções dela e não fazer perguntas.

Stephen se dirigiu diretamente a Charles sem responder a Thelma. “O que é que você vai fazer em Suffolk? Criar porcos?”

Ele deu um sorriso sardônico.

Fez-se silêncio. Thelma deu um tapinha na mão do marido e disse sem virar o rosto na direção dele: “Você prometeu que ia dormir cedo...”. Ele já estava esticando o corpo. Não eram nem oito e meia. Stephen observou seu amigo atentamente, mal podendo acreditar em como ele parecia muito menor, mais magro. Será que as altas funções tinham realmente deixado Charles mais corpulento?

“Sim”, ele estava dizendo, “vou subir.” Beijou a mulher na face e disse para Stephen da porta: “Nós realmente gostaríamos que você fosse nos ver em Suffolk. Vai ser mais fácil explicar”. Ergueu a mão numa saudação irônica e foi embora.

Thelma encheu novamente a taça de Stephen e apertou os lábios num sorriso eficiente. Estava prestes a falar, porém mudou de ideia e se pôs de pé. “Volto num minuto”, ela disse ao atravessar a cozinha. Momentos depois ele a ouviu na escada chamando por Charles e o som de uma porta que se abria e fechava. Depois a casa ficou em silêncio exceto pelo zumbido dos equipamentos de cozinha num registro grave de barítono.

* * *

Um dia depois que Julie partiu para o retiro nas Chilterns, Thelma chegou em meio a uma tempestade de neve para pegar Stephen. Enquanto

ele procurava atabalhoadamente no quarto algumas roupas e uma mala para levá-las, ela limpou a cozinha, pôs o lixo num saco e levou para a lata que ficava no lado de fora do prédio. Recolheu os montes de contas não abertas e enfiou na bolsa. No quarto, supervisionou Stephen enquanto ele empacotava suas coisas. Trabalhou com uma eficiência enérgica e maternal, só falando com ele quando necessário. Ele tinha apanhado um número suficiente de pares de meia? Calças? Esse suéter é realmente bem grosso? Levou-o até o banheiro e fez com que escolhesse os itens para levar num saquinho. Onde estava a escova de dentes? Ia deixar crescer a barba? Se não, onde estava o creme de barbear? Não havia nenhuma ação para a qual Stephen pudesse conceber um motivo. Não havia razão para se manter aquecido, usar meias ou ter dentes. Ele era capaz de executar ordens simples desde que não precisasse refletir sobre sua razão de ser.

Seguiu Thelma até o carro, esperou que abrisse a porta do passageiro para ele, e permaneceu sentado sem se mexer no cheiroso banco de couro enquanto ela voltava ao apartamento a fim de desligar a água e o gás. Ficou olhando para a frente, observando os grandes flocos de neve derreterem ao contato com o para-brisas. Vieram-lhe imagens de um melodrama dickensiano em que sua tiritante filha de três anos abria caminho na neve para chegar em casa, mas então a encontrava trancada e deserta. Deveriam deixar um bilhete na porta para ela?, perguntou a Thelma quando ela voltou. Em vez de argumentar que Kate não sabia ler e não iria mais voltar, Thelma subiu de novo a escada e pregou seu endereço e telefone na porta da frente do apartamento.

Passaram-se semanas esquecidas na tranquilidade atapetada, cercada de mármore e mogno, do quarto de hóspedes do casal Darke. Ele viveu um caos de emoções em meio à ordem impecável das toalhas com monogramas, superfícies enceradas e sem um grão de pó, roupa de cama lavada com aroma de alfazema. Depois, quando ficou mais estável, Thelma permaneceu várias noites a seu lado falando sobre o gato de Schroedinger, o tempo fluindo para trás, o fato de Deus ser destro e outras mágicas quânticas.

Ela pertencia a uma honrosa tradição de mulheres que eram físicas

teóricas, embora proclamasse não ter feito uma única descoberta, nem mesmo algo bem insignificante. Seu trabalho consistia em refletir e ensinar. As descobertas, ela dizia, eram agora uma corrida de ratos que significava o fim da ciência, além de ser coisa para os jovens. Tinha ocorrido uma revolução científica neste século e quase ninguém, mesmo entre os cientistas, estava refletindo de modo adequado sobre ela. Durante as noites frias de uma desenxabida primavera, ela se sentava com ele junto à lareira e dizia como a mecânica do quantum iria tornar a física mais feminina, toda a ciência, fazê-la mais suave, menos arrogantemente distanciada das pessoas, mais disposta a participar de um mundo que desejava descrever. Ela tinha alguns tópicos prediletos, temas que desenvolvia a cada oportunidade. O luxo e o desafio da solidão, a ignorância dos supostos artistas, sobre como o maravilhamento bem informado teria de constituir parte integral do equipamento intelectual dos cientistas. A ciência era o filho de Thelma (Charles era o outro) a quem ela dedicava as maiores e mais apaixonadas esperanças, e no qual queria infundir modos mais gentis e um temperamento mais doce. Esse filho estava prestes a crescer e a fazer menores reivindicações sobre seu valor. O período de egotismo frenético e infantil — quatrocentos anos! — chegava ao fim.

Passo a passo, usando metáforas em vez de matemática, ela o conduziu através dos paradoxos fundamentais, o tipo de coisas, ela disse, que seus alunos do primeiro ano deveriam saber: como era possível demonstrar num laboratório que algo podia ser ao mesmo tempo uma onda e uma partícula; como as partículas pareciam “ter consciência” umas das outras, dando a impressão — ao menos em teoria — de comunicarem essa consciência instantaneamente através de imensas distâncias; como o espaço e o tempo não eram categorias separáveis, mas aspectos um do outro, o mesmo ocorrendo com matéria e energia, matéria e o espaço por ela ocupado, movimento e tempo; como a própria matéria não consistia em pedacinhos duros de alguma coisa, mais se assemelhando a um movimento padronizado; como quanto mais a gente sabia sobre alguma coisa em detalhe, menos sabia sobre ela em geral. A vida no magistério lhe inculcara

úteis hábitos pedagógicos. Fazia pausas regulares a fim de ver se ele a acompanhava. Ao falar, seus olhos vasculhavam o rosto de Stephen para verificar se nele havia uma concentração total. Inevitavelmente, descobria que ele não apenas tinha deixado de entender, mas se perdera em devaneios nos últimos quinze minutos. Isso, por sua vez, podia suscitar um de seus temas prediletos. Ela apertava o indicador e o polegar contra a testa. Era necessário um pouco de teatro.

“Seu ignorantão!” — era como às vezes chamava Stephen quando ele ajustava o rosto para expressar arrependimento. Talvez esses fossem seus momentos de maior intimidade. “Uma revolução científica, não, uma revolução intelectual, uma explosão emocional e sensual, uma história fabulosa apenas começando a se revelar para nós, e você e gente como você não concedem a isso um segundo do seu tempo com o mínimo de seriedade. As pessoas costumavam pensar que o mundo era sustentado por elefantes. Isso não é nada! A realidade, o que quer que signifique essa palavra, se mostra mil vezes mais estranha. O que você quer? Lutero? Copérnico? Darwin? Marx? Freud? Nenhum deles reinventou o mundo e nosso lugar nele de modo tão radical e esquisito quanto os físicos deste século. As pessoas que medem o mundo não podem mais se pôr de fora. São obrigadas também a se medir. Matéria, tempo, espaço, forças — todas ilusões belas e complexas com as quais devemos agora conspirar. Que sacudidela estupenda, Stephen! Shakespeare teria sacado as funções de onda, Donne teria compreendido a complementaridade e o tempo relativo. Eles teriam se empolgado. Que riqueza! Teriam pilhado essa nova ciência para dela extrair suas imagens. E também teriam educado o público. Mas vocês, ‘artistas’, não apenas desconhecem essas coisas magníficas, mas têm bastante orgulho de não saber nada. Pelo visto, vocês devem achar que alguma moda passageira como o modernismo — modernismo! — é a maior conquista intelectual de nossos tempos. Patético! Agora, pare com esse sorriso idiota e faça um drinque para mim.”

Ela apareceu dez minutos depois na porta da cozinha, fazendo sinal para

que ele a acompanhasse até a sala de visitas. Dois gigantescos sofás Chesterfield ficavam frente a frente, separados por uma mesinha baixa com tampo de mármore. Uma garrafa térmica fechada e duas xícaras de café tinham sido postas ali por Thelma ou pela empregada. As batalhas navais também haviam sido substituídas por manchas cinzentas retangulares. Ela seguiu seu olhar e disse: “Os quadros e os enfeites vão à parte. Algo a ver com o seguro”.

Acomodaram-se lado a lado como sempre faziam quando Charles trabalhava até tarde no ministério ou na Câmara. Ela jamais levava a sério sua carreira política. Tolerara, com um distanciamento benigno, a agitação na casa enquanto ele avançava e garantia sua posição. O posto no governo tinha ressuscitado na conversa sobre a aposentadoria, sobre seu livro, sobre a vontade de se instalar de vez no chalé. Mas como remover agora Charles, depois que ele se tornara uma pequena figura nacional, depois que um jornalista do *Times* disse incidentalmente que ele tinha “potencial para ser primeiro-ministro”? Que mágica quântica feminina ela teria usado?

Thelma estava se desvencilhando dos sapatos com a despreocupação de uma adolescente, dobrando as pernas debaixo do corpo. Tinha quase sessenta e um anos. Mantinha as sobrancelhas bem cuidadas. As maçãs do rosto pronunciadas lhe davam um ar vivaz e radiante que lembrava a Stephen um esquilo altamente inteligente. A inteligência brilhava em seu rosto, e a severidade de seus modos tinha sempre um quê de brincadeira, de autogozoção. O cabelo grisalho era preso num coque descuidado — *de rigueur*, ela dizia, para mulheres em seu campo científico —, e mantido no lugar por um pente antigo.

Ela ajeitou alguns fios soltos atrás da orelha, sem dúvida arrumando seus pensamentos metódicos. As janelas estavam abertas de par em par, e através delas vinha o som distante e melodioso do tráfego pesado, bem como os trinados e lamúrias dos carros de patrulha.

“Digamos o seguinte”, ela disse por fim. “Ninguém seria capaz de adivinhar, mas Charles tem uma vida interior. Na verdade, mais do que uma vida interior, uma obsessão íntima, um mundo separado. Você vai ter que

acreditar em mim. Na maior parte do tempo ele nega que exista, mas está presente permanentemente, o consome, faz dele o que é. O que Charles deseja — se esta é a palavra —, aquilo de que precisa conflita muito com o que faz, com o que tem feito. São as contradições que o tornam tão frenético, tão impaciente para obter sucesso. Esta mudança, pelo menos no que lhe diz respeito, tem a ver com a necessidade de resolvê-las.” Ela apressou-se a sorrir. “E tem ainda as minhas necessidades, mas essa é outra questão, que aliás você conhece muito bem.” Ela se recostou no sofá, aparentemente satisfeita por ter deixado tudo claro.

Stephen deixou que meio minuto se passasse. “Muito bem, qual é exatamente essa vida interior dele?”

Ela balançou a cabeça. “Sinto muito se isso soa obscuro. Seria melhor que viesse nos visitar. Ver com seus próprios olhos. Não quero explicar antes do tempo.”

Descreveu como pedira demissão do emprego e o prazer que lhe dava a perspectiva de escrever seu livro. Consistiria na elaboração de seus temas prediletos. Ele viu os dois, Thelma no escritório do piso superior com as tábuas que estalavam, sentada à escrivaninha em que os raios do sol faziam luzir os papéis espalhados e de onde, através da janela de gelosias, podia ver Charles em manga de camisa parado junto ao carrinho de mão. Mais além do jardim, telefones tocavam, ministros cruzavam a cidade em limusines a caminho de almoços importantes. Charles, de joelhos, compactava pacientemente a terra na base de um arbusto enfermo.

Mais tarde, ela trouxe uma bandeja de frios. Enquanto comiam, ele descreveu as reuniões do comitê, tentando torná-las mais engraçadas do que eram. A conversa perdeu pique, ficou reduzida a comentários sobre amigos comuns. Lá para o fim, Thelma parecia querer se desculpar, como se receasse que ele pudesse pensar que havia feito uma viagem à toa. Tinha pouca ideia de como ele passava a maior parte de suas noites.

Como não visitaria a casa de novo antes que fosse vendida, ele aceitou o convite para passar a noite lá. Bem antes da meia-noite, Stephen encarava um bem conhecido papel de parede com desenhos de centáureas enquanto,

sentado na beira da cama, tirava os sapatos. Considerava os objetos do quarto como seus. Havia passado tanto tempo contemplando-os — a tigela azul de louça vidrada com as flores amassadas sobre uma cômoda de carvalho com enfeites de latão, um pequeno busto de Dante feito de peltre, um pote de vidro com tampa para guardar as abotoaduras. Fora prisioneiro daquele quarto durante três ou quatro catatônicas semanas. Agora, ao tirar as meias e atravessá-lo para abrir um pouco mais as janelas, esperava as piores recordações. Ficar tinha sido um erro. O burburinho constante da cidade não era capaz de mitigar o silêncio pesado que emanava do grosso tapete, das toalhas felpudas no suporte de madeira, das dobras graníticas das cortinas de veludo. Ainda vestido, deitou-se na cama. Aguardava as imagens, as que só podia apagar sacudindo a cabeça.

O que veio não foi a filha exibindo cambalhotas, mas seus pais num momento aleatório de sua última visita. A mãe estava junto à pia da cozinha, com luvas de borracha. O pai, ao lado dela, tinha um copo de cerveja limpo numa mão e um pano de prato na outra. Voltavam-se para vê-lo à porta. Ela manteve uma postura desajeitada, com as mãos ainda na pia. Não queria espuma no chão. Nada de importante aconteceu. Ele achou que seu pai estava prestes a falar. Na posição desconfortável em que se encontrava, sua mãe dobrou a cabeça para o lado preparando-se para ouvir. Stephen também havia adotado esse hábito. Podia ver o rosto dos dois, as expressões bem marcadas de ternura e ansiedade. Era o envelhecimento, as essências de cada um resistindo enquanto os corpos se deterioravam. Ele sentiu a urgência do tempo que se contraía, das tarefas inconclusas. Havia conversas que ainda não tivera com eles e para as quais sempre acreditou que haveria tempo.

Por exemplo, tinha uma recordação não localizada, uma coisinha que só eles poderiam explicar. Estava numa bicicleta, no assento para crianças. À sua frente, as volumosas costas do pai, as dobras e arestas da camisa branca trocando de lugar com a subida e descida dos pedais. À esquerda, a mãe em sua bicicleta. Seguiam por uma estrada pavimentada. A intervalos regulares sentiam um solavanco ao passar pelas finas linhas de asfalto que uniam as

seções de concreto. Desmontaram diante de um grande monte de seixos. O mar estava do outro lado, ele podia ouvir seu rugido e estrépito quando começaram a íngreme subida. Não guardava a menor recordação do mar, somente a expectativa medrosa à medida que seu pai o puxava pelo braço até o topo. Mas quando foi isso, e onde? Nunca viveram perto do mar ou passaram férias em praias como aquela. Seus pais nunca possuíram bicicletas.

Quando os visitava agora, a conversa seguia trilhas bem batidas. Era difícil escapar e perseguir os detalhes inúteis e importantes. Sua mãe tinha problemas de visão e sentia dores à noite. O coração do pai produzia murmúrios e palpitava irregularmente. Doenças menores se avolumavam. Havia acessos de gripe de que ele só era informado depois de superados. Um duro desmonte estava em progresso. O telegrama poderia chegar, a sombria chamada telefônica — e ele estaria confrontado com a frustração e a culpa de uma conversa jamais iniciada.

Só quando você é adulto, talvez só quando tem filhos, compreende perfeitamente que seus pais tiveram uma existência completa e intrincada antes de seu nascimento. Ele conhecia apenas esboços e pormenores de histórias — sua mãe numa loja de departamentos elogiada pela perfeição do laço que dava às suas costas; seu pai caminhando por uma cidade arruinada na Alemanha, ou atravessando a pista de um campo de pouso para comunicar oficialmente a vitória ao comandante do esquadrão. Até quando as histórias deles passaram a incluí-lo, Stephen nada sabia sobre como seus pais tinham se conhecido, o que os atraiu, como decidiram se casar, ou como ele tinha aparecido. É difícil certo dia recuar do momento e fazer a pergunta desnecessária e essencial, ou se dar conta de que, embora muito próximos, os pais também permanecem como estranhos para os filhos.

Ele devia isso ao amor que sentia por eles: não deixar que desaparecessem, que tivessem as vidas esquecidas. Estava pronto para levantar-se da cama, sair na ponta dos pés da residência dos Darke e fazer uma longuíssima viagem de táxi durante toda a noite até a casa deles, chegar sobraçando um montão de perguntas, sua súmula de acusação contra os

apagamentos devastadores do tempo. Sem dúvida estava pronto, ia pegar uma caneta, deixar um bilhete para Thelma e sair naquele mesmo instante, já procurava as meias e os sapatos. Tudo que o mantinha ali era a necessidade de fechar os olhos e demorar-se em reflexões adicionais.

Três

No entanto, certos indícios sugerem que, quanto mais intimamente o pai se envolve no cuidado cotidiano de uma criança pequena, menos efetivo ele se torna como figura de autoridade. A criança que se sente amada por um pai capaz de equilibrar de forma adequada a afeição e o distanciamento estará mais preparada emocionalmente para as futuras separações, que formam uma parte inevitável de toda a evolução rumo à idade adulta.

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

Após uma troca de cartões-postais com sua mulher, redigidos em linguagem neutra, Stephen partiu para visitá-la numa manhã de meados de junho. Fazia muitos meses que não a via. Ela voltara do retiro — um monastério que alugava quartos a pessoas com problemas — e, poucas semanas depois, se mudara do apartamento para um lugar que tinha comprado. Pela primeira vez, desde abril, o dia estava encoberto. Uma novidade, uma reafirmação de bom gosto, caminhar por toda parte na sombra fresca. Levava consigo as indicações que havia rabiscado. Como não queria examinar seus motivos muito de perto, concentrou-se no próprio percurso, que mostrou ter um formato agradável, afunilando-se consistentemente ao sair do alarido do centro de Londres rumo a um chalé no meio de uma plantação de pinheiros, a menos de sessenta quilômetros de distância. A cada etapa da viagem, encontrava menos gente. O metrô apinhado o levou à Victoria Station. De lá, o trem ribombou ao atravessar o rio sob o amplo céu branco. Percorreu todos os vagões, procurando o assento mais isolado. Uma minoria perturbadora da humanidade considerava as

viagens, mesmo as curtas, uma ocasião para encontros agradáveis. Havia pessoas prontas a infligir intimidades aos demais passageiros. Tais viajantes tinham de ser evitados caso você pertencesse à maioria para quem uma viagem oferecia a oportunidade de desfrutar do silêncio, da reflexão, dos devaneios. As exigências eram simples: uma visão desimpedida da paisagem em mutação, por mais monótona que ela fosse; e a liberdade de não sentir o hálito dos outros passageiros, o calor de seus corpos, o cheiro dos sanduíches, o contato de pernas e braços.

Encontrou um compartimento vazio na primeira classe e fechou a porta com firmeza. Viajavam do passado para o presente. Passaram pelos quintais de casas geminadas vitorianas, cujos puxadinhos dos fundos mostravam de relance as cozinhas através de portas abertas; deixaram depois para trás casas conjugadas do período eduardiano e do pós-guerra; mais adiante, atravessaram os subúrbios, rumo ao sul e depois a leste, divisando pequenos conjuntos de casas novas e minúsculas com retalhos de campos bem batidos entre eles. O trem reduziu a marcha sobre um emaranhado de entroncamentos e parou com um grande estremecimento. No silêncio abrupto e expectante irradiado pelos trilhos, Stephen se deu conta de como estava impaciente para chegar. Havia parado junto a um novo condomínio de casas conjugadas, simples e diminutas, em geral compradas como primeira residência. Caminhões basculantes ainda estavam em ação. Os jardins da frente não passavam de terra revolvida; nos fundos, fraldas balouçantes em suas árvores metálicas, diagramáticas, proclamavam a rendição a uma nova vida. Duas crianças, de mãos dadas, cambalearam ao passar por baixo das roupas a secar e acenaram para o trem.

Minutos antes de Stephen chegar ao seu destino, começou a chover. A estação, pouco mais que uma parada para gente que trabalhava na cidade, ficava no fim de um longo túnel de urtigas. Apesar da chuva, ele se demorou na passarela para pedestres observando o teto do seu trem, encimado por protuberâncias pretas, à medida que deslizava em meio a um frágil proscênio de sinais e, escorçado, desaparecia lentamente numa curva enquanto morria o matraquear das rodas. Com isso, fez-se um aveludado

silêncio rural em que outros pequenos sons pareciam cortados com diamante e polidos: os passos enérgicos de um passageiro que se distanciava, complexos cantos de pássaros e simplórios assobios humanos. Permaneceu na passarela, extraindo um prazer infantil — ou juvenil — dos trilhos reluzentes que apontavam para um lado e para o outro em meio ao silêncio. Quando criança, ele havia ficado ao lado do pai numa ponte maior esperando um trem passar em baixo. Stephen observara as linhas que se distanciavam e perguntou por que se juntavam quando ficavam mais distantes. Seu pai o olhou, semicerrando as pálpebras, assumiu uma expressão de fingida seriedade, e depois contemplou um ponto longínquo onde a pergunta e a resposta convergiam. Ele sempre parecia estar com as antenas ligadas. Segurava a mão de Stephen, os dedos de ambos entrelaçados. Os do pai eram curtos e grossos, com cabelos espetados nas articulações. Nas brincadeiras, ele costumava formar uma tesoura com os dedos, apertando os de Stephen até ele dançar de agonia e deleite diante de um poder tão irresponsável. Seu pai afastou o olhar do horizonte para explicar que, como os trens ficavam cada vez menores ao se distanciar, os trilhos faziam o mesmo para se adaptar a eles. Caso contrário, haveria descarrilamentos. Pouco depois, um expresso sacudiu a ponte ao passar como uma bala sob seus pés. Stephen ficou então maravilhado com a relação entre as coisas, a esperteza do inanimado, a simetria profunda que conspirava para estreitar a bitola da estrada de ferro na medida exata da diminuição do trem: por mais rápido que ele seguisse, os trilhos estavam sempre prontos.

Postou-se do lado de fora da estação lendo as instruções de Julie. A chuva se transformara numa fina garoa e as palavras escritas ficaram borradas, quase ilegíveis. Ele tomou a estrada em direção à cidadezinha ao longo do que ela descrevera como o velho roteiro do ônibus. Passou por um hipermercado com um estacionamento enorme cheio de carros, atravessando a rodovia por uma ponte de concreto elegantemente curva. Depois de oitocentos metros, entrou numa estradinha pavimentada que cortava em linha reta a área florestal. Agora que estava verdadeiramente no

campo, se sentiu alegre. Dos dois lados se erguiam linhas de coníferas com sua brilhante paralaxe à medida que cada fileira dava lugar à seguinte, efeito encantador que transmitia um falso senso de velocidade. Era uma floresta geométrica sem as complicações do mato rasteiro e dos cantos de pássaros.

A estrada irradiava uma luz branca sob a chuva. Sua simplicidade o agradava, teve vontade de correr. A oitocentos metros do começo da estrada havia uma clareira na plantação onde uma alta cerca de arame farpado se estendia em volta de um burro que meneava a cabeça. Era um animal cinzento que languidamente erguia a pesada cabeçorra, emitindo um bufo continuado. Havia outras clareiras a intervalos regulares. Numa delas, um caminhão-tanque recolhia combustível do depósito. O motorista estava na cabine, com os pés em cima do painel, bebendo uma lata de cerveja e lendo um jornal. Ele sorriu e levantou a mão quando Stephen passou, o que o alegrou ainda mais. Tinha esquecido de como as pessoas eram simpáticas no campo.

Tal como Julie prometera, a estradinha podia ser percorrida a pé em meia hora. A floresta de pinheiros cedeu lugar de repente a uma campina enorme com uma plantação de trigo. Stephen descansou, encostado ao portão de alumínio com cinco barras. A única indicação de que o campo amarelo, que lembrava um deserto, tinha fim era uma linha no horizonte, onde a plantação de pinheiros recomeçava. Talvez se tratasse de uma miragem. A planície era cortada precisamente em duas por uma trilha de acesso, uma continuação da estradinha pavimentada e igualmente reta. Ele se pôs a caminho e, em poucos minutos, encontrou satisfação na nova paisagem. Marchava através de um vazio. Toda a sensação de progresso, e portanto de tempo, havia desaparecido. As árvores à distância não ficaram mais próximas. Era uma paisagem obsessiva — só pensava em trigo. A falta de pressa e a ausência de qualquer senso real de destino lhe caíam bem.

Julie tinha retornado do monastério nas Chilterns depois de seis semanas. Stephen saiu de Eaton Square calculando o tempo certo para que os dois chegassem juntos ao apartamento. Cumprimentaram-se cautelosamente.

Havia um quê da velha e fácil afeição. Ficaram lado a lado no centro da sala de visitas, os dedos se tocando. Como uma casa fenece rapidamente por falta de cuidado, e como isso ocorre de um modo indefinível! Não era a poeira, o ar parado, os jornais amarelecidos cedo demais, as plantas murchas nos vasos. Disseram tudo isso enquanto tiravam o pó, abriam janelas e carregavam coisas para as latas de lixo. Stephen concluiu que na verdade eles estavam falando do casamento. Por uma ou duas semanas andaram em círculos com todo o cuidado, às vezes gentis, outras vezes afetivos de um jeito genuíno, carinhoso, um dia até fizeram amor. Por algum tempo pareceu que em breve começariam a tocar nos assuntos que faziam de tudo para evitar.

Mas as coisas também podiam correr na direção contrária, e foi o que aconteceu. No entender de Stephen, o problema foi o desejo. Não precisavam se consolar mutuamente ou se aconselharem. A perda os havia posto em caminhos separados. Nada havia a ser compartilhado. Julie tinha emagrecido e cortado o cabelo bem curto. Lia textos místicos ou sagrados — São João da Cruz, os poemas mais longos de Blake, Lao Tsé. As anotações que fazia a lápis cobriam inteiramente as margens. Trabalhava seguidas horas numa partita de Bach. O arranhar das notas duplas, o frenesi em espiral ascendente das semicolcheias o alertavam para que se mantivesse à distância. Ele, por sua vez, foi dando os primeiros passos de uma convivência diária com o copo e recaiu nos livros da adolescência, lendo sobre homens solitários e livres, cujos problemas eram os do mundo. Hemingway, Chandler, Kerouac. Divertiu-se com a ideia de pegar um táxi para o aeroporto e escolher um destino, vagando com sua melancolia durante uns poucos meses.

Ficar junto exacerbou o senso de perda dos dois. Ao se sentarem para comer, a ausência de Kate era um dado que não podiam mencionar nem ignorar. Eram incapazes de oferecer ou receber consolo, por isso não havia o menor desejo. A tentativa isolada foi rotineira, falsa, deprimente para os dois. Mais tarde, Julie vestiu o penhoar e foi para a cozinha. Ele a ouviu chorar, sabendo que não podia ir até lá. Na verdade, ela não o receberia bem.

Conseguiram se manter assim por cinco semanas. As únicas conversas sérias que tiveram ao longo desse período ocorreram lá pelo fim, quando começaram a examinar a ideia de ficarem distantes um do outro; não era um divórcio, claro, nem uma separação, porém um “tempo a sós”. Por isso, um corretor veio avaliar o apartamento. Tratava-se de um homem grandalhão, com um jeito bondoso e eficiente, que fez comentários atilados ao medir os cômodos e registrar as características originais.

Pediram, imploraram que ficasse para o chá. Enquanto ele tomava a segunda xícara, contaram sobre Kate, o supermercado, a polícia, o monastério, a dificuldade de voltar. Ele cravou os cotovelos na mesa da cozinha e descansou a cabeça nas mãos. Sacudiu-a solenemente o tempo todo. O que ouviu confirmou o que sempre temera. Quando acabaram, enxugou os lábios com um lenço. Depois, esticou os braços sobre a mesa e pegou as mãos de ambos. Ele segurava firme, com as mãos quentes e secas. Após um silêncio, disse que eles não deviam se acusar um ao outro. Por um instante se sentiram felizes, liberados.

Mas esse instante passou. Um corretor podia fazer mais por eles do que eles próprios. O que isso significava? Souberam depois que o homem tinha sido padre e perdera a fé. O apartamento foi avaliado, e Stephen deu a Julie um cheque equivalente a dois terços da quantia. Ela encontrou seu chalé e se mudou, levando os violinos, a cama de casal e um punhado de coisas. Recusou-se a instalar um telefone. Mantinham contato por meio de cartões ocasionais, se encontraram uma ou duas vezes em restaurantes do centro de Londres onde pouco foi dito. Se havia amor, estava enterrado a uma profundidade que não podiam alcançar.

A chuva se moveu através da vasta área em finas colunas de garoa na direção dele. Durante vinte minutos, o terreno vinha baixando imperceptivelmente até que as árvores longínquas desapareceram e o horizonte consistia apenas em trigo. Eram a curiosidade e o mal-estar que o haviam trazido a esta planície encharcada quando podia estar assistindo à prova masculina dos dez mil metros. Julie podia decidir se transformar, desenvolver intencionalmente uma compreensão diferente da vida e de seu

lugar nela. Teria feito longas caminhadas entre os pinheiros simétricos, reavaliando seu passado, o passado dos dois, alterando prioridades, fazendo arranjos para um novo futuro; as botas de caminhada que tinha dado para ela num aniversário teriam percorrido com frequência aquela estradinha reta de concreto. Antes que ele pudesse desencavar os próprios sentimentos, e sem que testemunhasse tal processo, Julie poderia metamorfosear-se numa total estranha, alguém com quem Stephen não saberia como falar. Não queria ser deixado para trás, não queria perder seu lugar na história dela. Ela não era imune à confusão ou à irracionalidade, porém tinha um modo inviolavelmente útil de compreender e manifestar seus próprios pântanos segundo os termos de uma educação sentimental ou espiritual. Com ela, certezas anteriores não eram jogadas fora e sim reenquadradas, algo semelhante, de acordo com Thelma, à maneira como as revoluções científicas redefinem todo o conhecimento prévio em vez de o descartarem. O que ele frequentemente via nela como contraditório — “Mas não foi isso que você falou no ano passado!” —, ela argumentava ser um progresso — “Porque no ano passado eu ainda não tinha entendido!”. Ela não se limitava a habitar uma vida interior, e sim a comandava, a dirigia, o terreno à frente estava mapeado. O curso futuro não devia ser deixado às incertezas da sorte, àquilo que simplesmente podia lhe cair do céu. Por outro lado, ela não negava o papel do destino. A tarefa, a responsabilidade de cada um consistia em realizar seu destino.

Ele tinha considerado um aspecto de sua feminilidade essa fé na mutabilidade eterna, em se refazer à medida que a compreensão se aperfeiçoa ou a versão é alterada. Enquanto no passado ele havia acreditado — ou imaginou que devia acreditar — que os homens e as mulheres eram, à parte as óbvias diferenças físicas, essencialmente iguais, agora suspeitava que uma das muitas características distintivas dos sexos residia precisamente na atitude com relação à mudança. A partir de determinada idade, os homens ficavam imobilizados, tendiam a crer que, mesmo na adversidade, de algum modo estavam em sintonia com seus destinos. Eram o que pensavam ser. Apesar do que diziam, os homens acreditavam no que faziam, e seguiam em

frente. Isso era uma fraqueza e uma força. Se estivessem saltando para fora de uma trincheira a fim de serem mortos aos milhares, ou operando as metralhadoras, ou dando os últimos retoques num ciclo de sinfonias, só raramente lhes ocorria, ou ocorria apenas a alguns poucos entre eles, que poderiam simplesmente estar fazendo outra coisa.

Para as mulheres, essa ideia era uma premissa. Um constante tormento ou consolo, não importa quão bem-sucedidas fossem aos seus olhos ou aos olhos dos outros. Também era uma fraqueza e uma força. A maternidade comprometida negava a realização profissional. Uma vida profissional em termos masculinos erodia os cuidados maternos. Tentar os dois significava correr o risco de morrer de cansaço. Difícil persistir quando a pessoa era incapaz de crer que estava totalmente imersa no que fazia, quando pensava que podia se ver, ou ver uma parte de sua personalidade, devotada a outra empreitada. Em consequência, elas não eram tão absorvidas por empregos e hierarquias, uniformes e medalhas. Em contraposição à fé que tinham os homens nas instituições que eles (e não as mulheres) haviam criado, elas privilegiavam algum outro princípio de identidade em que o ser superava o fazer. Muito tempo atrás os homens tinham notado algo de insubordinado nisso. As mulheres simplesmente cercavam o espaço que eles ansiavam por penetrar. A hostilidade masculina tinha despertado.

Por fim ele chegou aos pinheiros no outro lado. Passou por cima de um segundo portão de alumínio, entrando, como prometido em seu mapa, num caminho de concreto mais estreito, ladeado de arame farpado, que fazia uma curva na penumbra esverdeada. Mais tarde, Stephen tentou recordar-se do que tinha pensado ao caminhar os trezentos metros que separavam o portão de uma estrada secundária bem movimentada. Mas isso permaneceu inacessível, sem registro em sua memória. Talvez tivesse consciência das roupas molhadas, teria quem sabe pensado em como poderia secá-las ao chegar.

Assim, ele ficou ainda mais vulnerável ao que aconteceu quando saiu da plantação e examinou as redondezas. Ficou imóvel, mesmerizado. Soltou

um suspiro breve mas profundo. A estrada fazia um ângulo reto e se afastava seguindo de perto a linha do caminho estreito. Alguns carros passaram, dando a impressão de não produzir nenhum som. Ele conhecia o lugar, conhecia intimamente, como se tivesse estado lá havia muito tempo. As árvores a seu redor estavam se revelando, crescendo, florindo. Uma visita feita no passado remoto não justificaria tal sensação, quase uma espécie de dor, de familiaridade, de chegar a um local que também o conhecia, e parecia, no silêncio que engolfou os carros em movimento, esperar por ele. O que lhe veio à mente foi um dia determinado, um dia cujo gosto era capaz de sentir. Lá estavam, exatamente como deviam estar, o ar pesado, com cheiro de verde, do início do verão, a chuvinha rala e tranquila, os pingos pesados que tombavam das folhas imaculadas do castanheiro-da-índia, a sensação de que as árvores estavam maiores e eram purificadas por uma garoa tão fina que substituíra o ar. Foi precisamente num dia assim, ele sabia, que aquele lugar havia se tornado importante.

Permaneceu imóvel, temeroso de que qualquer movimento destruísse a imensidão do espaço, a calma monumental que sentia à sua volta, uma vaga nostalgia. Nunca estivera lá antes, não como criança, não como adulto. Mas essa certeza era conturbada pelo conhecimento de que o imaginara exatamente assim. E não se recordava nem um pouco de tê-lo imaginado. Contudo, sabia que, se descesse da borda gramada e olhasse para a esquerda, veria uma cabine telefônica e, defronte dela, um pub situado atrás de um estacionamento com chão de cascalho. Avançou rápido.

Só no meio da estrada viu o que ficava além da curva. O modo como o prédio compacto, de tijolos vermelhos, preencheu suas expectativas foi o que lhe deu o primeiro toque de medo. Estava acontecendo rápido demais. Como podia ter expectativas sem recordação? Estava a cem metros de distância, com uma vista de três quartos da fachada. O prédio bem cuidado tinha a aparência certa. Era uma simples estrutura retangular, do final da era vitoriana, com um teto inclinado de telhas vermelhas e uma edícula nos fundos que dava ao conjunto o formato da letra T. No quintal havia um trailer aposentado, pintado de branco no passado, que agora servia como

depósito de vasos. Alguns panos de prato tinham sido postos para secar numa linha que cedia ao peso deles. Diante do pub e ao lado da varanda da frente havia um banco de madeira quebrado mas ainda utilizável.

Tudo estava exatamente de acordo. A familiaridade da cena zombava dele. Um alto poste branco, isolado, exibia um cartaz que anunciava, com um desenho e palavras, O Sino. O nome nada significava para ele. Ficou olhando por um bom tempo, tentado a ir embora, voltar outro dia e explorar mais de perto. Mas não estavam lhe oferecendo apenas um lugar, e sim um dia específico, *aquele* dia. Sentia o gosto da poeira do cascalho liberada pela chuva. Estava consciente de que as gotículas que tudo encharcavam haviam produzido a seu redor um campo diferente de árvores antes comuns — olmos, castanheiros, carvalhos, faias —, velhos gigantes que haviam perdido a batalha para as plantações comerciais, magníficas árvores cuja primazia na paisagem tinha sido restaurada, nuvens maciças de folhagens que se espalhavam sem obstáculos rumo aos North Downs.

Stephen permaneceu no acostamento de uma pequena rodovia em Kent, num dia úmido de meados de junho, tentando associar o local e o dia a uma recordação, a um sonho, a um filme, a alguma esquecida visita quando criança. Queria uma conexão capaz de suscitar um processo de explicação e de mitigar seu medo. Mas o chamamento do lugar, sua autoconsciência, a melancolia que provocava, sua relevância desligada, tudo isso tornou muito claro, antes mesmo que ele pudesse se dizer o motivo, que a vibração — foi nesta palavra que se fixou — daquele local específico tinha suas origens fora de sua própria existência.

Esperou por quinze minutos, começando então a caminhar vagarosamente na direção do Sino. Um movimento súbito poderia dissipar a delicada reconstituição de outro tempo. Controlou-se. Era difícil absorver o caos tumultuoso de tantas árvores decíduas estuantes de folhas, o modo como a garoa ampliava as samambaias até adquirirem um porte equatorial, transformando em raras espécies uma banal salsa ou urtiga. Se balançasse a cabeça com força, estaria de volta em meio aos disciplinados pinheiros. Manteve o olhar fixo no prédio à sua frente. Passava um pouco do meio-dia.

O Sino estaria aberto para os primeiros fregueses do almoço, porém não havia ainda nenhum carro estacionado sobre o cascalho que pudesse diminuir a impressão de estar tudo correto, uma cópia exata do original.

Nenhum carro, mas, próximo ao banco de madeira na frente, duas bicicletas pretas de modelos antiquados. Uma era de mulher, ambas tinham cestas de vime para compras. O medo tornava seus passos mais leves, sua respiração mais curta. Poderia ter dado meia-volta. Julie o esperava. Precisava fazer algo acerca das roupas molhadas. Tinha de voltar logo para casa e trabalhar na lista de leituras do comitê. Diminuiu as passadas, mas não parou. Carros passaram bem próximos. Se pisasse na frente deles, não seria atingido. O dia em que ele agora se encontrava não era o dia em que acordara. Permanecia lúcido, decidido a avançar. Estava em outro tempo, porém não se sentia confuso. Era um sonhador que sabe que está sonhando e, embora receoso, permite que o sonho se desdobre por pura curiosidade.

Aproximou-se do prédio silencioso. Era um invasor. O lugar tinha a ver com ele mas também o excluía, havia uma delicada negociação em curso cujo desfecho ele poderia afetar negativamente. Estava atravessando agora a área coberta de cascalho, dando cada passo com cautela. De um canto do pub veio o som sincopado da chuva caindo dentro de um grande tonel. A dez metros de distância as janelas pareciam às escuras. O prédio dava a impressão de estar deserto, até que ele se deslocou e enxergou luzes fracas no interior. Tinha parado diante da pequena varanda. As bicicletas estavam encostadas à parede, protegidas da chuva pelo beiral. As rodas traseiras tocavam o braço do banco quebrado. A bicicleta do homem diretamente apoiada na parede do pub. A da mulher debruçada sobre a dele numa intimidade canhestra. As rodas dianteiras esparramadas, cada qual para um lado, os pedais desajeitadamente entrelaçados. Eram máquinas pretas e novas, com o nome do fabricante na coluna vertical em imaculadas letras góticas douradas. As cestas da frente eram de vime limpo. Os selins, largos e com bom molejo, irradiavam o delicado odor fecal do couro de qualidade. Os guidões exibiam punhos de borracha cor de marfim, com gotinhas pretas de chuva se acumulando sobre a parte cromada. Ele não tocou nas

bicicletas. Houve um movimento lá dentro, um corpo passou diante da luz. Ele se pôs de um lado da janela, consciente de estar visível para pessoas que não podia ver.

Tinha parado de chover, mas o som da água era mais forte. Caía das calhas rachadas e cobertas de musgo no tonel, tamborilava nas folhas. Ele estava perto da parede do pub, com uma visão oblíqua do salão através da janela. Um homem carregava duas canecas de cerveja do bar para uma pequena mesa onde uma mulher jovem esperava sentada. Como a mesa estava localizada numa alcova, a luz das janelas recortava a silhueta do casal. O homem se acomodava, puxando serenamente as dobras da calça larga de flanela cinza antes de se sentar junto à mulher. Ocupavam um banco que se estendia pelos três lados da alcova. Não um reconhecimento e sim sua sombra, não um som familiar e sim uma breve ressonância, fizeram com que Stephen se apoiasse na parede seca. Sua visão pulsava em compasso com as batidas do coração. Se o casal olhasse de relance para cima e para a esquerda, na direção da janela junto à porta, talvez enxergasse um fantasma mais além do vidro manchado, imóvel pela tensão do reconhecimento impossível de ser expresso em palavras. Um rosto retesado de expectativa, como se um espírito, suspenso entre a existência e o nada, aguardasse uma decisão, um sinal para se aproximar ou para ir embora.

No entanto, os dois jovens estavam totalmente absortos. Ele bebeu a cerveja em largos goles, meio litro para si e um quarto para ela, conversando animadamente enquanto a bebida da moça permanecia intocada. Ela ouvia com ar solene, repuxando a manga do vestido estampado, ajustando com precisão inconsciente o bonito grampo que mantinha os cabelos lisos e bem penteados longe de seu rosto. As mãos se tocaram, eles trocaram sorrisos débeis mas decididos; depois as mãos se separaram e os dois falaram ao mesmo tempo. O assunto — pois claramente só havia um assunto — não tinha sido ainda resolvido.

Tanto quanto Stephen podia ver, não havia outros fregueses. O garçom, um homem corpulento e vagaroso, estava de costas para ele, mexendo em algo numa prateleira. O óbvio seria entrar, pedir um drinque e observar de

perto. A ideia era pouco atraente. Stephen manteve a mão encostada à parede, que era quente e reconfortante ao toque. De repente, com a rapidez transformadora de uma catástrofe, tudo mudou. Suas pernas bambearam, sentiu um frio na barriga que foi descendo. Ele estava olhando no fundo dos olhos da mulher, e sabia de quem se tratava. Ela tinha desviado o olhar em sua direção. O homem falava, insistindo em determinado ponto, enquanto ela continuava a encarar Stephen. Seu rosto não acusou curiosidade ou choque; ela simplesmente devolvia o olhar dele enquanto ouvia o companheiro. Sacudiu a cabeça vagamente num gesto de concordância, desviou a vista para responder, voltou a mirar Stephen. Mas não podia vê-lo. Não havia nada que sugerisse ter registrado de algum modo sua presença. Não o ignorava, olhava através dele para as árvores do outro lado da estrada. Não estava vendo nada, e sim ouvindo. De forma absurda, ele levantou a mão e fez um gesto desajeitado, meio aceno, meio saudação. Não houve reação da parte da moça, que ele sabia, sem margem de dúvida, ser sua mãe. Ela não era capaz de vê-lo. Estava ouvindo o pai dele falar — como reconheceu o hábito que tinha de enfatizar algum ponto com a mão aberta! —, e não podia ver seu filho. Ele se sentiu invadido por um desalento frio e infantil, uma amarga sensação de exclusão e nostalgia.

Talvez estivesse chorando ao se afastar da janela, talvez soluçasse como um bebê que acorda no meio da noite; para um observador, pode ter parecido silencioso e resignado. O ar através do qual se movia era escuro e úmido, enquanto ele era leve, feito de nada. Não se viu andando de volta pela estrada. Desabou, caiu impotente pelo vácuo, foi varrido atônito através de curvas invisíveis, subiu acima das árvores, viu o horizonte abaixo dele mesmo enquanto era lançado através de sinuosos túneis de vegetação rasteira, calhas úmidas, frias e potentes. Seus olhos se alargaram e arredondaram, sem as pálpebras, clamando desesperadamente por sua inocência, os joelhos se ergueram até tocar no queixo, os dedos eram nadadeiras com escamas, as guelras marcavam o ritmo das braçadas urgentes, sem esperança, através do oceano salgado que engolfava as copas das árvores e se infiltrava entre as raízes; e, apesar de todo o choro e dos

apelos que pensou virem dele, formou um único pensamento: não tinha para onde ir, nenhum momento podia incorporá-lo, não era esperado, nenhum destino ou horário podia ser anunciado; pois embora se movesse adiante violentamente, estava imóvel, circulava veloz em torno de um ponto fixo. E esse pensamento gerou uma tristeza que não lhe pertencia. Existia havia séculos, milênios. Passou voando por ele e incontáveis outros, como o vento que varre um campo de grama alta. Nada era dele. Não suas braçadas ou seu movimento, não os apelos e chamamentos, nem mesmo a tristeza, nada pertencia a nada.

Quando Stephen abriu os olhos, estava deitado numa cama, a cama de Julie, debaixo de um edredom, agarrando contra o peito uma bolsa de água quente já morna. Do outro lado do pequeno quarto, quase todo ocupado pela cama, via-se a porta aberta do banheiro de onde escapavam uma nuvem de fumaça, amarelada sob a luz elétrica, e o fragor da água correndo. Ele fechou os olhos. A cama tinha sido um presente de casamento de amigos com quem não se encontrava havia anos. Tentou lembrar seus nomes, mas tinham se evaporado. Nela, ou sobre ela, o casamento tivera início e, seis anos depois, havia terminado. Reconheceu um rangido musical ao mexer as pernas, sentiu o cheiro de Julie nos lençóis e travesseiros empilhados, o perfume dela e o aroma intenso de sabão da roupa de cama recém-lavada. Ali ele participara das mais longas e mais reveladoras conversas de sua vida, assim como, mais tarde, das mais desoladoras. Tivera ali as melhores experiências sexuais, e as noites de pior insônia. Havia lido mais ali do que em qualquer outro lugar — se lembrava de *Anna Kariênina* e *Daniel Deronda* numa semana em que ficara doente. Nunca tinha perdido a paciência tão completamente quanto ali, nem sido tão terno, protetor, consolador; nem, desde os primeiros anos de vida, recebido tanto carinho. Ali a filha fora concebida e parida. Naquele lado da cama. Embebidos no colchão havia os indícios de urina de suas visitas nas primeiras horas da manhã. Ela costumava se aninhar entre os dois, dormir um tempinho e depois acordá-los com sua tagarelice, sua insistência em que o dia começasse. Enquanto eles se aferravam aos últimos fragmentos de seus

sonhos, ela exigia o impossível: histórias, poemas, canções, catecismos inventados, combate físico, cócegas. Eles haviam destruído ou dado quase todas as provas de sua existência, menos as fotos. Todas as melhores e piores coisas que tinham acontecido com ele haviam acontecido ali. Era seu lugar. Mais além de todas as considerações imediatas, tal como o fato de que seu casamento estava mais ou menos encerrado, havia seu direito de estar deitado ali, naquele instante, na sua cama de casado.

Quando voltou a abrir os olhos, Julie estava sentada na beira da cama, olhando para ele. O silêncio do quarto era cortado apenas pelo imperioso gotejar da torneira, que ecoava nas paredes de ladrilho do banheiro. Havia um traço contido de humor na tensão de seus lábios, bem cerrados para sufocar a tentação de dizer alguma coisa sardonicamente desagradável. Seus olhos claros e cinzentos executavam uma triangulação imprevisível, observando os olhos dele, do direito para o esquerdo, de volta ao direito, comparando-os, medindo a verdade pelas tênues diferenças que detectava, baixando depois a vista para a boca de Stephen a fim de avaliar a expressão ali refletida e fazer comparações adicionais. Stephen conseguiu se sentar e pegou a mão dela. Receptiva, embora fria ao toque.

Ele disse: “Me desculpe por criar essa amolação”.

Ela sorriu imediatamente. “Tudo bem.” Os lábios mais uma vez se comprimiram, intumescidos de novo com o esforço de suprimir um comentário cômico. Não fazia seu gênero perguntar à queima-roupa por que ele havia chegado a sua casa em estado de choque. Perguntas, a curiosidade comum, não eram parte de sua maneira de ser. Nunca insistia para que uma pergunta fosse respondida. Era capaz de perguntar uma vez, mas, não havendo resposta, aceitava o silêncio. Havia uma agradável profundidade em seu silêncio. Era difícil deixar de lhe dizer alguma coisa a fim de atraí-la para fora de seu estado de permanente autocomunhão, trazê-la mais para perto.

Ele disse: “É maravilhoso deitar de novo nesta cama”.

“Essa cama me deixa louca”, Julie rebateu. “Afunda no meio e range cada vez que a gente se mexe.”

Sem refletir, ele disse em tom ligeiro: “Então vou ficar com ela”, e Julie

deu de ombros: “Se quiser, leva”.

Isso foi muito deprimente. As mãos se separaram, fez-se silêncio. Stephen queria retornar à intimidade em que acordara, se sentiu tentado a explicar tudo tão bem quanto podia. Mas não confiava em sua capacidade de fazer um relato longo, aquilo podia muito bem separá-los mais ainda. Livrou-se das cobertas com os pés, se inclinou para a frente e pousou as mãos sobre os ombros dela, apertando com firmeza, como se buscasse garantir que ela estava lá. Sentiu a fragilidade de seu corpo, embora através da blusa de algodão subisse um calor intenso e encantador. Ela estava cautelosa, porém o sorriso reprimido persistia.

“Vou explicar o que aconteceu”, ele disse, ainda fazendo pressão.

Soltou-a, e estava prestes a se levantar da cama quando ela lhe segurou o braço, falando com firmeza: “Não vai se levantar. Trouxe chá. E fiz um bolo”. Puxou as cobertas de volta sobre suas pernas, até a cintura, e se ergueu para ajustá-lo na cama. Não queria que saísse da cama de casal. Pegou do chão uma bandeja e a pôs diante dele. “Só dessa vez”, ela disse, “pode parar de fingir que está tudo bem. Você é meu paciente.”

Cortou o bolo e serviu o chá. As xícaras eram de boa qualidade, porcelana fina. Dera-se ao trabalho de encontrar pires que pertenciam ao mesmo serviço dos pratos de sobremesa. Era, sem a menor dúvida, uma ocasião especial. Fizeram tim-tim com as xícaras e disseram “Saúde”. Quando ele perguntou que horas eram, ela respondeu: “Hora do banho”. Apontou para resquícios de lama seca no braço dele. Na meia-luz do quarto, os brancos de seus olhos brilharam repetidamente enquanto ela erguia a vista do prato para o rosto de Stephen, como se verificasse alguma recordação. Não o encarava de frente agora. Quando ele lhe sorria, Julie baixava os olhos. Usava brincos longos de cristal colorido. Suas mãos não paravam quietas, o que não era típico.

Difícil ficar de conversa fiada. Depois de algum tempo, Stephen disse: “Você está muito bonita”.

A resposta veio imediatamente em tom neutro: “Você também”. Ela sorriu e disse: “Agora...”, enquanto soltava um suspiro eficiente e recolhia as

louças do chá. De pé junto à cabeceira, acariciou os cabelos de Stephen. Ele prendeu a respiração, o momento prendeu a respiração. Defrontaram-se com duas possibilidades, de igual peso, equilibradas num fulcro afiado. No instante em que se inclinassem na direção de uma delas, a outra, sem nunca deixar de existir, desapareceria irrevogavelmente. Ele poderia levantar-se da cama agora, lançando-lhe um sorriso carinhoso ao passar por ela a caminho do banho. Trancaria a porta atrás de si, garantindo sua independência e seu orgulho. Ela aguardaria no andar de baixo, e retomariam as conversas cuidadosas até que chegasse a hora de cruzar o campo a fim de pegar o trem. Ou seria possível arriscar algo, abrindo espaço para uma vida diferente em que a própria infelicidade dele poderia ser redobrada ou eliminada.

Diante dos caminhos que se bifurcavam, a hesitação de ambos foi breve e deliciosa. Caso naquele dia já não houvesse visto dois fantasmas e não tivesse esbarrado em eventos que se continham uns aos outros, com os tempos e lugares em que ocorreram, ele teria sido incapaz de escolher como então fez, sem deliberação e com uma premência que lhe pareceu tão sábia quanto devassa. Um Stephen fantasmagórico, que se desvanecia, saiu da cama, sorriu, atravessou o quarto e fechou a porta do banheiro — e inumeráveis eventos invisíveis foram postos em marcha. Ao tomar a mão de Julie e sentir o consentimento sinuoso de seu corpo comunicado através da extensão do braço, ao puxá-la para perto e beijá-la, ele não duvidou que aquilo que estava acontecendo, e que iria acontecer como consequência, não era separado do que tinha experimentado horas antes. Obscuramente, sentiu que uma linha de argumentação vinha sendo continuada. Aqui, entretanto, só havia prazer ao tomar a cabeça de Julie, aquela cabeça querida, entre suas mãos e lhe beijar os olhos, enquanto mais cedo, do lado de fora do Sino, sentira terror; mas os dois momentos estavam inegavelmente unidos, possuíam em comum a nostalgia inocente que provocavam, o desejo de pertencer.

Os padrões acolhedores e eróticos do casamento não são facilmente abandonados. Eles se puseram de joelhos no centro de cama, cara a cara, despindo um ao outro devagar.

“Você está tão magro”, disse Julie. “Assim vai desaparecer.” Ela passou as mãos por suas clavículas e desceu pelo esterno, percorrendo as saliências das costelas; depois, gratificada por havê-lo excitado, o pegou com as duas mãos e se curvou para voltar a tomar posse dele com um longo beijo.

Stephen também sentiu uma ternura de proprietário quando ela ficou nua. Registrou as mudanças, o ligeiro engrossamento da cintura, os grandes seios um pouquinho menores. Por viver sozinha, pensou ao fechar a boca em torno de um mamilo enquanto pressionava o rosto contra o outro seio. A novidade de ver e sentir um corpo nu bem conhecido foi tal que, por alguns minutos, ambos pouco mais fizeram do que se tocar a certa distância, dizendo: “Bom...” e “Aqui estamos de novo...”. Pairava no ar uma jocosidade descabida, uma hilaridade contida que ameaçava eliminar o desejo. Toda a frieza entre eles parecia agora um intrincado embuste, e se perguntaram como fora mantida por tanto tempo. Era comicamente simples: bastava tirar a roupa e olhar um para o outro para ficarem livres e assumirem os papéis nada complicados em que não podiam negar o entendimento mútuo. Eram agora seus velhos e sábios eus, e por isso não conseguiam parar de rir nervosamente.

Mais tarde, uma palavra pareceu repetir-se enquanto a fenda de longos lábios se abriu e fechou em volta dele, enquanto ele enchia o conhecido declive e curva para atingir um lugar profundo e familiar, uma palavra lisa e ressonante gerada pelo roçar de pele contra pele, uma palavra curta e banal... casa, estava em casa, fechado, seguro e portanto capaz de prover, uma casa que ele possuía e em que era possuído. Casa, por que estar em qualquer outro lugar? Não era um desperdício estar fazendo qualquer coisa diferente daquilo? O tempo estava redimido, o tempo voltava a ter propósito por ser o meio de realizar o desejo. As árvores lá fora chegaram mais perto, as urtigas acariciaram as pequenas vidraças, escurecendo o quarto que ondulava graças ao movimento da luz filtrada. Uma chuva mais forte soou no telhado, depois amainou. Julie chorava. Ele se perguntou, repetindo o que fizera muitas vezes antes, como alguma coisa tão simples podia ser permitida, como tinham autorização para desfrutar daquilo, como o mundo

podia ter conhecido tal experiência e continuar a ser o que era. Não governos, ou empresas de publicidade, ou departamentos de pesquisa, mas a biologia, a existência, a própria matéria havia sonhado aquilo para seu prazer e perpetuidade, e isso era exatamente o que cumpria a cada um fazer, tudo desejava que você gostasse daquilo. Seus braços e pernas estavam se afastando aos poucos. Bem alto, onde o ar era límpido, ele ficou agarrado pelos dedos a uma borda da montanha, quinze metros acima do longo declive coberto de seixos. Suas mãos estavam se soltando. Então, com certeza, ele pensou enquanto caía de costas no estranho e estonteante vazio, ganhando velocidade ao descer a encosta irresponsavelmente íngreme, com certeza, bem lá no fundo o lugar é benevolente, gosta de nós, quer que gostemos dele, gosta de si próprio.

E então tudo era diferente. Apertaram-se na banheira estreita, a água já morna, levando o vinho que bebiam no gargalo. O desejo saciado trouxe uma veloz e intrépida clareza. Falaram e riram alto, sem maiores cuidados um com o outro. Julie contou uma longa história sobre a vida na cidadezinha próxima. Stephen fez a caricatura dos membros do comitê. Fizeram resumos grosseiros da vida que os amigos comuns iam levando. Mesmo enquanto a animada conversa seguia, sentiram certo embaraço por saber que nada existia na base daquela cordialidade, nenhuma razão para tomarem banho juntos. Havia uma indecisão que nenhum dos dois ousava explicitar. Conversavam livremente, mas a liberdade era lúgubre, sem fundamento. Logo suas vozes começaram a perder força, a tagarelice foi morrendo. A criança perdida estava de novo entre os dois. A criança que não tinham esperava por eles do lado de fora. Stephen sabia que iria partir dentro em pouco. A falta de jeito aumentou quando voltaram a se vestir. Não era fácil abandonar os hábitos da separação. Desconcertados, perdiam suas vozes. A velha e cuidadosa cortesia se restabelecia, e eles se sentiam inermes diante dela. Haviam se exposto com demasiada facilidade, depressa demais, tinham se mostrado vulneráveis.

No térreo, ele observou enquanto Julie se ajoelhava para estender uma

toalha úmida diante do fogo fumacento da lareira. Devia haver algo carinhoso a dizer que não fosse nem frívolo nem o expusesse ainda mais. Mas só restava a conversa fiada. Só conseguia pensar em pegar na mão dela, e no entanto não o fez. Tinham exaurido as possibilidades, a tensão do toque, haviam chegado ao limite. Por ora, tudo estava neutralizado. Caso ainda se encontrassem juntos, poderiam apelar para outros recursos, ignorar-se por certo tempo, empreender alguma tarefa ou, de um modo qualquer, enfrentar a perda. Mas não havia nada. Um triste orgulho os obrigou a uma troca de palavras em torno de um último bule de chá. Ele viu de relance o tipo de vida que ela estava levando. Os pinheiros cresciam praticamente grudados na casa e, como as janelas eram pequenas, todos os cômodos permaneciam na sombra mesmo num dia ensolarado. Ela mantinha a lareira funcionando durante todo o verão para controlar a umidade. Num canto da sala havia uma mesa de cozinha, com o tampo limpíssimo, sobre a qual se viam cuidadosamente empilhados todos os seus cadernos, velas para ler durante a noite, potes de geleia com as ervas e raras flores silvestres que encontrava na borda das plantações. Outro pote continha lápis apontados. Os violinos estavam num canto, no chão, dentro dos estojos, sem que a estante para a partitura fosse visível. Ele a imaginou vagando pelos caminhos rurais de concreto, pensando, ou tentando não pensar, em Kate, e voltando para praticar no silêncio sibilante.

A qualquer momento ele partiria a fim de cruzar a campina mecanicamente dócil e retornar à sua própria cela de ermitão. Sentado diante dela, observando como se curvava sobre o chá e aquecia as mãos em torno da xícara, ele não sentiu a menor emoção. Podia começar a aprender a forma de se distanciar de sua mulher. As unhas dela estavam roídas, os cabelos não tinham sido lavados, o rosto parecia contraído. Podia aprender a não amá-la, desde que tivesse condições de vê-la de tempos em tempos e se recordasse de que ela era mortal, uma mulher com quase quarenta anos, dedicada à solidão, a fazer sentido de sua conturbada vida. Mais tarde, poderia ser torturado pela recordação de seus braços magros despontando por baixo da manga do suéter rasgado e encantadoramente largo demais, que

ele reconheceu como sendo dele, e pela rouquidão da voz enquanto ela tentava controlar seus sentimentos.

Depois que ele se pôs de pé, uma despedida rapidíssima foi inevitável. Ela abriu a porta, houve um ligeiro aperto de mãos, e Stephen mal dera três passos no caminho quando ouviu a porta se fechar. Na portinhola, se voltou para dar uma última olhada. A casa podia ter sido desenhada por uma criança. Tinha formato de caixa, com a porta bem no centro, quatro janelinhas perto de cada canto e paredes cobertas com os mesmos tijolos vermelhos do Sino. Um caminho feito com os tijolos que sobraram fazia um S pouco acentuado entre o portão e a porta da frente. O chalé erguia-se numa clareira de uns quinze metros de largura. As árvores da plantação pressionavam por todos os lados. Por um momento ele pensou em regressar, mas não tinha ideia do que queria dizer.

E assim, por uma perversa cumplicidade no sofrimento, muitos meses se passaram antes que voltassem a se ver. Em seus melhores momentos, Stephen sentia que aquilo que havia ocorrido acontecera cedo demais: estavam despreparados. Nos piores, tinha raiva de si próprio por desfazer o que via como um progresso cuidadoso rumo à separação. Mais tarde, durante anos considerou um mistério sua insistência em não voltar para vê-la. Na época, argumentou da seguinte forma: Julie nunca o havia chamado. Ele próprio tivera a iniciativa daquela visita. Ela ficou bastante feliz em vê-lo, mas igualmente feliz quando o viu ir embora e pôde retomar sua solidão. Se o que tinha acontecido significava alguma coisa para ela, ela iria romper o silêncio. Se ele ficasse sem notícias, então só lhe restaria concluir que ela continuava querendo ficar sozinha.

Tinha parado de chover fazia tempo. Stephen atravessou a estrada perto do Sino com passos enérgicos, decidido a resistir a qualquer drama ou fenômeno adicional. Seguiu apressado pelo caminho de concreto na direção do grande campo. Tinha aceitado um convite para jantar com um casal em Londres conhecido pelas refeições rebuscadas que oferecia e por seu interessante círculo de amizades. Estava atrasado.

Quatro

Como o fizeram muitos antes de nós, devemos concluir que do amor e respeito pelo lar derivamos nossa mais profunda lealdade para com a nação.

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

A manhã corria alta e fazia um calor impressionante enquanto o comitê ouvia novos depoimentos. No dia anterior, a temperatura tinha ultrapassado trinta e oito graus, inspirando uma exultação patriótica nos jornais populares. A opinião abalizada julgava que a temperatura era útil ao governo, esperando agora marcas ainda mais altas. Dez minutos após o início da sessão, a pedido de Canham um funcionário trouxe um ventilador e o ligou numa tomada próxima ao presidente, para quem foi deferencialmente apontado. Durante o fim de semana, os trabalhadores haviam soltado as janelas de guilhotina, que agora, escancaradas, deixavam entrar o zumbido do tráfego lento em Whitehall. Uma mosca, presa entre as chapas paralelas de vidro quente, batia as asas de forma intermitente: à medida que avançava a manhã, as pausas se tornaram mais longas. No topo da enorme mesa, úmida ao toque, papéis avulsos ondulavam preguiçosos graças a um tênue sopro de ar quente.

Ao longo de mais de uma hora Stephen vinha contemplando suas mãos no colo. Ultimamente, o cheiro e a sensação de sua pele naquele calor despertavam recordações de uma infância solitária em países quentes — de perspiração, do aroma doce e penetrante de manga, legumes ingleses fervendo na cozinha, temperos nas latas pintadas com figuras de dragões e palmeiras e mantidas na casinha do quintal pela empregada doméstica. Certa vez ele levantara uma tampa e inalara a essência de uma substância de

flocos marrons. Quando entrou em casa e se postou na sala de visitas deserta, sob o vagaroso ventilador de teto, o gosto amargo e pútrido foi um segredo que se viu obrigado a guardar dos móveis encerados com lavanda da Royal Air Force.

Aquela era a Ásia dele: o cheiro masculino de cigarros e Flit, o mata-moscas; maciças poltronas com revestimentos florais, a do seu pai com o cinzeiro de latão preso por tiras de couro; em torno da poltrona de sua mãe, o perfume de sabonete rosa, o crochê que ela executava no calor pegajoso copiando modelos da revista *Woman's Realm*; nas paredes, curiosas silhuetas de zinco pintado de preto representando palmeiras e poentes; a empregada bonita que, segundo se dizia, dormia ao pé de sua cama durante a noite, embora ele nunca a visse; as cobras-d'água que viviam entre os lençóis e eram repelidas com orações; a primeira sala de aula, onde o calor extraía a fragrância de cedro do lápis entre seus dedos; e o tigre debaixo das palmeiras, emblema de sua escola e da cerveja do pai.

Certa tarde úmida ele seguira sua mãe escada acima e se deitara ao lado dela na imensa colcha de algodão canelado, no lado do cinzeiro e junto ao despertador tiquetaqueante. Ela fez a extravagante proposta de que os dois dormissem em plena luz do dia, muito antes da hora normal. Deitado de costas, ele observou o ventilador.

“Feche os olhos, meu filho”, ela disse. “Feche os olhos.” Ele fechou e, quando acordou, muito tempo havia passado. Ela já tinha ido embora, podia ouvi-la no andar de baixo falando e bebendo chá com amigas. Ele ficou impressionado: o sono não acontecia simplesmente, era alguma coisa que as pessoas controlavam fechando os olhos. O que mais elas controlavam?

Gostava de ouvir a mãe e as amigas. A conversa era sobre coisas que davam errado, sobre pessoas dizendo e fazendo coisas erradas, sobre doenças e os erros cometidos pelos médicos. Ninguém falava com as crianças sobre coisas que iam mal. As louças do chá eram recolhidas e as mulheres se dispersavam antes que seu pai chegasse em casa. Ele usava shorts largos e havia manchas de suor na camisa cáqui. Tão logo entrava, procurava por Stephen e fingia ser um bicho-papão, caçando-o e rosnando: “Fi fo fum,

sinto o cheiro do sangue de um inglês!”, fazendo-lhe cócegas e o atirando perigosamente para o alto. Depois que o sargento Lewis tinha acabado de tomar um banho de chuveiro e bebido uma cerveja feita com sangue de tigre, que Stephen tinha a permissão de servir, eles se sentavam para tomar chá e conversar mais sobre coisas que, interessantemente, estavam dando errado: um jovem oficial que não sabia o necessário; o engano cometido por outro sargento, ou como os políticos estavam aconselhando a RAF a fazer coisas erradas. Sua mãe então contava tudo que ouvira à tarde. Depois, Stephen tinha que ajudar a tirar a mesa enquanto a mãe lavava e o pai secava a louça.

Ocorreu a Stephen que, se ele pudesse controlar os acontecimentos da forma que sua mãe controlava o sono, ele faria de seus pais o Rei e a Rainha do mundo inteiro, e eles poderiam consertar todas as coisas que descreviam com tanta sabedoria. Seu pai não era mais forte que um bicho-papão? Nas competições do esquadrão, ele acelerava tanto as pernas que até parecia estar voando no salto triplo; carregava Stephen nas costas até a praia — onde, souberam depois, havia tubarões — e voltava da arrebentação com braçadas fortes, a cabeça e os ombros com um manto de algas, um tonitruante monstro marinho; os jovens oficiais lhe perguntavam o que deviam fazer, muito embora ele devesse chamá-los de senhor, enquanto seus comandados tinham horror de desagradá-lo, do mesmo jeito que Stephen e sua mãe.

E bem que ela era mais bonita que a Rainha da Inglaterra, com os dons adicionais de fazer vinte e um anos em todos os aniversários, de acertar na mosca com um rifle calibre .22 nas competições de tiro, de ouvir sons à noite que ninguém era capaz de ouvir, de saber quando ele estava tendo algum pesadelo porque sempre aparecia quando acordava no escuro. Eles frequentemente iam a uma festa especial no refeitório dos sargentos. Sua mãe usava longos vestidos de cetim, que ela mesma costurava. Seu pai usava o uniforme e sempre tomava uma cerveja antes de saírem. Às vezes dançavam na sala de visitas ao som das músicas transmitidas pelo Serviço de Rádio das Forças Armadas, uma valsa, um foxtrote ou um two-step, movendo-se com confiança no espaço entre os móveis, as costas retas e os

pés girando com perfeição. Nessa hora pareciam o elegante casal de dançarinos que rodopiava em cima da caixa de joias de sua mãe ao tinido metálico de “Für Elise”, figuras de sonho cujas feições se dissolviam em borrões cor-de-rosa quando a gente chegava muito perto.

Os sonhos eram perigosos: teria sido apenas um pesadelo quando a travessa de purê de batatas do almoço passou rente à cabeça do seu pai e se espatifou na parede, quando mais tarde sua mãe chorou ao juntar os cacos no avental e limpar a parede com um pano úmido? Ele teria sonhado com as vozes que falavam alto à noite no andar de baixo, foi um pesadelo quando viu através da porta aberta da cozinha seu pai com uma faca de trinchar, quando ele encostou o rosto vermelho e raivoso no de Stephen e o chamou de filhinho da mamãe, ou pior, o levantou na frente de visitas, como se fosse um bebezinho, para embalá-lo nos braços e fazê-lo parar de chorar?

Talvez ele fosse mesmo um filhinho da mamãe. Alguns anos depois, ainda dormia na cama dela sempre que o pai, agora subtenente, estava fora em algum treinamento. Isso aconteceu quando foram transferidos para o Norte da África. Quando Stephen entrou para os escoteiros e precisou ganhar o distintivo em trabalhos manuais, sua mãe o ajudara a fazer uma mobília de brinquedo. Ela acabou fazendo tudo sozinha: um conjunto de sofá e duas poltronas azuis, um aparador feito com uma caixinha de fósforos, um abajur de pé, tudo arrumado dentro da caixa de sapatos que servia como sala de visitas. Stephen levou aquilo para a reunião semanal numa grande barraca da base com a certeza de que o trabalho da mãe era seu de direito.

Era uma bela e frágil insone que se preocupava em silêncio com todo mundo menos com ela; sua preocupação era uma forma sutil de posse, aparentemente inseparável do amor quando dirigida a ele. Ela o confrontava com um mundo perigoso de germes invisíveis e correntes de ar em certos cômodos que podiam causar pneumonia. Alertava-o contra os perigos de usar roupas pouco arejadas, de pular refeições, de não vestir um suéter à noite. Embora por uma questão de lealdade fosse obrigado a se submeter às suas pequenas censuras, aprendeu a zombar delas como o pai.

Porque Stephen também era um filhinho do papai. Durante a crise do

Suez, todas as famílias se mudaram para os quartéis a fim de se proteger dos árabes da região. A sra. Lewis estava na Inglaterra visitando os parentes, e se seguiram excitantes semanas de ruptura das rotinas de escola e praia. Havia a novidade de deixar de ser o foco imediato da atenção dos pais, de viver em grandes tendas com os amigos que, na memória, eram todos meninos sardentos, de cabelos curtos e orelhas de abano como ele. Havia o cheiro de combustível dos caminhões na areia quente, os veículos militares que eram reproduções fiéis de seus brinquedos da marca Dinky, pedras limpas e caiadas ladeando cada caminho, arame farpado e ninhos de metralhadora cercados de sacos de areia. Acima de tudo, havia o oficial com responsabilidade direta sobre as famílias, seu pai, uma figura distante que ia de uma reunião para outra com uma pistola militar à cintura.

Quando aquilo acabou, houve outras excursões. Deixaram sua mãe em casa e, ao longo de estradas vazias, atravessaram o semideserto rumo ao campo de pouso do interior para verificar a velocidade máxima que o novo Morris Oxford preto era capaz de atingir. Saíam com um vidro de geleia para caçar escorpiões. Seu pai levantava uma pedra, e lá estava o inseto, amarelo e gordo, erguendo as pinças na direção deles num sinal de súplica. Ele usava o pé para encorajá-lo a entrar no vidro, Stephen com a tampa perfurada a postos. Os dois riam — Stephen sem jeito — quando sua mãe dizia que não conseguia dormir à noite por medo de que o escorpião escapasse e vagasse pela casa às escuras. Mais tarde, o inseto era entregue nas oficinas e preservado em formol.

A cada manhã, antes de ir para a escola, seu pai o levava ao banheiro, pegava dois dedos de Brylcreem no vidrinho e o aplicava com fanático vigor nos cabelos curtos de Stephen. Pegando firmemente o queixo do menino, com o pente de aço penteava os cabelos obedientes para baixo e repartia no meio, com precisão militar, deixando um sulco reto e cinzento. Uma hora depois a construção derretia sob o sol. Durante o verão de nove meses, eles passavam quase todas as tardes na praia, onde os oficiais e suas famílias ocupavam uma extremidade, e os demais, incluindo sargentos e subtenentes, a outra. Seu pai entrava na água até a altura do peito, contando devagar

enquanto Stephen se mantinha ereto sem nenhum apoio sobre os ombros dele, até que o riso ou o creme de cabelo escorregadio sob seus pés o fizessem cair. A contagem era interrompida quando uma onda passava por cima da cabeça do pai, mas só por alguns instantes. O recorde era quarenta e três quando a brincadeira acabou, pouco antes de Stephen ir para o colégio interno.

O Norte da África foi um idílio de cinco anos. Vozes raivosas não frequentavam mais os seus sonhos. O tempo era dividido entre a escola, que terminava na hora do almoço, e a praia, onde encontrava os amigos, todos eles filhos dos colegas do pai, homens que tinham galgado as patentes. Era lá que sua mãe encontrava as amigas, mulheres dos mesmos homens. Assim como os dois o envolviam com um amor feroz e possessivo, a RAF fazia coisa igual com sua família, escolhendo e definindo amigos, diversões, médicos e dentistas, escolas e professores, a casa, os móveis, até mesmo os talheres e as roupas de cama. Quando Stephen passava a noite na casa de um amigo, dormia entre lençóis conhecidos. Era um mundo seguro e ordenado, hierárquico e protetor. As crianças precisavam conhecer seus lugares e se submeter, como os pais, às exigências e limitações da vida militar. Stephen e seus amigos — embora não as irmãs deles — eram encorajados a chamar de “senhor” os colegas dos pais, como os meninos americanos da base aérea. Eram ensinados a dar preferência às senhoras ao passar pelas portas. Mas eram generosamente paparicados, estimulados, quase obrigados a se divertir. Afinal, seus pais haviam crescido durante a Depressão, por isso agora não faltavam limonadas, sorvetes, omeletes de queijo e batatas fritas. Na varanda do clube de praia, os pais se sentavam à volta de mesas de tampo de metal cobertas de canecas de cerveja, maravilhando-se com as diferenças entre suas vidas no passado e agora, entre suas infâncias e as de seus filhos.

O primeiro semestre de Stephen no colégio interno foi uma nuvem de ritos complexos, brutalidades e barulho constante, mas ele não ficou particularmente triste. Era por demais silencioso e alerta para se tornar uma vítima dos outros. Na verdade, mal reparavam nele. Continuava, no fundo, um membro de seu pequeno grupo familiar, e atravessou os noventa e um

dias até as férias de Natal decidido a sobreviver. Enfim de novo em casa, com a luz ofuscante e a janela do quarto dando para as tamareiras curvadas no céu azul-claro do inverno, ele retomou sem dificuldade seu lugar no triângulo. Só quando chegou a hora de voltar à Inglaterra, um dia depois do aniversário de doze anos, confrontado com a necessidade de começar a escalar outra montanha de dias, é que percebeu intensamente o que estava prestes a perder. Uma conta rápida demonstrou que, a partir de então, três quartos de sua vida seriam passados longe. De fato, tinha saído de casa. Seus pais devem ter feito o mesmo cálculo porque, ao atravessarem a vegetação baixa do deserto rumo à pista de pouso, a conversa foi artificialmente alegre, com planos para as próximas férias, entremeada de longos silêncios que não eram capazes de romper sem se repetirem.

No avião, uma velha senhora gentilmente permitiu que ele se sentasse à janela a fim de acenar para os pais. Podia vê-los melhor do que eles podiam vê-lo. Estavam a doze metros da ponta da asa, de braços dados onde o asfalto encontrava a areia. Sorriam e acenavam vigorosamente, baixavam os braços para descansar e voltavam a acenar. As hélices naquele lado do avião começaram a girar. Ele viu sua mãe virar de costas e enxugar os olhos. Seu pai pôs as mãos nos bolsos e voltou a retirá-las. Stephen tinha idade bastante para saber que um período de sua vida, um tempo de afinidades inequívocas, terminara. Apertou o rosto contra o vidro da janela e começou a chorar. O Brylcreem borrou todo o vidro. Quando tentou limpá-lo, seus pais interpretaram errado o movimento e voltaram a acenar. O avião se moveu, de repente eles não puderam mais ser vistos. Voltando-se para o interior da aeronave, ele confirmou suas piores suspeitas ao ver que a velha senhora o vinha observando e chorava também.

A presença de um estranho na sala, um homem macilento e ainda moço que aparentemente havia declinado a oferta de uma cadeira, despertou Stephen de devaneios desagradáveis. Já fazia meia hora que o homem estava falando. Curvado como um penitente, mantinha os dedos pálidos e meio azulados cruzados à frente do corpo. O queixo e a parte acima do lábio

superior, apesar de bem barbeados, exibiam um tom escuro que lhe dava a aparência honesta e entristecida de um chimpanzé, fortalecida pelos grandes olhos castanhos e pelos tufo de cabelos pretos, tão densos quanto pelos púbicos, que eram visíveis através da fina camisa de náilon branca e brotavam irreverentemente entre os botões. Stephen teve a impressão de que ele não mexia as mãos ao falar para evitar expor a extensão incomum dos braços e o fato de que os cotovelos se situavam alguns centímetros antes do lugar onde deveriam estar. A voz tinha um timbre forçado de tenor, as palavras eram enunciadas com precisão e cuidado como se a linguagem, uma arma perigosa, houvesse sido adquirida só recentemente e pudesse explodir na cara do usuário. Aturdido pela introspecção, Stephen estava tão chocado com a fisionomia do sujeito que ainda não conseguira absorver o que ele dizia. Os demais membros do comitê permaneciam sentados em silêncio, pelo jeito atentos, os rostos cortesmente despidos de qualquer expressão. Rachael Murray e um dos professores universitários tomavam notas. Para melhor concentrar-se, lorde Parmenter havia cerrado os olhos e respirava devagar e compassadamente através do nariz.

Após registrar a aparência do homem, Stephen tomou consciência de certa agitação entre os membros do comitê, uma inquietação que não podia ser justificada pelo tédio e pelo calor. As cabeças se voltavam em sua direção. Olhos que encontravam os seus se afastavam, aqui e ali — Rachael Murray, Tessa Spankey — se via um sorriso reprimido. Até lorde Parmenter mudara de posição e inclinava a cabeça coriácea na direção de Stephen. Esperavam que ele falasse? Já tinham lhe pedido isso? Esforçou-se para fixar sua atenção volúvel e indisciplinada naquele discurso tenso e monótono, com sua nota de súplica: Mas certamente todos concordarão comigo que é assim. Viu-se olhando diretamente no fundo dos honestos olhos castanhos. Devia intervir? Agora? Sacudiu a cabeça de leve e deu um sorriso cauteloso a fim de indicar tanto a compreensão total quanto uma reticência razoável, astuta.

“Comprovou-se acima de qualquer dúvida” — e por favor, os olhos pareciam dizer, não questione isso — “que usamos apenas uma fração desse infinito recurso intelectual, emocional, intuitivo. Recentemente foi

divulgado o caso de um jovem que obteve resultados excepcionais num curso universitário embora, como se descobriu, praticamente não tivesse cérebro, apenas uma fina camada de neocórtex revestindo o crânio. Está claro que vamos tocando em frente com muito pouco, e a consequência dessa falta de uso é que estamos divididos, profundamente afastados de nós próprios, da natureza e de seus incontáveis processos, de nosso universo. Membros do comitê, temos alimentado mal nossa capacidade de participação empática e mágica na criação, estamos ao mesmo tempo alienados e atrofiados pela abstração, afastados da apreensão profunda e imediata que é a principal característica de uma pessoa inteira, da ágil interpenetração entre o físico e o psíquico, de sua inseparabilidade fundamental.”

O homem que parecia um macaco fez uma pausa e passou os olhos brilhantes pelos ouvintes. Acariciou o lobo de uma orelha. “Se essas são as consequências cruéis, então qual é a causa, o que impede a mente em crescimento de atingir todo o seu potencial? Como vimos, o cérebro como órgão físico tem um padrão de desenvolvimento bastante definível. Assim como os dentes molares e as características sexuais secundárias surgem mais ou menos na mesma época da vida dos indivíduos, o cérebro igualmente tem surtos de crescimento que sem dúvida estão associados a ondas bem definidas no desenvolvimento e na capacidade mental. Ao forçar a alfabetização de uma criança entre os cinco e os sete anos, introduzimos um grau de abstração que esfacela a unidade da visão de mundo dessa criança, insere uma cunha fatal entre a palavra e a coisa que ela representa. Porque, como vimos, o cérebro humano nessa idade simplesmente não desenvolveu as competências lógicas superiores para lidar com facilidade e felicidade com o sistema fechado da linguagem escrita. A alfabetização não deveria ser ensinada a uma criança até que ela tivesse feito por conta própria, de acordo com a programação genética do crescimento do cérebro, a separação vital entre o eu e o mundo. Por esse motivo, senhor presidente, exorto a que as crianças não comecem a aprender a ler até os onze ou doze anos, quando seus cérebros e mentes sofrem um importante surto de crescimento que

torna possível tal separação.”

Stephen empertigou-se, um antigo truque dos mamíferos, talvez para parecerem maiores. A expectativa era que ele se justificasse como autor de livros infantis, um esfacelador de pequenos mundos.

O orador voltara a cruzar as mãos, os nós dos dedos ficando bem brancos. “A dança e todos os tipos de movimento”, ele disse, “a exploração sensual do mundo, música — pois, muito surpreendentemente, os símbolos musicais não são abstrações e sim instruções precisas para a execução de movimentos físicos —, pintura, a descoberta pela manipulação de como as coisas funcionam, matemática, que é mais lógica do que abstrata, e todas as formas de divertimento inteligente — essas são as atividades adequadas e essenciais para as crianças menores, permitindo que suas mentes permaneçam em harmonia com as forças da criação, fluam em conjunto com essas forças. Obrigar à alfabetização nesse estágio, dissolver a mágica identificação entre a palavra e a coisa, e através disso entre o eu e o mundo, é gerar uma autoconsciência prematura, um duro isolamento que buscamos nos explicar sem maior reflexão como individualidade.

“Na verdade, senhor presidente, isso não é nada menos que a expulsão do éden, pois seus efeitos duram a vida toda. A alfabetização prematura cria adultos nos quais uma empatia inteligente e espontânea com o mundo natural, com seus semelhantes, com os processos sociais, é atrofiada; cria adultos para quem a apreensão da unidade da criação permanecerá um conceito difícil, fugidio, vagamente compreensível, se tanto, mediante o estudo de textos místicos. Ao passo que”, e neste ponto o estranho baixou a voz e pousou de novo o olhar em Stephen, “ao passo que essa apreensão é uma dádiva para nós na infância. Não devemos arrancá-la das crianças com a nossa educação ansiosa e competitiva, com nossos livros complexos e intrusivos.”

Lá para o fim desses comentários, houve sorrisos em volta da mesa. O comitê estava se divertindo com a presença do que decidira ser um porralouca. Canham, responsável por avaliar as credenciais das pessoas que faziam apresentações, parecia desconfortável ao tomar notas num bloco. Um

dos professores, não Morley, enxugava o nariz com um lenço de papel para esconder o riso. O coronel Jack Tackle cruzara os braços no peito e curvara a cabeça, vibrando ligeiramente. Esses sinais furtivos suscitaram a simpatia de Stephen pelo orador. Terminada a apresentação, ele dava a impressão de lamentar a recusa da cadeira. Ficou de pé na cabeceira da mesa, os braços pendendo junto ao corpo, aguardando ser questionado ou dispensado. Ele desconhecia o fato de que o governo não tencionava ter uma cidadania mágica. Seu olhar havia perdido o brilho de desafio, ele contemplava um ponto bem acima da cabeça do presidente. Stephen teve vontade de apertar a mão do sujeito. Apenas para ser do contra, queria apoiá-lo. Mas agora tinha seus próprios interesses para defender. Lorde Parmenter havia gargarejado seu sobrenome num tom de pergunta.

“Só um cínico”, disse Stephen, varrendo a sala com os olhos, “diria que não é desejável atingir a plenitude da forma que nos foi descrita, ou realizar o potencial que cada um de nós possui. A questão, certamente, são os meios.”

Fez uma pausa, torcendo para que mais coisas lhe viessem à cabeça, e recomeçou, sem saber muito bem o que iria dizer. “Não sou filósofo, mas me parece... que há alguns problemas a serem considerados.”

Voltou a parar, recomeçando rapidamente em meio a um suspiro de alívio. “O senhor poderia ter descrito a escrita do mesmo modo como acabou de descrever os símbolos musicais — nesse caso um conjunto de instruções sobre o que fazer com os lábios, a língua, a garganta e a voz. É só mais tarde que as crianças aprendem a ler caladas, a ler para si próprias. Mas não tenho certeza de que qualquer dessas descrições, das notações musicais e da escrita, seja correta. Ambas as atividades parecem muito abstratas. E talvez certo tipo de abstração seja precisamente aquilo em que somos bons desde os primeiros dias. Os problemas surgem quando tentamos refletir acerca do processo e defini-lo. Toda melodia tem uma espécie de significado. É difícil dizer qual, mas uma criança não tem dificuldade em compreendê-lo. Ler e escrever são atividades abstratas, mas apenas na medida em que a fala também é. Uma criança de dois anos que começa a

falar frases inteiras está usando um conjunto fabulosamente complexo de regras gramaticais.

“Lembro que Kate, minha filha... mas não... a palavra escrita pode ser o próprio meio pelo qual o eu e o mundo se conectam, razão por que as melhores obras para crianças têm a qualidade da invisibilidade, elas te levam direto até as coisas a que dão nomes e, através de metáforas e imagens, são capazes de evocar sentimentos, cheiros, impressões para as quais não existem palavras. Uma criança de nove anos pode sentir isso intensamente. A palavra escrita é tanto uma parte daquilo que representa quanto a palavra falada — pense nos sortilégios escritos ao redor da tigela do feiticeiro, nas preces gravadas nos túmulos dos mortos, no impulso que move algumas pessoas a escrever obscenidades em locais públicos, enquanto outros precisam proibir livros que contêm obscenidades, no hábito de escrever Deus com D maiúsculo, na importância especial da assinatura escrita. Por que manter as crianças afastadas de tudo isso?”

Os olhos do homem de pé continuavam fixados nos de Stephen. Lorde Parmenter fechara outra vez os seus. Canham se erguera e conversava em murmúrios, através da porta aberta, com alguém no corredor.

“A palavra escrita é uma parte do mundo em que cada qual deseja dissolver seu eu infantil. Embora ela descreva o mundo, não é algo separado dele. Pense no prazer com que uma criança de cinco anos reconhece o nome das ruas, ou o abandono total de um garoto de dez anos ao ler um romance de aventuras. Não são as palavras que ele vê, ou a pontuação, ou as regras gramaticais: é o bote, a ilha, a figura suspeita detrás da palmeira.”

Ele piscou para repelir a imagem da filha, mais velha do que a conhecera, sentada na cama e absorta num romance. Ela virou uma página, franziu a testa, voltou atrás. Podia ter sido um livro que ele escrevera para ela. Tomou uma resolução, a imagem se esfumou, e ele continuou.

“A criança alfabetizada lê e ouve uma voz em sua cabeça. É algo imediato, íntimo, alimenta sua vida de fantasia, a liberta dos caprichos e inclinações dos adultos que podem ou não ter tempo de ler para ela.” Ele se encontrava na beira da cama de Kate, lendo para ela. Não estava certo sobre

qual das duas imagens preferia. Não estava nem mesmo certo... na verdade talvez fosse uma coisa muito boa passar os primeiros onze anos da vida tocando acordeão, dançando, desmontando velhos relógios, ouvindo histórias. No final provavelmente não faria nenhuma diferença uma coisa ou outra, nem havia como saber. Era aquele velho negócio de teorizar, tomar uma posição plantando a bandeira da identidade e da autoestima, e depois lutar com quem aparecesse até o amargo fim. Quando não havia nenhuma prova disponível, tudo se resumia à agilidade mental, à perseverança.

E não existia campo mais fértil para a especulação dogmaticamente travestida de fato do que os cuidados com as crianças. Ele tinha lido o material de apoio para os trabalhos do comitê, as passagens compiladas pelo departamento de Canham. Ao longo de três séculos, gerações de peritos, padres, moralistas, cientistas sociais, médicos — em sua maioria homens — vinham oferecendo catadupas de instruções e fatos constantemente cambiantes para benefício das mães. Ninguém duvidava da verdade absoluta das próprias opiniões, e cada geração sabia ter atingido o pináculo do bom senso e da percepção científica a que seus predecessores haviam meramente aspirado alcançar.

Ele tinha lido solenes pronunciamentos sobre a necessidade de prender os braços e pernas dos recém-nascidos a uma tábua de modo a evitar sua movimentação e ferimentos autoinfligidos; sobre os perigos da amamentação ou, em outros textos, a necessidade física e a superioridade moral de tal prática; sobre como o afeto ou o estímulo corrompem uma criança pequena; sobre a importância das lavagens intestinais, punições físicas rigorosas, banhos frios e, mais cedo ainda no século, de um suprimento constante de ar fresco, embora inconveniente; sobre a desejabilidade de intervalos cientificamente controlados entre as amamentações e, contrariamente, a amamentação feita sempre que o bebê revela fome; sobre os riscos de tirar da cama um bebê quando chora — porque isso o faz se sentir perigosamente poderoso — e de não o tirar quando chora — perigosamente impotente; sobre a importância das evacuações regulares, do treino no uso do penico aos três meses, da permanente atenção materna, dia e noite, o ano inteiro,

assim como sobre a necessidade de babás e creches de vinte e quatro horas; sobre as graves consequências de respirar pela boca, de tirar meleca, de chupar o dedo e de não contar com a mãe, sobre não ter o parto feito por um especialista sob luz intensa, sobre não ter a coragem de parir em casa, na banheira, de deixar que o bebê seja circuncidado ou tenha as amígdalas removidas; e, mais tarde, a destruição desdenhosa de todas essas modas: como as crianças deviam ter a permissão de fazer o que bem quisessem a fim de que suas naturezas divinas pudessem florescer, e como nunca é cedo demais para dominar a vontade de uma criança; a demência e a cegueira causadas pela masturbação, e o prazer e alívio que a masturbação traz para uma criança em crescimento; como o sexo pode ser ensinado fazendo referência a girinos, cegonhas, fadinhas das flores e bolotas de carvalho, ou jamais mencionado, ou apenas discutido com uma franqueza sombria e dolorosa; o trauma sofrido pela criança que vê seus pais nus, o distúrbio crônico alimentado por suspeitas estranhas se a criança somente os vê vestidos; como dar uma boa vantagem para seu bebê de nove meses ensinando-lhe matemática.

Lá estava Stephen, um soldado raso naquele exército de peritos, afirmando, com toda a força de que dispunha, que a época adequada para as crianças serem alfabetizadas era entre cinco e sete anos. Por que acreditava nisso? Porque era uma prática havia muito estabelecida, porque seu sustento dependia de que crianças de dez anos lessem livros. Estava argumentando como um político, como um ministro do governo, com paixão, aparentemente sem nenhum interesse pessoal. O estranho ouvia, a cabeça cortesmente inclinada para o lado, as pontas dos dedos da mão direita tocando de leve no tampo da mesa.

“A criança que sabe ler”, disse Stephen, “tem poder e, por meio dele, adquire confiança.”

Enquanto falava, e enquanto uma voz complicadora lhe dizia que seu agnosticismo era apenas outro aspecto do ressequido estado emocional em que se encontrava, Canham passou rápido e sussurrou algo ao ouvido do presidente. Ao som do gargarejo, Stephen parou em meio a uma frase e se

voltou para ver lorde Parmenter erguer um dedo sem grande energia. “O primeiro-ministro vai passar pelo corredor em menos de um minuto e deseja entrar para conhecer o comitê. Alguma objeção?”

Canham passou o peso do corpo de um pé para o outro, mantendo a mão esquerda sobre o nó da gravata. Deu alguns passos na sala como se fosse rearranjar os móveis, depois mudou de ideia e voltou para a porta. Por fim se ouviu um murmúrio de “nãos” ao longo da mesa. Claro que não havia objeções. Os membros do comitê estavam fazendo pequenos ajustes nas roupas, enfiando as camisas para dentro das calças, apalpando os cabelos, dando uma ajeitada na maquiagem. O coronel Tackle tornava a vestir o paletó de tweed.

Dois homens corpulentos de blazer azul entraram na sala, examinando o rosto dos presentes com um olhar neutro enquanto caminhavam na direção das janelas. Lá se postaram de costas para a sala, contemplando de cara amarrada alguns motoristas que não lhes deram a menor importância e continuaram a fumar. Trinta segundos se passaram antes que três homens com ar cansado e ternos amassados entrassem e cumprimentassem os membros do comitê. Imediatamente depois deles veio o primeiro-ministro, seguido de mais assistentes, alguns dos quais permaneceram à porta por não caberem na sala. Houve um princípio de movimento em torno da mesa, quando os membros fizeram menção de se levantar, interrompido por um aceno de mão de lorde Parmenter. Canham oferecia silenciosa e diligentemente uma cadeira, mas foi ignorado. O primeiro-ministro preferiu continuar de pé, tomando posição ao lado do presidente e, assim, usurpando habilmente seu poder.

Logo à sua frente, na extremidade oposta da mesa, estava o homem que se assemelhava a um macaco, com uma expressão de amistosa curiosidade. Para Canham, aquela atitude constituía uma violação do protocolo. Fazia sinais com a boca e com as mãos para o estranho, indicando que devia se afastar ou se sentar, mas foi mais uma vez ignorado. Lorde Parmenter iniciou as apresentações.

Stephen tinha ouvido dizer que, nos mais altos níveis do Serviço Civil,

havia uma convenção de jamais revelar, pelo uso de pronomes pessoais ou outros meios, qualquer opinião com respeito ao gênero do primeiro-ministro. A convenção sem dúvida tivera origem em algum insulto, mas, no correr de muitos anos, passara a ser uma demonstração de respeito, além de significar um teste de habilidade verbal e uma prova de bom gosto. Teve a impressão de que lorde Parmenter estava obedecendo à norma tácita em seus impecáveis comentários de boas-vindas, nos quais rendeu homenagem ao fato de que o atual exame das práticas de puericultura por diversos comitês de peritos se devia inteiramente ao interesse pessoal que dedicava a essas matérias a eminente autoridade, à qual gerações de pais e crianças certamente seriam gratas.

Apresentou então cada membro, não vacilando sequer um instante ao recordar seus nomes, sobrenomes, títulos e experiência profissional. Ao ouvir cada nome, o primeiro-ministro se inclinava minimamente. Stephen, o último a ser apresentado, teve tempo de notar como Rachael Murray corou quando seu nome foi pronunciado. O coronel Jack Tackle assumiu uma posição de sentido na cadeira. Stephen descobriu que o estranho era o professor Brody, do Instituto do Desenvolvimento, e que a sra. Hermione Sleep era um membro ao qual ele já tinha sido apresentado, mas de que não se lembrava. O leque de tendões em torno do pescoço de Emma Carew, uma diretora de escola alegre e anoréxica, retesou-se como as varetas de um guarda-chuva quando seu nome foi lembrado e pronunciado em voz alta.

Todos os membros do comitê, por mais calejados que fossem, sentiram algum temor reverencial. Durante anos, Stephen o descrevera apenas com palavras cáusticas ou irreverentes, imputando-lhe as mais cínicas intenções, declarando em várias ocasiões seu sentimento de puro ódio. Mas a figura ali de pé, sem as luzes dos estúdios a iluminá-lo, desprovido da moldura de uma tela de televisão, não era uma instituição ou uma lenda, e guardava pouca semelhança com as caricaturas dos cartunistas políticos. Até o nariz era parecido com qualquer outro. Tratava-se de um homem bem-posto e encurvado de sessenta e cinco anos, com um rosto encovado e um olhar baço, uma presença mais cortês que autoritária, vulnerável de um modo

desconcertante. Stephen sentiu vontade de se disfarçar. Seu impulso era o de se mostrar educado, agradar, proteger o primeiro-ministro de suas opiniões críticas. Afinal de contas, ele era o pai da pátria, o repositório de toda a fantasia coletiva. Por isso, quando chegou a hora de Parmenter anunciar seu nome, ele se viu inclinando a cabeça e até sorrindo com entusiasmo, como um cortesão numa peça de Shakespeare. Como último a ser apresentado, foi agraciado com uma pergunta:

“O senhor é o autor de livros infantis?”

Incapaz de falar, assentiu com a cabeça.

“Os netos do ministro das Relações Exteriores são leitores ávidos.”

Ele agradeceu antes de ter tempo de perceber que não recebera nenhum elogio. O primeiro-ministro fez algumas observações banais ao comitê, lembrando a importância da empreitada e a necessidade de que trabalhassem com afinco.

Os homens de blazer azul estavam se afastando das janelas, os assistentes e dois dos homens de ternos amassados se moviam na direção da porta, mantida bem aberta. Ouviram-se tosses e o arrastar dos pés daqueles que tinham esperado no corredor. O terceiro homem contornava as cadeiras trazendo uma mensagem para Stephen. O hálito do mensageiro cheirava a chocolate. “O primeiro-ministro gostaria de lhe dar uma palavra no corredor, se não se importa.”

Observado pelos colegas, Stephen seguiu o sujeito para fora da sala. A maior parte da comitiva se deslocava rumo à escada no fim do corredor. Os demais formaram um pequeno grupo a certa distância, aguardando. Um alto funcionário, que oferecia um documento para ser assinado, recebeu algumas instruções. Emitiu uma espécie de zumbido a cada instrução. Por fim, o documento foi assinado e ele se retirou. O comedor de chocolate empurrou Stephen para a frente. Não houve aperto de mãos ou palavras introdutórias.

“Entendo que o senhor é amigo íntimo de Charles Darke.”

Stephen respondeu: “É verdade”. Como suas palavras soaram secas demais, acrescentou: “Conheço Charles desde os tempos em que ele era editor”.

Tinham dado meia-volta e se moviam ao longo do corredor com passos de ruminantes. Os dois seguranças vinham logo atrás.

A pergunta seguinte demorou a sair. “E que notícias tem dele?”

“Mudou-se para o campo com a mulher. Venderam a casa.”

“Sei, sei. Mas ele teve um colapso nervoso, está doente?”

Stephen resistiu à vontade de se fazer importante contando do pouco que sabia. “A mulher dele me mandou um cartão convidando para visitá-los. Disse que estão felizes.”

“Foi a mulher quem o fez pedir demissão?”

Chegaram ao topo da escada e pararam, flanqueados pelos dois seguranças, contemplando os largos degraus de mármore.

Por um momento encarou o primeiro-ministro. Não sabia se a conversa era relevante ou trivial. Negou com um gesto de cabeça. “Charles passou muito tempo na vida pública.”

“Bastante. Ninguém desiste sem uma razão muito boa.”

No caminho de volta para a porta do comitê, o tom mudou. “Eu gostava do Charles Darke. Mais do que a maioria das pessoas imaginava. É um homem talentoso, e depositava muitas esperanças nele.” Diminuíram o passo porque estavam quase ao alcance dos ouvidos dos assistentes. “As informações pessoais chegam a mim muito insípidas, compreende o que estou dizendo?”

“Quer persuadi-lo a voltar?” Mas não cabia a Stephen fazer perguntas.

O primeiro-ministro ergueu uma mão pequena, num dos dedos havia um anel simples de ouro. Um assistente que aguardava se destacou do grupo. “Talvez, depois de sua visita, o senhor possa me dizer como o encontrou.” O assistente meteu a mão dentro de uma pasta de documentos e passou a Stephen um pequeno cartão.

Estava prestes a dizer que não poderia prometer muito, mas houve um sinal indicando que a entrevista havia chegado ao fim. Outro membro da comitiva estava ao lado do primeiro-ministro e abria uma agenda de compromissos, enquanto todos se dirigiam rapidamente à escada.

Stephen se sentou em meio ao silêncio geral. Só lorde Parmenter parecia

genuinamente desinteressado, até mesmo algo irritado com a interrupção. Aguardou até que Stephen se acomodasse, perguntando depois ao professor Brody se desejava falar de novo.

O indivíduo esquelético fez que sim com a cabeça e, mediante um movimento ágil e quase inconsciente dos dedos, enfiou para dentro da camisa alguns pelos negros que escapavam entre os botões, só depois cruzando as mãos à sua frente e anunciando que, se o comitê não se importasse, comentaria os pontos na ordem em que haviam sido levantados.

As restrições ao uso da água haviam reduzido a pó os jardins dos subúrbios de West London. Os intermináveis alfeneiros estavam marrons, quebradiços. As únicas flores que Stephen viu na longa caminhada da estação de metrô — a última da linha — foram gerânios sub-reptícios nas beiradas das janelas. Os pequenos quadrados de grama tinham se transformado em terra queimada, da qual até as folhas secas desapareceram. Um gozador plantara alguns cactos. Representações pastorais mais incisivas podiam ser vistas naqueles jardins que tinham sido cobertos de cimento pintado de verde. Os anõezinhos com casacos vermelhos e mangas arregaçadas que costumavam fazer girar os moinhos estavam imóveis, abobalhados pelo sol.

A rua onde seus pais moravam era reta e sem lojas, estendendo-se por dois quilômetros e meio como parte de um conjunto construído na década de 1930 e, no passado, desdenhado pelos que preferiam casas geminadas em estilo vitoriano, porém agora transformado em objeto de desejo pela migração dos centros urbanos. Eram residências acachapadas e mal-acabadas que, sob os telhados quentes, sonhavam com o mar alto porque havia uma vigia ao lado da porta principal, e as janelas do andar de cima, com molduras de metal, tentavam sugerir a ponte de um transatlântico. Ele caminhou devagar através do silêncio enevoado rumo ao número 763. Um losango de cocô de cachorro esfarelou-se sob seu pé. Perguntou-se, coisa que fazia a cada visita, como era possível haver tão pouca atividade numa rua com tantas casas grudadas — nenhuma criança jogando bola ou pulando amarelinha na calçada, ninguém desmontando uma caixa de mudanças,

ninguém entrando ou saindo de alguma casa.

Vinte minutos depois estava sentado num pátio ensombreado com seu pai, tomando uma cerveja apanhada na geladeira e se sentindo bem à vontade. A ordem das ferramentas de jardim limpas e afiadas, nos seus devidos lugares, as lajes cor-de-rosa recentemente varridas e a vassoura pendurada no gancho correto da parede, a mangueira bem enrolada em seu suporte de metal, a proscria torneira de latão reluzente — detalhes que o haviam oprimido quando adolescente agora limpavam a mente e a deixavam desimpedida para coisas mais essenciais. Dentro e fora de casa havia uma preocupação com os objetos, sua limpeza e disposição ordenada, que ele não mais considerava a exata antítese de tudo que era humano, criativo e fértil — palavras-chave em seus cadernos de adolescente furioso. De onde estavam sentados com suas cervejas, viam-se jardins igualmente bem cuidados, gramados marrons, cercas creosotadas, telhados cor de laranja e, contra um céu azul-escuro, apenas as duas pernas de uma torre de transmissão elétrica cujo corpo não era visível pois ficava acima da infeliz casa do vizinho.

As mentes estavam liberadas para conversar sobre o tempo.

“Meu filho”, disse o pai, inclinando-se com um arquejo em sua cadeira de armar para reencher o copo de cerveja de Stephen, “não me lembro de um verão mais quente que este em setenta e quatro anos. Faz calor mesmo. Na verdade, eu diria que está fazendo calor demais.”

Stephen disse que isso era melhor que úmido demais, e seu pai concordou.

“Prefiro isso mil vezes, não importa o que digam sobre os reservatórios ou sobre o que causa ao nosso gramado. Dá para a gente se sentar do lado de fora. Certo, na sombra, se for preciso, mas ainda assim ficamos do lado de fora, e não lá dentro. Aqueles verões úmidos que sua mãe e eu vivemos só vão prestar para doer os seus ossos, quando você chegar à nossa idade. Sou muito mais o calor.” Stephen estava prestes a falar, porém seu pai continuou, um pouco irritado. “O fato é que as pessoas nunca estão satisfeitas. Ou está quente demais, ou frio demais, ou úmido demais, ou seco demais. Uma merda, nunca estão satisfeitas. Não sabem o que querem. Comigo não.

Nunca nos queixamos de um tempo como este lá atrás, hein? Na praia todos os dias, água perfeita, nadando.” E, tendo recuperado seu habitual bom humor, ergueu o copo e tomou um bom gole, enquanto marcava com o pé no chinelo um ritmo triunfante.

Ficaram sentados por alguns minutos num silêncio caseiro, descontraído. Da cozinha, onde sua mãe preparava um assado, vieram os sons tranquilizantes do forno sendo aberto e fechado, uma pesada colher tirando alguma coisa de uma panela. Mais tarde, graças à insistência de seu pai, ela se juntou a eles para beber seu xerez. Tirou o avental antes de se sentar e o dobrou com cuidado sobre o colo. As inúmeras ansiedades associadas ao preparo de uma refeição com três pratos animavam seu rosto. Mantinha a cabeça inclinada na direção da janela da cozinha, ouvindo como ia o cozimento dos legumes.

A conversa sobre o tempo foi retomada, dessa vez com referência aos efeitos sobre o jardim, seu amor especial.

“É uma vergonha total”, ela disse. “Tínhamos plantado tanta coisa, não foi? Ia ficar uma beleza.”

O pai de Stephen sacudia a cabeça. “Eu estava dizendo agora mesmo para o Stephen. É melhor do que ficar sentado lá dentro o dia inteiro vendo a chuva cair e acreditando que talvez fique melhor amanhã. E aí não fica.”

“Eu sei”, ela concordou. “Mas gosto de ver as coisas crescerem. Não gosto de ver elas morrerem.” Terminou o xerez e disse: “Quanto tempo mais vocês querem?”. O pai de Stephen olhou para o relógio. “Vamos tomar outra cerveja.”

“Então posso servir à uma e meia?”

Ele assentiu.

Franzindo a testa ao sentir a fisgada de dor quando se levantou da cadeira, ela disse: “Bom, desde que eu saiba o que estou fazendo”. Deu uma palmadinha no joelho do filho e caminhou apressada para dentro.

O pai a seguiu e retornou com duas latas de cerveja. O alto gemido que deu ao se sentar foi menos uma expressão de dor que uma forma de autozombaria. Apoiando as latas nos braços da cadeira, deixou-se cair e

sorriu, fingindo por um instante estar exausto de tantos esforços. Depois que encheram os copos de novo, ele perguntou a Stephen sobre o comitê e ouviu pacientemente o relato das sessões.

A conversa de Stephen com o primeiro-ministro não o impressionou. “Estão atrás do que podem, meu filho. Já te disse antes, está perdendo tempo lá. O relatório já foi escrito em segredo e a coisa toda é mesmo um monte de porcaria. Na minha opinião, esses comitês são papo-furado, professor Fulano e lorde Sicrano! Tudo para fazer as pessoas acreditarem no relatório quando lerem, e a maioria dessa gente é tão babaca que vai acreditar no que lê. Lorde Sicrano emprestou seu nome a isso, então deve ser verdade! E quem é esse lorde? Alguém que disse as coisas certas a vida toda, não ofendeu ninguém e ganhou um dinheirinho. A palavra certa no ouvido certo, e está na lista dos melhores alunos, de repente é um deus, a palavra dele é lei. É um deus. Lorde Fulano disse isso, lorde Fulano acha aquilo. Esse é o problema com o país, muitas reverências e salamaleques, todo mundo curvando a cabeça para os lordes e os senhores, ninguém pensando por conta própria! Não; eu, se fosse você, caía fora. Está perdendo seu tempo lá. Aproveita para escrever um livro. Está na hora de fazer isso. Kate não vai voltar, Julie foi embora. É melhor você seguir em frente.”

O discurso não tinha sido planejado, e surpreendeu a ambos. Stephen sacudiu a cabeça, porém não sabia o que dizer. O sr. Lewis acomodou-se de novo na cadeira. Os dois homens ergueram os copos e beberam longamente.

Houve um ou dois minutos, pouco antes do almoço, em que Stephen ficou sozinho do lado de dentro. Seu pai tinha ido ajudar na cozinha. A sala se estendia da frente aos fundos da casa, com a mesa numa extremidade e o conjunto de sofá e duas poltronas na outra. Esta era a casa de seus pais, e a primeira que tinham mobiliado de acordo com seu gosto. Por todo lado havia objetos coletados nos muitos postos, coisas guardadas em caixas durante anos “até termos nossa casa” — uma expressão de que ele se recordava desde a mais tenra infância. O cinzeiro com as tiras de couro estava no lugar, assim como as silhuetas de palmeiras e os potes de latão do Norte da África. No aparador, a coleção de animais de cristal ou de vidro da

mãe, belamente reproduzidos, pontiagudos e pesados. Ele equilibrou na palma da mão um camundongo com olhos feitos de contas e bigodes de náilon.

Sobre a mesa havia taças de vinho com longos pés esverdeados. Costumava pensar nessas taças como senhoras com luvas longas. Os jogos americanos tinham a insígnia da RAF, as colheres de café, os brasões de cidades que Stephen visitara — Vancouver, Ancara, Varsóvia. Estranho como todo o passado podia caber numa sala, removido do tempo e marcado por uma mistura de cheiros familiares que não tinham data — cera de lavanda, cigarros, sabonete perfumado, carne assada. Tais objetos, esse aroma particular... suas resoluções e a importância precisa das indagações estavam começando a lhe escapar. Ele tinha certas perguntas a fazer, alguns tópicos que desejava levantar, mas estava se sentindo confortavelmente aéreo com três copos de cerveja e também esfomeado, porque agora sua mãe passava pela abertura na parede que dava para a cozinha as tigelas de legumes cobertas, as quais deviam ser postas sobre rechôs; seu pai havia trazido uma garrafa de vinho, feito em casa em quatro semanas a partir de um kit especial, e enchia as taças até em cima, como era seu hábito; o primeiro prato tinha sido servido, cada fatia de melão com sua reluzente cereja. Ele se sentou, grato, e, quando seus pais também se acomodaram, os três ergueram as taças e a mãe disse: “Bem-vindo a casa, meu filho!”.

Ao ver os rostos dos pais, Stephen não reparava tanto nos efeitos da idade mas na devastação causada pelo desaparecimento de Kate. Ela agora era raramente mencionada, razão pela qual tanto se surpreendera vinte minutos antes. A perda da única neta tinha embranquecido os cabelos do pai em dois meses, enquanto os olhos da mãe se afundaram em meio às rugas. Os anos da aposentadoria haviam sido construídos em torno da neta, para quem aquela sala fora um paraíso de objetos proibidos. Ela podia passar meia hora sozinha, o queixo apoiado no aparador, costurando obscuros diálogos em que fazia as vozes da bicharada em chiados agudos. Exceto pelos sinais físicos, Stephen não flagrara o sofrimento de seus pais. Eles não desejavam deixar o fardo dele ainda mais pesado. Era típico daquilo que os unia o fato

de nunca terem sido capazes de chorar juntos por Kate. Pronunciar seu nome, como o pai fizera, significava romper uma regra não escrita.

Só perto do fim da refeição Stephen fez um esforço e tocou na questão das bicicletas. Tinha uma recordação, disse, que não conseguia situar. Descreveu o assento de criança, o caminho rumo ao mar, o monte de seixos e o ruído trovejante do outro lado. Seu pai estava sacudindo a cabeça com ar desafiador, como costumava fazer quando confrontado com o passado irrecuperável. Mas a sra. Lewis foi rápida.

“Foi em Old Romney, no Kent. Passamos uma semana lá.” Tocou no antebraço do marido. “Não se lembra? Pedimos emprestadas de volta as bicicletas ao Stan. Umas velharias. Ficamos uma semana, e não houve um único dia em que não tivesse chovido.”

“Nunca estive em Old Romney em toda a minha vida”, disse o pai de Stephen, porém agora hesitante, esperando ser convencido.

“Alguma coisa a ver com um curso que você estava fazendo, e tivemos uma semana de folga. Ficamos num *bed and breakfast*, não lembro agora do nome, mas muito simpático, muito limpo.”

“Pediram emprestadas de volta as bicicletas”, disse Stephen.

“Isso mesmo. Tivemos elas durante anos, compramos quando eram novas e demos a seu tio Stan quando fomos para o exterior.”

Dessa vez o pai foi inequívoco. “Tivemos todo tipo de bicicletas, mas nunca uma nova. Não tínhamos dinheiro para comprar. Não naquela época.”

“Bom, pois te digo que compramos, pagando em mil prestações. Demos ao Stan e pedimos de volta para ir a Old Romney.”

A certeza dele com respeito às bicicletas fortaleceu sua resistência a Old Romney. “Nunca estive nesse lugar. Nem perto dele.”

A fim de ocultar sua irritação, a mãe de Stephen se levantou para pegar as travessas. Baixou a voz, furiosa: “Você esquece das coisas quando te convém”.

O sr. Lewis enchia as taças e lançou a Stephen um olhar cômico, como quem diz: Veja no que fui me meter.

O bom humor retornou facilmente durante o café, quando a conversa mudou para o enterro de um parente idoso no cemitério de Wimbledon na semana anterior. A mãe de Stephen contou a história, interrompendo-se para enxugar as lágrimas. Um menino ainda pequeno, bisneto do falecido, deixara cair um ursinho de pelúcia na cova durante a cerimônia, e ele lá ficou, de costas em cima do caixão, contemplando os presentes com um olhinho a menos. O garoto abriu um berreiro bem no meio da cantilena do padre. Ouviram-se risadinhas e olhares furibundos entre os familiares. Como ninguém queria descer para pegar o ursinho, ele foi enterrado junto com o morto.

“E deixando mais saudade”, acrescentou o pai de Stephen, que tinha ouvido a história mais de uma vez e abria um largo sorriso.

Quando os três começaram a lavar a louça, seguiram a velha rotina. Sua mãe começou na pia enquanto Stephen e o pai recolhiam as travessas e os pratos. Quando já havia bastante coisa para secar, Stephen foi para a cozinha ajudar. Seu pai passou um pano na mesa depois de tudo terminado, juntando-se a seguir aos dois para também secar a louça e guardá-la. A sra. Lewis sempre os expulsava da cozinha a fim de lavar e secar ela própria as panelas onde havia cozinhado os legumes e assado a carne. Toda a operação continha elementos de dança, ritual e manobra militar. Agora que seus próprios arranjos eram tão caóticos, Stephen encontrou alívio naquele processo, que antes o deixava desesperado. Durante a segunda etapa, quando seu pai passava energicamente cera na mesa, e Stephen estava sozinho com a mãe na cozinha, ele voltou a falar sobre as bicicletas. Onde tinham sido compradas?

Ela não ficou curiosa em relação ao motivo pelo qual Stephen desejava saber. Mantendo as mãos enluvadas sob a espuma, inclinou a cabeça e refletiu. “Antes de você nascer. Antes de nos casarmos, porque costumávamos sair para namorar andando de bicicleta. Eram umas belezas, pretas com letras douradas, pesavam uma tonelada.”

“Conhece um pub chamado O Sino, perto de Otford, no Kent?”

Ela negou com a cabeça. “É perto de Old Romney?”, perguntou, quando

o sr. Lewis entrou na cozinha. Precisamente com o impulso a que tencionara resistir — o de garantir que a tarde corresse tranquilamente, não provocar discórdias, por menores que fossem —, Stephen achou melhor não fazer mais perguntas.

Depois que tudo foi lavado e guardado em seus devidos lugares, se sentaram e bateram papo até chegar a hora de ele partir para pegar o último trem. Reuniram-se para dizer adeus no degrau da porta, o ar quente lá fora. Uma tristeza bem conhecida se abateu sobre seus pais, as vozes mais baixas embora suas palavras fossem bastante alegres. Em parte, ele supunha, porque estava mais uma vez saindo de casa, como fizera tantas vezes em trinta anos, cada ocasião uma encenação não reconhecida da primeira; e, em parte, porque estava saindo sozinho, sem mulher ou filha, nora ou neta. Qualquer que fosse, a causa não seria manifestada. Como sempre, ficaram no caminho da frente acenando para o filho enquanto ele se afastava no lusco-fusco prateado, acenando, descansando os braços, voltando a acenar como tinham feito na pista de pouso deserta, até que uma ligeira curva na rua impediu que continuassem a vê-lo. Era como se quisessem confirmar com seus próprios olhos que ele não mudaria de ideia, não se viraria de repente e voltaria para casa.

Cinco

Não foi sempre que uma minoria substancial, composta dos membros mais frágeis da sociedade, usou roupas especiais, esteve livre da rotina do trabalho e de muitas limitações a seu comportamento e pôde dedicar às brincadeiras a maior parte do tempo. Cumpre lembrar que a infância não é uma ocorrência natural. Houve épocas em que as crianças eram tratadas como pequenos adultos. A infância é uma invenção, uma criação social, que a sociedade tornou possível à medida que cresceu em sofisticação e adquiriu maiores recursos. Acima de tudo, a infância é um privilégio. Não se deve permitir que, ao ficar mais velha, a criança esqueça que seus pais, como corporificação da sociedade, são aqueles que lhe concedem tal privilégio, e o fazem às suas custas.

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

Stephen dirigia um carro alugado numa estrada secundária deserta, rumando para leste na direção da parte central de Suffolk. O teto solar estava totalmente aberto. Cansado de procurar música tolerável no rádio, se contentara com o som do ar quente entrando veloz, além da novidade de estar guiando um carro pela primeira vez em mais de um ano. Um cartão-postal que escrevera para Julie se encontrava no bolso de trás da calça. Ela parecia querer ficar sozinha. Não se decidia a pô-lo no correio. O sol ia alto às suas costas, proporcionando uma visibilidade luminosa. A estrada era ladeada por valas de irrigação feitas de concreto, fazendo amplas curvas através de quilômetros em meio às plantações de coníferas que se erguiam mais além de uma larga faixa de tocos de árvores e plantas ressequidas.

Dormira bem na noite anterior, recordou-se mais tarde. Estava relaxado, embora razoavelmente alerta. Mantinha a velocidade entre cento e dez e cento e vinte, baixando um pouco quando se aproximou de uma grande carreta cor-de-rosa.

No que se seguiu, a rapidez dos acontecimentos foi facilitada pela desaceleração do tempo. Preparava-se para ultrapassar quando algo ocorreu — não viu exatamente o quê — na área das rodas da carreta, um hiato, uma nuvem de pó, e então uma coisa preta e longa voou como uma cobra em sua direção de uma distância de uns trinta metros. Bateu no para-brisa, grudou-se nele por um momento e desapareceu antes que ele pudesse compreender do que se tratava. E então — ou isso aconteceu no mesmo instante? — a traseira da carreta fez uma série de movimentos complicados, saltos e bamboleos, mudando de direção em meio a uma chuva de centelhas, brilhantes até mesmo sob a luz do sol. Algo curvo e metálico se deslocou rapidamente para um lado. Até então Stephen só tivera tempo de mover o pé na direção do freio, tempo de notar um cadeado balançando na ponta de uma lingueta solta e um “Me lave” rabiscado na porta enlameada. Houve um rinchar de metal arranhado e novas centelhas, suficientemente densas para formarem uma chama branca que pareceu impelir a traseira da carreta para cima. Ele aplicava a primeira pressão no pedal de freio quando viu as rodas empoeiradas girando, a massa coberta de óleo do diferencial, o eixo, e agora, na altura dos seus olhos, a base da caixa de marchas. Emborcado, o veículo quicou no bico do capô uma vez, talvez duas, e então, preguiçosamente, hesitantemente, iniciou uma cambalhota completa, mostrando a Stephen a grade do radiador de cabeça para baixo e o brilho do para-brisa ao rumar para o chão; ouviu-se um grande estrondo quando o teto bateu na estrada, subiu de novo e seguiu adiante numa cama de fogo. Mais à frente, o caminhão girou, bloqueando a estrada, tombou de lado e parou abruptamente, enquanto Stephen, distante dele menos de trinta metros, se aproximava a uma velocidade que, com grande afastamento emocional, estimou ser de uns setenta quilômetros por hora.

Naquele instante, graças à desaceleração do tempo, lhe veio a sensação de

um novo começo. Ele tinha penetrado num período muito posterior em que todos os termos e condições haviam sido alterados. Ali estavam as novas regras, e sentiu uma espécie de pasmo, como se estivesse andando sozinho numa vasta cidade de um planeta recém-descoberto. Havia espaço também para um pequeno desgosto, uma genuína saudade dos velhos tempos em que era possível desfrutar do espetáculo de ver um caminhão rodopiar de modo tão espalhafatoso diante de uma testemunha impassível. Agora era um tempo mais exigente em matéria de esforço e de concentração. Ele apontava o carro para uma abertura de um metro e oitenta entre um sinal de estrada e o para-choque da carreta imóvel. Tinha retirado o pé do pedal do freio, raciocinando — e era como se acabasse de concluir uma monografia sobre o assunto — que aquilo estava puxando o carro para um lado, interferindo na sua pontaria. Em vez disso, reduzia a marcha e segurava o volante com as duas mãos de modo firme, mas não exagerado, pronto para erguê-las a fim de proteger a cabeça caso errasse. Transmitiu mensagens ou, melhor dizendo, mensagens fluíram dele para Julie e Kate, nada mais distinto que pulsações de alarme e de amor. Havia outros para quem caberia enviá-las, ele sabia, mas o tempo era curto, menos que meio segundo, e felizmente seus nomes não lhe vieram à mente para confundi-lo. Ao engatar a segunda marcha, o pequeno carro soltou um urro de protesto, mas era claro que ele não devia refletir muito, que precisava confiar num pensamento descontraído e desconectado, que cumpria imaginar-se passando pela abertura. Ao som dessa palavra, que deve ter pronunciado em voz alta, houve um forte som de metal e vidro sendo esmagados, e ele se viu do outro lado, parando, com a maçaneta da porta e o espelho lateral largados na estrada quinze metros atrás.

Antes do alívio, antes do choque, lhe veio a intensa esperança de que o motorista da carreta houvesse testemunhado sua proeza de direção. Stephen ficou sentado, imóvel, segurando ainda o volante, observando-se pelos olhos do homem no veículo que vinha atrás. Se não o motorista, qualquer um que estivesse por ali, talvez um fazendeiro, alguém que entendesse de dirigir e fosse capaz de apreciar totalmente sua façanha. Queria uma salva de palmas,

queria um passageiro no banco da frente se voltando agora para ele com os olhos brilhando. Na verdade, queria Julie. Começou a rir e gritar: “Viu isso? Viu isso?”. E depois: “Você conseguiu! Você conseguiu!”. A experiência toda não durara mais de cinco segundos. Julie teria gostado do que aconteceu com o tempo, como a duração se conformou à intensidade do evento. Estariam falando sobre isso agora, excitados por estarem vivos, curiosos para compreenderem o que aquilo devia significar, que importância teria para o futuro dos dois. Riu de novo, mais alto, e soltou um grito de guerra. Estariam se beijando, pegando uma das garrafas de champanhe do banco de trás, começando a tirar a roupa um do outro, comemorando, em meio à poeira que baixava, o fato de haverem sobrevivido. Que experiência fantástica! Cobriu o rosto com as mãos e chorou um pouco, descontrolado. Assoou o nariz com força numa flanela amarela, fornecida pela locadora de veículos, e desceu do carro.

Para estar observando Stephen, o motorista precisaria ter cortado um buraco no teto da cabine. Stephen não sabia disso ao caminhar pela estrada na direção do caminhão. A frente estava tão violentamente amassada e rasgada que no começo foi difícil decidir para onde ela estaria voltada se continuasse inteira. Sempre cuidadoso, chutou para o acostamento a maçaneta e o espelho lateral destruídos. O ar à frente estava distorcido pelos vapores que escapavam do diesel. Estilhaços de vidro faziam um som desagradável ao serem triturados sob seus pés. Ocorreu-lhe que o motorista podia estar morto. Aproximou-se da cabine com cautela, tentando localizar a porta ou outra abertura qualquer. Mas a estrutura se dobrara, parecia um punho cerrado ou uma boca banguela bem fechada. Pisou nos ferros retorcidos e levantou o corpo até que seu rosto atingiu o nível do para-brisas. O vidro se esmigalhara, transformando-se numa superfície leitosa, opaca. Subindo mais, descobriu uma janela lateral, porém só viu o forro do teto da cabine pressionado contra o vidro. A estrada era tão limpa que ele teve de saltar por cima da vala de irrigação e procurar em meio à folhagem para achar uma pedra grande. Voltou com ela e bateu nos destroços.

Limpou a garganta e gritou, absurdamente, em meio ao silêncio: “Ei,

pode me ouvir?”. E ainda mais alto: “Alô!”. Ouviu algo se mexer no fundo da cabine, seguido de curto silêncio; depois, uma voz de homem bem próxima pronunciou duas palavras abafadas. Era uma acústica amortecida, um murmúrio em um cômodo atulhado de mobília. Gritou outra vez, mas logo se deteve. Tinha gritado enquanto a voz repetia aquelas palavras. Dessa vez esperou vários segundos, varrendo com os olhos a montanha de cromo e metal à procura de uma fenda. Quando voltou a gritar, a voz respondeu duas palavras curtas. Estou aqui? Me ajuda? Contornou a cabine, tentando controlar a agitação em sua própria voz. “Não entendo o que você está dizendo. Estou tentando te encontrar.”

Voltou à posição original. Houve uma pausa na qual, segundo Stephen imaginou, o sujeito reunia suas forças.

Ouviu um forte sorvo de ar e uma voz que dizia: “Olha pra baixo”.

Havia uma cabeça aos pés de Stephen. Projetava-se de uma fenda vertical no aço. Havia também um braço nu, enfiado debaixo da cabeça, apertando o rosto e tapando parcialmente a boca. Stephen ajoelhou-se. Não tinha qualquer pudor em tocar na cabeça do estranho. Os cabelos eram castanho-escuros e abundantes. No topo existia uma pequena área de calvície, do tamanho de uma moeda grande. O rosto estava encostado no asfalto, mas Stephen podia ver que pelo menos um dos olhos se encontrava fechado.

A fenda na verdade era o espaço entre duas seções amassadas de placas de metal. Dava para ver a parte de cima dos ombros do homem na semiobscuridade, o xadrez vermelho e preto da camisa de trabalho. Bateu de leve em seu rosto, e os olhos se abriram.

“Está sentindo alguma dor?”, Stephen perguntou. “Pode esperar enquanto eu busco ajuda?” O sujeito tentava falar, mas o antebraço preso sob a mandíbula dificultava a pronúncia das palavras. Stephen ergueu a cabeça com as duas mãos e usou o pé para empurrar o braço, libertando-o.

O homem grunhiu e cerrou os olhos. Quando os abriu, disse: “Você tem aí papel e lápis, companheiro? Quero que tome nota duma coisa pra mim”. Sotaque de Londres, voz grave e amigável.

Stephen tinha um caderno de notas e um lápis no bolso, mas não os

pegou. “Precisamos tirar você daqui. Pode estar perdendo sangue. Tem combustível por toda parte.”

O sujeito respondeu de forma razoável. “Acho que não vou escapar dessa. Me faz um favor e anota umas mensagens. Depois, se você me salvar, não fez mal em anotar, não é mesmo?” Stephen era tão atencioso em matéria de mensagens finais como qualquer outra pessoa.

“Esta é para a Jane Field, Tebbit House, número dois três um seis, Anzio Road, South West Nine.”

“Não é longe de onde eu moro.”

“Querida Jane, eu te amo...” Fechou os olhos e refletiu. “Vi você num sonho que tive na noite passada. Eu ia mesmo voltar. Sabe disso, não sabe? Tinha certeza de que alguma coisa assim ia acontecer. Sempre teu, Joey. Ah, sim, e põe: todo o meu amor para as crianças. A próxima é para Pete Tapp, trezentos e nove, Brixton Road, South West Two. Caro Pete, Bom, meu velho amigo, aconteceu primeiro comigo. Não vou poder te encontrar no sábado. Põe aí, você sabe, uns dois pontos de exclamação. Ainda te devo cem pratas. Pega com a Jane. Quero que você fique com a Bessie. É uma lata inteira por dia, lá pelas seis, misturada com uns biscoitos e um copo de leite. Nada de chocolate. Valeu, Joe. Ah, sim, e põe na primeira um P.S.: Devo ao Pete cem libras.”

Stephen virou a página do caderno de notas e esperou.

O homem olhava para a superfície da estrada. Por fim disse, como quem sonha: “Esta é para o sr. Corner, aos cuidados da Stockwell Manor School, South West Nine. Prezado sr. Corner, não suponho que se lembre de mim. Saí faz uns catorze anos. O senhor me botou para fora da sua classe e disse que eu nunca ia ser ninguém. Bom, agora tenho meu negócio, com minha própria carreta quase toda paga, uma Fahrschnell cor-de-rosa, de vinte toneladas. Penso com frequência no que me disse e quero que saiba. Atenciosamente, Joseph Fergusson, vinte e oito anos de idade. A próxima é para Wendy McGuire, treze, Fox’s Road, Ipswich. Querida...”

Stephen fechou o caderno e se pôs de pé. “Chega”, disse em voz alta enquanto caminhava rapidamente para o carro. Abriu a mala e remexeu

irritado lá dentro até achar o macaco, mantido num lugar pouco visível por um dispositivo magnético.

“Vou te dizer”, o sujeito falou quando Stephen retornou e tentou enfiar o macaco de lado na fenda, “não sinto nada do pescoço para baixo. Não quero ver como está.”

Parecia não haver onde fixar o macaco nas bordas amassadas da fenda. No entanto, a perspectiva de tomar mais ditados motivou Stephen, e, por fim, tendo ajeitado o aparelho, começou a girar a manivela.

Ele estava ajoelhado no chão com a cabeça entre os joelhos. O homem descansava o rosto no asfalto. O macaco, posto de banda, estava posicionado uns quarenta e cinco centímetros acima de seu pescoço. Quando entrou em ação, a parte de baixo começou a afastar a placa de metal, abrindo a fenda aos pouquinhos a cada volta da manivela. A parte de cima estava encostada em alguma coisa firme demais para ser movida, o que proporcionava uma pegada útil. Quando a fenda se abriu uns oito ou dez centímetros, Stephen pôde recolocar o macaco, agora verticalmente, com a base próxima à garganta do sujeito. Com um rangido penetrante, como o de uma unha arranhando a lousa, uma seção rasgada da lataria começou a ser erguida. Moveu-se vinte centímetros antes de esbarrar de novo em algo pesado. Stephen olhou para o espaço às escuras onde o corpo do homem estava encolhido. Não havia sangue ou qualquer indício de ferimento. Com cuidado para não deslocar o macaco, pegou com uma das mãos o ombro do sujeito e com a outra sustentou seu rosto. Ao puxar, o homem gemeu.

“Você vai ter que ajudar”, disse Stephen. “Levanta a cabeça para que eu possa enfiar a mão debaixo do seu queixo.” Dessa vez, houve algum movimento, quase uns três centímetros. Repetindo isso várias vezes, o homem foi capaz de libertar o braço para levantar o corpo, permitindo que Stephen o pegasse pelas duas axilas e o arrastasse para fora.

O motorista da carreta massageava o pulso enquanto caminhavam em direção ao carro. “Acho que está quebrado”, disse com tristeza. “Tinha que disputar um torneio de sinuca no sábado.”

Stephen, que agora tremia e sentia as pernas bambas, decidiu que o

sujeito estava em estado de choque. Ajudou-o a sentar-se no banco do passageiro, cobrindo-o com um tapete. Mas, como a porta do motorista não abria sem a maçaneta, Stephen precisou tirar o sujeito do banco para entrar e se ajeitar atrás do volante. Enfim acomodados, ficaram sentados por uns dois minutos. Os rituais de enfiar a chave na ignição, de sacudir a alavanca de mudança e de agarrar o volante acalmaram Stephen. Contemplou o indivíduo, que olhava fixamente através do para-brisa, e tremeu.

“Olha, Joe, é um milagre que você esteja vivo.”

Joe passou a língua pelos lábios e disse: “Estou com sede”.

Stephen pegou a garrafa no banco de trás. “Só tenho champanhe.” A rolha ricocheteou no painel e bateu com força na orelha de Joe. Ele sorriu ao pegar a garrafa. Bebeu direto da boca espumante, fechando os olhos. Passaram a garrafa de mão em mão, sem trocar uma só palavra até a esvaziarem. Depois Joe arrotou e perguntou como Stephen se chamava. “Você foi brilhante, Stephen. Brilhante pra caralho. Eu nunca ia pensar no macaco.” Olhou para o pulso e disse, surpreso: “Estou vivo. E nem fiquei aleijado”.

Riram, e Stephen contou empolgado a história da abertura de um metro e oitenta pela qual tinha passado, como o tempo desacelerou, como o sinal de estrada arrancou a maçaneta e o espelho lateral. “Brilhante”, Joe murmurou diversas vezes, e “Brilhante pra caralho” quando Stephen pegou a segunda garrafa de champanhe. Trataram de reconstituir o acidente de seus diferentes pontos de vista. Joe disse que sentiu como se um gigante houvesse apanhado seu caminhão e o jogado para o alto. Lembrava-se da superfície da estrada vindo em sua direção, depois de ver de relance e de cabeça para baixo o carro que vinha atrás, até que tudo começou a se dobrar em volta dele. Foi um milagre, continuaram a dizer, uma porra dum milagre. Lá pelo fim da segunda garrafa, deram vivas e berraram por farra e, na falta de coisa melhor, cantaram “Ele é um bom camarada”, cada qual apontando para o outro na palavra “ele”.

Ao pegarem a estrada, Stephen se lembrou do macaco e resolveu deixá-lo onde estava. Rumaram para a cidadezinha mais próxima e debateram se Joe

devia ser levado primeiro a um hospital ou à delegacia de polícia. Ele insistiu na segunda opção. “Quero tudo bem certinho pro cara do seguro.”

Seguiam a mais de cento e quarenta quilômetros por hora quando Stephen, lembrando-se de que estava quase bêbado, diminuiu a velocidade. Joe ficou em silêncio por algum tempo, murmurando apenas ao chegarem nas cercanias da cidadezinha: “Eu conheci uma garota legal que vive aqui perto”. Chegando ao centro, procuravam uma delegacia quando ele perguntou: “Por quanto tempo eu fiquei lá? Duas horas? Três?”.

“Dez minutos. Ou menos.”

Joe ainda estava resmungando como isso era incrível no momento em que Stephen encontrou a delegacia e parou. “O que você acha dessa coisa do tempo?”, perguntou.

Joe observou através de sua janela três policiais armados que entravam num carro-patrulha. “Sei lá. Fiquei em cana quase dois anos. Nada pra fazer, nada acontecendo, todo dia a mesma merda. E sabe duma coisa? Passou num relâmpago, minha sentença. Acabou antes que eu soubesse que estava lá. Por isso faz sentido. Se acontece um monte de coisas bem depressa, vai parecer que levou um tempão.”

Desceram do carro e ficaram na calçada. A comemoração terminava.

“Você está vivo”, disse Stephen talvez pela décima vez naquela última hora. “O que acha que isso significa? Que diferença faz?”

Joe vinha pensando, a resposta estava pronta. “Significa que vou voltar para Jane e as crianças e dar um pontapé na bunda da Wendy McGuire. Significa que vou comprar duas carretas de segunda mão com o dinheiro do seguro.”

Relembrando assim o importante assunto a tratar, deu meia-volta e caminhou em direção à delegacia, ainda muito atordoado, supôs Stephen, para pensar nas formalidades de agradecimento e despedida. Quando Joe deu um passo para o lado a fim de deixar duas policiais passarem, antes de desaparecer pelas portas de vaivém, Stephen se lembrou das mensagens no caderno e se sentiu tolhido por elas. Rasgou as páginas e então, tirando o cartão-postal do bolso de trás da calça, se curvou sobre o ralo e jogou tudo no

esgoto.

Talvez a influência do ministro houvesse mantido as plantações de pinheiros e a maquinaria que erradicava as sebes longe das vizinhanças de Ogbourne St Felix. O bosque de duzentos hectares, existente desde os tempos dos normandos e registrado no catálogo de propriedades rurais desde o século XI, ficava numa região visitada pelos fotógrafos comerciais e cineastas por ser geralmente aceita como uma representação típica do campo inglês. O bosque pertencia nominalmente a uma instituição de caridade, na prática inoperante. Na verdade quem estava em posse dele era o proprietário da única residência existente no terreno, obrigado a pagar por sua manutenção. Um conjunto de três choupanas de lenhadores tinha sido demolido para formar a casa, situada numa pequena clareira no sul do bosque. A ela se chegava por uma estrada secundária e, depois, por um caminho esburacado, flanqueado de sorveiras-bravas e limeiras. Só o visitante experimentado sabia que uma área de vegetação rasteira mais densa era a sebe selvagem dos Darke, e que no verão era necessário procurar com afinco, num emaranhado de arbustos, a portinhola que se abria para um túnel verde, pelo qual se chegava ao arco feito de rosas que marcava a entrada do jardim de Thelma.

Stephen havia parado na cidadezinha próxima para repor o estoque de champanhe. Vinha sentindo as pernas e os braços pesados ao atravessar com sua compra uma pequena praça a caminho do principal hotel da localidade. Queria lavar-se e tomar um uísque duplo. Não estava preparado para o grupo de mendigos reunido perto da entrada. Pareciam menos acabados que os tipos comuns em Londres, mais saudáveis, mais confiantes. Ouviu risos ao se aproximar, e um homem musculoso, vestindo um colete de tecido em forma de rede, cuspiu na calçada e esfregou as mãos. Pelo jeito, nenhuma das normas usuais se aplicava ali. Segundo a lei, os pedintes nem podiam trabalhar em pares. Supostamente, deviam estar em movimento o tempo todo, percorrendo certas vias autorizadas. Sem dúvida não era permitido que se amontoassem em entradas como aquela, esperando para incomodar o

público. Ali, nem os distintivos eram usados de modo correto. Estavam amarrados em antebraços bronzeados e vigorosos, ou costurados nas coloridas faixas de cabelo de algumas garotas. Um gigante usava o distintivo como tapa-olho. Um jovem, com a cabeça raspada e cheia de tatuagens, havia prendido o seu a um brinco.

Chegando mais perto, Stephen se deu conta de sua sacola com as garrafas tilintando, e da forma provocante com que o invólucro dourado das rolhas reluzia ao sol. Todos agora o observavam, impossível recuar. Culpa do governo e de sua legislação odiosa, ele pensou. Fosse como fosse, tal situação não seria tolerada nem um momento em Londres, e ele esperava que aparecesse algum policial. Diminuía o passo, mas logo se viu no meio do grupo. Olhou fixo para a frente, sem encarar ninguém. Ouviu alguém dizer: “E então, que tal uma notinha de dez?”, porém seguiu adiante. Viu de relance um livro de bolso com poemas de Shelley na mão de uma garota. Tocaram em sua sacola, e ele a puxou rudemente para perto do corpo. Outra voz parodiou um sotaque refinado: “Hã, Bollinger. Que ideia maravilhosa!”. Ouviram-se risadas enquanto ele abria caminho em meio ao cheiro acre de suor e ao aroma de patchuli.

Era essa pequena confrontação, e não o acidente na estrada, que o preocupava quando entrou no sacolejante caminho dos Darke. Sentiu-se culpado de traição. Lá estava um homem pálido, vestindo uma camisa branca de seda e carregando garrafas de champanhe; lá estavam os ciganos na entrada. Durante anos, ele se convencera de que, no fundo do coração, pertencia à legião dos desenraizados, de que ter dinheiro era um feliz acidente, de que podia voltar às estradas a qualquer hora com suas coisas numa mochila. Mas o tempo o fixara em seu lugar. Tornara-se um daqueles que procuram por um policial ao ver um bando de pobres molambentos. Encontrava-se agora do outro lado. Se não, por que tinha tentado fingir que eles não estavam lá? Por que não admitir que eram mais numerosos, olhá-los nos olhos como podia fazer no passado, e entregar um pouco do dinheiro que lhe tinha caído na mão por acidente? Havia estacionado o carro e seguia por uma trilha coberta de ervas na direção da portinhola. O patchuli tinha

mexido com ele. Era o perfume de uma garota sonhadoramente autodestrutiva que conhecera em Kandahar, dos caóticos apartamentos de ocupação coletiva em West London, de um concerto ao ar livre em Montana. Tinha sido chacoalhado pelo clichê do tempo irreversível. Houve época em que sentira o corpo leve. Costumava pensar que sua vida era uma aventura sem limitações, costumava dar as coisas, divertia-se quando algo inesperado acontecia, quando as coincidências benevolentes o impulsionavam adiante. Quando tudo aquilo acabara? Quando, por exemplo, tinha começado a pensar que as coisas que possuía eram de fato suas, inalienavelmente suas? Não foi capaz de lembrar.

Parou no lúgubre túnel de arbustos de verão e, descansando a maleta de viagem e as garrafas de champanhe, se preparou para encontrar os amigos. As mãos brancas brilhavam na obscuridade. Cobriu os olhos com elas. Estava doentiamente entupido com seu passado recente, tal qual um homem gripado. Se ao menos pudesse viver no presente, seria capaz de respirar sem dificuldade. Mas não gosto do presente, ele pensou, pegando suas coisas. Ao endireitar o corpo, viu, recortada contra a luz do céu, uma silhueta emoldurada pelo arco de rosas. Thelma o observava.

“Há quanto tempo você está escondido aqui?”, ela perguntou ao se beijarem.

Não conseguiu soar despreocupado ao responder: “Há anos”. Em compensação, lhe mostrou as garrafas, que já estavam frias, e sugeriu abrir uma imediatamente — a última coisa que tinha vontade de fazer.

Thelma o levou na direção da casa. A porta e todas as janelas estavam abertas a fim de receber o sol da tarde. Entraram por uma pequena sala de jantar cujo chão de pedra irradiava uma sensação de água fresca. Thelma saiu à procura das taças corretas. Nas estantes, posando em seus habitats, havia pássaros empalhados dentro de redomas de vidro. Uma coruja amarelo-castanho tinha as garras enfiadas num camundongo também empalhado. Num tanque quadrado, uma lontra cerrava as mandíbulas em torno de um peixe em decomposição. Stephen pousou os cotovelos numa mesa redonda e instável, animando-se. Ao lado de seu braço havia uma

garrafa de borgonha com a rolha recém-tirada. O aroma da carne assada e do alho misturou-se com o da madressilva que se esparramava pelo peitoril da janela às suas costas. Na cozinha, Thelma enchia um balde de gelo, do jardim vinha uma cacofonia de cantos de pássaros.

Sentaram-se debaixo de uma pereira, em torno de uma mesa de metal enferrujado que tinha sido colocada sobre uma área de grama não cortada e era cercada de enormes papoulas, bocas-de-leão e o que Stephen pensou serem tremoços até que ouviu Thelma chamá-los de delfínios.

Ela pôs duas taças junto ao balde e serviu. “Charles está lá pelo mato. Você vai ter que encontrá-lo depois.”

Stephen estremeceu devido à acidez da bebida e pensou no vinho tinto que ficara lá dentro. Outra dose de uísque também ia cair bem. Como havia coisas demais para conversarem, falaram sobre o jardim. Ou melhor, Thelma explicou e Stephen balançou a cabeça com uma expressão inteligente. Só quando ele apontou para uma massa de centáureas e perguntou o que elas eram Thelma percebeu a verdadeira extensão da ignorância dele. Contou-lhe como as bordas do jardim tinham sido planejadas de modo a se mesclarem à vegetação selvagem do bosque, com o que não existiria nenhuma barreira visível entre os dois; e como vinha cultivando flores silvestres a fim de obter as sementes que tencionava preservar para o que chamou de pool genético.

“Até as prímulas praticamente desapareceram. Depois se vão os ranúncios.”

“Tudo está piorando”, disse Stephen. “Será que nada está ficando melhor?”

“Você é quem está circulando aí pelo mundo. Me diga.”

Ele refletiu seriamente. “Estão plantando coníferas em todo o Sussex. Em menos de vinte anos vamos ser autossuficientes em madeira.”

Ergueram um brinde, e então Stephen perguntou sobre o livro. Evitavam falar de Charles. O trabalho estava indo bem, disse Thelma; um quarto do livro já tinha sido escrito, e outro encomendado. Ela perguntou sobre as novidades do comitê, levando Stephen a relatar a conversa com o primeiro-

ministro.

Thelma não revelou a menor surpresa. “Sem dúvida Charles era bem querido por ele. Coisa mantida em segredo, embora eu nunca tivesse sabido por quê. Talvez para evitar ciúmes. Também havia um toque de carinho e desejo.”

“Desejo?” Era voz corrente que o primeiro-ministro era isento disso.

“Coisas mais estranhas acontecem. Na política, Charles podia ser considerado um rapaz, um garoto.”

“Foi por isso que você o quis aqui?”

Thelma negou com a cabeça. “Não vou dizer nada até que você o veja.”

“Mas ele está feliz?”

“Trate de ver você mesmo. Siga a trilha atrás da cozinha. Chegando no caminho principal, vire à esquerda. Vai dar de cara com ele mais cedo ou mais tarde.”

Vinte minutos depois ele partiu. Havia um largo caminho gramado ladeando o perímetro do bosque e formando um oval irregular que, segundo Thelma, podia ser percorrido em uma hora. Em certos trechos era possível divisar, num dos lados, os campos abertos através das árvores. Em outros, o caminho penetrava mais fundo no bosque e se estreitava até quase virar uma trilha. Esses pontos eram mais escuros, e neles a grama dava lugar a uma erva em que Stephen relutava pisar porque as folhas esmigalhadas emitiam um estalido desagradável. Na última vez em que andara por aquele bosque, com Charles ainda ministro, tudo era esquelético e puro. As mudanças sazonais eram suficientemente lentas para que as transformações continuassem a ser uma surpresa. Porque não parecia ser o mesmo lugar. A seca não penetrara até ali. Sua ignorância do nome das árvores e plantas só contribuía para aumentar a impressão de profusão. O bosque havia explodido, estava engolfado num tamanho caos de vegetação que corria o risco de ser sufocado pela abundância.

Onde o caminho e um riacho se cruzavam, um pedaço de pedra, vestígio de velho muro, abrigava uma Amazônia em miniatura, uma floresta de musgo, líquens fluorescentes e árvores microscópicas. Acima, havia cipós,

grossos como cordas, filtrando a luz. No chão, gigantescos repolhos e ruibarbos, folhas de palmeira, talos de capim curvados ao peso das pontas. Num local aberto, uma extravagante exibição de flores roxas. Noutro, mais sombrio, um bafejo de alho, um lembrete do jantar.

O lugar precisava de uma criança, Stephen pensou, sucumbindo ao inevitável. Kate não teria consciência do carro a oitocentos metros de distância, nem do perímetro do bosque e tudo que existia mais além, estradas, opiniões, o governo. O bosque, aquela aranha girando no seu fio e o besouro movendo-se pesadamente acima das folhas de capim seriam tudo, o momento seria tudo. Ele necessitava de sua boa influência, suas lições de como festejar o específico; como preencher o presente e ser por ele preenchido até aquele ponto em que a identidade se desvanecia por completo. Uma parte dele estava sempre em outro lugar, ele nunca prestava atenção total, nunca era cem por cento sério. Não era essa a ideia de Nietzsche sobre a verdadeira maturidade, atingir a seriedade de uma criança ao brincar?

Certa vez ele e Julie tinham levado Kate a Cornwall. Foi um passeio curto para comemorar o primeiro concerto público do quarteto de cordas. Chegava-se à praia por uma trilha de mais de três quilômetros. No fim da tarde, começaram a construir um castelo de areia próximo à beira do mar. Kate, excitada, estava naquela idade em que tudo tinha que ser exatamente como devia ser. Os muros tinham de ser retangulares e com janelas, as conchas deviam ser inseridas em intervalos regulares e a área dentro do castelo tornada confortável com algas secas. Stephen e Julie haviam resolvido divertir a filha até a hora de irem embora. Já tinham nadado e comido o piquenique. Mas logo, e sem entender bem o que estava acontecendo, foram absorvidos, contagiados pela urgência da menina, trabalhando sem ter consciência do tempo exceto pela iminência da maré. Os três agiam numa harmonia barulhenta, compartilhando o balde e duas pás, impiedosamente dando ordens uns aos outros, aplaudindo ou desdenhando cada concha ou formato de janela que o outro escolhia, correndo — jamais andando — para buscar novos materiais na beira da

praia.

Quando estava tudo completo e haviam caminhado diversas vezes em volta da obra, se apertaram dentro dos muros para esperar pela maré. Kate estava convencida de que o castelo tinha sido tão bem construído que resistiria ao mar. Stephen e Julie deram apoio à ideia, caçoando da água enquanto ela apenas lambia os lados e vaiando quando sugou um pedaço do muro. Enquanto aguardavam a demolição final, Kate, apertada entre os dois, suplicou para permanecer no castelo. Queria que fizessem dele a nova casa. Abandonariam a vida em Londres, morariam para sempre na praia, fazendo aquela brincadeira. E foi então que os adultos romperam o encantamento e, consultando de relance os relógios, começaram a falar no jantar e em seus muitos outros compromissos. Comentaram com Kate que todos precisavam pegar os pijamas e as escovas de dente. Como ela achou a ideia deliciosa e sensata, deixou-se levar de volta ao longo da trilha até o carro. Durante vários dias, até que o assunto foi esquecido, quis saber quando retornariam para a nova vida no castelo de areia. Ela tinha falado sério. Stephen refletiu que, se conseguisse fazer tudo com a intensidade e a entrega com que naquele dia ajudara Kate a construir seu castelo, seria um homem feliz, com poderes extraordinários.

Alcançou um ponto onde a trilha fazia um ângulo reto em direção ao centro do bosque, iniciando uma descida gradual. Os galhos das árvores se uniam sobre o caminho, formando um dossel através do qual o sol da tarde projetava sombras alaranjadas na grama escurecida. Onde a trilha voltava a ficar nivelada havia um carvalho morto, nada mais que um pilar de madeira podre. Stephen estava a dez metros dessa árvore quando um garoto saiu de trás dela e parou para encará-lo. Stephen parou também. As manchas irregulares de luz se moviam quando o vento soprava. Dali não podia ver muito bem, mas ele sabia que se tratava do mesmo tipo de menino que costumava fasciná-lo e aterrorizá-lo na escola. O rosto era pálido e emoldurado pelos cabelos cor de areia. O olhar era confiante demais, atrevido de um modo bem conhecido. Tinha uma aparência antiquada — camisa de flanela cinza com as mangas arregaçadas e as abas soltas, shorts

largos e cinzentos sustentados por um cinto de elástico listrado com um fecho prateado em forma de cobra, os bolsos cheios com um cabo saindo para fora, joelhos arranhados e ainda com casca em algumas feridas. Stephen recordou-se das fotos de meninos sendo evacuados durante a Segunda Guerra Mundial, ao lado dos professores na plataforma de uma estação de trem londrina.

“Oi”, disse Stephen em tom simpático ao avançar. “O que é que você está fazendo aqui?”

O garoto se apoiou na árvore enquanto erguia uma perna e coçava a outra acima do tornozelo com a ponta do sapato muito gasto. “Sei lá. Só esperando.”

“Esperando o quê?”

“Você, seu idiota.”

“Charles!” Quando cobriu a distância que os separava e estendeu a mão, Stephen não tinha certeza de que ela seria tomada. Mas foi, e então Charles passou o braço por trás do pescoço de Stephen e o abraçou. Ele sentiu o cheiro de alcaçuz e, mais no fundo, de terra úmida.

Charles afastou-se de um salto e atravessou a trilha. “Quer ver meu refúgio?”, se limitou a dizer, andando na frente por um caminho que descia entre altas samambaias. Stephen o seguiu de perto, com a atenção fixada no estilingue que escapava do bolso do amigo. A lingueta de couro pendia perigosamente das tiras de borracha. Cruzaram uma clareira onde crescia milho silvestre entre os tocos, entrando de novo no bosque onde todas as árvores eram gigantes maduros. Iam rápido, e, ocasionalmente, Stephen dava uma corridinha para alcançá-lo. Charles falava em frases ofegantes, desconexas, sem voltar a cabeça para trás. Stephen não entendeu tudo que dizia. Charles parecia estar falando sozinho.

“É realmente bom... passei o verão todo construindo... eu mesmo... meu refúgio...”

Stephen teve tempo de ver que o amigo não havia realmente encolhido, como lhe pareceu de início. Estava mais magro e mais ágil em seus movimentos. Os cabelos crescidos na frente faziam uma franjinha, e tinham

sido cortados curtos atrás das orelhas. O jeito desinibido, a fala rápida e o olhar direto, o caminhar descuidado e impulsivo, a maneira como os pés e os cotovelos se moveram quando ele girou o corpo para enveredar por um caminho ainda mais estreito, o abandono do ritual e das formalidades dos cumprimentos entre adultos eram o que sugeria se tratar de um menino de dez anos.

Haviam chegado a outra clareira, menor, em cujo centro se erguia uma árvore extremamente grossa.

Charles remexeu na grama e pegou uma pedra. “Está vendo isso? Está vendo isso?” Não continuou antes que Stephen respondesse que sim. “Foi o que eu usei para fincar esses troços.” Apontou para um prego de quinze centímetros enfiado na árvore sessenta centímetros acima do solo, e depois para outro, sessenta centímetros acima do primeiro. Havia mais ou menos uns doze, que formavam uma linha curva no tronco até alcançar o primeiro galho, a nove metros de altura. Puxou Stephen pelo cotovelo para uma área ao pé da árvore onde a grama estava gasta. “Lá em cima!”, ele gritou: “Olha, olha!”. Stephen dobrou a cabeça para trás mas não viu nada além de uma estonteante massa de galhos que se dividiam e subdividiam. O topo da árvore não era visível. “Não, não”, disse Charles. Pegou a cabeça de Stephen com ambas as mãos e a dobrou ainda mais. Em meio aos galhos mais altos havia uma mancha preta.

“O que é aquilo?”, Stephen perguntou. “Um ninho?”

Era a coisa certa a perguntar. Charles deu um pulo. “Não é um ninho, idiota. É o meu refúgio. Um lugar só meu!”

“Incrível”, disse Stephen.

Charles empurrou o estilingue para o fundo do bolso. “Está pronto?”

Pôs o pé esquerdo no primeiro prego, ergueu o pé direito até o segundo e ficou parado, a mão esquerda segurando o terceiro prego, a direita gesticulando energicamente para Stephen.

“É fácil. É só fazer o que eu faço.”

Stephen passou a mão pela casca do tronco. Não se mexeu. “Que... que espécie de árvore é essa, você sabe?”

“Claro que é uma faia. Não sabia? É enorme, acho que tem uns cinquenta metros de altura.” Começou a subir até ficar uns três metros acima do solo, e então olhou para baixo. “Faz tempo que eu ando querendo te mostrar.” Ele, que já tinha sido homem de negócios e político, agora era um pré-púbere bem-sucedido.

Stephen testou seu peso no primeiro prego. Queria perguntar ao amigo o que tinha acontecido com ele, mas Charles estava por demais imerso em sua nova personalidade, a léguas de distância de qualquer aparência de fingimento ou consciência do absurdo da transformação. Stephen não tinha certeza de como abordar o assunto. Talvez Charles estivesse num estágio avançado de psicose, e nesse caso seria necessário cuidado para lidar com ele. Por outro lado, Stephen não podia deixar de ser afetado pela excitação, o desafio no ar, a importância que seu velho amigo parecia atribuir àquele momento. Não queria dar a impressão de ser um chato. Nunca fora muito bom em matéria de trepar em árvores, mas também nunca tinha tentado para valer. Ergueu o corpo e se viu com os dois pés no segundo prego. Nenhum problema, mas, olhando para baixo, ficou alarmado ao ver que já estava bem alto.

“Não sei se isso é para mim”, começou a dizer, porém Charles, que a essa altura estava de pé em cima do primeiro galho, com as mãos enfiadas nos bolsos, ditava instruções: “Pega o prego logo acima da sua cabeça, levanta o pé e pega o prego seguinte com a outra mão...”.

Stephen deslizou a mão para cima até achar o prego. Um metro e meio não significava um grande tombo, mas as pessoas quebravam o pescoço caindo até de uma cadeira.

Minutos depois estava deitado de barriga para baixo no primeiro galho. Como era quase tão sólido quanto o chão, apertou o corpo contra ele. A poucos centímetros de distância, um piolho de madeira se desincumbia de seus afazeres. Aquele era o refúgio dele. Charles tentava lhe mostrar a rota, mas Stephen não ousava olhar para cima nem desejava olhar para baixo. Mantinha os olhos no piolho. “Acho que vou devagarinho”, foi tudo que conseguiu dizer. Charles lhe ofereceu uma bala e, jogando outra para o alto,

a apanhou com a boca, continuando depois a subir.

O difícil agora era abrir mão do galho para se pôr de pé. Apoiou-se no tronco enquanto endireitava o corpo. A próxima tarefa consistia em levantar uma perna o suficiente para colocar o pé na forquilha do ramo mais acima. Mas depois tudo ficou mais fácil. Tantos galhos se projetavam do tronco que era como subir uma escada em caracol. Bastava ir com cuidado e não olhar para baixo. Passaram-se quinze minutos prazerosos. Aquilo era algo que ele podia fazer, algo que ficara faltando em sua infância — e agora entendia perfeitamente por que para outros garotos era tão importante. Parou para descansar e contemplou o horizonte. Estava bem acima das copas das árvores. Ao longe via o campanário de uma igreja e mais perto, talvez a um quilômetro e meio de distância, parte do telhado vermelho da casa dos Darke. Agarrou mais firme o tronco e olhou para baixo. Sentiu um frio no estômago, mas nada demais. Tinha visto o chão através de um espaço em forma de arco entre as folhagens, e não entrara em pânico. Encorajado, respirou fundo, segurou ainda mais firme e dobrou a cabeça para trás. Esperava ver não muito longe a base da casinha suspensa. Seu campo de visão girou em torno de um ponto central, algo quente e frio desceu do seu estômago para os intestinos. Encostou o rosto no tronco e fechou os olhos. Não, isso também não adiantava. Abriu-os e se concentrou na casca da árvore. Ele vira — e não tinha coragem de relembrar a imagem — a mesma bifurcação infinita e vertiginosa de galhos que tinha visto do chão, e muito acima só o brilho do joelho nu de Charles, além de outras folhas e ramos que se perdiam na obscuridade, sem sinal da plataforma.

Passou um minuto se acalmando. Decidiu que o melhor era descer. Queria agradar o amigo, mas, afinal, era inútil arriscar a vida. Aqui estava outro problema. Para encontrar o apoio inferior, precisava olhar para baixo — e não se atrevia a fazer isso. “Ah, meu Deus”, sussurrou para a árvore. “O que é que eu faço?” Não fez nada. Esforçou-se por ouvir algum som reconfortante vindo do chão. Até o canto de um pássaro serviria. Mas lá em cima não havia nada, nem mesmo o vento. Ocorreu-lhe subitamente que ele estava absorto por inteiro no momento. Se permitisse que outro pensamento

o distraísse, simplesmente cairia da árvore. Então pensou: não quero mais fazer isso. Quero fazer outra coisa. Me tire daqui, faça isso parar.

Ouviu um som acima dele, porém não olhou. Charles tinha descido para buscá-lo. “Vem, Stephen”, ele disse, “a vista é melhor ainda lá de cima.”

Stephen respondeu com comedimento, temeroso de que a força de suas palavras pudesse empurrá-lo para fora da árvore. “Empaquei”, ele disse com os dentes quase tocando na casca.

“Ah, meu Deus”, disse Charles aparecendo a seu lado. “Você está empapado de suor.”

“Não se mexa tão depressa”, Stephen sussurrou.

“Esta árvore é perfeitamente segura. Já subi e desci dezenas de vezes, carregando tábuas e outras coisas, até duas cadeiras.”

Stephen cambaleou e Charles pegou seu braço. O cheiro de alcaçuz não lhe trouxe maior tranquilidade.

“Olha, vê esse galho? Põe a mão aqui e se levanta até poder mover o pé, depois se apoia no joelho e vai para aquele lugar ali...” As instruções continuaram. Stephen sabia que não podia fazer nada a não ser obedecer rigorosamente. Inútil dizer que queria descer: qualquer discussão significaria seu fim. Precisava confiar. Por isso, foi se arrastando para cima, pondo as mãos e os pés exatamente onde indicado, forçando a atenção para detectar qualquer ambiguidade perigosa. Às vezes interrompia: “Charles, você falou que é a minha mão esquerda ou direita?”.

“A direita, idiota!”

Não desviou a vista dos pontos de contato das mãos e dos pés. Nunca tinha certeza de onde Charles estava, e não queria olhar em volta. Uma voz sem corpo, acima de sua cabeça, comunicava com desdém o que devia fazer: “Ah, meu Deus! A mão não, seu tonto, o pé!”.

Durante a subida, houve vezes em que Stephen pensou: não vou fazer isso para sempre. Algum dia estarei fazendo outra coisa. Mas não estava de todo certo. Sabia que, por ora, tudo que tinha de fazer era subir e deixar que as circunstâncias cuidassem delas próprias. Algum dia, ele poderia, ou não, retornar à vida de antes. Havia outra coisa, tão horrível e grande que ele não

era capaz de compreender. Passou afinal por um buraco circular e se viu numa plataforma instável de madeira. Com pouco mais de um metro quadrado e nenhum anteparo nos lados. De início, ele só pôde ficar deitado de barriga para baixo, sufocando o choro que crescia na garganta.

“Bom, o que é que você acha?”, Charles ficou perguntando, e também: “Quer uma limonada?”.

Quando se recuperou, Stephen levantou a cabeça lentamente de modo a não sacudir a plataforma e arrancá-la da árvore. Olhou ao redor, mantendo as palmas das mãos em contato com as tábuas. Todo o bosque se abria abaixo deles, e mais além, a oito quilômetros de distância, se via a cidadezinha onde havia parado em meio aos campos cultivados. Na direção do oeste, o sol se punha de forma esplendorosa, o redemoinho de cores enfeitado pela poeira que se levantava do vale do Tâmis a mais de cem quilômetros de distância. Charles estava esparramado numa cadeira de cozinha, observando com orgulho enquanto Stephen absorvia a paisagem. A garrafa de limonada, que Charles balançava presa entre o indicador e o polegar, estava quase vazia. A seu lado havia um caixote cor de laranja, e sobre ele um binóculo, uma vela no castiçal e uma caixa de fósforos. Dentro do caixote, diversos livros: dois para a identificação de pássaros, várias aventuras juvenis, algumas da série William Brown e, Stephen notou sem grande prazer, seu primeiro romance. Charles apontou para uma segunda cadeira, mas Stephen não quis elevar mais o corpo. Em vez disso, se acomodou de modo mais confortável, afastando-se do buraco através do qual tinham chegado à plataforma.

Como seu amigo o olhava com ar de quem espera uma reação, Stephen disse por fim: “É ótimo. Parabéns!”. Charles passou a garrafa e Stephen, que estava preparado para se mostrar um convidado agradável, tomou um grande gole. Sua boca se encheu de um líquido salgado e insípido, lembrando o gosto de sangue, só que mais frio e grosso. O bom senso lhe disse que devia cuspir. No entanto, forçou-se a engolir, pois havia notado uma tábua solta perto do pé.

Charles tomou o resto. “Fui eu mesmo que fiz”, ele disse, guardando a

garrafa entre os livros. “Quer saber o que tem dentro?”

O pensamento que intimidara Stephen na subida voltou agora. Era a ideia da descida. “Me diga”, ele falou rapidamente, o tom mais agudo devido à náusea e ao medo, “por que você está se comportando como um menino? O que está fazendo aqui em cima?”

Charles continuou curvado sobre o caixote cor de laranja por um momento, talvez rearrumando os livros. Stephen não podia ver direito. Será que tinha dito justamente a coisa errada? Como dependia da ajuda de Charles, era importante não dizer nada que o ofendesse, pelo menos até que estivessem de volta lá embaixo. Charles veio e se ajoelhou ao lado dele. Estava sorrindo.

“Quer ver o que eu tenho nos bolsos?” A atiradeira foi a primeira a ser retirada. Empurrou-a para as mãos de Stephen. “É de nogueira. A melhor madeira.” Seguiram-se uma lente de aumento, uma vértebra de carneiro e um canivete com uns dez acessórios. Enquanto Charles abria cada um deles e explicava para que serviam, Stephen observou o amigo com grande atenção, buscando algum indício de humor ou autoconsciência, qualquer vestígio do adulto. Mas a voz era sem inflexões, o rosto concentrado em cada detalhe. Havia balas de hortelã de estilo antiquado grudadas no fundo de um saco de papel, uma concha de caracol avantajada, uma salamandra seca, bolas de gude. A que Charles pôs na mão de Stephen era grande e de cor leitosa.

Para mostrar interesse, Stephen perguntou: “Onde você arranjou isso?”.

A resposta foi rápida e desafiadora: “Eu ganhei numa disputa” — e ele não quis perguntar onde. Havia uma bilha, um compasso de brinquedo, um pedaço de corda e dois cartuchos vazios, um anzol enfiado numa rolha, uma pena e duas pedrinhas ovais.

Contemplando aquelas coisas espalhadas sobre as tábuas, inseguro acerca do que dizer, Stephen ficou impressionado com o que parecia ser o resultado de uma pesquisa muito exaustiva. Era como se seu amigo houvesse vasculhado bibliotecas, consultado zelosamente as autoridades apropriadas a fim de descobrir o que era provável que determinado tipo de menino tivesse

nos bolsos. Era correto demais para ser convincente, não suficientemente idiossincrático, talvez mesmo um engodo. Por um instante, o constrangimento superou a vertigem.

Além disso, que garoto se ofereceria para esvaziar os bolsos? Stephen olhou de relance para o poente. O espetáculo se empanava, a luz caía. As folhas nos poucos galhos acima de suas cabeças se agitaram. Ele não sabia o que dizer. Não estava mais disposto a ser indulgente com o menino de quarenta e nove anos, mas também não ousava perturbá-lo. Por fim disse: “Você está feliz, Charles?”.

Charles estava enfiando suas coisas de novo nos bolsos, mais ou menos na ordem em que haviam sido expostas. Terminou, se levantou rapidamente e fez um gesto largo com o braço. Stephen se encolheu de medo, tentando estabilizar as tábuas com as mãos. “Olha! É fantástico. Você não compreende, é fantástico!”

“Está falando da vista?”

“Não, idiota. Olha...” Tinha tirado o estilingue do bolso e ajeitava uma pedrinha na lingueta. “Presta atenção.” Ficou de frente para o pôr do sol e puxou a lingueta para trás da cabeça até que as tiras de borracha estivessem esticadas a uma distância de dois braços. Ficou assim vários segundos, possivelmente para fazer pose. O ar em torno deles se adensou, Stephen sentiu dificuldade em respirar. Então, com o som da pancada da borracha na madeira e um zunido agudo, a pedrinha alçou voo da plataforma e ganhou altura ao se afastar, por um momento uma forma negra e definida contra o céu vermelho. Mesmo antes de começar a cair, já sumira de vista. Stephen imaginou que houvesse ultrapassado o bosque e caído no primeiro campo, a uns quatrocentos metros dali.

“Bom tiro”, disse entusiasticamente. Perguntou-se se devia mencionar que estava escurecendo.

Charles tinha as mãos na cintura e olhava ainda na direção da trajetória da pedra quando lhes chegou, através das árvores, o som tênue de um sininho de mão. “Jantar”, ele disse, dirigindo-se ao buraco e descendo. Quando voltou a falar, apenas sua cabeça surgia acima do chão da

plataforma. Difícil dizer se a falta de articulação verbal era um árduo fingimento ou agora simplesmente um hábito. “Bom, é que... olha, é só relaxar.”

De tão preocupado que estava, de tão nauseado pelo medo ao se arrastar de joelhos na direção do buraco, Stephen imaginou que o amigo se referia à técnica da atiradeira. Chegou à borda e lá se acorrou, infeliz. As mãos tremiam, a limonada subia à garganta. Charles desceu mais um metro e parou. Estava se torcendo de rir. Finalmente se controlou, enxugou os olhos, deu uma olhada na direção de Stephen e voltou a rir. “Agora, trata de fazer exatamente o que eu disser, senão vai morrer!”

No final de um dia em que estivera a ponto de arrebentar um carro, ver um homem morto por esmagamento, ser atacado por mendigos e cair de uma árvore, Stephen sentiu a necessidade de um banho quente. Thelma disse que precisava ler alguma coisa e não se importava em atrasar a refeição. Ele se refestelou numa comprida banheira vitoriana que tinha sido encaixada sob o teto inclinado do banheiro de hóspedes. Estava vazio de especulações e recordações. Pensou apenas nas ondinhas que corriam na superfície da água e eram geradas pelas batidas de seu coração. Os joelhos se erguiam à frente como promontórios em meio à névoa marinha. As pontas dos dedos se franziram. Fechou os olhos e quase cochilou, agitando-se vez por outra para ligar a torneira de água quente com o pé.

Quando por fim apareceu no andar de baixo, Thelma lia uma revista de física. Seus cotovelos estavam fincados na mesa de jantar, onde só tinham sido postos dois lugares. A porta e as janelas permaneciam abertas, embora do lado de fora agora estivesse bem escuro e se ouvisse o estridular dos grilos. Ao pegar a comida na cozinha, ela explicou que Charles já jantara e tinha ido deitar-se, pois normalmente dormia às nove. “Ficou até mais tarde por sua causa.”

Isso deveria ter dado a deixa para que Stephen fizesse uma série de perguntas, e conversassem acerca da regressão de Charles. No entanto, ele ficou feliz porque Thelma lhe passou a faca de trinchar e pediu que cortasse

o pernil de carneiro. Falaram sobre a melhor maneira de cozinhar aquele tipo de carne. Thelma estava de bom humor. Semanas de ar do campo, longas tardes cuidando do jardim e a oportunidade de trabalhar no que desejava a haviam tornado eufórica. Seus pés descalços faziam um ruído gostoso ao se arrastar no chão de pedra quando ela se movimentava entre a cozinha e a sala de jantar, trazendo a salada, batatas, vidrinhos de vinagre e de azeite. Usava uma camisa de homem sem gola enfiada numa saia larga. Em volta do pescoço exibia uma série de contas de madeira pintada que poderiam ter sido compradas numa loja de brinquedos. Ainda conservava, em cima da nuca, o coque bem apertado das físicas. Havia um quê do velho espírito de conspiração que os unia. Era bom viver num local remoto do campo e ser visitado por um amigo. Mais que isso, os dois se sentiam tocados, liberados pelo comportamento de Charles. Thelma não precisava mais viver sozinha com o segredo. Encheu os copos com o borgonha. Um espírito de generosidade impetuosa pairava no ar, e, enquanto tomava um bom gole do vinho, que estava quente por ter ficado ao ar livre tanto tempo, Stephen lamentou suas atitudes desconfiadas. Se ao menos soubesse o que queria, o que queria ser, estaria livre para seguir adiante.

Quinze minutos depois de iniciada a refeição, cumprindo uma resolução que tomara muitas semanas antes, Stephen descreveu sua experiência na área rural de Kent. Lá pelo fim do relato, falou que retomara consciência numa poltrona junto à lareira no chalé de Julie. Thelma tinha ficado irritada com a separação, dizia que queria pegar a cabeça dos dois e bater uma contra a outra. Ele não desejava incitá-la com a descrição de uma intimidade temporária, irresponsável. Fora isso, foi fiel nos detalhes, a sensação de que um outro dia se intrometera, a familiaridade do lugar, as bicicletas juntas e encostadas do lado de fora do pub — explicando longamente que eram equipamentos antiquados —, o reconhecimento do jovem casal à mesa, os gestos bem conhecidos do pai, o modo como sua mãe tinha olhado na direção dele sem vê-lo e a impressão de que, ao voltar para a estrada, fora tragado por uma espécie de calha onde seu corpo rodopiava incontrolavelmente.

Thelma comeu sem parar enquanto ouvia e, quando ele se calou, terminou de limpar o prato para só então perguntar o que havia acontecido antes e depois da experiência, o que estava em sua mente. Stephen descreveu a viagem de trem, que relembrou com dificuldade, e disse que achava que tinha pensado no comitê. E depois? Mas o que tinha acontecido não era da conta de Thelma. Haviam conversado sobre banalidades, tomado dois bules de chá e comido o bolo feito por Julie. Depois, ele caminhara de volta para a estação, pegara o trem para casa e jantara com amigos.

“E como você interpreta tudo isso?”, Thelma perguntou, servindo mais vinho.

Ele deu de ombros, dizendo que ficara sabendo que algum dia seus pais tinham possuído bicicletas novas.

“Eles se lembram do pub?”

“Mamãe não. Papai nem se lembra das bicicletas.”

“Você não descreveu a coisa para eles.”

“Não. Não quis. Era como se eu estivesse espiando uma conversa importante.”

“Talvez estivessem falando sobre você.”

“Talvez.”

“Mas você não me disse como interpretou tudo”, disse Thelma.

“Não sei. Obviamente é alguma coisa relacionada com o tempo, com ver alguma coisa fora do tempo. E, já que você tem todas essas teorias...”

Ela bateu palmas. “Você vai ao campo e tem uma visão, uma alucinação ou coisa que o valha. E faz o quê? Claro, consulta uma especialista! Nada menos que uma cientista. Vem de chapéu na mão para o oráculo que tranquilamente despreza. Por que não vai perguntar a um modernista?”

Mas Stephen estava acostumado. “Pare com isso, Thelma. Admita que está morrendo de vontade de fazer uma palestra. Você sente falta de seus alunos, até dos imbecis. Vamos ouvir. Qual o estado da arte em matéria de tempo?”

Apesar de seu bom humor, Thelma não parecia ansiosa para dar a lição de costume. Quem sabe suspeitasse da preguiça mental dele, quem sabe

poupasse as ideias para o livro. No começo, pelo menos, seu tom era desdenhoso e ela falava rapidamente. Só depois é que esquentou.

“Atualmente há um supermercado de teorias. Pode escolher a que quiser. Foram todas explicadas para os leigos em livros do tipo ‘imagine só’. De acordo com uma delas, a cada fração infinitesimal de segundo o mundo se divide num número infinito de possíveis versões, que se bifurcam e proliferam de forma constante, com a consciência escolhendo cuidadosamente seu caminho a fim de criar a ilusão de uma realidade estável.”

“Essa você já me contou”, disse Stephen. “Penso muito nela.”

“Na minha opinião, daria no mesmo escolher um velho barbudo no céu. E há físicos que consideram conveniente descrever o tempo como uma espécie de substância, uma eflorescência de partículas não detectáveis. Existem dezenas de outras teorias, todas igualmente absurdas. Elas tentam esticar algumas ruguinhas num pedaço da teoria quântica. A matemática é bem razoável de uma forma algo localizada, mas o resto, a teorização ampla, é o mesmo que assoviar no escuro. O que resulta é deselegante e perverso. Mas, seja o tempo o que for, a versão cotidiana e ditada pelo bom senso de que ele é linear, regular, absoluto, marchando da esquerda para a direita, do passado para o presente e daí para o futuro, ou é um disparate ou uma pequena fração da verdade. Sabemos disso por nossa própria experiência. Uma hora pode parecer cinco minutos ou uma semana. O tempo é variável. Sabemos disso também por Einstein, que ainda é nosso sustentáculo nessa área. Na teoria da relatividade, o tempo depende da velocidade do observador. O que são fenômenos simultâneos para uma pessoa pode aparecer em sequência para outra. Não existe um ‘agora’ absoluto, geralmente reconhecido — mas você já sabe disso tudo.”

“Fica mais claro a cada explicação.”

“Em corpos densos com campos gravitacionais colossais, os buracos negros, o tempo pode parar de todo. A breve aparição de certas partículas numa câmara de nuvens só pode ser explicada pelo movimento reverso do tempo. Na teoria do Big Bang, considera-se que o tempo foi criado no

mesmo momento em que a matéria, sendo inseparável dela. E isso é parte do problema: para considerar o tempo como uma entidade, temos de separá-lo à força do espaço e da matéria, temos de distorcê-lo para poder enxergá-lo. Já ouvi o argumento de que a própria forma pela qual nossos cérebros são construídos limita a compreensão que temos do tempo, assim como limita nossas percepções a apenas três dimensões. Isso me soa como um materialismo bem débil. E também pessimista. Mas temos de nos agarrar aos modelos — tempo como um líquido, tempo como um complexo envelope com pontos de contato entre todos os momentos.”

Stephen lembrava-se do sexto ano:

“Tempo presente e tempo passado
São ambos talvez o presente no tempo futuro,
E o tempo futuro contido no tempo passado.”

“Veja você, seus modernistas afinal têm alguma utilidade. Não posso ajudá-lo com sua alucinação, Stephen. A física certamente não pode. Ainda é um terreno dividido. Os dois pilares são as teorias da relatividade e do quantum. Uma descreve um mundo causal e contínuo, a outra, um mundo não causal e descontínuo. É possível reconciliá-las? Einstein fracassou com sua teoria do campo unificado. Me alio aos otimistas, como meu colega David Bohm, que prevê uma ordem teórica superior.”

Foi então que Thelma se entusiasmou e Stephen começou a entender menos. A perspectiva era como sempre tantalizante: um relato lúcido do que as melhores cabeças da atualidade estavam pensando acerca das questões fugidias e cotidianas relativas ao tempo, o que estavam demonstrando nos laboratórios e gigantescos aceleradores de partículas. Era uma promessa de paradoxos intrigantes, de intuições pessoais confirmadas e tornadas oficiais. O que frustrava a promessa era a pura dificuldade, a indignidade de esbarrar nas limitações de seu alcance intelectual.

No início ela se mostrou paciente, e Stephen se esforçou bastante. Aos poucos, Thelma começou a deixá-lo para trás e a falar da função de Green, das álgebras cliffordiana e fermiônica, de matrizes e quaterniões. Em breve

abandonou qualquer simulacro de comunicação. Estava se dirigindo a um colega, a uma alma irmã que não existia. Seus olhos se afastaram dos dele e se fixaram num ponto algumas dezenas de centímetros à esquerda, suas palavras transformadas numa torrente impossível de ser interrompida. Falava para si mesma, estava possuída. Comentou as funções eigen e os operadores hermitianos, movimento browniano, potencial de quantum, equação de Poisson e a desigualdade de Schwarz. Teria percorrido o mesmo caminho com Charles? Ele a olhou alarmado, sem saber se devia esticar o braço e tocá-la, tentando trazê-la de volta. Mas raciocinou que ela precisava botar para fora, contar a história dos férmions, desordem e fluxo. Na verdade, Thelma voltou depois de quinze minutos, parecendo tomar consciência de novo de sua presença. A voz dela perdeu a intensidade monótona, e em breve ela lidava outra vez com generalidades que Stephen era capaz de compreender.

Queria que ele compartilhasse de sua excitação ao prever que, dentro de cinquenta ou cem anos, até menos, surgiria uma teoria, ou um conjunto de teorias, das quais as da relatividade e do quantum seriam casos-limite, especiais. A nova teoria iria se referir a uma ordem superior de realidade, um domínio mais elevado, o domínio de tudo que existe, um todo indivisível em que a matéria, o espaço, o tempo e mesmo a consciência seriam corporificações complexamente relacionadas, intrusões que compõem a realidade entendida por nós. Não era de todo fantasioso imaginar que, algum dia, haveria descrições matemáticas e físicas do tipo de experiência que Stephen relatara. Espécies diferentes de tempo, não apenas o tempo linear e sequencial do bom senso, poderiam ser projetadas através da consciência do plano superior do qual a própria consciência seria uma função, um caso-limite que, por sua vez, seria inseparável da matéria que era seu objeto, do espaço onde ocorria...”

Thelma estava servindo o resto do vinho na taça de Stephen. Quando a ciência pudesse começar a abandonar as ilusões da objetividade, encarando com seriedade a indivisibilidade do universo, e encontrasse uma linguagem matemática apropriada para tal, e quando pudesse começar a levar em conta

a experiência subjetiva, então o menininho esperto estaria a caminho de se tornar uma sábia mulher.

“Pense em quão humanizados e acessíveis seriam os cientistas se pudessem participar das conversas realmente importantes sobre o tempo, e sem pensar que tinham a palavra final — a experiência dos místicos de estar fora do tempo, o desdobrar caótico do tempo nos sonhos, o momento cristão de realização e redenção, a aniquilação do tempo no sono profundo, os esquemas temporais complexos dos romancistas, poetas, sonhadores, o tempo infinito e inalterado da infância.”

Ele sabia que estava ouvindo parte do livro dela. “O tempo lento do pânico”, ele acrescentou à lista, contando depois a história da quase colisão com o caminhão e de como libertara o motorista. A partir desse ponto a conversa seguiu sem grande entusiasmo, dando voltas sinuosas, e só no final da noite Thelma retornou à alucinação de Stephen, como então concordaram em chamá-la.

“Você tem que me desculpar pela lenga-lenga. É o que acontece quando a gente vive sozinha no campo, na companhia de ideias e nada mais. Você não precisa da física para explicar o que aconteceu com você. Niels Bohr provavelmente tinha razão o tempo todo quando disse que os cientistas não deviam ter nada a ver com a realidade. O negócio deles é construir modelos que expliquem suas observações.”

Ela circulava pela sala apagando as lâmpadas, fechando as janelas. Stephen a observou com cuidado. A palavra “sozinha” levou um tempão para desvanecer. As luzes mais fortes e desagradáveis do teto foram acesas. Ela parecia cansada e um pouco encurvada.

“Mas todos nós não fazemos isso?”, disse Stephen enquanto subiam a escada. “A realidade não é isso mesmo?”

Ela o beijou de leve, os lábios secos tocando sua face. Sentiu o calor de seu rosto. Ela lhe deu as costas e caminhou pelo corredor de tábuas rangentes até um quarto que, conforme Stephen notou ao se demorar em sua porta, não era o mesmo do marido.

Ele dormiu até tarde na manhã seguinte e acordou com o alarido dos pássaros, a que não estava acostumado. Continuou deitado por meia hora e decidiu voltar a Londres. Passados dois anos e meio, ainda não se sentia à vontade para ficar longe quando Kate, ou alguém que soubesse onde ela estava, podia ir ao apartamento. E nem lhe agradava a perspectiva de aguentar um dia no mato com Charles. Muita coisa havia acontecido num só dia. Queria agora se ver no sofá, em frente à televisão e cercado pela bagunça habitual.

Ele desceu e saiu para a claridade do jardim. Thelma, sentada à sombra, lia um livro. Charles saía cedo para o bosque e ele o veria lá, perto da casa da árvore. Quando explicou seus planos, ela não tentou pressioná-lo a ficar. Tomaram uma xícara de café e depois Thelma caminhou à sua frente pelo túnel verde, admirando durante um minuto a maçaneta da porta e o espelho lateral arrancados. Stephen abriu a porta do passageiro, mas não entrou. Ao redor, nas urtigas, se ouvia o zumbido irritado dos insetos.

Thelma dera a volta para o lado do motorista. Sorriu diante do teto que resplandecia ao sol. “Tudo bem, pode dizer: ele está completamente doido.”

“Bom, você é quem tem de me dizer.”

“Você sabe, seria pior se tivéssemos ficado. Não é exatamente uma coisa repentina. Já vem vindo há anos. Por que você acha que ele ficou tão apaixonado por seu primeiro livro?” Stephen deu de ombros. Vestia um terno de linho recém-lavado e uma camisa branca limpa. As chaves do carro estavam em sua mão, a carteira aconchegada no bolso de dentro — o equipamento de um adulto. A perspectiva da viagem solitária lhe agradava. O que à noite tinha parecido audacioso e liberador nas fantasias de Charles agora parecia simplesmente tolo, algo de que ele devia logo se livrar. A pulseira de metal do relógio de Stephen repuxava os pelos de seu pulso. Deu uma ajeitada na pulseira e começou a entrar no carro.

Ela ergueu o indicador em sinal de alerta: “Agora não vai ficar cheio de nove horas comigo”.

Ele se acomodou no assento e pôs a chave na ignição.

Thelma falou através da janela aberta: “Ele está feliz”.

“Isso eu percebi. E você?”

“Estou trabalhando.”

“E completamente só.” Thelma franziu os lábios e afastou a vista. Stephen estava aborrecido com seus amigos. Eles sempre tinham conseguido ser ao mesmo tempo excitantes e firmemente enraizados. Agora pareciam estar metendo os pés pelas mãos. Thelma esticou a mão para dentro do carro e tocou no braço dele. “Stephen, pega leve...”

Ele concordou energicamente com a cabeça e deu a partida no carro.

Seis

Aqueles que acham naturalmente difícil exercer autoridade sobre os filhos deveriam considerar com seriedade o uso sistemático de ameaças e prêmios. A promessa do chocolate em retribuição, digamos, ao bom comportamento na hora de dormir compensa, no cômputo geral, o pequeno estrago aos dentes, que, de toda forma, em breve serão substituídos pelos definitivos. No passado, se exigiu demasiado dos pais, que foram instados a inculcar o altruísmo em seus filhos a todo custo. Os incentivos, afinal de contas, formam a base de nossa estrutura econômica e, por necessidade, influenciam nossa moralidade; não há nenhuma razão pela qual uma criança bem-comportada não deva ter segundas intenções.

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

As chuvas chegaram finalmente em setembro, trazidas por ventanias que deixaram quase todas as árvores nuas em menos de uma semana. As folhas entupiram os ralos, certas ruas se transformaram em canais navegáveis, casais de velhos foram retirados de apartamentos de porão por policiais calçando botas de cano alto. Houve um clima geral de crise e excitação, ao menos na televisão. Peritos em meteorologia eram chamados a explicar por que não havia outono, por que numa semana era verão e na outra já era inverno. Não faltavam teorias tranquilizadoras — a era do gelo que se aproximava, as geleiras derretendo, a camada de ozônio reduzida pelos clorofluorcarbonetos, o sol nos estertores da morte. De quartéis nas cidades que ninguém conhecia saíram soldados com pesadas bombas de sucção. Um helicóptero militar foi filmado salvando um menino de uma árvore cercada

de água, e, nos noticiários, chefes de polícia e comandantes do Exército apontavam para mapas com suas varetas. O ministro do Interior, o antigo superior de Charles, foi visto visitando as áreas mais atingidas. Segundo a assessoria de imprensa do primeiro-ministro, ele estava acompanhando pessoalmente as providências. Os comentaristas mais responsáveis concordaram que o mau tempo estava sendo útil para o governo, porque, embora ninguém soubesse ainda como parar a chuva, a impressão era de que muitas coisas estavam sendo feitas. Choveu por cinquenta dias. Até que parou e a vida voltou ao normal. Já faltava pouco para o Natal.

As condições climáticas tiveram pouca influência sobre o torpor de Stephen. Acostumara-se a ver televisão de manhã e à tarde por causa dos Jogos Olímpicos. Um novo canal tinha sido criado, com o patrocínio do governo, especializado em jogos e entrevistas, anúncios e conversas com os telespectadores. Stephen, esparramado no sofá de pijama e com um grosso suéter, tendo à mão a garrafa de uísque, assistia aos programas de jogos com a paciência mesmerizada dos viciados. Num canto da sala, um balde de gelo colhia as gotas caídas do teto. Os apresentadores se pareciam tanto uns com os outros que Stephen passara a simpatizar com eles. Eram profissionais, homens dedicados, claramente seguindo instruções convencionais cujas limitações formais vez por outra eles apontavam com tiradas sarcásticas. E ele gostava dos casais docemente vulneráveis que eram recebidos no palco e nunca deixavam de se dar as mãos, as extravagantes fanfarras de clarins que poderiam acompanhar a aparição de um freezer, as assistentes seminuas com seus bravos sorrisos fixos.

As plateias, contudo, lhe provocavam surtos de delirante misantropia. Era o empenho canino em agradar o apresentador e serem agradadas por ele, sua disposição de aplaudir e dar vivas obedecendo a um comando, acenando com bandeiras de plástico que portavam o lema do programa; a facilidade com que o estado de espírito da turba era regulado, agora ela era incitada à exaltação, mais adiante faziam com que ficasse calma e séria; travessa, depois um pouco sentimental e nostálgica; constrangida, envergonhada por alguma bronca do anfitrião, depois mais uma vez alegre. Os rostos expostos às luzes

dos estúdios eram de adultos, pais, trabalhadores, mas suas expressões eram as de crianças observando um mágico numa festa de aniversário. Os membros da plateia eram tomados pelo que parecia uma adoração religiosa quando o apresentador descia para caminhar entre eles, usando seus primeiros nomes, repreendendo, bajulando. Henry, ela te dá tudo que você pede? Para comer, é o que eu estou dizendo. Ela dá? Dá mesmo? Vamos, fala a verdade! Está recebendo tudo que quer? E lá estava Henry, um homem de cabelos brancos e óculos bifocais, que num terno melhor poderia ser confundido com um chefe de Estado, rindo nervosamente e olhando de modo significativo para a mulher, cobrindo depois o rosto com as mãos enquanto todos à volta gritavam e batiam palmas. Era surpresa o mundo ser liderado por débeis mentais com almas tão frágeis depositando votos na urna eleitoral, essa “gente do povo” — expressão muito usada pelos apresentadores —, essas crianças cujo maior desejo era que alguém lhes dissesse quando rir? Stephen inclinou a garrafa e tomou um gole, pronto para retirar o título de eleitor de todos eles. Mais que isso, queria puni-los, vê-los surrados para valer, não, torturados. Como ousavam ser crianças! Ele estava preparado para ouvir, homem tolerante e razoável que era, se alguém lhe explicasse para que serviam tais pessoas, e por que se deveria permitir que continuassem a viver.

Para Stephen, tais surtos — a pornografia de um democrata — eram tão agradavelmente degradantes como qualquer coisa de que pudesse se recordar. Atingiam o ápice pouco antes que decidisse lembrar que seus pais, juntamente com a irmã de sua mãe, Phyllida, o marido, Frank, e a filha já crescida, Tracy, certa vez tinham participado de uma dessas plateias de estúdio e tinham adorado a experiência. Cada um deles trouxe um medalhão com o perfil do apresentador, adornado por uma coroa de louros como um imperador, mostrando no verso um forte aperto de mãos em sinal de amizade.

Talvez este fosse o momento de se levantar e esvaziar a água acumulada no balde de gelo, preparar um sanduíche ou outro drinque na cozinha, quem sabe passar algum tempo olhando pela janela aberta a rua alagada lá

embaixo. Ele tinha uma listinha de preocupações para mantê-lo ali, podendo retornar à televisão quando se cansasse de examiná-la. O longo recesso do comitê de Parmenter ainda se estenderia por quase um mês, e ele se aborreceu ao reconhecer que sentia falta das sessões semanais e da estrutura que elas propiciavam a seus pensamentos. Estava chateado por não ter sido procurado por Julie, e não poder tomar a decisão de escrever para ela sem ressentimento. Embora quisesse muito, não havia voltado a visitar os pais. Só pensava em Charles com irritação. Mais atraente que tudo isso era o aniversário de Kate. Na semana seguinte, onde quer que estivesse, ela faria seis anos.

Havia muitos dias ele pensava em ir a uma loja de brinquedos que ficava a dez minutos a pé do apartamento. A ideia era risível. Significava uma paródia do luto. A sentimentalidade intencional do gesto o fazia gemer. Seria um teatrinho, o fingimento de uma loucura que ele de fato não sentia. Mas o pensamento crescia. Poderia andar naquela direção, imaginar o que compraria. Era uma doideira, uma fraqueza, lhe causaria uma dor desnecessária. Mas o impulso continuou a crescer, e certa manhã, na loja onde comprava os jornais, pegou um rolo de papel de embalagem colorido e entregou no balcão antes de ter tempo de mudar de ideia. Comprar um brinquedo seria desfazer dois anos de adaptação, seria irracional, indulgente, autodestrutivo; e uma fraqueza, acima de tudo uma fraqueza. Fracos eram aqueles que não conseguiam manter a linha divisória entre o mundo como era e o mundo como queriam que fosse. Não seja fraco, ele se dizia, tente sobreviver. Jogue fora o papel, não se deixe levar pela fantasia, não vá por esse caminho. Pode ser que você não volte nunca mais. Não foi, mas não conseguia deixar de querer ir.

A solidão dera origem a pequenas superstições, uma tendência ao pensamento mágico. As superstições se associaram a rituais cotidianos, e, em meio ao silêncio constante que o envolvia, sua observância se tornara rigorosa. Ele sempre barbeava primeiro o lado esquerdo do rosto, nunca escovava os dentes antes de tapar de novo o tubo, dava a descarga com a mão esquerda embora isso fosse inconveniente, e ultimamente tomava grandes

cuidados para colocar os dois pés no chão ao mesmo tempo ao se levantar da cama. O pensamento mágico encontrava jeitos de racionalizar a ida à loja de brinquedos.

Antes de tudo, seria um ato de fé na existência continuada de sua filha. Já que ela certamente não estaria comemorando aquela data, seria uma afirmação de sua vida anterior e da herança correta, da verdade sobre seu nascimento — ele já imaginara as mentiras que teriam lhe contado. A obediência a um culto secreto liberaria configurações de tempo e probabilidade de todo imprevisíveis, a mágica numérica dos aniversários seria acionada, acontecimentos que de outro modo jamais teriam vez seriam desencadeados. Comprar um presente demonstraria que ele ainda não tinha sido derrotado, que era capaz de fazer alguma coisa surpreendente, entusiasmada. Compraria o presente com alegria, e não com pesar, num espírito de extravagância amorosa. Ao levá-lo para casa e embrulhá-lo, estaria fazendo uma oferenda ao destino, ou um desafio: Olha, trouxe o presente, agora me traga a menina. Se a compra lhe causasse algum sofrimento, então se trataria de um sacrifício necessário. Como ele havia exaurido todas as possibilidades no plano material ao buscar pelas ruas, pôr anúncios nos jornais locais oferecendo generosas recompensas por qualquer informação, colando fotos ampliadas nos muros e nas paradas de ônibus, então só fazia sentido trabalhar no nível do simbólico e do numinoso, aliar-se às forças incognoscíveis que regiam as probabilidades, que distribuíam os átomos a fim de tornar sólidos os objetos, que estavam na base de todos os eventos físicos, em última instância de todos os destinos pessoais. E o que ele tinha a perder?

A loja de brinquedos ocupava parte de um armazém modernizado e se parecia com um supermercado. Três corredores espaçosos, fortemente iluminados, iam de uma extremidade à outra, havendo perto da porta uma fileira de caixas além de carrinhos e cestas. O chão era coberto por um tapete de borracha preta e elástica do qual emanava um cheiro estimulante e eficaz. Na parede uma placa com letras em tinta fluorescente que imitavam os garranchos de uma criança alertava que qualquer brinquedo quebrado

teria de ser pago. Acima das lâmpadas com quebra-luzes em forma de cone, alto-falantes transmitiam música apropriada para crianças — um clarinete animado, um xilofone, um tambor. Era o dia do aniversário de Kate. Naquela manhã de segunda-feira em que chovia sem parar, não havia nenhum freguês na loja quando Stephen chegou. Na única caixa aberta, um homem ainda moço, com o cabelo cortado muito curto e um brinco preto, escrevia num caderno. Antes de passar pela catraca revestida de borracha, Stephen parou para tirar o casaco e sacudir o guarda-chuva.

O layout era simples. Os fundos da loja eram dominados pelo cáqui do uniforme de combate e da camuflagem de veículos, bem como pelos rebites prateados das naves espaciais fortemente armadas; a parte mais próxima à entrada, pelos tons pastel das roupas de bebê e o brilho das miniaturas de aparelhos domésticos. Com o casaco dobrado sobre o braço, Stephen circulou sem pressa por todo o estabelecimento, da carnificina para a faxina, e descobriu que os brinquedos mais interessantes ficavam no meio, onde a imitação dos adultos dava lugar à pura distração — um gorila de dar corda que subia pela parede de um arranha-céu para resgatar uma moeda, uma máquina para borrifar tinta, uma almofada que fazia barulho de peido, massa de modelar que reluzia e estalava quando manuseada, uma bola que quicava de modo imprevisível. Pôs cada um desses na mão de uma criança de seis anos que conhecia tão bem quanto a si próprio. Precisava testar as reações dela. Era uma menina reticente, ao menos na presença de estranhos, com as costas bem retas e uma franja preta. Era uma fantasista, uma sonhadora, amante de palavras que soavam esquisitas, autora de diários secretos, colecionadora de objetos inexplicáveis. Suas primeiras escolhas foram conservadoras: um conjunto de canetas coloridas e uma caixa de madeira com minúsculos animais de fazenda. Como ela preferia bichos de pelúcia a bonecas, Stephen pôs na cesta de metal um gato cinza que parecia bem real. Ela era piadista e gostava de pregar peças. Ele pegou a almofada e uma flor que espirrava água. Podia atormentar a mãe com essas coisas. Ele parou diante dos quebra-cabeças. Não era maluco, sabia o que era real. Sabia o que estava fazendo, sabia que ela tinha desaparecido. Havia refletido

bastante sobre tudo aquilo, não estava enganado. Fazia tudo por ele mesmo, sem ilusões. Então continuou. Ela não tinha muita inclinação para o mundo abstrato e fechado dos enigmas. Sua inteligência se nutria do contato humano, das complexidades mais cálidas da fantasia e do faz de conta. Gostava de se fantasiar. Ele pegou um chapéu de feiticeira e, voltando atrás, trocou o gato cinza por um preto. Agora pensava ter encontrado seu tema. Apanhava rapidamente as coisas nas prateleiras: bolinhas mágicas que se transformavam em flores no contato com a água, um livro com sortilégios rimados e receitas para o caldeirão, um vidro de tinta invisível, um copo que fazia desaparecer a água derramada dentro dele, um prego que dava a impressão de ter atravessado a cabeça de quem o usava.

Sem perceber, ele se encaminhava para a seção de meninos. Não havia a menor dúvida de que ela era uma garotinha graciosa, mas muito incompetente com uma bola. Hora de aprender a fazer lançamentos. Pegou na prateleira um saquinho plástico com bolas de tênis. Passou os dedos por um bastão de críquete, bem-feitinho no tamanho adequado para uma criança, salgueiro legítimo. Será que isso estava muito fora dos padrões estabelecidos? Pegou de toda forma, era útil na praia. Agora tinha penetrado fundo no domínio dos meninos, passando por armas, facas, lança-chamas, raios letais e algemas de brinquedo, até que por fim, num reconhecimento instantâneo, deu de cara com o presente de Kate. Era um walkie-talkie de pilha, para duas pessoas, de ondas curtas e frequência modulada. Na embalagem, um menino e uma menina se comunicavam alegremente numa pequena cordilheira que parecia fazer parte da superfície lunar. Das antenas em suas mãos se projetavam arcos brancos com o formato de relâmpagos, uma representação das ondas de rádio e da excitação.

Apanhou um de uma pilha de mais ou menos cinquenta. Não cabia mais nada na cesta. Ao rumar para o caixa, sentiu de repente uma grande impaciência para chegar em casa com suas escolhas, espalhá-las no chão e relembrar a razão de cada uma. Seria ainda melhor se Julie tivesse podido fazer isso junto com ele, com suas próprias ideias, produzindo assim um conjunto mais rico de possibilidades, uma maior oferta ao destino... Mas

sabia o que era real, pensou, ao entregar uma quantia surpreendentemente alta. Sabia que Julie estava no úmido chalé com suas partitas, seus cadernos e lápis bem apontados, eliminando-o cuidadosamente de sua existência. Na pressa, esqueceu-se do guarda-chuva na entrada, porém seus impulsos audaciosos se confirmaram quando parou de chover enquanto atravessava o estacionamento vazio na frente da loja.

Em casa, desembalhou o walkie-talkie por último. Ao colocar as pilhas, caiu em suas mãos um retângulo de papel. O alcance máximo do aparelho, ali se dizia, obedecia às normas governamentais. Colocou um dos aparelhos no chão, bem no final do longo corredor, perto da porta de entrada. Deu vários passos para trás, trouxe o outro aparelho à altura da boca e apertou o botão de transmissão. Tinha a intenção de dizer um, dois, três, mas, porque não havia ninguém lá para julgá-lo, porque sabia exatamente o que estava fazendo e não era maluco, começou a cantar “Parabéns pra você” numa voz rouca de barítono enquanto recuava ao longo do corredor. Da outra ponta chegou a representação simplificada de uma voz, baixinha, misturada a estalidos, com consoantes sem brilho e vogais abafadas. Na verdade, podia ser uma transmissão feita da lua. Mas funcionava, ia ser divertido. Quando ele se afastou mais que doze passos e chegou ao penúltimo verso da canção, a transmissão cessou. Deu um passo à frente, e ela foi retomada. Por isso, se postou ali, no limite do alcance, para cantar o último verso. Tratava-se de um aparelho que encorajava a proximidade. Adequava-se ao plano.

No começo da tarde, enquanto embrulhava os presentes, seu entusiasmo começou a declinar, ele sentiu a primeira pontada de inutilidade. Vinha assobiando e de súbito parou, um comprido prego manchado de sangue falso na mão. O sentido de tudo aquilo se esvaía rapidamente. Não queria deixar metade dos presentes desembalhados. Seguiu em frente com menos cuidado. O rabo do gato preto ficou para fora do pacote e denunciou a presença do bicho. Foi buscar na cozinha uma nova garrafa de uísque e voltou à sala de visitas. Mais de quinze embrulhos malfeitos se espalhavam pelo chão. O que o desencorajou foi a quantidade. Pensara em um único presente, um item puramente simbólico com o qual protestaria contra a

ausência dela, afirmaria sua jovialidade, chantagearia o destino. Agora aquela pilha zombava de sua imbecilidade. Era uma abundância patética. Amontoou os embrulhos sobre a mesa, encostando uns nos outros para parecerem em menor número.

Ele se viu em seu lugar habitual junto à janela aberta. A coisa lógica a fazer no aniversário de Kate era visitar Julie. Poderia aproveitar para passar pelo Sino, ver se acontecia alguma coisa. A fim de se manter ocupado, passou quinze minutos ao telefone verificando o horário dos trens, mudando de sapatos, trancando a porta que dava para a saída de emergência em caso de incêndio. Pôs um bloquinho e uma caneta no bolso do paletó. Voltou então para a janela. Tráfego, chuvinha ininterrupta, gente indo às compras esperando na zebra para atravessar, incrível que houvesse tanto movimento, tanto propósito o tempo todo. Ele próprio não tinha nenhum. Sabia que não iria. Sentiu que o ar escapava lentamente de seus pulmões, sem um som, o peito e a espinha dorsal se encolhendo. Quase três anos e ainda empacado, ainda aprisionado no escuro, envolto em sua perda, moldado por ela, intocado pelas correntes comuns de sentimento que se moviam bem acima dele e pertenciam apenas a outras pessoas. Relembrou a menina de três anos, seu toque elástico, como ela se ajustava de modo tão confortável ao corpo dele, a pureza solene de sua voz, o branco e o vermelho molhados de sua língua, lábios e dentes, a confiança incondicional. Estava se tornando mais difícil lembrar. Ela se desbotava, e durante todo aquele tempo o amor inútil que sentia por ela inchava, sobrecarregando-o, desfigurando-o como um bócio. Ele pensava: eu te quero. Te quero de volta. Quero que te tragam de volta agora. Não quero nada mais. Tudo que quero é querer que você volte. Tornou-se um ritual encantatório cujo ritmo se estreitou até se transformar numa palpitação, num sofrimento físico, até que tudo que acontecera antes passou a ser representado pela palavra “dói”. Encurvado na janela, com o copo vazio, Stephen deixou que seus pensamentos murchassem até se resumir àquela palavra.

Permaneceu imóvel, sem tomar consciência da passagem do tempo. Parou de chover por alguns minutos, caindo depois um aguaceiro.

Finalmente ele ouviu, vindo de outro apartamento, um relógio dar as duas horas, fazendo-o lembrar-se de uma coisa que não queria perder. Afastou-se da janela, desviando a vista do monte de embrulhos sobre a mesa, e ligou a televisão. Por uma fração de segundo o som chegou antes da visão, o zumbido enérgico da voz familiar de um apresentador. Acomodou-se no sofá e pegou a garrafa.

Ao longo desse período de inércia, amigos que voltavam de viagens ao exterior durante o verão telefonavam para saber como Stephen ia e perguntar se ele queria almoçar ou jantar. De pé junto ao telefone, ainda de pijama, ele se forçava a falar em tom amistoso, dando a impressão de estar bem alerta, mas a resposta era firme. Começara um livro, uma coisa diferente de tudo o que tinha feito, estava trabalhando dia e noite e não queria perder o ritmo. Contou essa mentira umas seis vezes em quinze dias, tornando-a tão convincente que começou a desejar que fosse verdade. Perder-se numa cota diária de palavras datilografadas, passar as noites debaixo da lâmpada fazendo revisões em tinta preta, para no dia seguinte redatilograr e continuar a desfiar algo apenas sabido vagamente — ele era quase capaz de crer no que dizia ao transmitir suas desculpas pelo telefone. Sabia, porém, que não tinha a energia, o otimismo essencial que tornava possível o esforço de escrever. Quanto às ideias, a própria palavra o deixava exausto. Seus amigos se mostravam compreensivos e, o que o emocionava, excitados por vê-lo reagindo — e era nesse ponto que ele, se sentindo algo envergonhado com sua invenção, buscava encerrar a conversa tão rápido quanto podia. Isso, por sua vez, era interpretado como sua ânsia de voltar ao trabalho. Quando retornava ao sofá, a seu drinque e à televisão, ficava confuso por mais ou menos uma hora, incapaz de se concentrar.

Um telefonema, no entanto, foi diferente. Uma voz que pronunciava as palavras com cautela perguntou se falava com Stephen Lewis, e depois se apresentou por um longo título de que ele só conseguiu captar as palavras-chave: assistente do ministro, departamento, cerimonial. A cada três meses, explicou o assistente, o primeiro-ministro oferecia um almoço na residência oficial de Downing Street para poucas pessoas, não políticos, que se

destacassem em suas áreas de atuação. Tais eventos eram informais e íntimos, não tendo ampla divulgação. O que era dito neles não podia ser reproduzido. Não se convidavam com frequência jornalistas. Os homens vestiam terno e gravata, nada extravagante. Não se aceitavam sapatos com ponteira de aço. Era permitido fumar depois do almoço, mas não antes. Os convidados, em número de apenas quatro em cada ocasião, deviam comparecer uma hora antes do início do almoço à recepção do gabinete do primeiro-ministro em Whitehall. Deviam se mostrar compreensivos e pacientes enquanto permitiam ser revistados dos pés à cabeça por dois representantes de seu sexo. Qualquer equipamento de gravação ou fotografia seria confiscado e destruído. Objetos pessoais, tais como tesourinhas e lixas de unha, pentes e canetas de metal, estojos de óculos e moedas, seriam confiscados e devolvidos mais tarde. Os convidados deveriam entregar na recepção duas fotografias coloridas recentes, tamanho passaporte, assinadas no verso. Uma delas seria usada no cartão plastificado de identificação para fins de segurança, que deveria ser exibido na lapela esquerda o tempo todo. A segunda, para fins burocráticos, não seria devolvida. Os almoços transcorriam em ambiente descontraído, não havendo uma agenda para as conversas, as quais costumavam abranger assuntos variados de interesse mútuo. Não obstante, os seguintes tópicos não deveriam ser suscitados, uma vez que já tinham sido tratados de forma bastante adequada pelo primeiro-ministro no Parlamento ou em diversos discursos e entrevistas: defesa, desemprego, religião, a conduta privada de qualquer ministro ou a data da próxima eleição geral. O almoço começaria à uma da tarde e terminaria dez minutos após ser servido o café.

O assistente fez uma pausa. Stephen vinha preparando sua desculpa, o trabalho que começara, o novo território que achava estar explorando, patati, patatá. Mas, à medida que proliferavam as restrições, seu interesse cresceu perversamente.

“Entendo que estou sendo convidado”, ele disse por fim.

“Bom, não é bem assim. Estou telefonando para sondar qual seria sua atitude se, e enfático o se, recebesse um convite.”

Stephen suspirou. Da sala de visitas vieram risadas e uma forte salva de palmas. Um jovem casal indefeso estava cada um em uma cabine, à prova de som, e revelando os caprichos sexuais do outro. Ele puxou o fio do telefone ao máximo, mas ainda na véspera mudara o aparelho de lugar e não pôde ver a tela.

O assistente do ministro não se emocionou com a hesitação de Stephen. Explicou, como se estivesse se dirigindo a uma criança: “O primeiro-ministro não gosta de receber recusas, e faz parte do meu trabalho me certificar de que isso nunca aconteça. Só são feitos convites às pessoas que provavelmente aceitarão. Esta nossa conversa agora, contudo, não deve ser vista como um convite. Eu gostaria simplesmente de conhecer sua atitude caso receba um convite.”

“Vou aceitar”, disse Stephen enquanto se esforçava para ver um pedaço da tela do umbral da porta. O casal saía das cabines. O homem chorava, com as mãos cobrindo o rosto, e tentava sair do palco. Entretanto, o apresentador o segurava firmemente pelo cotovelo.

“Quer dizer que o senhor viria se fosse convidado.”

“Isso mesmo.”

“Sendo assim, pode ou não vir a receber um convite”, disse o assistente do ministro, desligando o telefone. Stephen correu para a sala de visitas.

Foi um prazer quando finalmente, em meados de outubro, chegou a hora de voltar a percorrer o trajeto barulhento até Whitehall, a gola virada para cima, o guarda-chuva carregado bem alto. Com o ar fresco e sem pó, as multidões da hora do rush andavam depressa, com determinação; tendo pulado uma estação, o ano chegava ao fim mais rápido do que nunca, e havia uma antecipação de novos começos. Stephen caminhou com passos fortes, pisando na sarjeta quando precisava ultrapassar alguém. Ter uma destinação, um lugar onde era esperado, um fiapo de identidade, tudo isso constituía um imenso alívio após um mês de programas variados na televisão e uísque. Mostrar seu crachá ao guarda taciturno e velho conhecido, circular pelo vestíbulo de mármore em meio a gente bem-vestida que se julgava

importante, penetrar no interior do prédio sabendo, sem necessidade de refletir, quais escadas e corredores tomar, chegar à sala correta e conversar fiado com os colegas, tomar café no copinho de plástico com o emblema do ministério, comprado numa máquina situada no corredor que servia sopa de cebola pelo mesmo bocal — era para viver pequenas repetições como essas que as pessoas mantinham seus empregos, por mais tediosos que fossem, e Stephen precisou fazer um esforço para não se pôr a cantar.

Em vez disso, tilintou as chaves da casa no bolso. Lá estava Emma Carew, que ria de tudo que ele lhe dizia e cujos tendões do pescoço estavam prestes a se romper num acesso de jovialidade; e o coronel Tackle, que lhe deu um aperto de mão másculo e falou sobre o cultivo de tomates num verão sem chuvas. Hermione Sleep, que usava um lenço de seda na cabeça e ainda se lembrava de sua audiência com o primeiro-ministro, sondou a possibilidade de jantarem juntos. Recebeu um olhar inquisitivo de Rachael Murray, que se manteve no outro lado da sala, distante das conversinhas. Antes do recesso, eles tinham trocado os números de telefone ao final da última reunião, mas nenhum dos dois ligara. Em sua felicidade, Stephen lamentou isso e resolveu encontrar-se com ela. Junto às altas janelas, os três professores universitários e vários outros membros do comitê iniciavam um seminário à parte, com vozes animadas. Chegou então lorde Parmenter, vestindo um terno de tecido cinza listrado e trazendo uma rosa em miniatura na lapela. Como se reservasse um momento para alguma prece particular, parou à porta e baixou a cabeça, que estava reluzentemente bronzeada. Só depois gargarejou um cumprimento a todos.

Após certas formalidades preliminares, Canham limpou energicamente a garganta e leu em voz alta algumas minutas de proposta para o relatório final. Seguiram-se vinte minutos de expressões confusas e veladas de desacordo até que Parmenter interveio. Essas matérias poderiam ser discutidas mais tarde porque agora cabia colher depoimentos adicionais e não se devia deixar os convidados esperando. Por isso, o comitê ouviu os tediosos comentários de dois peritos, e Stephen se entregou mais uma vez ao prazer dos devaneios estruturados.

A desintegração dos casamentos tinha sido o tema de dezenas de romances que ele tinha lido nos últimos vinte anos, de filmes que já havia esquecido, de mexericos levianos, de discussão intensa entre amigos preocupados; ele tomara drinques com os protagonistas, ou segurara suas mãos enquanto ouvia, ou os abrigara em casa. Em certa ocasião, quando tinha pouco mais de vinte anos, se envolvera a ponto de invadir a casa do marido de sua amante e roubar, ou recuperar, a máquina de lavar roupa — um gesto insensato de devoção. Lera por alto longos artigos em revistas e jornais: o matrimônio era uma instituição moribunda porque mais pessoas se divorciavam atualmente do que no passado. Ou prosperava, porque mais pessoas se casavam do que antes; elas tinham expectativas mais ambiciosas, buscavam acertar. Agora que estava no mesmo barco, Stephen esperava, depois de tantas leituras, conversas e confissões, ser um perito como todos os demais. Mas era como se estivesse tentando escrever de novo um livro que já havia escrito. O terreno estava tão bem preparado, plantado com mitos e lugares-comuns, a tradição estabelecida com tamanha firmeza, que ele era tão incapaz de pensar com clareza sobre sua situação quanto um pintor medieval de inventar a perspectiva.

Por exemplo, fez para Julie longos e eloquentes discursos mentais, que revisava e incrementava ao longo dos meses com a vã ideia de expor uma verdade final, uma visão geral irrefutável que correspondesse a um veredicto, cuja clareza e força — caso Julie fosse exposta a elas — não deixariam de convencê-la de que sua compreensão da situação do casal e seu comportamento diante de tal situação eram profundamente errados. Ele talvez houvesse adquirido aquele hábito mental por ter passado inúmeras horas ouvindo os protestos das partes lesadas. Em qualquer outra área, aceitava com resignação o fato de que o modo como as pessoas entendiam as coisas tinha muito a ver com o que elas eram, como haviam sido moldadas, o que queriam. Truques de retórica não as fariam mudar.

Havia também papéis convencionais que ele podia adotar para ambos, muitos dos quais contraditórios, mutuamente excludentes. Por exemplo, em certos momentos pensava que o problema de Julie era a fraqueza — ela

simplesmente não tinha a força de caráter necessária para enfrentar um período difícil com ele. Sendo assim, era mesmo melhor que tivesse ido embora. Ela havia sido testada, e fracassara. Mas isso não bastava: ele queria lhe dizer que ela era fraca; mais ainda, queria que ela soubesse, como ele sabia. De outro modo, Julie continuaria a se comportar como se fosse forte. Outras vezes, quando estava desanimado, pensava ser uma vítima inocente — não gostava de usar a palavra “fraco” neste caso. Ficava então desgostoso com a maneira como sua vida murchara até virar nada, enquanto a dela era tão prazerosamente autossuficiente. E isso porque ela o tinha usado, roubado dele. Ele havia saído à procura da filha enquanto ela ficava sentada em casa. Quando não conseguiu encontrá-la, Julie o culpara e fora embora, com a cabeça cheia de bobagens sobre o modo apropriado de chorar a perda de alguém. Modo apropriado! Quem era ela para estabelecer regras sobre isso? Caso ele houvesse encontrado Kate, então seus métodos nunca seriam questionados, apesar de que Julie sem dúvida acharia um jeito de reivindicar o crédito. Por causa da minha inação, ele a ouvia declarar, você foi obrigado a fazer um esforço maior.

Essa linha de raciocínio era vizinha de outra, bem preparada, que se baseava na malícia. Julie vinha aguardando uma desculpa para romper o casamento, sendo moralmente covarde demais para fazer isso a partir de suas próprias queixas. Usara o desaparecimento de Kate para executar seu próprio desaparecimento. Ou, numa versão mais elaborada, Julie queria vê-lo longe, Kate vivia com ela em segredo, o sequestro no supermercado tinha sido cuidadosa e cinicamente planejado, decerto com a ajuda de algum antigo amante dela. Ou de um novo amante. Embora não acreditasse em nada disso, tais pensamentos lhe davam um certo prazer autodestrutivo e sentimental, ajudavam a espicaçar a raiva que o fazia se lançar num dos discursos já repisados, num dos veredictos finais que, como se tornava de repente óbvio, precisavam de ajustes, palavras mais fortes, verdades mais duras.

Não podia se socorrer das lendas e da simbologia, da grande e envolvente tradição do fracasso matrimonial, porque, como muitos antes dele, Stephen

considerava seu caso único. Suas dificuldades não vinham de dentro, como as de outras pessoas, não tinham origem em nada tão banal quanto o tédio sexual ou a pressão financeira. Tinha ocorrido uma intervenção maléfica e — retornava sempre a esse ponto — Julie tinha partido. Ele continuava lá, no mesmo apartamento de sempre, e Julie tinha ido embora.

Bem mais tarde, deu-se conta de que nunca pensava realmente em sua situação, uma vez que pensar implicava algo ativo e controlado; em vez disso, argumentos e imagens desfilavam diante dele, uma multidão zombadora, maliciosa, paranoide, contraditória, autocomiserativa. Ele não tinha clareza, distanciamento, nunca procurava uma rota de saída. Não havia propósito em suas mórbidas meditações. Ele era a vítima, não o progenitor de seus pensamentos. Eles o invadiam com maior eficácia quando lhes oferecia um drinque, quando estava cansado ou acordando de um sono profundo. Ocasionalmente o deixavam em paz por vários dias, mas, ao recomeçarem, se sentia envolvido demais para fazer uma simples pergunta: para que servia sua preocupação? Qualquer bêbado num bar poderia ter dito a Stephen que ele ainda estava apaixonado por sua mulher, mas ele era um pouquinho inteligente demais para isso, apaixonado demais pelos pensamentos.

Enquanto um homem com um bigode preto em escovinha explicava por que os livros infantis não deviam conter ilustrações, Stephen olhou para baixo e se desligou. Em algum nível, o desejo impulsionava seus pensamentos, mas raramente era um elemento consciente. Quando se recordava da última visita à casa de Julie, o que lhe vinha à mente era o sufocante desconforto lá pelo final, e a sensação de que tudo tinha sido exaurido. Ele não se demorava na intimidade e no prazer porque não combinavam com a malha autoprotetora de suas preocupações. No entanto, como se sentia mais feliz (ainda que superficialmente), como houvera um toque de tensão, um brevíssimo momento, na troca de olhares com Rachael Murray, estava agora mais disposto a deixar-se embalar pelas correntes suaves do desejo vago e do remorso. Ouviu a voz de Julie, não pronunciando palavras e frases, mas em abstrato — seu tom, que era grave, seus ritmos, a

melodia em suas frases. Quando ela insistia em alguma coisa ou se empolgava, o registro vocal se tornava docemente mais agudo. Tentou fazer com que a voz lhe dissesse alguma coisa, mas nenhuma das palavras soou como vindo dela. Então ficou ainda mais íntima por não conter palavras, uma expressão mais pura de sua personalidade. A voz murmurava, ele a ouvia como se através de uma espessa parede. A inflexão não era nem amorosa nem agressiva. Tratava-se de Julie em seu estado de espírito especulativo, descrevendo um curso de ação que eles poderiam seguir, alguma coisa que seriam capazes de alcançar juntos. Umas férias, novas cores para determinado cômodo... ou um projeto mais ambicioso?

Esforçou-se para ouvi-la. Viu-a em sua pose característica, numa poltrona, um pé no chão, o outro joelho erguido para servir como apoio aos braços cruzados, que por sua vez sustentavam o queixo. Ela propunha uma empreitada difícil. Parecia excitada ao fazer as propostas, embora sua voz fosse controlada e segura. Agora ele a imaginava com as pernas dobradas sob o corpo, as mãos cruzadas no colo. Ela o olhava fixamente, silenciosa, com o ar satisfeito de quem guarda um segredo. Vestia uma calça de veludo cotelê com remendos e uma blusa larga com amplas mangas e muitas pregas. Parecia roliça e confortável. Stephen se recordava de quando ela estava grávida. Pensou em suas nádegas, a maciez de suas concavidades. Viu sua mão pousada ali, e então, inexplicavelmente, seus pensamentos deslizaram, e ele estava pensando sobre os dois irmãos dela, ambos médicos, obcecados por seus trabalhos e suas grandes famílias. Lembrou-se do pequeno exército de sobrinhos e sobrinhas, dos presentes que ele e Julie compravam para eles em cada Natal; viu então a mãe dela, mulher durona e de cabelos grisalhos, que trabalhava para uma instituição de caridade e mantinha um pequeno apartamento entupido de fotografias e recordações — velhos brinquedos, bonecas quebradas, coleções de pedras, selos, ovos e plumas; e, em grossos álbuns numerados ano a ano, um retrato de Julie com um arco prendendo os cabelos e um coelho de estimação num abraço apertado, Julie com um pé no ombro de cada irmão. E o pai de Julie, morto quando os filhos eram adolescentes, mantido vivo na mitologia da família e ainda chorado às vezes

por Julie e sua mãe.

O inventário se alargou para abranger segmentos mais remotos da família de Julie: um tio arquiteto que tinha sido preso, as amigas dela, os ex-amantes (com um dos quais ele simpatizava), o trabalho, a família francesa que a adotara quando era adolescente e ainda a convidava para o lúgubre chateau que possuíam. E se estreitou para chegar ao sachê que ela mantinha na gaveta de suéteres, a seu gosto por lingerie exóticas e meias de lã com cores vivas, os calos nos calcanhares e a pedra-pomes que ela usava, a cicatriz em forma de disco de uma velha mordida de cachorro, o café tinha que ser sem açúcar, ela punha mel no chá, tinha aversão a beterraba, ova de peixe, cigarros e novelas radiofônicas... O triste era a inutilidade de todo aquele conhecimento. Ele se tornara especialista num assunto que não mais existia, suas habilidades tinham ficado ultrapassadas.

Olhou para Rachael Murray do outro lado da mesa. Com uma das mãos ela pinçava a testa entre o indicador e o polegar, com a outra tomava notas. Vez por outra afastava os cabelos da frente dos olhos com um movimento abrupto, irritadiço. Imaginou que era dirigido a ele o discurso empolado, típico dos editoriais de jornal quando denunciavam a decadência do país — uma cantilena vazia que ouvira durante toda sua vida como adulto. A nação ainda não tinha encontrado um novo papel no mundo, o desafio do futuro dependeria do domínio de novas formas de saber, as velhas aptidões precisavam ser substituídas por novas capacitações — a alternativa seria a perpétua redundância. Será que ele estava à altura de tal tarefa? Involuntariamente fez que não com cabeça.

Viu sua mão na coxa de Julie um segundo antes que ela se levantasse da cama e, nua, atravessasse o quarto. As tábuas do assoalho, sem tapete, estalaram. Fazia frio, o ar que saía de sua boca era visível quando ela abriu a gaveta e vestiu uma blusa. Estava ao pé da cama, olhando para ele enquanto meneava o corpo a fim de vestir a calcinha. Enfiou pela cabeça uma grossa saia de inverno e, ao amarrá-la na cintura, lhe lançou um pequeno sorriso e falou alguma coisa. Parecia importante.

Numa manhã amena, pouco antes do Natal, Stephen, de cueca, examinou a seleção de ternos no armário e, num espírito de desafio político, ou infantil, escolheu o mais usado e menos limpo. No paletó se viam fios pretos onde devia existir um botão, e havia um pequeno ponto queimado, um buraco preciso e com borda marrom, alguns centímetros acima do joelho. Pegou uma camisa branca que tinha uma mancha já desbotada de molho à bolonhesa em forma de foice, feita havia três anos. O casaco, que era caro e relativamente novo, reduzia o efeito, mas se livraria dele assim que chegasse. Sentou-se na cozinha tomando café e lendo o jornal até que a campainha da porta soou. Desceu e deu de cara com um motorista uniformizado, pálido e gorducho, que olhava em volta com repugnância.

“Mora aqui?”, o sujeito perguntou, incrédulo. Stephen não respondeu, e eles atravessaram a lama e contornaram as poças cheias de lixo até onde o carro estava estacionado, com as quatro rodas em cima da calçada e todas as luzes piscando. Era o mesmo modelo em péssimo estado que costumava buscar Charles em Eaton Square.

Em retaliação, Stephen falou por cima do teto para o motorista, entretido com a chave do carro: “Mas não é possível...”. Sentou-se no banco da frente. Por conta de seu pesado casaco e da gordura do sujeito, ficou bem apertado, os ombros dos dois se tocando.

O motorista respirou com dificuldade para alcançar a ignição. Seu tom agora era quase de desculpa. “É tudo alocado, sabe? Nada a ver comigo. Um dia é um Rolls-Royce, no outro um calhambeque como este.” O motor pegou e ele acrescentou: “Depende de quem a gente vai buscar, sabe?”.

Com um golpe de direção, entraram no fluxo do tráfego, que se movia um pouco mais rápido do que quem seguia a pé. Um jato de ar muito quente soprava contra a perna da calça de Stephen, liberando uma mistura de odores. No espaço exíguo, ele se inclinou para a frente e mexeu nos controles da ventilação, que estavam inteiramente soltos. “Esquece”, disse o motorista, sacudindo a cabeça. Abaixou a janela do seu lado. A essa altura o tráfego tinha parado e a temperatura do carro subia impiedosamente. Stephen grunhiu com o esforço de tirar o casaco enquanto o motorista

iniciava uma explicação que envolvia pinos divididos, porcas de asa e bielas duplas, e quando conseguiu atirar o casaco por cima do ombro no banco de trás, já irritado e acalorado, o relato se alargara para incluir as deficiências na gestão da frota de veículos, as horas extras compulsórias, a vitimização de certos motoristas, como ele, que não falsificavam os talões de gasolina, não inflavam o total de horas trabalhadas nem vendiam para os jornais o que ouviam nos carros.

Stephen baixou todo o vidro e se debruçou para fora, com os dois cotovelos na beirada da janela.

O motorista seguia tranquilo com seu monólogo. “Pegue o caso do sr. Symes”, ele disse, batucando no volante com os indicadores esticados. O tráfego voltou a fluir. Passaram devagar pelo sinal e então, onde dois fluxos se juntavam, pararam outra vez. Estavam seguindo o trajeto matinal de Stephen para o Whitehall. Ele devia ter ido a pé. Avançaram um pouquinho e chegaram defronte à escola primária e ginásio do bairro. “Sabe quando é que ele saiu com um carro pela última vez? Dá um palpite.” Como metade de sua cabeça estava do lado de fora, a negativa de Stephen se perdeu, mas o gordo motorista pouco ligou. Era a hora do recreio do fim da manhã, o pátio estava abarrotado. Emparelharam com um jogo de futebol, uns vinte e cinco jogadores de cada lado. Meninos de sete e oito anos jogavam com violenta competência. Uma equipe avançava trocando passes no campo de asfalto, depois a outra; ao som de nomes e palavrões gritados com vozes agudas e imperativas, as bolas altas eram disputadas com vigor; os jogadores de meio de campo passavam a bola para os atacantes e voltavam para a defesa quando atacados. “1985. Foi a última vez. E sabe quem ele estava levando nesse dia? Porque essa é a questão.”

“Não”, disse Stephen no ar mais fresco. Na entrada, diante da qual haviam parado, havia um grupo de garotas com uma longa corda que, em compasso com um canto ritmado, girava em poderosos arcos acima da cabeça de duas delas, que dançavam com rápidos movimentos laterais, levantando os pés tão tarde e tão pouco quanto possível para escapar da corda que passava veloz sob elas. Às duas se juntou uma terceira e depois

uma quarta, o canto se tornou mais insistente, e então a corda se enroscou e se ouviu um gemido de bem-humorada frustração. Entre esses dois grupos barulhentos, os jogadores de futebol e as puladoras de corda, se viam figuras solitárias, uma menina traçando uma linha com a ponta do sapato e, mais além, um menino ruivo com algo que se mexia dentro de um saco de papel pardo.

“O ministro das Relações Exteriores”, disse o motorista. “Ele mesmo. Nem era do nosso ministério. Symes foi emprestado. E o ministério deles tem quase tantos motoristas quanto o nosso.” Haviam parado bem em frente à entrada da escola. As crianças estavam discutindo, algo a ver com que dupla ia girar a corda, que foi arrancada das mãos de uma menina. Logo depois, sua parceira na outra ponta foi consolá-la. Tinham sido substituídas por garotas maiores. “Sabe para onde ele levou o ministro? Juro por Deus.” Stephen fez que não com a cabeça. “Para um bordel perto do aeroporto de Northolt. É um lugar que eles têm lá para os diplomatas.”

“É mesmo?” A corda voltara a girar, o canto começava. Uma fila impaciente se formara e a garota que era a primeira da fila foi empurrada para a frente. Tomou posição a uns cinquenta centímetros do ponto onde a corda batia no solo, sacudindo a cabeça no ritmo do canto e o reproduzindo com os pés. As meninas cantavam juntas, mas algumas eram desafinadas, e as fortes dissonâncias doíam no ouvido. Os acentos eram cruamente enfáticos nos tempos fortes. Papai, papai, tou doente, chama o doutor, já, já, já, já, já já! “Pode imaginar, né? Alguma coisa aconteceu. Em troca de um favor, talvez essa coisa que não foi mencionada, uma palavra para o gerente da frota, e Symes nunca mais soube o que era trabalhar. Ganhando o salário cheio. O resto da vida.”

Stephen observou a garota que esperava. Ela passava o dedo pela bainha da saia. Fez uma pequena finta e entrou, saltitando como um dançarino escocês, e a outra se aprontou. Doutor, doutor, vou morrer? Vai, meu bem, e eu também. Quantos pregos no meu caixão? Um, dois, três, um, dois, três... As duas se encaravam ao pular. Uma batia com as mãos nas mãos da outra, esquerda na direita, direita na direita, as duas ao mesmo tempo, depois

esquerda na direita... A primeira garota tinha o rosto voltado para o outro lado. Ele observava a linha pouco nítida de seus ombros em movimento, a inclinação da cabeça, a pálida parte de trás dos joelhos. No momento em que a letra do canto recomeçou, as duas pularam mais alto, giraram no ar e aterrissaram de costas uma para a outra. O rosto da primeira foi obscurecido pelo grupo numeroso das garotas que cantavam e se aproximavam da corda. Ele se ergueu um pouco no assento, esforçando-se para ver. Na frente, os carros se moviam. Avançaram uns três metros antes de parar, e subitamente ele teve uma visão mais clara. Cinco meninas pulavam a corda, uma linha compacta que subia e descia na pulsação do canto. A primeira que tinha entrado era a mais próxima dele. A franja grossa subia e descia diante da testa branca, o queixo estava erguido, ela tinha uma aparência sonhadora. Ele estava olhando para sua filha. Sacudiu a cabeça, abriu a boca sem emitir nenhum som. Ela estava a vinte metros de distância, inconfundível. O motorista despertou dos devaneios sobre a injustiça e engatou a marcha.

Moviam-se de novo, pegando velocidade. Stephen virou o corpo a fim de olhar pela janela de trás. A corda se enroscara outra vez, as garotas iam de um lado para outro, difícil ver seus rostos. Perdera Kate de vista, depois a viu de relance quando ela se abaixou para apanhar algo no chão.

“Para o carro”, ele sussurrou, limpou a garganta e repetiu, mais alto: “Para o carro”.

Seguiam a cinquenta quilômetros por hora. À frente as luzes estavam verdes, e o sopro de ar mais frio no calor seco refrescava o motorista, gerando nele um otimismo enfático. “Mas não é tudo tão ruim. Na verdade, ninguém manda na gente. Cada um que trate de fazer o melhor que puder.” A escola já estava uns oitocentos metros atrás deles.

“Para o carro!”

“O que houve?”

“Trata de fazer o que eu estou mandando.”

“Com toda essa gente atrás de mim?”

Stephen deu um puxão no volante, e, quando o carro desviou para a esquerda, o motorista não teve alternativa senão frear forte. A menos de dez

quilômetros por hora, raspavam toda a lateral de uma van estacionada. De trás vinha um coro de buzinas. “E essa agora”, gemeu o motorista, mas Stephen já estava na calçada e começava a correr.

Quando voltou à escola, o pátio estava deserto. Aquele ar de ter sido esvaziado dos corpos em algazarra apenas alguns minutos antes tornava a aridez mais completa, seus limites murados mais remotos. Um calor residual pairava sobre o asfalto. Os prédios da escola eram no estilo vitoriano tardio, com altas janelas e telhados muito inclinados em ângulos variados. Deles provinha não exatamente um som, e sim a emanção de crianças confinadas em salas de aula. Stephen postou-se na entrada, todos os sentidos aguçados. O próprio tempo tinha uma qualidade de coisa fechada, proibida; ele estava desfrutando de uma deliciosa transgressão, a importância especial que resultava do fato de estar fora da escola na hora errada. Do outro lado do pátio, um homem com um balde de zinco se aproximava, e, por isso, Stephen caminhou resolutamente na direção de uma porta vermelha e a abriu. Não tinha nenhum plano específico, embora fosse claro que, caso sua filha estivesse lá, seria bem fácil encontrá-la. Não sentiu nenhuma excitação naquele momento, apenas uma serena determinação.

Parou junto a uma mangueira de incêndio montada num suporte redondo de metal preso à parede de um corredor que terminava uns vinte metros adiante num conjunto de portas de vaivém. Lembrou-se de seus tempos de escola: o chão coberto de linóleo vermelho, as paredes com um revestimento envernizado de cor creme para facilitar a limpeza. Começou a caminhar lentamente pelo corredor. Iria fazer uma busca metódica em todo o prédio, considerando-o não como um colégio e sim como uma série de esconderijos. A primeira porta que dava para o corredor estava trancada, a segunda se abria para um depósito de vassouras, a terceira para uma sala com a caldeira que aquecia o prédio e na qual se via um serviço de chá sobre um caixote emborcado. Outras duas portas estavam trancadas mas, a essa altura, ele já chegara às portas de vaivém. Ao abri-las, olhou por cima do ombro e viu o homem com o balde entrar no corredor e se voltar para fechar à chave a porta vermelha. Stephen se apressou.

Tinha chegado a uma área de recepção bem iluminada para a qual convergiam dois outros corredores mais largos e sem portas de conexão. Havia prateleiras com vasos de plantas e desenhos de crianças nas paredes. Um cartaz anunciando “Pagamentos escolares e informações” estava pendurado acima de uma porta aberta. Lá dentro, alguém datilografava devagar. Sentiu o cheiro de café e cigarros, e ao passar, preferindo não ser visto, uma voz de homem exclamou: “Mas as lagartixas não estão extintas!”, ao que uma voz de mulher murmurou em tom tranquilizador: “Bom, quase”.

Stephen continuou ao longo de um dos corredores mais largos, atraído por um estrondo ritmado e ressonante. A seus pés, as placas de linóleo tinham sido gastas até deixar visível o concreto, criando uma fissura que se estendia à sua frente. Parou diante de uma porta em que havia uma janela semicircular de vidro reforçado com arame. Vendo através dela somente uma área com assoalho de madeira, abriu a porta e entrou num ginásio em cuja extremidade oposta trinta crianças faziam fila em silêncio para correr até um trampolim e saltar sobre um cavalo de pau. Postado em cima de um tapete de borracha para lhes dar apoio ao aterrissarem, havia um homem idoso e compacto, com os óculos presos ao pescoço por uma corrente de prata. Quando cada criança se projetava do trampolim, ele dizia: “Hup, hup, hup!”. Olhou sem interesse para Stephen, que tomou posição no final do tapete a fim de observar as crianças saltarem.

Passado pouco tempo, os rostos que subiam e desciam tinham ganhado o aspecto abstrato de pequenas luas, discos com um repertório de expressões dignas de uma história em quadrinhos: aterrorizados, indiferentes, resolutos. Só depois de ver metade da turma ele entendeu a forma ideal do exercício. A ideia era que as crianças aterrissassem no tapete com os pés juntos, mantendo-se totalmente imóveis e eretas por alguns segundos antes de correr para voltar à fila. Como nenhuma delas era capaz de fazer isso, o professor aparentemente se conformara com a melhor alternativa: cada criança se punha em posição de sentido, no estilo militar, depois de cambalear pelo tapete. Em nenhum momento o professor, que era uma espécie de diretor

de circo, oferecia encorajamento ou instruções. Seus “hups” nunca variavam de tom. Não dava a impressão de planejar fazer qualquer outra coisa, pois não havia nenhum outro aparelho à vista. As crianças corriam diretamente do tapete para o fim da fila sem se falar ou tocar. Difícil imaginar que o processo terminaria. Stephen foi embora quando começou a ver rostos pela segunda vez. Em retrospecto, todo o tempo da busca na escola transcorreu tendo como pano de fundo a batida e o estrondo do trampolim, assim como o grito sistemático e lacônico do chefe do picadeiro.

Minutos depois ele estava no fundo de uma sala de aula repleta de alunos, observando uma professora com ar de matrona ao lado do quadro-negro, dando os últimos retoques num desenho de uma aldeia da Idade Média. As estradas convergiam para formar a praça central triangular, em volta da qual se agrupavam as choupanas primitivas. Havia um poço fora de proporção, e à distância, desenhada com certo cuidado, a mansão do senhor feudal. Com um zumbido baixo, as crianças pegaram os lápis de cor e iniciaram suas próprias versões. A professora fez sinal para que Stephen se sentasse numa carteira vazia no meio da sala, e foi de lá, todo apertado, que ele examinou os rostos inclinados sobre os desenhos.

A professora foi até ele e sussurrou exageradamente: “Que bom que o senhor resolveu participar. Se tiver alguma dúvida, basta levantar a mão e perguntar”. Solícita, desdobrou uma folha de papel diante dele e lhe passou um punhado de lápis. Stephen começou a desenhar sua aldeia. Lembrava-se daquela configuração de trinta anos antes. Como era talvez a quarta vez que desenhava uma aldeia da Idade Média, foi capaz de trabalhar depressa, dando à sua fileira de choupanas um grau de perspectiva que jamais haviam tido nas tentativas prévias, além de conseguir desenhar um poço na beira da praça que não ultrapassava a metade do tamanho da cabana mais próxima. A casa senhorial, que ele imaginava que devia ficar pelo menos a uns oitocentos metros de distância, deu mais trabalho, e ele começou a avançar mais lentamente, olhando para o quadro-negro e ali encontrando algumas úteis indicações arquiteturais. No entanto, só podia reproduzir tais elementos fora de escala, com o que seu desenho começou a adquirir as

qualidades primitivistas de todas as tentativas anteriores.

Enquanto desenhava, olhou em volta. Por sorte, todas as alunas estavam de um lado da sala, embora só fossem visíveis os rostos daquelas sentadas atrás dele ou diretamente à sua esquerda. Ao se mexer para alargar o campo de visão, o pequeno assento de madeira deu um estalo nítido. Sem tirar os olhos do livro que lia, a professora disse, ameaçadora: “Alguém está ficando irrequieto”. Ele baixou a cabeça e recomeçou o desenho. A porta se abriu e o homem com o balde enfiou a cabeça para dentro, sorriu para a professora se desculpando, deu uma olhada pela sala e se foi. Havia três meninas de cabelos escuros à esquerda de Stephen. Era difícil vê-las porque mantinham o rosto muito perto dos desenhos. Ele virou o corpo a fim de vê-las melhor, tomando cuidado para não se mover rápido demais no assento. A mais próxima atentou para sua presença e, inclinando a cabeça, sorriu furtiva e lindamente apesar de estar mordendo o lápis. Houve um movimento na frente, o arrastar desagradável de uma cadeira. A professora falou para toda a turma.

“Não há necessidade de copiar do aluno ao lado. Está tudo lá no quadro-negro.”

Ela caminhou entre as carteiras com um ar de serena autoridade, parando para murmurar críticas ou incentivos. Ainda estava uns seis metros atrás de Stephen, mas a nuca dele registrou a aproximação dela. Ajeitou a folha de papel na carteira e tentou ver o desenho através dos olhos da professora. Será que ela se impressionaria com os detalhes do poço, o espaçamento artístico e irregular entre as choupanas, o cavalo inovador que pusera junto à mansão senhorial? Sentiu o perfume momentos antes de ela chegar a seu lado. Os dedos com as unhas pintadas pousaram por segundos na praça da aldeia e se foram, sem nenhum comentário. Conhecia aquele breve desapontamento. Aproveitou-se de que ela se afastava de costas para se levantar e examinar o rosto das meninas. Na verdade, agora havia uma descompressão geral, um remexer de jovens braços e pernas tolhidos, um sussurro que ganhava volume. A professora estava na extremidade oposta da sala, absorta no desenho de um dos garotos. Encorajado, Stephen correu para a frente. As

meninas não se importaram com seu cuidadoso escrutínio. As conversas agora já se transformavam quase numa algazarra, beirando o nível de um coquetel, mas ninguém mais se levantara. A professora fingia não escutar o vozerio.

Então ela se empertigou e pronunciou com severidade a velha fórmula: “Eu dei permissão para alguém falar?”. O silêncio foi imediato, ressentido. Ninguém sabia responder àquela pergunta. Stephen permaneceu na frente, próximo à mesa da professora, verificando todos os rostos pela última vez.

Ela o olhou nos olhos e falou sem o menor toque de humor: “E por acaso eu disse que você podia sair da carteira?”.

Ouviram-se algumas risadinhas no fundo da sala. Aqueles foram momentos de intenso prazer, o tempo que Stephen levou para caminhar até a porta da sala, despedir-se da fantasia e parar de ser cúmplice da autoridade da professora simplesmente lhe dando as costas e andando devagar, confiante em sua imunidade — esse era o sonho de todo colegial, acalentado ao longo de muitas horas de tédio, por fim posto em prática com trinta anos de atraso.

À porta ele se voltou e disse educadamente: “Sinto muito se lhe causei algum transtorno”, saindo para o corredor.

Com um tropel estrondoso de sapatos na superfície dura, e a energia acumulada de uma avalanche, vinham em sua direção uma ou duas turmas de crianças que não ousavam correr mas não podiam limitar-se a andar. Chegavam aos saltos, aos trancos e barrancos, os rostos revelando a expectativa de algo prazeroso. De algum lugar onde não era visível, um homem gritou, furioso: “Andando, eu disse andando!”. Como uma torrente humana, vieram tropeçando, rolando, se acotovelando; e, ao chegarem onde se encontrava Stephen, que por suas próprias razões permaneceu firme no centro do corredor, se dividiam em duas colunas e convergiam às suas costas como se ele fosse um mero obstáculo físico, uma rocha, uma árvore, um adulto. Ele via cabeças que subiam e desciam, na maior parte pretas ou castanho-claras, chumaços de cabelo, feições fugazes, duplas que de forma quase inconsciente deixavam de se dar as mãos a fim de contorná-lo. Por

causa dos esforços físicos, deles emanava um cheiro nada desagradável de coisa cozida. Cada criança conduzia seu próprio monólogo esganiçado, pois aparentemente ali não havia um único ouvinte. Por mais perto que passassem, Stephen não conseguia discernir na tagarelice uma só frase inteligível. Algumas crianças olhavam para cima, como alguém que estivesse passando debaixo de um arco de pequeno interesse arquitetônico, e às vezes reluzia no ar, mais brilhantes ainda em contraste com o opaco dos cabelos, um verde-claro, um castanho pintalgado, um azul leitoso. As cores das bolas de gude com que jogam, pensou Stephen. Teria ele incluído bolas de gude nos presentes que comprara? E, numa clara justificação desses impulsos loucos e confiantes, no momento mesmo em que a pergunta era formulada ele se viu diante dos olhos negros bem conhecidos sob a grossa franja. Pôs-se de joelhos para ficar no nível dela e, pousando ambas as mãos gentilmente em seus ombros, repetiu seu nome enquanto as crianças circulavam em torno deles formando uma parede densa e estranha que nunca ficava parada ou silenciosa.

Dentro do círculo era quente, úmido e um pouco escuro. Ele parecia estar cercado por uma nova espécie de animais inteligentes e inquisitivos. Não eram arredios; havia uma mão sobre seu ombro, alguém tocava em seus cabelos. Ouviu-os ofegantes, murmurando, sentiu o hálito deles quando perguntou: “Você sabe quem eu sou? Acha que já viu meu rosto antes?”.

O olhar da menina era atento, seus olhos examinavam o rosto dele com cautela. A voz, em contraste, era algo insolente, embora não hostil. “Não, nunca vi. De qualquer jeito, não me chamo Kate, meu nome é Ruth.”

Ele tentou pegar as mãos dela, mas o gesto era ousado demais. Ela as cruzou nas costas. “Você me conhecia muito bem”, ele disse tranquilamente, desejando que estivessem a sós. “Mas foi há três anos. Esqueceu, mas vai voltar.”

Ela estava fazendo força para lembrar, ou pelo menos fazendo de conta, desejosa de colaborar. “Você foi uma vez lá em casa e levou um cachorrão vermelho?”

Ele sacudiu a cabeça. Estudava o rosto de Kate, tentando determinar que

tipo de vida ela levaria. Não havia sinais de maus-tratos. O que era mais evidentemente novo era uma pinta acima da maçã do rosto esquerda. Os dentes estavam um pouco tortos, ela deveria estar usando aparelho, ele marcaria uma consulta com o dentista antes que fosse tarde demais. Havia muita coisa a ser feita. Por exemplo, será que essa escola pública mambembe era o lugar certo para ela? Estaria aprendendo a tocar violão como eles sempre tinham prometido? Kate estava refletindo e mordendo a unha do polegar. Na verdade, todas as suas unhas estavam roídas até o sabugo.

“Você é meu tio Pete?”, ela disse por fim. “Aquele que fraturou a coluna?”

Stephen queria berrar para que todas as crianças no corredor ouvissem: Sou seu pai, seu pai de verdade. Você é minha filha, é minha, vou levá-la para casa! No entanto, a situação era delicada, ele precisava manter o controle. Por isso, apenas murmurou: “Você esqueceu quem eu sou. Mas não faz mal”.

Fez bem. Houve uma comoção nas margens do grupo e, depois, uma cabeça de adulto, redonda e com ar irritadiço, se debruçou por cima da parede de crianças a fim de encará-lo na obscuridade.

“Posso ajudá-lo?” A suspeita quase sufocava as palavras.

“Não vai embora”, Stephen sussurrou baixinho. Kate concordou com a cabeça. Ela sempre gostara de segredos. Ele abriu caminho delicadamente entre as crianças na direção do professor, que havia recuado alguns passos. Ainda em seu estado de espírito enérgico e confiante, Stephen pensou em pegar o sujeito pelo cotovelo e afastá-lo ainda mais das crianças, mas o professor pôs as mãos nos quadris e se recusou a sair do lugar.

“O senhor é o pai ou o responsável por algum aluno daqui?”, perguntou com severidade. Era um homenzinho gorducho e musculoso que mantinha as costas retas para aproveitar ao máximo a pouca altura que tinha.

“Bom, é exatamente essa a questão, entende?”, começou Stephen, vacilando ao ouvir o vigor petulante de sua própria voz. Tentou de novo, e disse tudo de maneira bem simples. “Nossa filha foi roubada de nós,

sequestrada, há quase três anos. E acho que a encontrei. Aquela menina lá que diz se chamar Ruth é minha filha. Claro que ela não me reconhece.”

O sujeito interrompeu com uma voz cansada, sem esperar que Stephen acabasse de falar. “Estamos saindo numa excursão da escola. Mas vou levá-lo ao diretor. Ele pode decidir. Isso realmente não é coisa para mim.”

Enquanto o resto das crianças foi esperar no pátio, o professor, Stephen e Kate voltaram pelo corredor até onde ficavam os vasos com plantas e os desenhos infantis. Ela manteve certa distância de Stephen. Talvez estivesse com medo de que ele tentasse agarrar sua mão de novo. Mas estava interessada, até mesmo excitada, e em certo momento, ao caminharem em silêncio, deu uns saltinhos, dando uma olhada para ver se ele havia reparado. Quando Stephen sorriu, ela afastou o rosto. Chegando diante da porta com o cartaz torto, o professor indicou que deveriam esperar. Antes de abrir a porta, expeliu ar dos pulmões, reduzindo sua altura em uns dois centímetros. Stephen pensou que poderia ter um tempinho a sós com a filha, e se voltou na direção dela, mas o professor voltou quase que imediatamente. Fazendo sinal com a cabeça para que entrassem, partiu às pressas pelo corredor sem responder aos agradecimentos de Stephen.

Uma parede inteira do gabinete consistia em uma placa de vidro, manchada de lama e gotas de chuva, através da qual o diretor podia ver parte do pátio e um pedaço do céu plúmbeo e turbulento. O efeito era uma luz intensa e desagradável, que negava o volume e as cores naturais dos objetos e fazia com que o diretor, um tipo magro, de porte militar, parecesse ter sido recortado de uma folha de papelão grosso. Contribuiu para essa impressão o fato de que ele não se mexeu quando Stephen e a menina entraram, nem piscou, falou ou fez qualquer coisa além de olhar para a outra extremidade da sala. Stephen estava prestes a se apresentar, porém Kate o deteve, pousando a mão em seu antebraço.

Esperaram uns vinte segundos até que a fisionomia do diretor se descontraísse e ele dissesse rapidamente: “Desculpe. Estava repassando algumas coisas. Agora...”.

Stephen apresentou-se e pediu desculpa por tomar o tempo precioso do

diretor. Estava no meio de seu pequeno discurso quando se deu conta de que não desejava se explicar muito com Kate presente. Quando revelasse sua identidade, queria ser capaz de falar com liberdade e consolá-la sem ter por perto um estranho. Certamente seria um momento delicado. Interrompeu-se e perguntou se ela se importaria em esperar um ou dois minutos lá fora. Abriu a porta para que ela passasse e a viu acomodar-se numa cadeira do outro lado do corredor.

O diretor era rabugento. “Não entendo mesmo por que o senhor tinha de trazê-la aqui.”

Stephen explicou que estava se sentindo angustiado. “Mas pelo menos o senhor ficou conhecendo a menina de quem estou falando”, ele disse, repetindo o relato breve e simples que havia feito antes. O diretor levantou-se da cadeira, se pôs junto à janela e cruzou os braços. Era uma pessoa séria, de movimentos lentos, que parecia estar se recuperando de uma doença grave. Examinava com expressão crítica o terno de Stephen: o botão a menos, o buraco da queimadura, os sapatos sem graxa, a camisa manchada. Era um homem aferrado às aparências.

“Num supermercado, o senhor diz.” Fez a palavra soar com todo o peso do que era desonesto e civil. “Suponho que tenha comunicado o caso à polícia.”

Stephen evitou que a raiva transparecesse em sua voz ao relatar como a busca tinha sendo conduzida, como o assunto fora divulgado nos jornais e na televisão.

O diretor voltou para trás de sua mesa e, apoiado nos nós dos dedos, se inclinou para a frente. “Sr. Lewis”, ele disse, enfatizando o título para chamar a atenção para o fato de que Stephen não tinha nenhuma patente, “conheço Ruth Lyle desde que ela era um bebê. Mantenho um bom relacionamento com o pai dela, Jason Lyle, há muitos anos, fomos até sócios por algum tempo. Ele pertence a um grupo de homens de negócios importantes das vizinhanças que comprou esta escola das autoridades educacionais. Ele e sua mulher têm cinco filhos, e, posso assegurar-lhe, nenhum deles foi roubado.”

Stephen queria desesperadamente se sentar, mas era hora de ficar de pé. “Conheço minha filha. Aquela menina lá é a minha filha.”

Em resposta ao tom monocórdio de Stephen, a voz do diretor se amaciou. “Dois anos e meio é um longo tempo. O senhor sabe, as crianças mudam. Além disso, o senhor deve estar desejando que seja ela. Afinal de contas, a mente prega suas peças.”

Stephen estava sacudindo a cabeça. “Reconheceria ela em qualquer lugar. O nome dela é Kate.”

O diretor reassumiu a postura anterior. Ficou em posição de sentido, com uma das mãos pousada nas costas da cadeira, como se posasse para o tipo de retrato a ser pendurado no refeitório dos funcionários. Stephen notou com alívio as manchas de gordura na gravata do regimento. “Escute aqui, sr. Lewis. Ocorrem-me duas possibilidades: ou o senhor está cometendo um erro infeliz, ou é um desses jornalistas que querem criar problemas para a escola outra vez.”

Stephen olhou ao redor procurando alguma coisa para se apoiar. Caso estivesse sozinho, teria se deitado no chão por alguns minutos. Falou com um grau de razoabilidade que não sentia: “Não creio que será difícil esclarecer tudo isso. A polícia tem as impressões digitais dela, há os exames de sangue, cromossomos e coisas do gênero...”

“Dois anos e meio, o senhor disse. Certo.” Estalou os dedos na direção da porta. “Vamos pedir que ela entre, por obséquio. Tenho mais coisas a fazer esta manhã.”

Stephen foi até a porta e a abriu. Ela continuava sentada onde a deixara, escrevendo com tinta verde nas costas da mão. Queria lhe falar e estabelecer algum tipo de vínculo antes de voltarem ao gabinete. Ele necessitava de algo para compensar a autoconfiança abrasiva do diretor. Ela se levantou e caminhou em sua direção. Seu débil desempenho diante da convicção do outro homem, a enormidade do que alegava e a falta de provas imediatas, o arrependimento por estar tão malvestido, tudo isso exercia um efeito físico, enfraquecendo-lhe as pernas, atingindo a própria superfície da retina, incluindo os cones e bastonetes, porque a menina que atravessava a área de

recepção era mais alta, mais angulosa, em particular nos ombros, e com feições mais definidas. Ela o olhou de forma neutra. Lá estavam os mesmos olhos debaixo da franja, a mesma palidez. Ele se apegou a tais detalhes, concentrando-se tanto neles que foi incapaz de falar com ela. Estavam de volta no gabinete do diretor, a investigação continuava.

“Ruth”, disse o diretor. “Me diga o seu nome completo e idade.”

“Ruth Elspeth Lyle, tenho nove anos e meio.”

“Senhor.”

“Senhor.”

“E há quanto tempo está nesta escola?”

“Contando com a creche, desde os quatro anos, meu senhor.”

“Por quanto tempo, exatamente?”

“Cinco anos.”

“Senhor.”

“Senhor.”

Stephen sacudia a cabeça. Estava sendo traído. O jeito desembaraçado da menina, solícito demais, a vontade de agradar, começavam a irritá-lo. Ela não ocultava nada, não guardava o menor segredo. De onde se encontrava ele podia ver seu nariz de perfil, e era muito diferente, uma grave incorreção. Ela se afastava, o abandonava.

O diretor olhou mais além de Stephen para o outro lado da sala. “Sra. Briggs, por gentileza, abra o registro escolar de cinco anos atrás e me traga a seção da creche.”

Pela primeira vez Stephen viu que, às suas costas, havia uma pequena mesa num recesso e, ao lado dela, uma mulher com um vestido de tecido estampado de flores, coisa estranha num dia frio, que agora puxava uma gaveta num armário de aço. O diretor pegou a pasta e a abriu na frente de Stephen. Ele não olhou nem ouviu enquanto o diretor desdobrava uma folha com nomes datilografados e os percorria com o dedo. “Lyle, Ruth Elspeth, inscrita para o período de verão logo após fazer quatro anos...”

Stephen estava pensando sobre o espírito de Kate, como ele podia pairar bem alto acima de Londres, como talvez se assemelhasse a um tipo

brilantemente colorido de libélula, capaz de alcançar velocidades inimagináveis, e no entanto permanecendo de todo imóvel enquanto esperava para descer num pátio escolar ou numa esquina para habitar o corpo de alguma menina, impregná-lo com sua essência particular, demonstrando para ele sua continuada existência antes de seguir adiante, deixando atrás de si uma concha vazia, a anfitriã.

O diretor virava as páginas, acrescentando mais provas. A menina observava, imensamente satisfeita consigo mesma. As preocupações de Stephen se reduziram a questões práticas: dentro de quanto tempo poderia sair da escola, como tinha deixado seu casaco no carro, como havia faltado ao almoço do primeiro-ministro.

Minutos depois, ao sair do escritório, ouviu o diretor dizer bem alto à menina, sem dúvida para que Stephen escutasse, que ela devia informá-lo imediatamente se aquele sujeito voltasse a falar com ela. A garota assentiu com entusiasmo. Foi o homem com o balde de zinco que o conduziu para fora da escola. Stephen deu uma olhada para dentro do balde enquanto atravessavam o pátio. Estava vazio. “Por que o senhor carrega isso?”

O servente, que fazia Stephen passar pelo portão de entrada, sacudiu a cabeça e se forçou a dar um sorriso, sugerindo se tratar na verdade de uma pergunta muito idiota que ele certamente não se daria ao trabalho de responder.

Comportando-se alucinadamente durante o encontro que o preocupara sem cessar, Stephen sentiu que não tinha exorcizado sua obsessão, e sim a embotado. Estava começando a enfrentar a difícil realidade de que Kate não era mais uma presença viva, não era uma garota invisível a seu lado que ele conhecia intimamente; relembrando como Ruth Lyle se parecia e não se parecia com sua filha, compreendeu que havia muitos caminhos pelos quais Kate poderia ter seguido, inúmeras maneiras pelas quais poderia ter mudado em dois anos e meio — e que nada sabia sobre isso. Estivera louco, agora se sentia purificado.

Voltou para casa e dormiu até o começo da noite, um sono profundo e

sem sonhos. Em seguida tratou de rearrumar o apartamento. Pôs o sofá de volta contra a parede e a televisão num canto obscuro. Tomou um longo banho. Depois, não resistiu à tentação de se servir um uísque duplo. Mas dessa vez o levou para a escrivaninha, que tinha ajeitado, e onde respondeu a várias cartas. Escreveu a Julie um cartão afetuosos em que nada exigia, dizendo que pensara nela no dia do aniversário de Kate e que ela devia entrar em contato se e quando achasse que era a hora certa. Pegou um caderno e rabiscou algumas ideias; encorajado, retirou a capa da máquina de escrever e datilografou durante duas horas. Tarde da noite, ficou deitado no escuro e tomou decisões complexas antes de sucumbir a um segundo sono tranquilo.

Na manhã seguinte, quando o telefone tocou, ouviu pacientemente o assistente do ministro, mas já resolvera o que fazer. O sujeito começou dizendo que lamentava que Stephen tivesse saltado do carro que fora buscá-lo. Stephen explicou que saíra à procura do que pensou ser sua filha havia muito desaparecida.

“Aliás, o motorista entregou meu casaco?”

“Não. Se tivesse deixado no carro, tenho certeza de que ele teria reportado.” Ninguém, pelo jeito, jamais tinha deixado de comparecer ao almoço sem dar uma boa desculpa. Era uma grosseria imperdoável, mas, por alguma razão extraordinária, com a qual o assistente deixou claro não estar de acordo, estava sendo oferecida a Stephen uma segunda oportunidade. Outro convite seria feito.

“Ah”, disse Stephen, “é uma pena. Não quero outro convite.”

O assistente do ministro mostrou-se afável em seu desprezo. “Que bobagem! Por que não?”

“Em primeiro lugar, porque estou ocupado. Comecei um novo livro, algo diferente...”

“Isso não o impede de almoçar.”

“Em segundo lugar, e não há nada de pessoal nisso, não concordo com o que o primeiro-ministro está fazendo com este país nos últimos anos. É uma porcaria, uma desgraça.”

“Então por que aceitou na primeira vez?”

“Eu também estava uma porcaria. Deprimido. Agora não estou mais.”

Houve uma pausa enquanto o assistente do ministro revia sua tática. Falou em tom pesaroso, como se lamentasse uma lei física irrefutável. “Sinto muito, sr. Lewis, não há muito que eu possa fazer. O primeiro-ministro insiste em vê-lo.”

“Ah, bom”, Stephen disse, “o senhor sabe onde eu moro”, e desligou o telefone.

Foi para a cozinha fazer café, e dez minutos depois, quando levava a xícara pelo corredor, o telefone voltou a tocar. Era um irritadiço assistente do ministro.

“A propósito, parece que perdemos seu endereço.”

Stephen disse onde morava, desligou e correu com o café para a escrivaninha.

Sete

Os especialistas em puericultura no período do pós-guerra ignoraram por razões sentimentais o fato de que as crianças são em essência egoístas, o que é muito razoável, uma vez que foram programadas para sobreviver.

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

Durante os primeiros meses do ano seguinte, o comitê de Parmenter avançou lentamente rumo à minuta final do relatório. Onde havia diferenças insuperáveis, o desgaste, o cansaço e as redações vagas aplainavam o caminho. Úteis mudanças de posição ou o súbito abandono de opiniões excêntricas sem muita perda de prestígio foram facilitados pela sugestão de Canham de que só se reunissem duas vezes por mês, assim como por almoços agradáveis oferecidos a cada membro em separado por lorde Parmenter. Foi também sugerido ao comitê que, embora não fosse possível ser o primeiro dos subcomitês a submeter um relatório definitivo à Comissão, por mais que isso fosse desejável, também não era admissível ser o último.

Stephen deu sua contribuição. Defendeu o que lhe pareceu ser uma argumentação equilibrada, favorecendo, por um lado, certo grau de disciplina e o estabelecimento de determinadas regras básicas — escrever era um ato social, um instrumento de caráter público — e, por outro, a imaginação — a escrita enriquecia a vida privada, não se devia desencorajar idiossincrasias sacrificando o poder de fantasiar. Esse inofensivo argumento foi facilmente assimilável, ou ao menos sua primeira parte, razão pela qual ele não foi convidado a almoçar com o presidente. Na manhã em que Stephen se pronunciou, o comitê estava mais interessado em omitir todas as

referências ao aprendizado do alfabeto e em evitar que um dos professores universitários lesse um ensaio tardio intitulado “A ascendência de classe e a gramática prescritiva”. Em meados de março, o relatório do subcomitê de Parmenter sobre a leitura e a escrita foi entregue à Comissão de Atenção à Primeira Infância. A maioria dos membros achou que havia cumprido sua missão ao produzir um documento que era judicioso no tom e autoritário na postura. O presidente foi elogiado na imprensa porque não foi necessário um relatório da minoria. Uma festa de despedida regada a xerez foi realizada num anexo remoto e raramente usado do prédio ministerial, onde o tapete com decorações florais ainda era enjoativamente vívido, ainda capaz de gerar um revigorante choque elétrico naqueles que tocavam as partes metálicas das portas e janelas.

Stephen chegou tarde ao evento e saiu cedo. Desde o Natal, as sessões do comitê tinham deixado de representar um refúgio de tempo organizado num caos de dias perdidos. As reuniões agora o aborreciam e ameaçavam sua frágil rotina de trabalho, estudo e exercícios físicos. Estava estudando árabe clássico com o sr. Cromarty, um professor universitário aposentado que vivia sozinho no andar de baixo. Quatro manhãs por semana ele descia para as lições no escritório frio e esparsamente mobiliado do sr. Cromarty, onde a única fonte de calor era uma lareira a gás cujas chamas fracas e amareladas pareciam exalar a fumaça narcótica aludida nos poemas que o velho traduzia para ele. Stephen não tinha interesse na língua propriamente dita ou em sua literatura. Caso o sr. Cromarty oferecesse grego ou tagalo, Stephen estaria igualmente satisfeito. A ideia era sair do torpor aprendendo algo difícil; queria regras e suas exceções, a austera absorção de aprender de cor.

Na realidade, ele se sentiu imediatamente encantado com o alfabeto. Comprou um vidro de tinta e uma pena especial para treinar a caligrafia. Dentro de um mês, ficou intrigado com a gramática, com sua orgulhosa dissimilaridade do inglês, a predominância estranha de verbos cujas formas, graças a toques mínimos, geravam sutis gradações de significado: lamentar (*nadam*) se transformava num companheiro de bebida (*nadim*); romã, em granada; velhice, em liberdade.

Seu professor tinha um jeito tranquilo e severo, dando a impressão de que ficaria genuinamente zangado caso o aluno chegasse tarde algum dia ou deixasse de fazer os trabalhos de casa. Durante as lições, o sr. Cromarty vestia um terno escuro e retirava do bolso do colete um relógio prateado ao qual dirigia suas observações finais. Seu apartamento tinha um ar de pobreza sombria e antiquada — assoalho nu, paredes amareladas com manchas de umidade, portas e rodapés pintados de marrom e descascando, um fumacento aquecedor a parafina no hall de entrada sob uma lâmpada sem anteparo. Não havia ornamentos, quadros ou poltronas, nenhum resquício de algum passado.

Todo o seu luxo eram os versos formais e sensuais que amava e que citava longamente, primeiro em árabe e depois num inglês com sotaque escocês, os olhos cerrados e a cabeça inclinada para trás como se estivesse relembrando outra vida. “Fina era sua cintura e ternamente carnudos os tornozelos, o ventre retesado e nada flácido.” O sr. Cromarty evitava Stephen na rua e desestimulava qualquer conversa fiada antes ou depois das aulas de uma hora. Stephen nunca soube qual era seu primeiro nome.

O outro novo compromisso de Stephen era tênis três vezes por semana numa quadra fechada. Tinha sido um jogador medíocre por mais de vinte anos, num lento declínio desde o final da adolescência, quando representara a escola sem se destacar. Durante a primeira hora recebia instruções do treinador, depois jogava durante outra hora com ele, um americano parrudo e careca que, após a primeira aula, lhe fizera um resumo franco das tarefas a serem enfrentadas. Seu forehand e seu backhand teriam de ser reconstruídos do zero. A movimentação dos pés também exigia reformulação total. O saque podia ser simplesmente esquecido por enquanto. No entanto, nenhuma dessas coisas clamava por uma atenção mais urgente do que a atitude de Stephen. Naquela hora estavam bem próximos, cada qual de um lado da rede. Ele não sabia bem que expressão adotar ao ouvir as calúnias impiedosas pronunciadas por um homem a quem estava pagando muito bem.

“O senhor é passivo. Está mentalmente debilitado. Espera que as coisas

aconteçam, fica lá parado esperando que tudo dê certo no fim. Não aceita a responsabilidade pela bola, não faz cálculos ativos sobre o movimento seguinte. É inerte, sem espinha dorsal, semiadormecido, não gosta de si mesmo. Sua raquete tem que ser puxada para trás antes, o senhor precisa estar indo para a frente ao bater na bola, abaixando o corpo, extraíndo prazer do movimento. Mas o senhor não está inteiro aqui. Até enquanto estou falando com o senhor, não está inteiro aqui. Acha que é bom demais para jogar tênis? Acorda!”

Além do árabe e do tênis, Stephen tinha seu trabalho e, nas horas vagas, lia indiscriminadamente tijolões, best-sellers internacionais, o tipo de livro cujo propósito efetivo era explicar como funcionava um submarino, uma orquestra, um hotel. Estava se sentindo capaz de conduzir uma vida social limitada à noite, mas fez questão de ater-se às amizades bem estabelecidas e não exigentes com outros homens. Antes do Natal, sua mãe adoecera seriamente. Ele a visitara com frequência, primeiro no hospital, depois em casa; e, mesmo não correndo risco de vida, ela estava demasiado fraca para manter qualquer conversa mais longa. Se não estava exatamente feliz durante esses meses, ele também não estava catatônico. Às vezes, tinha a impressão de que treinava para um evento desconhecido; esperava alguma mudança — não tinha ideia de que tipo — ou talvez até mesmo um cataclismo, e se mantinha atento para detectar os primeiros sinais, as primeiras e pequenas indicações de que sua vida estava prestes a ser transformada. Os longos livros que lia o faziam pensar em termos de fórmulas úteis, de marés mudando, novos ventos, sombras se dissipando. Não tinha dúvida, contudo, de que ainda se encontrava na zona de sombras: afinal de contas, pagava por seus contatos humanos semanais mais regulares.

As mudanças vieram, mas sem nenhum aviso, sem nenhum detalhe emergente capaz de prefigurar um esquema mais amplo. Em vez disso, houve uma série de desenvolvimentos repentinos e aparentemente não relacionados, o primeiro dos quais, uma surpresa certa noite, começou com dois toques na campainha. Ele terminara o jantar e se aprontava para copiar à mão um poema que lia para o sr. Cromarty na manhã seguinte. Tinha

nevado um pouco o dia todo e, ao voltar do tênis, Stephen acendera a lareira, que agora exibia um fogo bem alto. Com as grossas cortinas de veludo fechadas, se serviu de um copinho de armanhaque — passara a tomar uma única dose de bebida por dia — enquanto o rádio transmitia baixinho uma imponente música orquestral. Já havia esboçado os caracteres a lápis e, ao secar a ponta dourada da pena com um pedaço de algodão, estava antegozando o desenho definitivo do primeiro deles, uma linha curva sob um triângulo de pontinhos. Quando a campainha tocou, estalou a língua em sinal de irritação e, levantando-se, repôs sem pressa a tampa do vidro de tinta. Perguntou-se então se, nos movimentos lentos, na exasperação com qualquer transtorno, ele não estava começando a se parecer com o próprio sr. Cromarty.

O que viu primeiro foi sangue, quase negro na fraca luz do patamar da escada, cobrindo por inteiro o rosto de um homem que segurava contra o peito um pacote de papel pardo. A origem do sangue não era evidente. Parecia ter escapado pelos poros, obliterando os traços faciais de modo tão completo que só as orelhas continuavam brancas. Gotas se formavam na ponta do queixo e caíam no pacote.

Quebrando o breve e traumático silêncio, o homem falou rapidamente com uma hesitação artificial: “Sinto muitíssimo incomodá-lo tão tarde da noite. Eu... eu deveria ter telefonado antes...”. A voz, que Stephen conhecia, não expressou dor alguma. O homem lhe estendia a mão manchada de sangue. “Harold Morley, o senhor sabe, do comitê.”

“Ah, sim”, disse Stephen, abrindo mais a porta e dando um passo para o lado. “É melhor entrar.” Só ao fechar a porta é que identificou Morley como o sujeito do alfabeto fonético, sobre o qual fora feita uma brevíssima menção afinal retirada da versão definitiva do relatório. Morley olhava para sua mão, tocando o queixo de leve e examinando a ponta dos dedos. “Tropecei na escada.”

Stephen o conduzia para o banheiro. “Não foi o primeiro.”

Morley se apoiou no umbral enquanto Stephen enchia a pia e arregaçava as mangas. “Sabe, acho que perdi os sentidos por alguns segundos.”

“Está com uma aparência horrorosa”, disse Stephen. “Deixa eu dar uma olhada.”

Morley falou em tom de dúvida. “Me lembro de cair e de me levantar, mas passou algum tempo entre uma coisa e outra, tenho certeza.”

Stephen derramou um líquido antisséptico na água. O cheiro intensificou a percepção de sua competência. Morley tirou a camisa. O corte, no alto da testa, tinha uns dois centímetros de comprimento e o sangue já estava coagulando. Enquanto Stephen passava uma esponja em sua cabeça e em seu rosto, Morley falava de modo desconexo com a cara virada para a água, que ia ficando cada vez mais vermelha, repetindo o relato da queda. Quando Stephen acabou, as costas estreitas e cheias de pintinhas do sujeito começaram a tremer. Ao se endireitar, ele perdeu imediatamente o equilíbrio. Stephen fez com que se sentasse na borda da banheira, lhe deu uma toalha e improvisou uma compressa. A essa altura, Morley estava tremendo muito. Stephen lhe entregou um suéter grosso, o embrulhou num cobertor e o fez sentar-se numa poltrona junto à lareira. Serviu uma xícara de café forte em que pôs meia dúzia de colheres de açúcar. Mas Morley não foi capaz de segurá-la. Stephen levou a xícara à boca dele, e ouviu seus dentes se chocarem contra a louça. Dez minutos depois Morley se acalmou e começou a elaborar uma desculpa. Stephen lhe disse que descansasse. Cinco minutos mais tarde seu visitante tinha caído no sono.

Stephen bebeu o armanhaque de um gole, encheu o copo de novo e ficou surpreso ao ver que era capaz de continuar a preparar a aula do dia seguinte. Vez por outra olhava de relance na direção de Morley. A compressa malfeita permanecia comicamente no topo de sua cabeça, fixa apenas pelo sangue coagulado. “Ela me mostra uma cintura mais delgada que a rédea de nariz de um camelo, e uma perna tão lisa quanto a haste umedecida de um papiro...” Examinou o trabalho terminado e teve vontade de saber se, além do sr. Cromarty, alguém conseguiria encontrar algum sentido nos diminutos círculos, traços e arabescos que flutuavam acima das linhas com seus ganchos repentinos e cruéis. Seriam eles talvez um código privado, um jogo intrincado criado pelo velho para fazer passar o tempo?

Após cochilar por quinze minutos, Harold Morley começou a se agitar. Subitamente, se sobressaltou na poltrona, o rosto tenso, com um ar acusatório. “Onde é que está?”, ele perguntou incisivamente; e então, numa mudança total, fechou os olhos e deu um tapa no rosto: “Ah, meu Deus! O táxi. Deixei no banco”.

Stephen foi até o banheiro e pegou no chão o pacote de papel pardo. Dali seguiu para a cozinha a fim de se servir de mais café. Ao retornar ao escritório, Morley recuperara a memória. Encontrava-se de pé junto à lareira examinando as ataduras ensanguentadas que retirara do ferimento. “Bela pancada”, ele disse, impressionado.

“Você pode precisar de pontos”, disse Stephen. “Realmente tinha que cuidar disso ainda esta noite.”

Entregou a Morley o pacote. Seu convidado olhava para a bandeja de bebidas. “Abra isso e dê uma olhada. Eu gostaria de tomar um uísque, se não se importa.”

Stephen serviu para os dois. Observado de perto por Morley, se sentou para examinar o livro que retirara do pacote manchado de sangue. A capa fina e despojada continha a palavra “Prova” e, abaixo, uma etiqueta branca colada em ângulo descuidado anunciava “Leitura restrita Código R-8. Exemplar no 5”. As primeiras páginas estavam em branco. Stephen chegou à introdução e leu: “Os especialistas em puericultura no período do pós-guerra ignoraram por razões sentimentais o fato de que as crianças são em essência egoístas, o que é muito razoável, uma vez que foram programadas para sobreviver”. Folheou o livro de trás para a frente e viu o título de alguns poucos capítulos — “A mente disciplinada”, “A superação da adolescência”, “Segurança na obediência”, “Meninos e meninas — *vive la différence*”, “Um bom tabefe poupa nove”. Neste último capítulo, ele leu: “Os que argumentam dogmaticamente contra todas as formas de punição corporal são obrigados a recomendar uma série de represálias psicológicas contra a criança — retirada de aprovação ou de privilégios, a humilhação de irem mais cedo para a cama, e assim por diante. Não há nada que sugira que essas formas mais demoradas de punição, que podem tomar um bom tempo de

pais ocupados, causem menor prejuízo a longo prazo que um rápido piparote na orelha ou umas boas palmadas no traseiro. O bom senso sugere o contrário. Levante a mão uma vez e mostre que é para valer! É bem provável que nunca precisará levantá-la de novo”.

Morley aguardou, erguendo-se da poltrona em certo momento a fim de voltar a encher o copo. Stephen virou algumas páginas. Um desenho mostrava duas meninas brincando. Na legenda se lia: “Não há nada de errado com esse ferro de passar em miniatura. Deixe que as meninas afirmem sua feminilidade!”. Por fim Stephen repôs o livro no pacote e o jogou sobre a mesa. A Comissão ainda estava colhendo relatórios de seus catorze subcomitês, e não se esperava que completasse o trabalho antes de passados outros quatro meses. Seu único desejo era telefonar para o pai e congratulá-lo por sua perspicácia. Mas poderia fazer isso quando o visse mais tarde naquela semana.

Morley disse: “Preciso lhe dizer como chegou às minhas mãos”. Um funcionário de nível médio, cujo nome Morley desconhecia, lhe telefonara no trabalho e pedira que o encontrasse num café próximo frequentado por operários. O indivíduo ocupava algum cargo no setor de publicações do governo. Pertencia a uma longa tradição de funcionários civis desgostosos; a cada ano, dois ou três eram julgados por traição ou coisa parecida. Mas essa não era a principal razão para ele querer entregar o livro; na verdade, era porque podia sair impune. O escritório onde trabalhava tinha sido assaltado na noite anterior. Os ladrões se interessaram mais pelos equipamentos pesados, levando as máquinas de fazer café e sopa. O homem que procurara Morley tinha sido um dos primeiros a chegar na manhã seguinte. Enfiara o livro em sua pasta, informando que estava entre os itens dentro de um pequeno cofre que, sabe-se lá como, os ladrões haviam conseguido levar.

O livro tinha chegado ao departamento de imprensa do governo três meses antes, havendo agora dez exemplares encapados que circulavam entre membros de elite do Serviço Civil e três ou quatro ministros. Cada exemplar era monitorado com a atenção geralmente associada a documentos na área da defesa. Na realidade, somente por um lapso administrativo já esquecido

aquele exemplar não estava dentro do cofre roubado. O funcionário disse a Morley que, a seu juízo, o governo tencionava publicar o livro um ou dois meses após a Comissão haver completado seu próprio relatório, declarando que o manual havia aproveitado o trabalho do grupo. Não estava claro por que exemplares de prova estavam circulando tão cedo.

“Talvez”, disse Morley, “o primeiro-ministro precisasse contar com o apoio de outros membros do gabinete por motivos políticos.”

Stephen disse: “Não entendo por que não podiam confiar que a Comissão iria produzir o tipo de livro que eles queriam. Designaram o presidente dela e de todos os subcomitês”.

“Não podiam ter certeza disso”, Morley respondeu. “Embora tenham tentado. Não podiam deixar que os peritos e celebridades reunidos para consumo da opinião pública chegassem exatamente ao livro que desejavam. Isso é assunto de gente grande.” Morley estava apalpando o corte com a ponta dos dedos. Fez uma careta. “Seja como for, mostra como estão levando a coisa a sério. Você já ouviu, sem dúvida, como a nação vai ser regenerada graças à reforma nos cuidados com as crianças.”

Ele disse que a cabeça estava começando a doer a cada palpitação, e que queria ir para casa. Explicou que viera a fim de discutirem o que fazer. Não podia falar com sua mulher porque ela também trabalhava para o Serviço Civil, na área de medicina, e não queria comprometê-la. “Ela dá um jeito na minha cabeça quando eu voltar.”

Uma vez que não podiam fazer mais do que criar um certo grau de embaraço, a decisão foi rápida. Concordaram que, após enviar uma cópia para algum jornal, Stephen deveria manter o livro em seu apartamento, eliminando o número de identificação para proteger o funcionário público. Ele chamou um táxi e, enquanto aguardavam, Morley falou sobre seus filhos. Tinha três meninos. Amá-los, ele disse, não era apenas uma delícia, mas também uma lição de vulnerabilidade. No auge da crise dos Jogos Olímpicos, ele e sua mulher tinham ficado acordados a noite toda, mudos de medo de que algo pudesse acontecer com os garotos, horrorizados com sua própria incapacidade de mantê-los a salvo de qualquer sofrimento.

Ficaram deitados lado a lado, incapazes de expressar seus pensamentos, relutantes até em admitir que estavam acordados. Ao amanhecer, o mais novo tinha ido para a cama deles como de costume, e foi então que sua mulher começou a chorar, tão desesperadamente que por fim Morley levou o menino de volta para o quarto dele e os dois dormiram lá. Mais tarde, ela lhe disse que foi a confiança absoluta do menino que a abalara: ele acreditava que estava seguro debaixo das cobertas e agarrado à mãe — e, porque não estava, porque podia ser destruído em minutos, ela sentiu que o havia traído. Rememorando sua brutal indiferença naquela época, Stephen sacudiu a cabeça e nada disse.

Depois que Morley saiu, ele foi até o quarto desguarnecido da filha e acendeu a luz. Ainda havia um saco de lixo cheio de coisas dela sobre o colchão da cama de madeira. O quarto cheirava a mofo. Ajoelhou-se e virou a válvula do radiador. Continuou agachado por um momento, testando seus sentimentos. Não era a perda que confrontava agora, e sim um fato, como um muro alto. Mas inanimado, neutro. Um fato. Pronunciou a palavra em voz alta, como uma maldição. Voltando ao escritório, sentou-se na poltrona de Morley junto à lareira e refletiu sobre sua história. Viu os dois, homem e mulher, deitados de costas lado a lado como figuras de pedra num túmulo medieval. Guerra nuclear. De repente, infantilmente, ficou com medo de tirar a roupa e ir para a cama. O mundo fora daquele quarto, fora até de suas roupas, parecia amargo, de uma crueldade absurda. A tênue sanidade que estabelecera fora ameaçada. Tinha ficado imóvel durante vinte minutos e estava afundando. O silêncio aumentava em volume. Num grande esforço, se inclinou para a frente e atçou o fogo. Limpou a garganta com força para ouvir sua própria voz. Quando as chamas envolveram o carvão novo, se acomodou na poltrona e, antes de cair no sono, prometeu a si próprio que não iria perder o controle. Sua aula era às dez da manhã e devia estar na quadra de tênis às três da tarde.

A mãe de Stephen começou a convalescença em fevereiro. Permitiam que saísse da cama à tarde, até o começo da noite. Quando o tempo ficasse

mais quente, deixariam que caminhasse os quatrocentos metros até a agência de correios. Perdera sete quilos e quase toda a visão em um olho. Tricotar, ler ou ver televisão causavam dor no olho bom, por isso o rádio e as conversas eram agora seus maiores prazeres. Como muitas mulheres de sua geração, ela não gostava de mencionar nenhum desconforto. Quando precisava passar várias horas longe de casa em visita à irmã, que também estava doente, seu pai perguntava se Stephen podia vir fazer companhia à mãe. Ele aceitava com prazer. Gostava de ver os pais separadamente. Era mais fácil romper os padrões habituais, se sentia menos limitado em seu papel de filho. E havia a possibilidade de retomar a conversa que tinham começado na cozinha meio ano antes.

Surpreendeu-se ao ser recebido na porta da frente por ela, ao vê-la de novo com as roupas de todos os dias em vez da camisola do hospital de um cor-de-rosa vibrante. A perda de peso tornara a pele do rosto mais firme, dando-lhe uma aparência superficialmente mais jovem, efeito reforçado por um tapa-olho brejeiro. Depois que trocaram um breve abraço, e enquanto ele a cumprimentava pelo progresso e fazia uma desajeitada piada de pirata, ela o conduziu para a sala de visitas.

Pedi desculpas por um caos só visível para ela. Uma das razões por que estava ansiosa para recobrar as forças, ela disse, era sua vontade de começar a pôr a casa em ordem. Embora nem um só objeto parecesse fora do lugar, Stephen comentou que sem dúvida era um bom sinal ela se sentir assim. Mas, numa indicação de como se encontrava de fato enfraquecida, permitiu, após alguns protestos protocolares, que ele fizesse chá para os dois na sua cozinha. Mas deu instruções pelo buraco da parede e, quando ele não estava vendo, puxou as mesinhas de café e as arrumou de modo a receberem a bandeja e as xícaras. Na cozinha, Stephen esperou que a água fervesse e examinou o conteúdo de uma série de vidros de remédios. A intensidade iridescente dos vermelhos e amarelos sugeria uma tecnologia potente e uma profunda intervenção no organismo. Na parede a inovação era um cartaz de bom tamanho, na letra de seu pai, relacionando os telefones de emergência do médico e de algumas empresas privadas de ambulâncias.

A sra. Lewis serviu o chá, embora sua mão tremesse com o peso do bule. Fingiram não ver os respingos que molharam a bandeja. Conversaram sobre o tempo: a previsão era de que, antes dos primeiros sinais da primavera, teriam de suportar pesadas quedas de neve. A sra. Lewis esquivou-se agilmente das perguntas do filho sobre a visita mais recente do médico. Em vez disso, falaram da doença da tia de Stephen e se o sr. Lewis estaria seguro atravessando a parte oeste de Londres em transportes públicos. Debateram a conveniência de livros com letras grandes. Passados vinte minutos, Stephen começou a recluir-se que sua mãe se cansasse antes que ele pudesse encaminhar a conversa na direção que desejava. Por isso, após a curta pausa seguinte, ele disse: “Lembra-se de que estava me contando sobre aquelas bicicletas novas?”.

Ela deu a impressão de estar esperando por isso. Sorriu imediatamente. “Seu pai tem suas próprias razões para querer esquecer delas.”

“Está me dizendo que ele fingiu ter esquecido?”

“É o treinamento da Força Aérea. Se está ruim ou não encaixa direito, joga fora.” Ela falava com afeição. Continuou: “O dia em que compramos aquelas bicicletas foi difícil, para nós dois. Ele gosta de pensar que tudo que aconteceu depois tinha que acontecer, que nunca houve outra escolha. Diz que não se lembra, por isso nunca conversamos sobre isso”. Embora seu tom fosse contemplativo e em nada acusatório, certa firmeza nas últimas palavras parecia estabelecer o pretexto para uma indiscrição. Ela também estava sendo intencionalmente obscura e um pouco dramática. Encostou-se na cadeira, a xícara uns dois centímetros acima do pires, esperando ser encorajada.

Stephen tomou cuidado para não parecer interessado; sabia que a lealdade dela poderia facilmente vir à tona graças ao sentimento de culpa. Deixou passar alguns segundos antes de dizer: “Afim, suponho que quarenta anos seja muito tempo mesmo”.

Ela sacudiu a cabeça enfaticamente. “A memória não tem nada a ver com os anos. A gente lembra o que lembra. O momento em que vi seu pai pela primeira vez é tão claro para mim agora quanto sempre foi.” Stephen

conhecia em parte o relato do primeiro encontro de seus pais. Mas tinha consciência de que aquilo que estava sendo oferecido a ele como prova da intemporalidade da memória era a entrada da mãe na história que ela queria contar.

Nos primeiros três anos após a guerra, a mãe de Stephen, Claire Temperly, trabalhou numa pequena loja de departamentos numa cidadezinha do Kent. O impacto social da guerra, em particular o desaparecimento de toda a classe dos empregados domésticos e, assim, do modo de vida das classes médias de bom nível econômico, ainda não se fizera sentir por completo. Por isso, a loja — uma espécie de Harrods local de dois andares — ainda conseguia manter algumas pretensões do período anterior à guerra.

“Não era o tipo de lugar em que mamãe ficaria à vontade fazendo compras. Ia se sentir deslocada.” Rapazes vestindo uniformes azul-marinho com alamares prateados e gorros com o emblema da loja aguardavam junto às portas giratórias a fim de levar as senhoras, sobre os tapetes cor de ameixa, até o departamento apropriado. Se as assistentes não estivessem disponíveis, as senhoras eram convidadas a esperar em poltronas confortáveis. Os rapazes tratavam as freguesas com grande cortesia e frequentemente tocavam nos bonés em sinal de respeito, mas nunca recebiam gorjetas.

As assistentes, todas moças, também usavam uniformes pelos quais eram pessoalmente responsáveis. Cada manhã, antes que a loja abrisse, se perfilavam para a inspeção do vestuário pela srta. Bart, a idosa chefe do departamento de pessoal. Ela prestava atenção especial aos laços brancos e engomados que “suas meninas” portavam nas costas. Garotas que não tinham nascido para isso precisavam aprender a pronúncia adequada, fortalecendo os músculos em volta dos lábios. Quando não estavam atendendo aos fregueses, tinham que ficar empertigadas atrás dos balcões de mogno, só se falando caso estritamente necessário; exigia-se que ostentassem uma expressão amigável e alerta, mas não “intrometida” — “o que significava não olhar para o freguês antes que ele olhasse para você. Levei

uns dois meses para aprender isso”.

Claire tinha vinte e cinco anos e ainda estava na casa dos pais quando entrou para a loja. Era uma mescla estranha de timidez e independência. “Escapei de duas propostas de casamento, mas precisei que mamãe falasse por mim.” No entanto, parentes e amigos estavam começando a se preocupar com sua idade, dizendo-lhe que só lhe restavam mais um ou dois anos. Era bonita, com um jeito alegre, de passarinho. Não era a ambição, mas a energia nervosa e o receio de ser criticada que a faziam trabalhar com tamanho afinco. Até a srta. Bart, que todos temiam, passou a gostar dela por conta da pontualidade, dizendo que seus laços eram os mais limpos e mais perfeitos. Ela aprendeu a falar com o sotaque sofisticado das outras moças, sendo uma das poucas assistentes transferidas para um novo departamento a cada seis meses, “provavelmente porque os superiores estavam pensando em me promover”.

Foi por tal motivo que se viu no departamento de relógios, vinda da seção de armarinhos, onde a supervisora fora uma segunda mãe para ela e a fizera se sentir menos ansiosa pelo fato de não estar casada. Seu superior agora era o sr. Middlebrook, um homem alto e magro que intimidava tanto os subordinados como os fregueses por seu modo de falar brusco e sarcástico. Ele tinha na testa uma notável mancha de nascença vermelha, e a história entre as moças era que, “se você deixasse seu olhos pousarem na mancha por um segundo, estava despedida na hora”. O sr. Middlebrook não era insensato, porém era frio na relação com as assistentes e propenso a fazê-las parecer idiotas.

Raramente havia fregueses do sexo masculino na loja. Era um lugar tranquilo, perfumado, feminino. Vez por outra um velho cavalheiro poderia aparecer, qual um peixe fora d’água, à procura de um presente de aniversário para a esposa, ficando encantado quando alguma moça o tomava pela mão e fazia sugestões respeitáveis. E havia jovens casais, casados ou noivos, “preparando o ninho”, que se tornavam objeto dos mexericos das assistentes na meia hora que tinham para almoçar. Mas um sujeito ainda moço e sozinho na loja, em especial um homem bonito com um bigode

preto e no elegante uniforme cinza-azul da RAF, era motivo de grande agitação. A notícia de sua chegada foi telegrafada através do andar térreo. As moças levantaram a vista dos balcões, alertas e amistosas. Seguido, e não precedido, por um rapaz, ele atravessou toda a serena extensão dos tapetes cor de ameixa a caminho do departamento de Claire, com o quepe sob um braço e um relógio sob o outro, pedindo para ver o sr. Middlebrook. Enquanto alguém foi buscá-lo em seu escritório, o homem descansou o relógio e o quepe lado a lado no tampo de vidro do balcão, relaxou o corpo com as mãos cruzadas nas costas e ficou olhando fixo para a frente. Era um homem forte, com as costas impressionantemente retas. Tinha uma fisionomia ossuda e austera, muito apreciada à época. Os cabelos negros e ondulados eram afixados graças à generosa aplicação de Brylcreem, e o bigode preto em miniatura tinha cera até as pequenas pontas. O relógio era um carrilhão num estojo de pau-rosa, daqueles que se põem no consolo da lareira. Claire estava a uns quatro metros de distância, tirando o pó dos mostruários, que era a coisa mais próxima de não fazer nada permitida pelo sr. Middlebrook. Sabendo que era impróprio iniciar um contato visual insubordinado, ela continuou entretida com os vidros dos carrilhões de pé, todos mostrando um homem de uniforme à espera. “Mas, você sabe, mesmo sem dar meia-volta, eu sentia alguma coisa como um calor vindo dele. Uma espécie de brilho.”

De nada ajudou o fato de que o sr. Middlebrook demorou a chegar e, quando por fim surgiu atrás do balcão e presumivelmente registrou a presença de um homem com alguma queixa, primeiro pegou um envelope pardo, tirou de dentro uma folha de papel, a abriu e escreveu uma lista de números, para então voltar a dobrar a folha, recolocá-la no envelope e repor tudo no lugar certo na prateleira. Só então encenou o drama pouco crível de notar um freguês necessitado de atenção. Esticando-se para aproveitar toda a sua altura e inclinando-se para a frente, com o peso apoiado nos dedos espalhados sobre o tampo de vidro, ele disse: “E qual seria o problema?”.

Durante todo esse tempo, o homem uniformizado não se movera nem olhara para o lojista até que ele fez a pergunta. Deu então meio passo à

frente, pegou o quepe e o usou para indicar o relógio. Disse simplesmente: “Está quebrado. Outra vez”. A limpeza de Claire a fazia aproximar-se da cena.

O sr. Middlebrook foi enérgico. “Então não há nenhum problema, meu senhor. A garantia ainda é válida por sete meses.” Tinha a mão sobre o relógio e se preparava para recolhê-lo. Mas o outro homem esticou sua mão e a plantou firmemente sobre a do sr. Middlebrook, prendendo-a enquanto falava. Claire reparou nos dedos grossos daquela segunda mão e nos pelos negros e emaranhados em seus nós. O contato físico violava todas as regras tácitas que presidiam as confrontações com fregueses. O sr. Middlebrook enrijeceu. Como reagir significaria intensificar o contato, ele não teve outra opção senão ouvir as breves palavras do sujeito. “Adorei o jeito dele falar. Direto no assunto. Em nada grosseiro ou mal-educado, mas também sem lero-lero.”

Ele disse: “O senhor me falou que era um relógio confiável. Que valia cada centavo. Ou estava mentindo ou cometeu um erro. Não sou eu quem vai julgar. Quero meu dinheiro de volta agora”.

Nesse ponto, por fim, o sr. Middlebrook se viu num terreno familiar. “Sinto muito, mas não podemos autorizar o reembolso no caso de produtos comprados cinco meses atrás.”

Sentindo-se mais seguro graças à afirmação de uma diretriz da companhia, o sr. Middlebrook tentou libertar a mão. No entanto, a mão maior do sujeito agarrou seu pulso e começou a apertá-lo. Ele falou de novo, como se fosse a primeira vez: “Quero meu dinheiro de volta agora”. E então veio a surpresa. O homem se voltou na direção de Claire. “E qual é a sua opinião? Esta é a terceira vez que o relógio quebra.”

“Até que ele me perguntasse, eu não *tinha* uma opinião. Só estava olhando para ver o que ia acontecer. Mas, antes que eu conseguisse me conter, já fui respondendo com a maior audácia: ‘Acho que deve receber seu dinheiro de volta, meu senhor’.”

O homem fez sinal com a cabeça na direção da caixa registradora enquanto continuava a segurar firmemente o sr. Middlebrook. “Então

vamos, moça. Sete libras, treze xelins e seis pence.” Claire abriu a caixa, iniciando assim toda uma vida de obediência doméstica. O sr. Middlebrook não fez nenhum esforço para impedi-la. Afinal de contas, estava escapando de uma situação desagradabilíssima sem ter de ceder. Douglas Lewis pegou o dinheiro, deu meia-volta e foi embora com passos rápidos, deixando o relógio quebrado no balcão.

“Vou sempre lembrar que os ponteiros marcavam quinze para as três.”

Claire foi despedida na hora do almoço, não pelo sr. Middlebrook, que estava no médico tendo o pulso enfaixado, mas pela srta. Bart, que desaprovou seu comportamento. A moça surpreendeu-se por encontrar o homem esperando por ela no momento em que pisou na calçada. Ele lhe pagou um almoço de primeira no Hotel George.

“Não tinha dúvida”, disse a sra. Lewis, estendendo o pires e a xícara para ser enchida de novo. “Ele era o genro dos sonhos. Quando foi lá em casa para um chá, fez tudo certo. Chegou no melhor uniforme, levou flores, disse coisas simpáticas sobre o jardim para o papai, deixou a mamãe feliz por comer três fatias do bolo. Depois disso, todo mundo passou a me tratar com respeito.”

Três meses depois, quando chegou a notícia de que Douglas seria mandado para o norte da Alemanha, eles ficaram noivos. Claire se sentiu um pouco desapontada ao descobrir, durante o almoço no Hotel George, que ele não era um piloto de caça. Nunca tinha nem estado num avião. Trabalhava na administração, um funcionário burocrático que chefiava todos os outros funcionários burocráticos. Agora ficou muito aliviada por saber que ele não faria nada mais perigoso na Alemanha do que buscar a cada semana os salários do esquadrão no banco. Ela foi até Harwich se despedir quando Douglas embarcou no navio, chorando no trem de volta para casa. Corresponderam-se com regularidade, às vezes todos os dias ao longo de várias semanas. Embora ele considerasse mais fácil descrever crateras de bombas em cidades devastadas e filas de comida do que seus sentimentos mais ternos, foi capaz de aprender algo com a noiva, e conseguiram desenvolver uma intimidade crescente através das cartas.

Quando Douglas veio à Inglaterra no Natal, se sentiram um pouco envergonhados, tímidos até ao se darem as mãos, porque o romance postal, com suas declarações extravagantes, tinha se adiantado a eles. Mas logo depois do Natal já haviam recuperado o atraso e, viajando de trem para Worthing a fim de visitar os pais dele, Douglas murmurou um breve discurso, quase inaudível por conta do estrépito metálico das rodas, em que disse a Claire como estava apaixonado por ela.

Como as condições na Alemanha continuavam muito precárias para permitir que as esposas acompanhassem seus maridos militares, decidiram só se casar quando Douglas voltasse a servir no Reino Unido. Ele voltou de férias só na primavera, e assim mesmo apenas para um longo fim de semana. O tempo estava quente, e, como não havia onde pudessem ficar a sós dentro de casa, passavam os dias caminhando pelos North Downs, fazendo planos. Percorreram despreocupados as mesmas trilhas seguidas pelos peregrinos de Chaucer. O tranquilo Weald se abria diante deles, havia flores silvestres, cotovias, abundante solidão. Estavam delirantemente felizes, foi um fim de semana delirante — e pela repetição da palavra Stephen entendeu que sua mãe absolvía o casal de certa falta de cuidado. Sem dúvida, quando Douglas retornou para umas férias mais longas em julho, Claire tinha uma notícia de suma importância para lhe dar. Decidiu escolher a hora certa, esperar até que se encontrassem de volta nas colinas em meio às flores silvestres, depois de restabelecida a intimidade fácil e alegre.

Ao visualizar aquele momento, quase podia ouvir um fundo musical de cinema e ver o sol de pleno verão iluminar a cena — Douglas abobalhado de orgulho, suas feições suavizadas pela reverência e admiração, um novo tipo de ternura. “Mas não me ocorreu que estaria frio e ventando.” Pior ainda, Douglas parecia diferente. Estava nervoso, distraído, distante. Às vezes dava a impressão de estar entediado. Sempre que Claire perguntava se havia algo de errado, ele lhe tomava a mão e apertava ferozmente. Caso perguntasse com frequência, ficava irritado.

No final de sua visita anterior, tinham resolvido comprar bicicletas a fim de ficarem livres dos erráticos ônibus locais, e, como aquela era a primeira

compra conjunta, a primeira aquisição para o pequeno império que estavam prestes a construir, pareceu apropriado comprar bicicletas novas. Como tinham feito a escolha previamente e dado uma entrada, no terceiro dia da licença de julho de Douglas partiram com um piquenique já pronto para pegar as bicicletas e enfrentar o mau tempo. Claire decidira dar a notícia naquele dia, apesar de estar chovendo e Douglas se mostrar mais silencioso que nunca. No entanto, ele se animou depois que montaram nas bicicletas e começou a cantar, coisa que jamais tinha feito na presença dela. Por isso, Claire aproveitou a oportunidade e revelou seu segredo enquanto desciam fazendo zigue-zagues pela movimentada High Street.

Foi difícil conversar. Só quando chegaram na estradinha rural e tinham desmontado para empurrar as pesadas bicicletas sobre uma passagem de nível e ao subir uma íngreme colina foram capazes de discutir o assunto. Nessa hora chovia muito e eles avançavam contra o vento. Era tudo muito diferente da cena imaginada por Claire, e muito injusto, pois não havia parecido improvável que o espírito do fim de semana delirante continuasse no verão. Douglas dava a impressão de estar perturbado. Há quanto tempo ela sabia? Como ficou sabendo? Como podia ter tanta certeza?

“Mas você não está entusiasmado?”, perguntou Claire, cujas lágrimas se perdiam na chuva. “Não está feliz?”

“Claro que estou”, disse Douglas rapidamente. “Só estou tentando ver as coisas direito. É tudo que estou fazendo.”

No topo da colina, quando a chuva rareou e o vento cessou de repente, Douglas secou o rosto com um lenço. “Isso tudo é meio repentino, você sabe.”

Claire concordou com a cabeça. Achou que merecia um pedido de desculpa, mas estava aborrecida demais.

“E significa que temos de mudar todos os nossos planos.”

Ela não tinha dado maior importância àquele detalhe. E o pequeno escândalo de uma criança nascida, digamos, seis meses depois de se casarem não seria nada comparado com a felicidade dos dois. Concordou com ar sombrio.

A estrada descia convidativamente em direção aos bosques, mas, como não lhes pareceu correto andar de bicicleta num momento tão sério, caminharam em silêncio com as mãos nos freios. Durante a descida, Claire começou a sentir que ia confrontar alguma coisa indizível, algo que não lhe ocorrera levar em conta. “Foi o silêncio dele. Como se eu pudesse sentir o gosto daquele silêncio, o gosto das coisas que não estava dizendo. Comecei a me sentir nauseada. Você sabe como um cheiro ruim afeta uma mulher grávida.”

De fato pararam enquanto Claire tinha ânsias de vômito junto à cerca viva. Douglas segurou sua bicicleta. Quando continuaram, ela se sentiu como se já tivesse ouvido os argumentos e sofrido uma triste derrota: Douglas estava entediado, lamentava o noivado, tinha outra mulher na Alemanha. Fosse o que fosse, não queria a criança. Era isso que estava em sua mente. Era o aborto — “e a palavra naqueles tempos tinha uma conotação muito diferente, muito má” —, a dificuldade de tocar no assunto, que vinha causando sua reticência.

A raiva estava clareando os pensamentos dela. Agora se sentia lúcida. Se ele não queria a criança, ela também não. O bebê dentro dela não era ainda uma entidade, não era alguma coisa a ser defendida a todo custo. Era ainda uma abstração, um aspecto do amor deles; se isso estava terminado, então o bebê também estava. Ela não se submeteria à ignomínia de ser mãe solteira a vida toda. Se Douglas não passava de um episódio fugaz, ela não queria ser lembrada de sua existência para todo o sempre. Tinha de ficar livre, tinha que mandar embora aquele idiota que a fizera perder tempo. Iria começar de novo.

Entraram no bosque onde a luz era de um verde aquoso e faias gigantescas pingavam calmamente sobre as folhas abertas das abundantes samambaias. Ela estava furiosa. Apertava os freios na sua fúria e tinha de empurrar ainda com mais força. Queria acabar logo, na beira do caminho, no chão de terra, sob aquela árvore, já, já. A dor não significaria nada, a purificaria, a justificaria. E então montaria em sua bicicleta, pedalando para valer. O vento e a chuva refrescariam seu rosto, a curariam. Não desmontaria

nos trechos de subida. Iria tocar em frente, deixar para trás aquele homem fraco cujo silêncio fedia e a nauseava.

Sim, tinha tomado sua decisão, já era um fato. Quase coisa do passado. Mas, assim como no Natal a intimidade deles teve de recuperar o atraso com relação às cartas, agora eles ainda tinham que conversar, tocar no assunto difícil, examiná-lo mediante raciocínios tortuosos em que mentiras, falsas emoções e fingimentos resultariam na conclusão lógica que ela já havia aceitado. Teriam de passar por tudo isso antes que ela se libertasse. Sua impaciência era tão grande que queria gritar, queria pegar sua bicicleta idiota e jogá-la na estrada. Em vez disso, levou a mão à boca e mordeu com força o nó do dedo.

Continuaram a andar. Alguma intensificação no teor do silêncio de Claire fez Douglas tomar conhecimento do próprio silêncio. Passou o braço pelos ombros dela e perguntou se estava se sentindo melhor. Ela não respondeu. Ele se tornou solícito de um jeito culpado quando notou que ela tinha chorado. Pediu desculpa por sua vacilação. Era maravilhoso que ela estivesse grávida, motivo para comemoração. Lembrou-se de que havia um pub mais adiante. A hora exigia um copo de cerveja, eles poderiam escapar da chuvinha fina que os encharcava, acima de tudo poderiam sentar-se a uma mesa e pensar direito em tudo. Claire soube então que o processo começara porque, se fosse para a criança nascer, os raciocínios cuidadosos seriam menos apropriados que os sentimentos indulgentes. Concordou corajosamente e montou na bicicleta para ir à frente. Após dobrar à direita numa estrada um pouco mais larga, chegaram ao pub. Deixaram as bicicletas na varanda, fora da chuva. Não era nem meio-dia, foram os primeiros fregueses. O bar era úmido e lúgubre, Claire tiritou enquanto aguardava sentada que Douglas trouxesse as cervejas. Friccionou as pernas para que parassem de tremer — sentiu como se estivesse esperando uma cirurgia numa cama de hospital. Ressentiu-se da conversa alegre e inútil que seu ex-noivo mantinha com o proprietário. Será que ele não estava nem um pouquinho preocupado? Sua raiva voltou, e com ela a determinação. Os tremores cessaram. Não precisava fazer nada mais que bebericar a cerveja

enquanto Douglas convencia os dois da única decisão correta. Ela o faria pagar em dinheiro vivo pela traição e, depois disso, nunca mais o veria.

Ele se sentou no assento do recesso com um pequeno suspiro do tipo “bom, cá estamos”. Ergueram os copos e disseram “Saúde”. Fez-se silêncio enquanto Claire batia ritmadamente com o pé no chão e Douglas passava os dedos pelos cabelos molhados mas ainda empapados de Brylcreem. Ele limpou a garganta e lhe contou sobre a última vez em que estivera no pub, menos de uma semana antes que a guerra fosse declarada. Outro tenso interlúdio, e então por fim ele começou. Era maravilhoso que ela estivesse grávida, inclusive porque sabiam agora com certeza que poderiam começar uma família a qualquer momento. Nós *começamos* uma família, Claire pensou, sem nada falar. Permaneceu sentada, rígida, tentando não ouvir com muita atenção. Se fosse capaz de simplesmente ficar calada, tudo terminaria tão logo obtivesse dele, movido pela culpa, o compromisso de pagar e fazer os arranjos necessários. Outros casais, Douglas estava dizendo, tentam meses a fio, anos a fio, às vezes sem sucesso. Era uma prova do amor deles, de como tudo estava certo, o fato de poderem ter um filho com tanta facilidade. Isso o fazia amá-la ainda mais, ele sentia uma confiança ilimitada nela e no futuro dos dois juntos. Claire nunca o ouvira falar tanto de uma vez só. Ele pegou sua mão e a apertou, e ela devolveu o aperto a fim de encorajá-lo. “Pensei comigo mesma: acaba logo, seu bobalhão. Quero voltar para casa.” Então ele falou sobre a dificuldade da posição em que se encontravam. Até agora nada tinha ouvido falar sobre um posto na Inglaterra, e na Alemanha só então estavam construindo as acomodações para casais. Seu constrangimento era menos visível quando ele deixava de lado as questões pessoais e falava sobre assuntos mais amplos. Comentou a falta de moradias na Inglaterra, a situação internacional, a ponte aérea para Berlim, a nova Guerra Fria, a bomba nuclear.

Havia muito ele terminara a cerveja, enquanto ela mal havia tocado na sua. Ela estava ficando impaciente, achou que devia fazer a conversa avançar. Interrompeu-o e disse: “Se está tentando dizer que acha que eu não devo ter a criança, vamos tratar...”.

Horrorizado, Douglas levantou as duas mãos para fazê-la parar. “Não estava dizendo isso, minha querida. Não estava dizendo nada disso. Só estou dizendo é que devemos levar tudo em conta, olhar todos os ângulos, e perguntarmos a nós mesmos se esta é realmente a melhor hora, e se é...”

Ela se arrependeu de ter feito aquele comentário. Ao assustá-lo, fez com que Douglas se afastasse do assunto e voltasse a dizer como ela era bonita, como seus sentimentos eram profundos. Se pudessem conversar agora sobre tudo, então, qualquer que fosse a decisão que tomassem, isso os fortaleceria no futuro. Seguiu essa linha, ampliando timidamente o “qualquer”, retornando aos poucos à posição anterior.

Foi durante essa fala que Claire, ainda apenas se contendo, ainda desatenta, olhou através do bar para a janela junto à porta. “Posso ver a coisa agora tão claramente quanto vejo você. Havia um rosto na janela, o rosto de uma criança, como se flutuasse ali. Ela olhava para dentro do pub. Tinha uma expressão assim de quem pede alguma coisa, e era muito branca, como uma aspirina. Olhava direto para mim. Pensando nisso estes anos todos, acho que era o filho do proprietário, ou um garoto qualquer das fazendas da região. Mas, naquele instante, fiquei convencida... simplesmente *sabia* que estava vendo meu filho. Se preferir, estava vendo você.”

Conforme Douglas falava sem parar e a criança continuava a olhar para dentro do pub, Claire sofria uma transformação. Que coisa mais extraordinária, pensar em destruir aquela criança somente porque sentiu ressentimento de seu noivo! O bebê, seu bebê, de repente era de carne e osso. Estava olhando firme para ela, dizendo que ela era dele. Tinha se tornado independente do que quer que viesse a acontecer entre aquele homem e ela própria. Pela primeira vez ela considerou a ideia de um indivíduo separado, de uma vida que ela tinha que defender com a sua. Não era uma abstração, não era o objeto de uma barganha. Estava na janela agora, um eu em si mesmo, implorando para existir, e estava dentro dela, se desenvolvendo intrincadamente, vivendo da pulsação do sangue dela. Não era uma gravidez que eles deviam discutir; era uma pessoa. Ela sentiu que estava apaixonada por aquele ser, fosse ele quem fosse. Uma história de amor

tinha começado.

Então a criança se foi. Não a viu sair dali. Ela simplesmente se desfez. Voltou-se outra vez na direção de Douglas, que seguia com seu discurso tortuoso, e teve um sentimento benévolo de proteção com relação a ele. Lembrou-se de seu amor e da aventura que estavam começando juntos. Não era covardia ou duplicidade o que testemunhava naquele momento. Ali estava um homem recorrendo a todo o seu poder masculino de razão e de lógica, a todo o seu considerável conhecimento dos tópicos da atualidade, porque estava em pânico profundo. Como ele iria saber o que significava ter um filho? Não estava dentro dele, não era de modo algum parte dele, e no entanto pressentira, com acerto, que poderia mudar sua vida para sempre. Claro que devia estar em pânico. Como podia saber que não amaria a criança até que a visse, até que pudesse saber de quem se tratava? Douglas enumerava possibilidades de uma coisa ou outra com os dedos da mão esquerda, sem atinar com o fato de que seu destino estava sendo selado. Ela se recordava de como ele tinha sido notável na loja de departamentos, como tinha sido forte. Tinha sido um erro seu acreditar que ele ou qualquer outro homem podia ser forte em todas as circunstâncias. Ela dera a notícia num estado de espírito passivo, esperando que Douglas reagisse exatamente como ela, que se ocupasse da questão por ela. E então ficara emburrada, masoquista, com pena de si própria. Onde Douglas tinha sido fraco, ela se fizera ainda mais fraca. E, no entanto, a verdade é que se encontrava um passo à frente, pois já amava a criança, conhecia algo que Douglas não podia conhecer. Por isso, a responsabilidade era dela, aquela era a hora dela. Chegara o momento de decidir. Ia ter a criança, isso agora estava fora de questão, e ia ter aquele marido. Pôs a mão sobre o antebraço dele e o interrompeu pela segunda vez.

A sra. Lewis fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, encostando-a numa almofada. Continuaram sentados em silêncio na sala que escurecia. Sua respiração compassada sugeria o sono, mas por fim ela falou num murmúrio, sem abrir os olhos ou mover a cabeça. “Agora você me conte.”

Sem hesitação ele começou sua história, omitindo todas as referências a Julie. Caminhava no campo, ele disse; e no final, após a experiência de cair através da vegetação rasteira, contou ter recobrado os sentidos à beira da estrada, a uns cem metros do pub. Quando descreveu as bicicletas, o que fez com grande cuidado, observou sua mãe de perto. Ela não demonstrou nenhuma reação, nem mesmo quando ele relembrou os gestos, as roupas, o prendedor de cabelo. Só falou depois que ele havia terminado, e se limitou a um breve suspiro: “Ah, bem...”. Não era necessário discutir nada. Após refletir por um minuto, ela se declarou cansada. Stephen ajudou-a a se levantar da cadeira e subir a escada. Disseram-se adeus no patamar. “Quase se combinam”, ela disse. “Quase.” Deu-lhe as costas e entrou no quarto, a mão roçando a parede como apoio.

Uma hora mais tarde seu pai chegou tão exausto que mal conseguia sustentar o peso do casaco ou curvar os braços para desabotoá-lo. Stephen lhe deu uma ajuda levando-o até a poltrona em que sua mãe se sentara. Só depois que recebeu uma cerveja e a bebericou calmamente por quinze minutos o sr. Lewis pôde contar sua provação. Todas as suas reservas tinham sido gastas num dia de espera ansiosa, conexões de ônibus fracassadas, empurrões de estranhos e a necessidade de depender de outras pessoas. Havia se chocado com a imundície dos logradouros públicos, a que ele não estava acostumado, e com a agressividade dos pedintes.

“A sujeira nas ruas, as mensagens indecentes nos muros, a pobreza, meu filho, tudo mudou em dez anos. Faz dez anos que visitei Pauline pela última vez. É outro país. Não tenho forças para isso, nem estômago.” Bebeu a cerveja. Stephen viu seu copo tremer. Imaginando que poderia animá-lo, contou como ele estava absolutamente certo o tempo todo, como o livro sobre a educação de crianças tinha sido escrito meses antes que a Comissão houvesse terminado de reunir o material. Mas o sr. Lewis se limitou a dar de ombros. Por que deveria ficar satisfeito? Levantou-se com as juntas estalando, recusando a ajuda de Stephen e anunciando que iria se deitar. No passado, o sr. Lewis nunca havia dispensado uma noite de cerveja e conversa com o filho, mas agora lhe deu um débil tapinha no ombro e subiu a escada,

soltando pequenos arquejos impacientes no caminho. Não eram nem nove e meia quando Stephen, tendo recolhido a louça do chá e os copos de cerveja, apagou as luzes e saiu em silêncio da casa onde seus pais dormiam.

Oito

Nessas ocasiões, os pais em apuros podem encontrar certo consolo na bem conhecida analogia entre a infância e a enfermidade — um estado físico e mentalmente incapacitante que distorce as emoções, as percepções e a razão, e em que o amadurecimento corresponde a uma lenta e difícil recuperação.

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

As notícias sobre um manual de puericultura secretamente encomendado pelo escritório do primeiro-ministro apareceram pela primeira vez numa coluna de segunda página do único jornal que não apoiava de forma aberta o governo. A história era astuta em sua reticência, referindo-se apenas a rumores e fontes em geral confiáveis, o que talvez haja encorajado o primeiro-ministro a negar terminantemente, dois dias depois, que tal livro existisse durante a sessão regular de perguntas no Parlamento. A história então foi levada para a parte inferior da primeira página e ofereceu fascinantes citações, embora não anunciasse a posse física do manual. Durante o fim de semana, uma cópia da fotocópia chegou à mão do líder da oposição, e na segunda-feira o jornal publicou uma manchete prevendo a tempestade que se avizinhava e, abaixo dela, reproduziu abundantes acusações do quartel-general da oposição acerca do “grosseiro e imoral cinismo”, “repugnante farsa” e “odiosa traição aos pais, ao Parlamento e aos princípios morais”. Lá pelo meio da semana, outros jornais adotaram a história. Deputados governistas de menor expressão se disseram “preocupados” ou “indignados”. Um debate de urgência foi exigido e concedido, mas adiado por uma semana.

Desde o tempo em que Charles Darke era ministro, Stephen gostava de pensar que tinha um conhecimento especial de como essas coisas se desenrolavam, e até agora tudo corria bem. Uma oposição enfraquecida estava fazendo algum esforço, não havia outras histórias capazes de eclipsar aquela, e após tudo que acontecera nos últimos anos ainda parecia haver uma exigência geral de probidade nas altas esferas de governo.

O atraso de uma semana foi importante. Na quarta-feira, invocando a transparência governamental e a necessidade de um debate com base em informações sólidas, o primeiro-ministro deu ordens para que dois mil exemplares do livro ofensivo fossem publicados e distribuídos aos jornais e a outras instituições interessadas. As rotativas do governo trabalharam a noite inteira e a distribuição começou na madrugada. Os jornalistas tiveram um dia para lê-lo, escrevendo à noite para cumprir os deadlines na madrugada. As resenhas foram no mínimo favoráveis — ou francamente entusiastas. Um jornal sensacionalista publicou na primeira página: “Sente-se, cale a boca e ouça!”. Outro disse: “Garotada, chegou a hora da disciplina!”. Na imprensa séria, era “magistral e bem fundamentado”. Assinalava “o fim da confusão e da infâmia moral no que se escreve sobre cuidados com crianças”; e, no primeiro jornal que publicou a história, “com sua busca honesta pelas certezas o livro resume o espírito de uma época”. Apesar da forma como tinha sido produzido, o manual era exemplar e merecia ampla divulgação. Um punhado de obscuros funcionários públicos, trabalhando com grande velocidade, havia estabelecido padrões que cumpria à Comissão Oficial levar na devida conta. Em sua sabedoria, ou descuido, o governo tinha proposto uma orientação que cabia aos pais respeitar.

Uma vez posto de lado o problema do conteúdo, restava uma questão simples: o primeiro-ministro mentira ao Parlamento durante a sessão de perguntas? Essa simplicidade foi logo obscurecida por rumores, cuja fonte era difícil de localizar, de que o livro não tivera origem no gabinete do primeiro-ministro, e sim num nível intermediário do Ministério do Interior. Dois dias antes do debate de emergência, tanto o manual quanto a mentira haviam desaparecido das discussões. Tratava-se agora de uma questão de

apresentação: seria o primeiro-ministro capaz de mostrar-se à altura do momento e ter um desempenho na Câmara dos Comuns que entusiasmaria os deputados governistas arredios, restaurando assim a fé em sua liderança? Embora as explicações honestas fossem até certo ponto desejáveis, as convincentes eram vitais.

Curvado junto ao rádio com uma lata de cerveja, Stephen ouviu a questão se decidir a si própria em meio a um incessante coro de vivas e protestos. A voz bem conhecida, num tom intermediário entre o tenor e o alto, não vacilou numa única sílaba em sua missão de convencer. O gabinete em Downing Street não soubera da existência do livro até uma semana antes. O primeiro-ministro não condenava a feitura do livro apesar da existência da Comissão Oficial. Tratava-se de um documento interno, focalizando as matérias de interesse do ministério pertinente. Aparentemente, só existiam três cópias, que não tinham circulado. A rigor, o ministro do Interior agira de forma inadequada ao não informar o gabinete do primeiro-ministro, o que era lamentável, mas nenhum princípio relevante tinha sido violado. Era uma bobagem infantil sugerir que o governo tencionava publicar o livro em vez do relatório da Comissão. O que ganharia com isso? Era profundamente lastimável que o trabalho da Comissão houvesse se tornado redundante pela necessidade de publicar o livro, porém a culpa pertencia ao funcionário público irresponsável que vazara o documento para a imprensa. Esse criminoso seria processado e punido. Não haveria uma investigação oficial porque o assunto era demasiado trivial. Os nomes dos autores do livro não seriam tornados públicos, nem tais servidores estariam disponíveis para responder a perguntas perante qualquer comitê do Parlamento.

Era sabido que havia uma grande preocupação da parte dos pais e dos educadores com respeito à deterioração dos padrões de comportamento e à falta de responsabilidade cívica de muitos elementos da sociedade, particularmente entre os jovens. A educação em casa claramente desempenhava um papel importante em tal processo, não havendo dúvida de que, no passado, os pais tinham sido induzidos a erro por teorias desavisadas e muito populares acerca dos cuidados com as crianças.

Tornava-se imperativo o retorno ao bom senso, e o governo estava sendo chamado a assumir um papel de liderança. Era o que estava fazendo e continuaria a fazer, sem se deixar acovardar por acusações patéticas, pelas calúnias irresponsáveis de seus adversários políticos.

A voz trêmula do líder da oposição estava sendo vencida pela gritaria e o bater de pés dos leais governistas quando Stephen desligou o aparelho. O ministro do Interior, que nunca fora bem visto pelo primeiro-ministro, estaria escrevendo seu pedido de demissão. A Comissão Oficial de Assistência aos Menores acabara de receber uma sentença de morte em código. Tinha sido um trabalhinho caprichado, impressionante. Stephen contemplou o trançado de alumínio do alto-falante e se maravilhou com sua própria inocência. Sentiu, como em outras ocasiões, que não tinha crescido de verdade, que sabia muito pouco sobre como as coisas realmente funcionavam; canais complicados ligavam a verdade e a mentira; na vida pública, os hábeis sobreviventes navegavam com instintos precisos enquanto mantinham uma boa dose de dignidade. Só às vezes, como consequência de algum erro tático, era necessário mentir de forma substancial, ou contar uma verdade importante. Na maior parte do tempo, era uma questão de andar com passadas firmes entre os dois extremos. Será que a vida interior não era em essência parecida?

Stephen preparou um almoço tardio e o levou para a mesa de trabalho. No ar cinzento entre sua janela e dois blocos de apartamentos vizinhos, flocos esparsos eram jogados para cá e para lá por um vento cortante. A neve prometida para março estava chegando. Ele tinha se intrometido de forma incompetente. Não bastava mandar um livro para um jornal, desencadear um processo e esperar. A cultura política era teatral, exigia uma direção constante e ativa de um tipo que ele sabia estar além de sua capacidade. Esperava que Morley não telefonasse. Enquanto elaborava uma versão da conversa que poderiam ter, o telefone junto a seu cotovelo de fato tocou e lhe causou um sobressalto. Era Thelma.

Desde a visita no verão anterior, eles tinham mantido contatos infrequentes. Ela enviara cartões-postais humorísticos, recriminatórios.

Achava engraçado — ou fingia achar — que Stephen tivesse ficado tão alarmado com o comportamento de Charles, pois para ela isso provava que Stephen estava entrando na meia-idade. Você costumava ter ideias ousadas, ela escreveu. Defendeu o dadaísmo em nossa mesa de jantar. Agora o dadá aquece os chinelos junto à lareira. Fez de conta que acreditava que ele era pessoalmente responsável por Charles, que tudo era culpa do primeiro romance que Stephen escrevera. Caro Gerontófilo, por favor escreva para Charles um romance louvando as virtudes e alegrias da senilidade. Ou pegue uma tesoura, corte as pernas de sua calça mais comprida e venha nos ver. Ela apreciara a história da subida até a casa da árvore. Charles está instalando uma geladeira. Por favor venha, e o ajude a levá-la para cima. Por trás dessas piadinhas, que às vezes eram muito forçadas, se escondia a acusação de que ele os desapontara. Se Charles havia empreendido uma viagem corajosa a seu passado, ou simplesmente tinha ficado maluco de um modo doce e inofensivo, então ele, Stephen, deveria estar presente para auxiliar o antigo benfeitor. Ele se provara excessivamente melindroso.

Mesmo quando Stephen estivera no pior dos ânimos, seus sentimentos não eram complicados. Charles e Thelma outrora aparentavam ser a corporificação da maturidade ativa e vivaz. A casa deles transpirava solidez e excitação. Num ambiente de calma luxuosa e bem organizada, as pessoas se pronunciavam de forma competitiva, teorias extravagantes ou absurdas eram expostas por cientistas e políticos que bebiam e riam um bocado, indo depois para suas casas a fim de retornar aos seus empregos respeitáveis no dia seguinte. No início, Stephen vez por outra pensava que aquele era o tipo de casa em que gostaria de ter sido criado. Na falta disso, tivera seu colapso nervoso no elegante quarto de hóspedes de Thelma, sentara a seus pés e a ouvira, ou fingira ouvir, além de receber lições de sabedoria mundana de Charles.

Depois que eles demoliram suas vidas e se mudaram para Suffolk, e após testemunhar até que ponto Charles precisara chegar, Stephen sentiu que ele é quem havia sido traído. A perda era toda sua. E ele se protegeu com objeções sensatas: a falsa meninice de Charles e o encorajamento dado por

Thelma eram uma questão privada, dos dois. Precisavam de Stephen como certos casais necessitam de um observador para aumentarem seu prazer sexual ou dramatizarem e validarem suas brigas. Ele estava sendo usado. Nenhum dos dois queria lhe explicar o que estava fazendo, tornando assim impossível que ele soubesse como devia comportar-se. Além do mais, quando Charles retornasse à sua antiga vida, o que certamente ocorreria algum dia, não se sentiria envergonhado caso Stephen se mantivesse distante. A amizade deles poderia ser retomada.

Agora que ele tinha seu trabalho, seu árabe e seu tênis, estava menos seguro. Ainda estremecia ao pensar em encontrar Charles de novo vestindo calça curta e falando seu estudado inglês de colegial; mas a curiosidade e o senso de dever de Stephen vinham crescendo. Anteriormente, quando mal se segurava, seguindo dia a dia às apalpadelas, tinha precisado se defender da loucura dos outros. Agora, pensou, podia arriscar mais, ser generoso. E, no entanto, nada fizera. Permanecia preso às rotinas diárias, relutante em perturbá-las mesmo que apenas por um ou dois dias. Esperava por alguma mudança, por algo como o telefonema de Thelma.

A voz dela estava tensa e ofegante. A acústica do telefone acentuava o toque seco de sua língua contra o céu da boca.

“Stephen. Você pode vir imediatamente? Pode chegar aqui ainda hoje?”

“O que está havendo?”

“Não posso dizer agora. Será que pode tentar chegar o mais rápido possível? Por favor.” Ele apertou a lata de cerveja que segurava, provocando um barulho de coisa se partindo que fez Thelma dizer prontamente: “Meu Deus! O que foi isso? Stephen, tudo bem?”.

“Olha”, ele disse, “vou para a estação e pego o primeiro trem. Não sei a que horas ele sai.”

Thelma parecia ter afastado o bocal. “Não vou poder ir te buscar. Você vai ter que pegar um táxi.” Desligou.

Ele levou o resto do almoço para a cozinha, lavou o prato e começou a trancar o apartamento. Ao passar o ferrolho nas janelas, reparou que os flocos estavam ficando mais grossos e mais brancos contra o céu que escurecia. Foi

até o quarto e pôs na mala roupas suficientes para uma semana. No escritório, escreveu um bilhete para o sr. Cromarty, que tencionava entregar ao sair, e uma carta ao treinador de tênis, que poria no correio da estação.

Já vestira o casaco e ajustava a secretária eletrônica quando o telefone voltou a tocar.

Uma voz de mulher disse com precisão militar: “Aqui é da Seção de Transporte. Gostaria de falar com o sr. Lewis”.

“Sim?”

“O senhor está sozinho em casa? Muito bem. Por favor não saia nos próximos dez minutos. E mantenha a linha desocupada. O senhor receberá uma visita.” A ligação foi cortada enquanto Stephen exigia uma explicação. Foi até uma janela e olhou para a larga rua congestionada com o tráfego da hora do rush. Visível apenas onde tombava entre feixes de luz vermelha ou amarela, a neve se dissolvia tão logo tocava aquele meio estranho constituído pelo asfalto e pelo metal quente. Sentiu-se tentado a sair imediatamente para a estação, porém a curiosidade o manteve andando de um lado para outro no hall de entrada. Passaram-se mais de dez minutos. A mala estava junto à porta, e ele já se encaminhava para ela quando uma sombra surgiu por trás do vidro fosco um instante antes que a campainha tocasse.

Os quatro homens do lado de fora poderiam ser confundidos com testemunhas de Jeová. Com sorrisos breves e apologeticos, passaram por ele, o olhar fixado à frente para examinar os detalhes — a claraboia no hall, a caixa de luz, os trilhos dos painéis, os rodapés, as portas. Ignorando seu “Olhem aqui!”, se dispersaram pelo apartamento. Stephen estava prestes a ir atrás deles quando mais passos na escada o fizeram chegar ao patamar e olhar para baixo.

Um jovem de óculos, trazendo vários telefones, subia às pressas, seguido por duas mulheres, uma delas carregando uma máquina de escrever e a outra uma mesa telefônica portátil. Havia mais gente nos degraus inferiores. Ouviu alguém escorregar no degrau solto e murmurar um levíssimo palavrão. Os três primeiros passaram por ele apressadamente, sem reparar na sua presença, concentrados nas funções que os faziam desaparecer dentro do

apartamento. Esperou que os demais subissem, porém não ouviu nenhum som. Inclinou-se por cima do corrimão e viu a ponta bem engraxada de um sapato preto sete metros abaixo. Aqueles aguardavam.

A pequena sala de jantar que dava para a cozinha estava sendo transformada num escritório. Um aparelho vermelho, um preto e dois brancos haviam sido conectados à mesa telefônica em que pulsavam luzes diminutas. O homem de óculos falava no telefone vermelho, recitando um longo código. Uma mulher já datilografava sem olhar para as teclas e usando todos os dedos, um truque que Stephen sempre admirara. Um dos quatro seguranças desceu da escada de incêndio. Aquilo estava começando a ficar acolhedor. Uma secretária ajeitava sobre a mesa as bandejas de entrada e saída de documentos, uma pilha de papéis de carta e uma caixa rasa que continha grampos coloridos, alfinetes, elásticos e um apontador de lápis em formato de tomate. Alguém trazia uma cadeira e pediu que Stephen fizesse a gentileza de se afastar. Tão logo se deu conta do que estava acontecendo, adotou, para manter a dignidade, um ar de quem se divertia. Cruzou os braços e se encostou no umbral, observando a atividade, quando ouviu um movimento às suas costas e uma voz junto ao ouvido.

“Estávamos saindo da cidade com uma margem de tempo sem precedente entre os compromissos, e o primeiro-ministro insistiu. Vão pôr tudo de volta, prometo.”

O cotovelo de Stephen tinha sido agarrado e ele era levado pelo corredor a passos lentos por um cavalheiro calvo que usava óculos de meia-lua. Da sala de visitas vinha o silvo de interferência numa transmissão radiofônica de ondas curtas.

“Imaginamos que estariam mais confortáveis no estúdio.”

Pararam do lado de fora e o cavalheiro tirou do bolso de dentro do paletó um formulário impresso e uma caneta, entregando ambos a Stephen. “Lei dos Segredos Oficiais. Assine entre as cruzes a lápis, se não se importa.”

“E se eu me importar?”

“Vamos embora e o deixamos em paz.”

Stephen escreveu seu nome, devolvendo papel e caneta. O cavalheiro deu

uma batidinha na porta do escritório e, ouvindo uma voz, abriu a porta para que Stephen passasse e a fechou silenciosamente atrás dele.

O primeiro-ministro, já instalado na poltrona junto à lareira, acenou com a cabeça quando Stephen, ainda de casaco, puxou uma cadeira de madeira e se sentou. Numa prateleira cinquenta centímetros acima da poltrona, na borda da linha de sombra projetada pelo anteparo de uma lâmpada, estava o livro trazido por Morley. Ele tentou não olhar para lá. O primeiro-ministro estava falando com ele. “Espero que me desculpe por tudo isso. Como pode ver, não posso viajar com pouca bagagem.” Por um momento seus olhos se encontraram, depois ambos olharam em outras direções. Stephen não tinha respondido, e o que se seguiu foi neutro, sem tom interrogativo: “O momento é inconveniente?”.

“Estava a caminho da estação.”

O primeiro-ministro, que sabidamente nutria um desdém pelas ferrovias, pareceu aliviado. “Ah, bom. Meu pessoal sem dúvida o levará até lá.”

Tempo suficiente tinha transcorrido para que a insipidez das formalidades fosse abandonada. Limparam a garganta quase simultaneamente. Stephen inclinou-se para a frente na cadeira e contemplou o fogo enquanto se preparava para escutar, ajeitando o casaco em torno do corpo como se buscasse se proteger.

A voz se elevou impessoalmente a fim de pronunciar uma fala decorada. “Sr. Lewis — Stephen, se me permitir —, quero discutir uma questão altamente delicada, um assunto pessoal. Não sei muito sobre você, mas tenho duas recomendações que me dão a esperança de que sejamos parecidos, de que compartilhemos um certo modo de ver o mundo.”

Stephen não objetou. Queria ouvir mais.

“Você trabalhou num dos subcomitês e não discordou das conclusões. E é um amigo íntimo de Charles Darke. Vim aqui correndo um risco considerável de passar vergonha, de parecer ridículo, a fim de falar sobre Charles. Preciso confiar em você. Estou realmente me pondo em suas mãos. Devo avisá-lo de que, se decidir divulgar nossa conversa, ou mesmo minha presença em sua casa, encontrará uma grande dificuldade de que acreditem

em você. Tudo isso já foi objeto de cuidados.”

“Isso é que é confiança”, disse Stephen, porém foi ignorado.

“Refleti muito e longamente sobre o que devia fazer. Não vim aqui num impulso. Pensei que podíamos nos encontrar naturalmente, formalmente, e que eu seria capaz de lhe dar ao menos um indício de minhas intenções. Foi uma pena que não pôde comparecer ao almoço.”

O telefone estava tocando na cozinha. Por hábito, Stephen se mexeu, em seguida se encolheu de novo dentro do casaco.

“Antes que prossiga, acho que devo lhe explicar, caso não tenha pensado antes nisso, acerca das limitações excepcionais impostas pelo meu cargo. Isto é, quero me comunicar com Charles de um modo pessoal. Os lugares-comuns são verdadeiros. Liderança significa isolamento. Do instante em que acordo até altas horas da noite, estou cercado de funcionários públicos, assessores e colegas. O cultivo e a manifestação de sentimentos são uma irrelevância em minha profissão, e não posso falar com nenhuma dessas pessoas de forma íntima. No passado isso não representou o menor problema. Só agora, quando tenho alguma coisa a expressar, é que me sinto confinado, curiosamente incapaz. Sem nenhuma diretriz. Outros podem despejar seus pensamentos numa carta e confiá-la ao correio. Por razões óbvias, isso está fora de questão. Quando falo, o telefone é controlado de modo tão complexo, filtrado, monitorado, que uma conversa pessoal se torna impensável. Claro que procurei me comunicar com Charles pelos canais oficiais, mas ele simplesmente ignora esse tipo de coisa. Acho que a mulher dele chega antes. Recentemente, venho me sentindo muito desesperado.”

“Seu discurso há pouco na Câmara dos Comuns não pareceu muito prejudicado”, disse Stephen.

O primeiro-ministro recomeçou falando mais baixo.

“Charles me foi apresentado num almoço que dei para alguns novos deputados, num mês de outubro, faz muitos anos. Sua energia e seu jeito espirituoso — ele parecia decidido a me fazer rir —, seu charme e entusiasmo por todas as posturas do partido davam a impressão de ser alguma coisa bastante implausível. Pensei que estava me pregando uma

peça, representando uma paródia que eu não conseguia entender direito, e isso me levou a concluir que ele era inteligente mas talvez não muito digno de confiança. Nos encontros seguintes essa opinião foi revista, e passei a gostar muito dele. Tão jovial, alegre, engraçado, e com uma útil experiência em vários campos de atividade. Ao vê-lo, e nunca o via sozinho, sempre ficava mais animado. Comecei a visualizar um futuro para ele. Algo na área de relações públicas. Pensei que algum dia ele poderia ser um excepcional presidente do partido.

“Eu o promovi, aconselhei a se fazer conhecido, de modo que não fosse difícil lhe oferecer algum cargo. Ele precisava ganhar mais experiência, era o que eu achava. Depois disso não haveria como pará-lo. Quando iniciei o Projeto de Assistência às Crianças me certifiquei de que Charles ficaria responsável por alguns dos subcomitês. Com isso tivemos a oportunidade de nos reunir confidencialmente vez por outra. Ele tinha uma infinidade de ideias, e eu aguardava com grande expectativa esses encontros. Comecei a convocá-los com um pouco mais de frequência do que era necessário. Você talvez considere extraordinário e errado que eu me afeiçoasse por um homem mais jovem...”

“Ah, não”, disse Stephen, “de jeito nenhum. Mas ele é marido de alguém. E você é um defensor dos valores da família.”

“Ah, isso”, disse o primeiro-ministro. “Ele não tem filhos e seria difícil descrever como uma família o relacionamento que mantém com a mulher. Você sabe que ali existe muita infelicidade.”

“Será?”

“Mesmo com Charles no Ministério do Interior, o Projeto em execução e as reuniões regulares do gabinete, eu ainda assim o via muito pouco. Por isso, depois de muita reflexão, chamei o MI5 e, bom, mandei que o seguissem vinte e quatro horas por dia. Obviamente, não suspeitava de nada. Ele era tão leal ao país e ao governo quanto eu. Tomei todos os cuidados para que não abrissem nenhuma ficha sobre ele. Entende, não? Mandar que fosse seguido era um meio de acompanhá-lo o tempo todo. Pode compreender isso?”

Stephen concordou com a cabeça.

“Todas as noites, às sete horas, eu recebia um relato detalhado e datilografado de seus movimentos e contatos durante as vinte e quatro horas anteriores. Tratava de lê-lo na cama, tarde da noite, depois dos despachos do Parlamento e telegramas do Ministério das Relações Exteriores. Me imaginava ao lado dele. Passei a conhecer os hábitos, os lugares prediletos, os amigos dele. Você mesmo aparecia um bocado. Era como se eu fosse o anjo da guarda dele.

“Ao longo dos meses, os relatórios se acumularam, e eu relia aquelas páginas como se elas fossem o meu romance açucarado predileto — não que eu leia essas coisas. Reparei como raramente sua mulher o acompanhava, como ela insistia em se manter distante da carreira política de Charles, pelo menos fora de casa.”

“Ela tinha seu próprio trabalho”, disse Stephen.

“É o que você diz. Outros padrões estranhos no comportamento de Charles estavam surgindo. Havia visitas a endereços particulares improváveis em Streatham, Shepherd’s Bush, Northolt. Foi preocupação, e não ciúme, posso lhe assegurar, que me fez pedir ao MI5 que investigasse mais a fundo. Pode imaginar meu choque quando soube que ele estava visitando prostitutas. Depois ficou claro que esses lugares atendiam a gostos especiais.”

“Que tipo de gostos?”

“Os clientes usavam muitas fantasias. Mais do que isso não quis saber. O que soube é que havia provas claras de uma profunda infelicidade no casamento. Esse era sem dúvida o comportamento de um homem muito solitário. Afinal de contas, nem permanecia fiel a determinado estabelecimento. Achei que devia ajudá-lo, conversar com ele, dar-lhe confiança. Estava elaborando o pretexto para um encontro quando recebi a carta com o pedido de demissão dele. Fiquei perplexo, mais que isso, furioso. Queria que o seguissem em Suffolk, mas o MI5 se queixava sobre a alocação de pessoal sem resultados que a justificassem. Mandar gente para lá sem explicações convincentes teria levantado suspeitas. Por isso, desde então fiquei totalmente afastado de Charles. Só tenho os antigos relatórios e, claro,

as minutas de nossas reuniões sobre o Projeto.”

Stephen teve cuidado de manter seu tom de voz neutro. “Por que não aproveitar o dia de hoje e ir lá para vê-lo?”

“Não posso ir a lugar nenhum sozinho. Além das seguranças, tenho que levar a linha de emergência nuclear, e isso significa pelo menos três engenheiros. *E* um motorista extra. *E* alguém do Estado-Maior.”

“Desarme o país”, disse Stephen, “para o bem do coração.”

O primeiro-ministro tinha o dom de ignorar observações irrelevantes. “Gostaria de saber como ele está, o que está fazendo. Você ia me telefonar, lembra-se?”

“Só fiquei por uma noite, e vi mais a mulher dele. Acho que está muito bem, levando as coisas devagar, pensando em escrever um livro.”

“Ele falou sobre a carreira política dele? Chegou a tocar no meu nome?”

“Não, sinto muito mas não falou.”

“Certamente você acha isso bem ridículo, já que ele tem idade para ser meu filho.”

“Claro que não.” O telefone tocava de novo.

O primeiro-ministro deu uma olhada no relógio sobre a mesa de trabalho de Stephen. “O que eu gostaria que fizesse, sr. Lewis, é transmitir uma mensagem simples ao Charles. Gostaria de falar com ele pessoalmente e não pelo telefone. Se ele preferir ser deixado a sós, então respeitarei o desejo dele após um último encontro. É mais fácil para ele me contatar, e ele sabe como fazer isso. Você acha que vai vê-lo em breve?”

Stephen assentiu com a cabeça.

“Então lhe serei muito grato.”

Embora nenhum dos dois se levantasse, a entrevista terminara. Estar sozinho com o chefe do governo era a oportunidade para dar voz a um monólogo interior que ele vinha elaborando havia anos, para confrontar a pessoa efetivamente responsável, e questionar, por exemplo, sua associação aos mais fortes em todas as questões, a exaltação do autointeresse, a venda das escolas, os pedintes, e por aí afora, mas tudo isso parecia secundário diante do que tinham conversado, pouco mais que desbotados tópicos de

debate para os quais existiriam respostas ensaiadas.

Stephen pensou em Thelma. “Será um prazer transmitir sua mensagem.”

O primeiro-ministro se pôs de pé, exalando um aroma de água-de-colônia, e sorriu ao trocar um aperto de mãos. “Assinou o formulário?”

“Assinei.”

“Ótimo. Sei que posso confiar em você totalmente.”

O cavalheiro com os óculos de meia-lua ouviu o arrastar da cadeira de madeira; a porta se abriu um momento antes que o primeiro-ministro a alcançasse. Stephen observou as costas que se afastavam e, tão logo se viu sozinho, iniciou os preparativos finais para partir. Apagou o fogo e trancou a janela do escritório. A neve começava a se amontoar no parapeito de pedra. Abriu uma gaveta na mesa e retirou, de um caderno em branco, seis notas de cinquenta libras que guardava para uma emergência.

Chegou no hall a tempo de ver o homem com os aparelhos de telefone saindo pela porta da frente. Os outros o seguiram de perto. O último a ir embora foi um dos seguranças, que, com um gesto teatral, indicou a Stephen que devia inspecionar a sala de jantar. Tudo retornara a seu lugar, até mesmo as xícaras de chá sujas e as revistas velhas. Sobre a mesa havia uma fotografia do cômodo antes da ocupação. Stephen voltou-se para congratular o sujeito pelo trabalho cuidadoso dos colegas, mas ele também havia partido.

Apagou as luzes, pegou a mala e usou três chaves diferentes para trancar a porta da frente. No andar de baixo, o apartamento do sr. Cromarty estava às escuras. Stephen teve de parar enquanto procurava na mala o bilhete que havia escrito e, no momento em que o empurrava por baixo da porta, ouviu seu telefone tocando no andar de cima. Hesitou, calculando suas chances. Talvez, se andasse depressa e fosse competente com as chaves. Mas já tinha se passado tempo demais. Pegou de novo a mala e desceu a escada de três em três degraus. Correu para a calçada, avançando para o rugir do tráfego, o braço já levantado para chamar o táxi que ainda nem tinha visto.

Tinha menos de trinta minutos para esperar pelo trem. Estava muito

irrequieto, muito empenhado em proteger os circuitos aleatórios de seus pensamentos para encarar a barulheira úmida de um café na estação. No pub ao lado, bebedores contumazes se acotovelavam diante do balcão e alguém gritava. Por isso, comprou uma maçã, pôs a carta no correio e ficou zanzando pelas plataformas, batendo com o pé contra o frio do reluzente chão de concreto. Aproximou-se de uma locomotiva a diesel que acabara de chegar. Na cabine, o maquinista estava desligando interruptores, fazendo o monstro estacar. Stephen ainda tinha o sonho de ser convidado para subir. Quando menino, nunca ousara se aproximar de um maquinista. Agora era até mais difícil. Ficou aspirando nuvens de vapor e comendo sua maçã, procurando não deixar transparecer sua ridícula esperança, embora fosse incapaz de se afastar, o maquinista poderia ter a inspiração de convidá-lo. Mas o sujeito havia posto um jornal debaixo do braço e descia. Passou por Stephen sem vê-lo.

Mais além das plataformas, perto das altas portas de um vestíbulo onde eram vendidas as passagens, um grupo de mendigos estava reunido em torno de uma cabine de fotos automáticas. Havia mais de cem deles, expulsos das ruas pelo frio. Muitos usavam casacões dos estoques de produtos excedentes do Exército. Tendo ainda dez minutos para gastar, Stephen caminhou na direção deles. Não estavam em ação. Não era permitido pedir esmolas nas estações ferroviárias, e ninguém se arriscaria a dar nada com tantos mendigos ao redor. Mas alguns dos mais otimistas se dirigiam aos passantes aparentemente sem mover os lábios. Os demais estavam em silêncio. Só a expectativa de alguma coisa poderia mantê-los tão plácidos num canto da estação. Talvez houvesse uma distribuição de sopa ou de tíquetes de alimentação.

O fedor adocicado de roupas não lavadas e de bebida alcoólica era forte até mesmo no ar gélido. Um aquecedor de parede de dez metros tinha se transformado num apinhado dormitório. Stephen caminhou por toda a sua extensão. Se conseguissem aguentar mais um mês até que o tempo melhorasse, então tinham toda chance de chegar até o outono seguinte, quando as baixas voltariam a ocorrer. Naquela noite, a minoria sem casacões

pesados teria problemas. Ele chegara ao final da fileira de corpos quando deparou com um rosto conhecido. Era duro, de ossos pequenos, por um momento sem idade definida. Pertencia a uma figura encolhida junto às barras de metal, os joelhos erguidos a fim de ceder espaço a um velho corpulento. Os olhos opacos estavam abertos e olhavam para ele sem vê-lo. Stephen começou a pensar que se tratava de um velho amigo, alguém do seu tempo de estudante, ou saído de um sonho. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, daria de cara com alguém que conhecia usando um distintivo de pedinte. E então a viu — a menina a quem tinha dado dinheiro no ano anterior, dez meses antes. Reconheceu, sob o anoraque de náilon, o vestido amarelo, agora cinzento. O rosto, embora inconfundível, estava transformado. A vivacidade zombeteira se fora. A pele ficara áspera, com marcas de varíola, envolvendo frouxamente as feições que pareciam ter se retraído em busca de segurança. Os braços estavam cruzados sobre o peito.

Tinha decidido lhe dar seu casaco. Era velho, e ele estava prestes a entrar num trem aquecido. Tirou-o, descansou a mala no chão e, agachando-se, se posicionou em sua linha de visão, que ela estava cansada ou indiferente demais para ajustar. Tentou recordar-se de como tinha visto Kate naquela menina. Pousou a mão em seu ombro estreito. O homem a seu lado se ergueu, apoiado num cotovelo. Para um sujeito grandalhão, a voz era aguda e deprimentemente jovial. “Olha só! Gosta disso, né? Ela não está interessada.” E riu.

Stephen cobriu a menina com o casaco e tocou sua mão. Estava tão fria quanto o ar em volta. Tocou seu rosto, e os olhos continuaram fixos num ponto distante, a indiferença deles confirmada de modo absoluto. Stephen pegou a mala e endireitou o corpo. Impossível agora pegar de volta o casaco. Não se lembrava de ter esvaziado os bolsos. Atrás dele soou um apito e um trem se pôs ruidosamente em marcha. Pelo relógio da estação, viu que tinha menos de um minuto e meio.

O homem estava com os olhos nele e no casaco. “Vai logo”, ele disse astutamente, “ou perde o trem.”

Stephen sabia que, se registrasse a ocorrência, não sairia de Londres

naquela noite. Hesitou um momento, recuou um passo, deu meia-volta e caminhou às pressas, começando depois a correr quando viu um guarda em sua plataforma fechando as portas do trem. Não olhou para trás até que sua mão agarrou com firmeza uma maçaneta gelada. A uns cem metros de distância, oculto durante alguns segundos por um carrinho do correio, o homem, de joelhos, segurava o casaco no alto e revirava os bolsos. A composição estremeceu. Stephen fez girar a maçaneta e subiu, iniciando a procura de praxe pelo assento mais solitário.

* * *

Apenas quatro pessoas desceram duas horas depois na estação de Suffolk, onde não havia nenhum funcionário. Enquanto Stephen procurava um telefone público em toda a extensão da plataforma mal iluminada e depois na frente da estação, os demais passageiros saíram do estacionamento em três carros. A neve parara de cair e formara uma camada de dez centímetros, espalhando a luz esfumada de uma lua envolta em nuvens delgadas. A estação ficava nos limites da cidadezinha, quase no campo, numa estrada marcada pelo que pareciam ser lâmpadas elétricas caseiras penduradas no alto dos postes. Stephen parou um momento, impressionado com a novidade do silêncio total. Depois levantou a gola do casaco e seguiu rumo ao hotel, no centro. Do bar deserto pediu um táxi pelo telefone e ficou bebendo sentado junto a uma lareira elétrica que imitava as de carvão.

A motorista era uma mulher simpática e maternal, que fez questão de fechar o cinto de segurança para ele. Herdara as funções do marido, proibido de dirigir dois Natais antes. Agora ele tomava conta da casa e, segundo a esposa, estava adorando. E ela havia descoberto uma nova vida. Falava sem parar e, como dirigia com exagerado cuidado, levaram quarenta e cinco minutos para cobrir os vinte e cinco quilômetros. Stephen desfrutava os poderosos sopros de ar quente no rosto e nas pernas. Afundou-se mais na pelugem de náilon do forro do assento, hipnotizado pelo fluxo da conversa pouco exigente e o balouçante dado felpudo pendurado no espelho retrovisor.

A motorista concordou em entrar com o carro no caminho esburacado que levava à casa dos Darke. Eram oito e meia quando o deixou na borda do bosque. Outra vez ele parou a fim de apreciar o silêncio. Observou as luzes da traseira se afastarem aos saltos e absorveu a imobilidade de tudo, a surpreendente nudez das árvores. Como Thelma e Charles teriam ouvido o carro, esperava uma luz em meio ao arvoredo, uma voz que o chamasse. Aguardou, mas nada aconteceu. Pegou a mala e caminhou na direção do portão, agora não mais oculto. A neve em frente dele não tinha sido perturbada nem havia pegadas na trilha entre as linhas paralelas de arbustos altos e sem folhas — o escuro túnel verde do verão.

A única luz no chalé era o brilho amarelado de uma janela no térreo. Ele bateu de leve e, nada ouvindo, abriu a porta. Thelma estava sentada à mesa de jantar, de frente para ele, iluminada por duas velas. Seu rosto não registrou nenhuma mudança de expressão.

“Sinto ter demorado tanto.” A sala estava fria. Sentou-se ao lado dela. “O que há de errado? Onde está o Charles?”

Ouviu-se um som molhado, alto em meio ao silêncio do campo, quando Thelma chupou o lábio inferior. Passou-se um minuto, tempo suficiente para Stephen lamentar haver dado o casaco. Estava começando a tiritar, precisava que algo acontecesse, quando nada a fim de mantê-lo aquecido. Cobriu a mão dela com a sua. Foi como se tivesse tocado num interruptor. Ela sacudiu a cabeça de um lado para outro, violentamente, depois parou e começou a chorar. A criança que existia nele ficou perturbada ao ver uma mulher mais velha aos prantos. Ela não queria ser consolada. Liberou a mão para cobrir o rosto, encolhendo-se quando Stephen tocou seu ombro.

Pegou uma manta numa poltrona e a cobriu. Achou um aquecedor portátil na sala de visitas e levou para lá. Enquanto Thelma continuava a soluçar, tratou de acender a fomalha em que as cinzas ainda estavam quentes. Apanhou uma garrafa de uísque, dois copos e uma jarra de água na cozinha. A sala estava quente quando ela se acalmou. No entanto, ela ainda cobria o rosto com as mãos. Então se pôs de pé abruptamente e, murmurando desculpas, correu para o andar de cima. Ele ouviu sons no

banheiro. Serviu-se um drinque e sentou junto à fornalha a fim de se preparar para ouvir as más notícias.

Ela reapareceu vinte minutos depois com um pesado suéter sobre o braço e carregando uma lanterna. Pôs essas coisas sobre a mesa e se sentou ao lado da cadeira de Stephen, tomando sua mão e a apertando entre as dela. Parecia bem calma agora, apesar de cansada, consumida.

“Fico muito feliz de você estar aqui”, ela disse.

Ele aguardou.

Para dizer o que tinha a dizer, ela se ergueu e ficou junto à mesa, meio de lado para ele. Apertou as dobras de lã do suéter entre o indicador e o polegar. Falou rapidamente, sem inflexões: “Charles está morto. Morreu. Está lá no bosque. Tenho que trazê-lo para cá. Não posso deixar que fique lá fora a noite toda. Quero que me ajude a carregar”.

Stephen havia se posto de pé. “Onde ele está?”

“Perto da árvore dele.”

“Ele caiu?”

Ela sacudiu a cabeça. A tensão no movimento sugeriu que, se quisesse manter o controle, não poderia falar.

“Vou precisar de um casaco”, disse Stephen, “e botas.”

Durante alguns minutos eles tomaram providências práticas em silêncio. Ela lhe mostrou a copa, onde uma jaqueta grossa de trabalhador e um suéter estavam pendurados num gancho. Havia também um par de pesadas botas de borracha com lama seca. Ele achou um pedaço de corda no chão e, sem ter nenhum plano para usá-lo, enfiou no bolso. Antes de saírem, reavivou a fornalha.

Como a lua havia se desembaraçado das nuvens, a lanterna só era necessária onde a trilha se curvava em sombra. Stephen guardou para si as perguntas. Os únicos sons eram o ranger da neve pisada e o farfalhar de suas roupas.

Thelma então falou: “Ele saiu de manhã e não voltou na hora do almoço como de costume. Mais tarde fui procurar por ele e o encontrei quando estava ficando escuro. Não me lembro de voltar para casa. Acho que eu

corri. Aí telefonei para você”.

Continuaram a andar e, quando ficou claro que Thelma não iria tomar a iniciativa de dar outras informações, Stephen perguntou com cautela: “Como ele morreu?”.

O tom dela demonstrou dúvida: “Acho que simplesmente se sentou”.

Perto de um riacho congelado passaram pela laje rochosa sob cuja cobertura de neve, bem no fundo das fissuras, havia os ingredientes para uma floresta tropical em miniatura. Mesmo sob o luar era possível ver brotos gordos e viscosos, plantas humildes levantando pequenas hastes através da neve. Uma estação estava perfurando a outra. Nos espaços lisos entre as árvores, a profusão aguardava sua vez. A trilha enveredou para o centro do bosque. Desceram em direção ao carvalho podre, inalterado desde o verão. Dobraram à direita no estreito caminho que se juntava à trilha naquele ponto. Thelma reduziu as passadas ao entrarem na clareira. No outro lado, indistintas em meio às sombras, árvores maduras se erguiam como uma vasta mansão. Tendo guardado a lanterna no bolso, ela aqueceu as mãos sem luvas com o hálito e depois cruzou os braços sob as dobras do casaco. Stephen não conseguia pensar em nada para dizer que não fosse outra pergunta. No bolso da jaqueta encontrara uma bola de gude que fez correr entre os dedos tentando adivinhar, absurdamente, sua cor. Era reconfortante lembrar que não estavam numa região inóspita: a cidadezinha próxima projetava uma luz amarronzada numa parte do céu; dois carros passaram na estrada que ficava a um quilômetro e meio de distância; a terra que eles cruzaram era densamente cultivada, cercada e salpicada de bosques. Só a temperatura seria a mesma caso ninguém jamais tivesse existido.

O paredão de árvores que se debruçava sobre a clareira parecia saber o que ela continha e por que eles tinham vindo. Ao penetrarem nas sombras, Thelma passou a lanterna para Stephen. Ela estava ficando para trás. Quando ele alcançou a primeira das faias, ela estava parada a vários metros dele. Levantou a mão para indicar que Stephen teria de avançar sozinho.

Como muitos de sua geração, Stephen tinha pouca experiência em matéria de morte. Ao caminhar em direção ao segundo cadáver do dia,

imaginou um cheiro, que sentiu na garganta, de salões úmidos, tecidos negros, o gás aprisionado nos órgãos vazando aos poucos pelos poros da carne gordurosa. Era uma impressão sem nenhuma base na memória ou em fatos, mas difícil de dissipar. Expeliu o odor no ar límpido. Para se persuadir de que simplesmente tinha vindo executar uma tarefa, carregar um grande peso para um amigo, tirou a corda do bolso e tentou enrolá-la de modo eficiente enquanto andava.

Chegou à pequena clareira mais cedo do que desejava. O feixe amarelado da lanterna cortou algo azul. Parou e deixou a luz retornar. O ar quente expelido por seus pulmões formava nuvens ao redor da cabeça. Havia uma camisa, uma barriga exposta, a cintura da calça de veludo cotelê (que, misericordiosamente, era comprida). Como não estava pronto para levar a luz da lanterna até o rosto, inspecionou as pernas e depois os pés descalços, com os dedos levantados e afastados. Ao lado havia uma pilha de roupas, um suéter sobre um casaco e, caindo pela beirada, sapatos e meias.

Sua dependência de um estreito cone de luz o deixou inseguro. Apagou a lanterna e circundou a clareira, mantendo as costas voltadas para as árvores e contemplando a forma vaga no outro lado. Sua imobilidade o assustava, mas o mesmo acontecia com a ideia de que pudesse se mexer. Charles estava sentado com as costas apoiadas na árvore em que construía a plataforma. Vinte centímetros acima de sua cabeça se via o primeiro prego. Quando chegou a menos de um metro de distância, Stephen acendeu a lanterna. Uma camada de cinco centímetros de neve se acumulara sobre os ombros de Charles e nas dobras da camisa ao longo dos braços. A camada era mais profunda em seu colo e lhe cobria a cabeça com um formato de cunha. Cobria também a linha do nariz e o lábio superior. O efeito era cômico, desagradavelmente cômico. Stephen retirou a neve com a mão em concha, limpou a cabeça e os ombros, usou o indicador no nariz e no lábio.

Foi esse breve contato com a última coisa, o lábio, que o fez recuar. Era muito flexível, o dedo escorregou até a gengiva, e ele imaginou que havia sentido certo calor. Ficou de frente para o amigo, a um metro e meio de distância, e focalizou a lanterna em seu rosto. Os olhos estavam fechados.

Foi um alívio. A cabeça repousava contra a árvore, e a expressão, se havia alguma, era de cansaço. As pernas de Charles estavam estendidas à sua frente e os braços caídos ao lado do corpo, as mãos voltadas para baixo e cobertas de neve. Os três botões de cima da camisa estavam abertos.

Stephen remexeu na pilha de roupas com a lanterna. Se havia algum bilhete, Thelma o tinha achado. Ficou parado, adiando a hora em que teria de pegar o cadáver. Tirou outra vez a corda do bolso, mas não podia conceber nenhum uso para ela. Por fim se ajoelhou aos pés do amigo, abraçou-o pela cintura e começou a arrastá-lo. Ao se erguer, trouxe Charles junto, agarrando suas coxas para ajeitá-lo sobre os ombros.

Já de pé, e dando uma meia-volta desajeitada a fim de encontrar o caminho, ouviu atrás dele, onde a cabeça de Charles tocava a parte de baixo de suas costas, um longo suspiro de desapontamento, sussurrado como a letra “o”. Stephen soltou um pequeno grito e, dando alguns passos para o lado na clareira, jogou Charles na neve. Depois teve de puxar o corpo de volta, apoiá-lo na árvore e repetir a parte mais difícil, quase encostar seu rosto no do amigo. Ao se erguer com o peso pela segunda vez, não ouviu nenhum som.

Ele cambaleava se mudasse de direção de forma muito repentina. Fora isso, tratava-se de uma carga suportável porque bem distribuída. O tênis lhe possibilitara boa forma física. Seguiu pelo caminho, dando-se conta de que deixava para trás a relativa luminosidade da clareira e que a lanterna ficara inacessível em seu bolso. No entanto, a lua estava quase diretamente acima do bosque, as sombras tinham encolhido. De início não foi o peso do corpo que o oprimiu, e sim o frio que se irradiava para os ossos de seu ombro e descia pelas costas. Seu próprio calor estava sendo sugado avidamente, como se em breve eles fossem trocar de posição para que o cadáver, aquecido de volta à vida, levasse o corpo gelado de Stephen para o chalé.

Tiritava ao mesmo tempo que suava. À frente, através das árvores, podia ver o brilho da clareira maior. Thelma permanecia onde a deixara. Ao se aproximar, pensou em jogar Charles a seus pés. Ela poderia colocá-lo na posição certa depois que Stephen descansasse. Mas Thelma deu meia-volta

tão logo ele se aproximou e começou a refazer o caminho que os levara até ali. Não olhou para trás ao apertar o passo. Stephen não teve escolha senão segui-la.

Quando chegaram às árvores podadas e subiam a pequena ladeira, o peso já causava dores agudas em Stephen, em especial nas pernas, no pescoço e nos braços, no lugar onde eles estavam cruzados atrás dos joelhos de Charles. Thelma só havia parado uma vez, para tirar a lanterna do bolso de Stephen. Até então não tinham se falado.

À medida que a dor se intensificava, ele resolveu que não soltaria o corpo de Charles antes de chegarem ao chalé. Seria uma reparação, depois do seu triste papel como amigo. Tinha largado o amigo antes, não iria largá-lo agora. Foi com pensamentos heroicos desse tipo que Stephen tolerou a dor. Mas quando finalmente Thelma entrou no chalé e seguiu para a copa, indicando que era onde desejava que o corpo fosse deixado, ele foi incapaz de ativar os músculos certos, que haviam se contraído a ponto de ter perdido o controle sobre eles. Ficou balançando no espaço confinado e fortemente iluminado, sem poder se desfazer da carga. “Puxa ele”, Stephen gritou. “Pelo amor de Deus, tira ele de cima de mim!”

Foi menos por razões de higiene e mais com vistas a restabelecer a linha divisória entre os vivos e os mortos que Stephen rumou imediatamente à cozinha para lavar as mãos. A cozinha agora estava quente demais, abafada. Atravessou a sala de estar. Anos antes, uma parede havia sido demolida para formar uma longa galeria. Havia poucos móveis, o ar era frio e tinha aquele quê de cômodo não usado. Thelma já estava lá, encostada ao parapeito de uma janela, ainda de casaco.

Ele se dirigiu a uma cadeira, mas entendeu que não podia sentar-se. Embora suas mãos dessem a impressão de estar firmes, todo seu ser parecia vibrar a uma alta frequência. Havia um lamento fúnebre em seus ouvidos, ou na sala, nos limites da faixa audível. Ele se afastou da cadeira caminhando pelo assoalho de tábuas enceradas até a parede oposta, e lá se voltou. Gostaria de correr. Achou que seria formidável agora numa quadra

de tênis. Thelma atravessou a sala, chegou à janela adjacente e caminhou de volta. Ele retornou, batendo forte com os saltos dos sapatos. Thelma postou-se junto à lareira vazia. Stephen ergueu a vista quando pensou que ela sussurrava, mas foi apenas o som de pele contra pele quando sua amiga esfregou as mãos. Ele buscou o uísque e os copos na cozinha. Era difícil controlar o fluxo.

A bebida estava salgada. “Põem sal nisso?”, ele perguntou. Como ela pareceu confusa, não repetiu a pergunta. De todo modo, após uma pausa, ela assentiu com a cabeça e, segurando o copo com as duas mãos, caminhou pela sala repetindo o trajeto de Stephen. Continuou de costas para ele enquanto bebia.

“Você precisa saber”, disse por fim, ainda sem se voltar, “isso não foi uma surpresa. Ele tentou em Londres, mais de uma vez. Achei que a vinda para cá resolveria o problema. Na verdade, foi só um adiamento.”

“Achei que conhecia ele bem”, disse Stephen. “Mas obviamente eu estava errado.”

“É assim que costuma acontecer. O lado frenético, o lado enérgico e bem-sucedido era público, e o resto, as loucas depressões, eram todas para mim. A mudança para cá era para reconciliar os dois lados...” Ela andara até onde Stephen se encontrava.

“Só que”, ele disse, “aqui eu era o único público.”

Thelma o olhou, sem acusação. “É verdade, ele ficou aborrecido quando você foi embora sem avisar naquele dia, quando esperava por você. Não estava contando com sua aprovação, embora isso pudesse ter sido simpático. O que queria é que você não ficasse chateado.”

Stephen sentiu que lhe faltava o fôlego, os braços pesados. Olhou às suas costas e se sentou. “Acho que fiquei”, disse com tristeza.

Thelma se sentou no braço da cadeira. “Não me entenda mal. No fim das contas não faria a menor diferença. Certamente a coisa não dependeu de sua atitude. Não foi o que eu quis sugerir. Eu poderia ter te contado mais, te preparado para o que te aguardava. Mas Charles era contra isso. Não queria que falássemos sobre ele desse jeito, não queria ser visto como um caso

patológico.” E acrescentou: “Naquela época achei que ele tinha razão”.

Um relógio no fundo da sala deu as onze. A última reverberação precisou se perder de todo antes que fosse possível prosseguir na conversa.

Thelma parecia ter alcançado um estado de neutralidade emocional. “Ele não conseguia juntar as pontas”, disse num tom casual. “Queria ser famoso, que as pessoas lhe dissessem que algum dia chegaria a primeiro-ministro, e queria ser o garotinho sem a menor preocupação, sem responsabilidades, sem conhecimento do mundo lá fora. Não era um capricho excêntrico. Era uma fantasia devastadora que dominava todos os seus momentos privados. Pensava sobre isso, desejava isso como certas pessoas desejam o sexo. Na verdade, a coisa tinha um lado sexual. Usava calça curta e fazia com que uma prostituta lhe desse palmadas na bunda fingindo ser uma governanta. É melhor que saiba disso, era uma das coisas que ele queria te contar. Trata-se de uma predileção bastante comum entre uma minoria dos alunos de internatos particulares.

“Mas tinha um lado emocional mais importante que ele achava difícil compreender e mencionar. Queria a segurança da infância, a impotência, a obediência, e também a liberdade que vem junto, liberdade em matéria de dinheiro, decisões, planos, exigências. Costumava dizer que queria escapar do tempo, dos compromissos, agendas, prazos. A infância para ele era a atemporalidade, falava sobre ela como se fosse uma condição mística. Ansiava por tudo isso, falava comigo interminavelmente, ficava deprimido — e o tempo todo estava lá fora ganhando dinheiro, ficando conhecido, criando mil obrigações para ele no mundo adulto, fugindo dos próprios pensamentos. Seu livro *Limonada* foi muito importante para ele. Disse que era uma parte dele se comunicando com a outra. Disse que o tinha obrigado a reconhecer a responsabilidade por seus desejos, que precisava fazer alguma coisa por eles antes que o tempo eliminasse qualquer oportunidade. Era um alerta sobre a mortalidade. Precisava fazer alguma coisa rápido, ou se lamentar para sempre.”

Assoou o nariz. Manteve o estilo distante, analítico.

“Mas não fazia nada. É difícil romper com a ambição convencional.

Houve uma tentativa de suicídio, na realidade pouco convincente. Mudou de emprego e, como você sabe, teve ainda mais sucesso. Os anos passaram depressa, como ele temia. A pressão crescia. Se meteu em política, conseguiu o cargo no governo. Começou a ler outra vez seu livro. Por causa do projeto sobre os cuidados com as crianças. O primeiro-ministro o convidou, o que naquele mundo equivale a uma ordem, a escrever um manual secreto sobre o assunto, o manual que está causando essa confusão toda. Charles e o primeiro-ministro trabalharam juntos nele. Ele estava sendo desejado, e com isso quero dizer sexualmente desejado. Fingia não notar que estava fazendo uma conquista. Sentia repulsa, mas não podia deixar de flertar. Queria seguir em frente, era impossível parar de querer aquilo. Escreveu o manual sob a supervisão de seu líder, releu o livro que você escreveu. Tudo veio à tona de novo, e ele quis fazer planos. Estava desesperado, ele dizia. O tempo se esgotava. Precisava disso aqui, suplicava que eu fizesse tudo acontecer, que deixasse ele ser um garotinho. E no final concordei, pensei que de outro jeito ele iria desmoronar. Obviamente também me servia, o que era bom, porque a coisa não iria funcionar caso eu me sentisse contrariada. Eu queria ir embora de Londres, estava cansada de dar aulas, tinha meu livro para escrever, amo esta casa e a terra em volta.

“Conversávamos com frequência sobre a origem da obsessão, se era alguma coisa do passado que precisava ser revivida ou completada, ou alguma compensação por algo que tivesse faltado. Na realidade, Charles nunca quis ir a fundo. Acho que tinha medo do que poderia encontrar. Talvez fosse sua obsessão se protegendo. Você sabe que a mãe dele morreu quando ele tinha doze anos, por isso é possível imaginar que tenha associado a pré-pubescência a ela. E guardava uma fotografia, uma pequena fotografia horrorosa tirada quando tinha oito anos. Mostra ele ao lado do pai, que era um figurão no setor financeiro, um homem sem graça, eu lembro bem, mas tirânico. Na foto, Charles parece uma reprodução em escala menor do pai — o mesmo terno e gravata, a mesma pose de autoimportância, a mesma expressão adulta. Assim, talvez a infância tenha sido negada a ele. Mas outras pessoas perdem a mãe quando são crianças ou têm pais com horríveis

ambições e conseguem crescer sem as ânsias sexuais e emocionais do Charles. Em todas as nossas conversas, acho que nunca chegamos nem perto da raiz do problema.

“Seja como for, largamos tudo e viemos para cá. Durante algum tempo, enquanto fez calor, as coisas correram bem. Mais que isso, foi um idílio. O que a alguém de fora teria parecido ridículo e fantástico se tornou muito comum para nós. Eu era a mãe de um menino que brincava no bosque o dia todo e que voltava para casa na hora de comer e de dormir. Nunca o vi tão feliz, com necessidades tão simples. Ele descobriu que gostava da solidão. Aprendeu o nome das plantas, embora nunca o tenha visto com livros. Em casa, se mostrava simplesmente alegre e afetivo. À noite, dormia direto por dez horas. Antes, não passava de quatro ou cinco. Você veio, e isso foi uma frustração, mas não um revés grave.

“Aí o tempo mudou, e bem de repente, por sinal, e Charles começou a se preocupar com o que poderia estar acontecendo em Londres. Queria que recebêssemos jornais, e recusei. Tentou consertar um rádio velho, e ficou furioso quando não conseguiu. Então passou a dizer como ficaríamos sem dinheiro se não voltasse a trabalhar, o que era uma bobagem. Pior de tudo, ele estava recebendo cartas do primeiro-ministro convidando-o a visitar Downing Street, sugerindo que seria possível obter para ele um posto na Câmara dos Lordes, o que significa receber um título, e um cargo no governo com perspectivas de outros ainda mais importantes.

“Passava a noite sentado, atormentado, e ainda ficava no bosque durante o dia, tentando manter sua inocência. Mas estava se tornando cada vez mais difícil. Na casa da árvore, de calça curta, imaginava se devia usar o nome de lorde Eaton ou se alguém já o havia adotado. Sinto muito, Stephen, não digo isso para fazer graça. Era trágico, mas também totalmente absurdo. Não estou chorando. Não vou chorar. Conversávamos muito, é claro. Entre outras coisas, sugeri que fizesse análise, mas ele tinha a aversão a psicanalistas típica dos ingleses. Quando lhe disse que achava extraordinário que um homem com conflitos tão potentes como os dele se recusasse a empreender qualquer processo de autoexame, teve uma reação terrível de

raiva, uma birra de adulto. Na verdade, se deitou no chão e o esmurrou com os punhos fechados.

“Depois disso, ficou cada dia mais deprimido. Estava preso numa armadilha. Se voltasse para Londres, para a vida de antes, sabia por experiência própria que os antigos desejos, as compulsões, começariam a abatê-lo, e ele iria sentir falta da vida simples e segura que tinha criado para si próprio. E, se continuasse aqui, se sentiria eternamente angustiado por sua crescente irrelevância no que começava a chamar de mundo real. Minha paciência estava chegando ao fim. Meu trabalho estava sendo afetado. Estava exausta com a coisa toda. Depois de muita reflexão, achei que ele devia voltar para a política. Tinha sobrevivido naquele ambiente durante anos, e, se fosse ficar infeliz, seria apenas a infelicidade da criança que não pôde ter tudo que queria.

“Depois que tudo isso foi falado e discutido, ele afundou ainda mais, e aí brigamos. Foi hoje de manhã. Ele me acusou de entregá-lo às baratas, impedindo que fosse o que queria ser. Acho que eu perdi a cabeça. Disse que tinha tentado ajudá-lo de todas as maneiras que podia. Agora ele precisava assumir a responsabilidade pela própria vida. E foi isso exatamente o que ele fez. Queria me ferir ao se ferir, raciocínio típico dos deprimidos. Foi para o bosque e se sentou. Ele próprio se entregou às baratas. Em matéria de suicídio, foi petulante e infantil. E, embora nunca deixe de sentir tristeza, acho também que nunca vou perdoá-lo de verdade pelo que fez.”

A raiva de Thelma fizera com que ela se levantasse. Stephen observou enquanto ela andava de um lado para outro. A agitação voltara à sala.

“Se Charles escreveu aquele livro sobre como cuidar das crianças”, ele disse por fim, “por que foi tão duro? Pelo que vi, não parece alguma coisa que pudesse ser escrita por alguém que se sentia como uma criança.”

“Eu li o livro todo”, disse Thelma. “É uma ilustração perfeita do problema do Charles. Foi sua vida de fantasia que o atraiu a escrever o livro, e foi seu desejo de agradar o chefe que o fez escrever o que escreveu. Exatamente o que ele nunca pôde conciliar, e a razão pela qual ele desmoronou. Ele não era capaz de fazer valer suas qualidades como criança — e realmente,

Stephen, você devia vê-lo, tão engraçado, direto e delicado —, não era capaz de fazer valer nada disso em sua vida pública. Em vez disso, tudo era uma compensação frenética pelo que considerava ser um excesso de vulnerabilidade. Todo aquele esforço e gritaria, o domínio dos mercados, a necessidade de ganhar as discussões para ficar longe da própria fraqueza. E, honestamente, quando penso nos meus colegas de trabalho, nos círculos científicos e nos homens que os dirigem, quando penso na própria ciência, como ela foi elaborada ao longo dos séculos, tenho que dizer que o caso de Charles foi apenas um exemplo extremo de um problema geral.”

“Tenho certeza de que isso é verdade”, disse Stephen.

Agora a raiva se voltou contra ele. “É o que você diz. Mas pense no seu último ano e em toda a sua infelicidade, o quanto se debateu à toa, a catatonia, quando bem na sua cara estava... bom. Então você pode ver a diferença entre dizer que uma coisa é verdade e saber que é mesmo.”

Stephen tinha se levantado da cadeira. “Do que é que você está falando?”, ele perguntou. “O que estava na minha cara?”

Ela hesitou, e estava prestes a responder quando o breve silêncio se desintegrou com o toque do telefone, impertinente. Mesmo antes que ela respondesse, Stephen se deu conta de que a noite toda ouvira o telefone tocar em vão.

Ela disse: “Sim?... Mas ele está aqui, comigo... Bom... Sim, confie em mim... Eu vou...”. Estendeu o fone na direção dele e cobriu o bocal com a mão livre. Deixou claro que não tinha esquecido de responder à pergunta dele. “Julie”, ela disse. “Julie estava bem na sua cara. Ela quer falar com você.”

Ele pegou o fone e ouviu. Agora Thelma ria abertamente, mantendo os olhos, semicerrados e lacrimejantes, cravados nele.

Nove

Mais que o carvão, mais até que a energia nuclear, as crianças são nosso maior recurso.

Manual autorizado de puericultura,
Departamento Real de Imprensa

Por acaso, um trem noturno vindo da Escócia se desviava para o leste, passando por Norfolk e Suffolk a caminho de Londres e fazendo breve parada na estação local à uma e vinte da madrugada. Stephen tomou emprestado o carro de Thelma, deixando as chaves debaixo do assento como combinado, e chegou à plataforma um minuto antes da hora em que o trem era esperado. Pagou ao fiscal por um compartimento no vagão-leito e pediu para ser acordado tão logo chegassem. Deitou com os pés para o lado do travesseiro e observou, através do olho mágico no vidro fosco, a sombra da parte dianteira do vagão cortar uma nuvem de fagulhas. Do compartimento vizinho vieram os baques surdos de um ato sexual. Por mais de vinte minutos ele se espantou com a cadência imutável dos ruídos, a tremenda perseverança da paixão. Será que algum dia voltaria a sentir igual impulso? Quando o trem começou a reduzir a velocidade a fim de parar na estação seguinte, o ritmo também caiu: ele vinha escutando algo solto que se chocava contra a divisória entre os compartimentos.

Adormeceu ao atingirem os subúrbios mais distantes e foi acordado de repente por uma forte pancada na porta. Confuso, interpretou errado a urgência do sinal e correu rápido demais com a mala para a plataforma, a mesma de onde partira na noite anterior. Ficou balançando ligeiramente de um lado para outro, lembrando-se de quem era. Com exceção dos carregadores que embarcavam sacos de correspondência e revistas num trem próximo, a estação estava deserta. O chão tinha sido lavado. Ainda tonto de

sono, procurou um táxi. Não havia nenhum no ponto, como também não havia nenhum tráfego do lado de fora da estação. Caminhou na direção da catedral de St. Paul com a gola da jaqueta de operário de Charles levantada para se proteger do frio e do vento poeirento. Andou meia hora antes de pegar um táxi com as luzes apagadas. O motorista ia para casa, do outro lado do rio, e concordou em deixá-lo na Victoria Station.

Minutos depois, Stephen afastou o painel de vidro que o separava do motorista e ofereceu duzentas e cinquenta libras para ser levado ao Kent.

O motorista imediatamente sacudiu a cabeça. “Negativo, esquece. Com todo o respeito, meu sono é sagrado.”

“Então trezentas.”

“Sinto muito.”

“Duas mil e quinhentas?”

O táxi parou, e o motorista se voltou no assento.

“Só vendo a cor da grana.”

Stephen lhe mostrou as mãos vazias. “Só queria saber se você tinha um preço.”

O homem riu ao arrancar de novo. Ainda sorria quando aceitou o pagamento de Stephen no fim da corrida.

Em parte por causa da distribuição de sopa ali perto, aquela estação estava mais movimentada que a anterior. Junto aos guichês de venda de passagens acontecia uma festa regada a cidra e xerez, um evento tranquilo em vista do número de figuras cambaleantes vestindo casacões. Três mulheres negras, cada qual operando um gigantesco aspirador, se aproximavam pouco a pouco do grupo vindas de direções diferentes. Nas plataformas, dezenas de trabalhadores carregavam os trens sem grande entusiasmo. Ocasionalmente um grito lânguido ecoava no teto distante. No painel com o anúncio das partidas Stephen ficou sabendo que o próximo parador na linha de Dover sairia dentro de três horas, às seis e quarenta e cinco.

Caminhou atrás de um carrinho barulhento cheio de revistas semipornográficas. Quando o carrinho parou, Stephen o contornou para perguntar ao motorista se havia algum trem postal partindo para Dover.

Dando de ombros, o homem refez a pergunta para a turma que se preparava para descarregar o carrinho. Duas e vinte, eles murmuraram numa sequência irregular, uma hora e meia atrás. Stephen estava prestes a se afastar quando um dos carregadores, um adolescente, falou com a intensidade de quem gosta de acompanhar os mais variados trens.

“Só o de manutenção é que vai pra lá agora.”

“Onde ele fica?”

“Não vai poder pegar.” De todo modo, apontou para onde a rampa descia na escuridão.

Stephen agradeceu e saiu andando, sem ligar para um brado de “Ei!” às suas costas, seguido, encorajadoramente, por várias gargalhadas.

Após uma advertência de que os passageiros não poderiam passar daquele ponto, a plataforma avançava para além do teto da estação, transformando-se num estreito caminho de escória em meio a uma profusão de trilhos. Duzentos metros adiante, num desvio iluminado por altas luzes de arco, havia uma locomotiva diesel com um único vagão atrás, ambos pintados de um amarelo berrante. Stephen aproximou-se sem nenhum plano específico. Chegou junto à cabine e se viu olhando, lá em cima, para um homem mais ou menos de sua idade com uma boina precariamente equilibrada em densa massa de cachos negros. Stephen considerou a boina um bom sinal, prova de senso de humor.

Teve de gritar por causa da vibração do motor. “Você é o maquinista?”

O sujeito assentiu com a cabeça.

“Gostaria de lhe dar uma palavrinha.”

“Então sobe.”

Galgou com dificuldade, carregando a mala. No espaço quente e apertado havia um número de mostradores e alavancas de controle menor do que esperava. O chão vibrava de forma agradável sob seus pés. Reparou em dois livros de bolso com histórias de suspense, uma garrafa térmica, uma lata de fumo, um binóculo e um par de grossas meias de lã dobradas uma dentro da outra. Mambembe e íntimo como um quarto de aluguel. O maquinista se moveu na direção da outra porta para abrir espaço. Stephen

resistiu ao impulso de se acomodar num dos assentos do maquinista. Seria uma audácia.

Em vez disso, descansou a mão no assento e disse: “Gostaria de saber se você poderia me levar até um lugar no caminho de Dover”. Enquanto falava, tirou do bolso de trás da calça as notas de cinquenta libras. “Sei que é estritamente proibido pelas regras...”

Estendeu a mão com o dinheiro. O maquinista sentou-se, encostou o cotovelo no painel de controle e apoiou o rosto na mão fechada. Mal reparou nas notas e encarou Stephen.

“Está fugindo ou alguma coisa assim?”

Como não havia imaginado que teria necessidade de se explicar, Stephen só pôde pensar na verdade. “Recebi uma chamada urgente da minha mulher, minha ex-mulher.” Sentou-se, achando que tinha ganhado tal direito.

“Quando você viu ela pela última vez?” O maquinista enfatizou o pronome, como se conhecesse a mulher em causa.

“No último mês de junho.”

O homem fez uma careta de riso e disse: “Só podia ser”.

Stephen aguardou uma explicação, ou uma decisão, mas o maquinista, ainda apoiado no cotovelo e com a mão livre mexendo nos controles, nada disse. Stephen transferiu as notas para a outra mão. Relutava em guardá-las, não querendo dar a impressão de que retirava o oferecimento. Estava considerando uma nova abordagem quando viu, através do para-brisa, luzes que se moviam lentamente para o lado. O trem avançava a uma velocidade inferior a de quem o acompanhasse a pé. Num pórtico quatrocentos metros à frente, um conjunto de sinais luminosos se alterou, embora ele não pudesse lembrar quais cores tinham sido acrescentadas ou modificadas. O maquinista se endireitara no assento. A velocidade aumentou à medida que atravessaram um rápido e complexo sistema de entroncamentos que os fez passar para o lado oposto do leque de trilhos.

Stephen esperou que a barulheira acabasse antes de dizer: “Obrigado”. O maquinista não olhou em sua direção, porém deu uma ajustada na boina

que equivaleu a um reconhecimento.

Era infinitamente preferível olhar para a frente do que para as laterais, não ver paredões de terra ou quintais, e sim quilômetros de fios de metal que iam se desenrolando, assim como equipamentos ferroviários que pareciam estar numa rota de colisão e escapavam por um triz com assombrosa precisão. Ao acelerarem através do sul de Londres, começou a nevar, o que aumentou o prazer de Stephen com o movimento para a frente: atiravam-se contra um turbilhão de flocos de neve cuja extremidade aberta girava em torno deles, como se desejasse envolver ainda mais de perto o trem.

O maquinista estalou a língua nos dentes e olhou para o relógio. “Onde é que você quer ir?”

Stephen deu o nome da parada.

“Ela mora lá?”

“Uns cinco quilômetros para o sul.”

Pela primeira vez desde que tinham começado a se mover, o maquinista olhou para Stephen. “Não precisamos parar nas estações, você sabe, não é?”

Stephen tentou descrever a plantação, a curva na estrada, e depois se recordou do Sino.

“Conheço o pub”, disse o maquinista. “Posso deixar você bem pertinho.”

Saíram do brilho alaranjado dos subúrbios para os restos escuros do campo em meio às cidades-dormitório. A neve diminuiu, por fim cessou de todo. A velocidade deles cresceu. Stephen ainda segurava o dinheiro com firmeza. Ofereceu-o de novo, mas o maquinista manteve os olhos fixos nos trilhos à frente, com uma das mãos sobre uma manivela de latão com formato de lua crescente e a outra enfiada no bolso.

“Dá para sua ex. Acho que ela vai precisar.”

Stephen embolsou o dinheiro e sentiu que o mínimo a fazer era dizer seu nome.

“Edward”, o maquinista retrucou, explicando que levava uma oficina móvel e uma cantina para o lugar onde uma equipe devia entrar em função pela manhã. Iriam trabalhar num túnel, repondo a base da linha que havia sido danificada pela água. Era um túnel velho mas bem construído, um dos

melhores do sul. Na semana anterior, à luz das lanternas, haviam admirado o trabalho em tijolos do teto e dos pilares na sua boca.

“É como uma catedral lá dentro. O teto é do tipo que chamam de abóbada de leque, e ninguém nunca vê aquilo.” Dentro de dois anos, a linha seria desativada. “Nunca vão receber de volta”, disse Edward depois de uma pausa. “Vão vender a terra e nunca vão pegar de volta.”

“É irracional”, disse Stephen.

Edward sacudiu a cabeça. “É racional demais, meu amigo. Esse é o problema. Lá está uma catedral no escuro. Para que serve isso? Fecha, constrói uma estrada de rodagem. Mas as rodovias não têm coração. Você não vai ver nenhum menino no alto duma ponte tomando nota dos números dos carros, vai?”

Levou uma hora para chegarem à pequena estação. Tão logo passaram por ela, Edward começou a frear. “Vou te deixar numa passagem de nível. Não tem como se perder. Sobe a colina, desce do outro lado, cruza um bosque até chegar numa encruzilhada. Vira para a direita e vai ver o pub.”

Pararam do outro lado da cancela automática. Stephen apertou a mão de Edward. “Você foi muito legal.”

“Vai, sai logo. Não quero perder o emprego e você tem coisas para fazer.”

Stephen desceu da cabine, e Edward jogou a mala para que ele a apanhasse. Seguiu-se uma comemoração ruidosa. A grande máquina rugiu ao se mover lentamente, os sinos tocaram e as luzes vermelhas piscaram enquanto a cancela voltava a restaurar o direito de passagem para a rodovia.

Mais além da passagem de nível, a colina era íngreme. Nenhum carro tinha passado desde a última queda de neve, e o caminho adiante era uma faixa ininterrupta de branco ladeada por sebes. A lua se encontrava à sua frente, descendo por fim rumo ao horizonte. Era uma estrada assombrada. Ele caminhou em silêncio por sua beirada, sentindo a presença do jovem casal que, a seu lado, empurrava as bicicletas em meio ao vento e à chuva, perdidos em seus pensamentos não expressos e conflitantes. Onde estariam agora aqueles dois? O que os separava dele além de quarenta e três anos? O momento deles ali era um eco que se esvaía. Ele podia ouvir o tiquetaquear

seco das rodas traseiras, as passadas diferentes, ora cadenciadas, ora descompassadas. Chegou ao topo junto com eles, parando como haviam feito.

A estradinha reluzente descia e, um quilômetro e meio adiante, fazia uma curva bosque adentro. Pousou a mala no chão e mexeu nas alças, ajustando-as para caberem em seus ombros, e depois deu novo laço no cadarço do sapato com a competência enérgica de um corredor na linha de largada. Endireitou o corpo e respirou fundo algumas vezes. Sentiu o imperativo de sua convocação como uma tensão na parede do estômago, um frio na barriga. Por um derradeiro instante saboreou a energia contida na altitude antes de se curvar e deixar que a colina o conduzisse para baixo, fixando o ritmo de seus passos numa corrida quase sem esforço através da neve. Após os primeiros duzentos metros, sua respiração se adaptara ao baque de cada pisada. Parecia que poderia alçar voo caso jogasse fora a mala. Pisou firme a fim de ajudar a rotação da Terra, de modo que as coisas corriam para ele assim como ele corria para elas. Já estava em meio às primeiras árvores, penetrando no bosque onde a estrada rompia a neve acumulada. Decidiu qual era a árvore diante da qual sua mãe resolvera eliminá-lo. Aumentou a velocidade, embora agora estivesse numa área plana e a respiração se tornasse mais laboriosa. Quatrocentos metros adiante estava a encruzilhada, por isso cortou caminho por um trecho sem árvores mas de superfície irregular, tropeçando nos montinhos ocultos.

A segunda estrada era mais larga. Ele se recordava do cenário e das altas árvores que se amontoavam às suas margens. À frente se viam a cabine telefônica, a elevação e a curva fechada da estrada onde a trilha para pedestres conduzia ao campo da pradaria; mais perto, à direita, ficava o Sino, naquela luz um audacioso esboço a lápis. Chegou à altura da varanda e olhou de relance para além dela. Só então entendeu que sua experiência lá não apenas tinha sido correspondente à dos pais, porém uma continuação, uma espécie de repetição. Teve uma premonição logo seguida por uma certeza, fundada no sorriso de Thelma e na instantânea compreensão de Edward do número de meses, de que toda a tristeza, toda a espera vazia

tinha sido envolvida num tempo significativo, dentro do mais rico desdobramento concebível. Apesar de estar sem fôlego, soltou um brado de reconhecimento e subiu correndo a ladeira pelo caminho que levava ao chalé de Julie.

A porta da frente não estava trancada. Abriu-se de imediato para a sala de visitas, cujo calor e tênue aroma de pão e café sugeriam que ninguém dormia. Ao fechar a porta, sentiu o cheiro do perfume de Julie num casaco e num cachecol pendurados atrás dela. A luz do fogo a carvão se espalhava pelo assoalho, o resto do cômodo mergulhado na semiescuridão. Na mesa de trabalho de tampo bem esfregado, perto dos cadernos, havia um vaso de barro com ramos de azevinho e um violino pousado sobre uma flanela amarela. Numa cadeira se via uma pilha bem-arrumada de roupas lavadas e passadas. Ao lado dela, no chão, um livro sobre o céu noturno, uma xícara e um pires. Ele já atravessava a sala quando ouviu, no andar de cima, o estalido bem conhecido da cama, seguido de passos sobre sua cabeça.

Chegou à escada e gritou: “Sou eu”. As sombras dos balaústres fizeram uma reverência e ficaram mais nítidas na parede. Julie estava de pé no topo da escada. Ele acreditou ter visto o branco de sua camisola, mas tudo que podia enxergar claramente era seu rosto iluminado pela vela que trazia à frente. Perguntou-se se ela tinha estado fora do país. Parecia bronzeada.

“Você andou muito rápido”, ela sussurrou. “Vem aqui para cima.”

Estava deitada de novo quando ele entrou no quarto. Stephen tentou esconder o fato de que sua respiração ainda não voltara ao normal. Não queria que ela soubesse que viera correndo. Além do castiçal havia uma lâmpada em cima da cômoda e um fogo aceso na lareira. Sobre o edredom, circundando-a, viam-se livros, jornais, uma revista e páginas soltas de partituras. Flores junto à cama, uma caixa de suco de laranja. Atrás dela, meia dúzia de grossos travesseiros. Ele se postou ao pé da cama e pôs a mala no chão. Por enquanto não queria chegar mais perto.

Ela puxou o edredom mais para cima. Num canto ensombrecido algo escorregou para o chão. “Acho que tive o começo de uma contração logo

depois que falei com você. Mas não se preocupe, elas podem durar dias a fio. É para ser daqui a mais ou menos uma semana.”

Stephen disse estupidamente: “Eu não sabia”.

Ela sacudiu a cabeça e sorriu. O branco de seus olhos brilhou na luz doce quando ela levantou a vista na direção dele e mais além. Usava um cardigã em volta dos ombros e, por baixo, uma camisola de algodão desabotoada até o decote entre seus pesados seios. A pele estava escura e parecia quente. As mãos descansavam modestamente onde começava a curva da barriga. Até os dedos, ele pensou, davam a impressão de estarem mais gordos. As mãos se abriram e ela deu uma palmadinha na cama.

“Vem, senta aqui.”

Mas ele ainda se sentia afogueado pela corrida. A camisa empapada grudava na espinha. Precisava de tempo para se ajustar ao confinamento cálido do quarto antes de se sentar junto dela, junto daquela potência. A fim de amenizar a recusa, disse a primeira coisa que lhe passou pela mente: “Vim para cá numa locomotiva, e dentro da cabine”.

“Seu sonho de menino.”

“O maquinista me deixou descer na passagem de nível. Parecia conhecer tudo aqui em volta.” Estava prestes a lhe descrever Edward, a dizer como ela teria gostado dele, quando decidiu que era difícil demais, irrelevante. Perguntou: “Julie, por que você não me contou?”.

“Vem, senta aqui.”

Stephen hesitou, e depois dobrou o paletó e o suéter em cima de uma cadeira, pondo as meias e os sapatos para secar junto à lareira. Ao contornar a cama, o calor das tábuas sob seus pés lhe trouxe de volta a ideia de um lar, de prazeres quase inimagináveis. Sentou-se na beira da cama, não exatamente onde Julie indicara. Mas ela estava decidida a trazê-lo mais para perto. Tomou suas mãos nas dela. Ele foi incapaz de falar, inundado por uma onda de amor maior do que imaginava poder suportar. Luz e calor irradiavam de seu estômago. Sentia-se sem peso, desvairado. Ela sorria para ele, quase rindo. Era o bom humor triunfante de quem via confirmadas suas melhores esperanças. Ele jamais a vira tão bonita. A pele de Julie estava mais

lisa, como a de uma criança. O que havia crescido nela não estava enclausurado no útero, e sim enovelado em cada célula. A voz dela era melodiosa e grave quando respondeu à pergunta que ele fizera.

“Precisava esperar, precisava de tempo. Quando descobri, em julho do ano passado, fiquei furiosa comigo mesma, e com você. Me senti tapeada. Parecia tão injusto. Vim pra cá em busca da solidão, queria me fortalecer. Era uma hora muito errada, pensei seriamente em abortar. Mas foi só um período de adaptação, duas ou três semanas. Ficar sozinha por decisão própria pode fazer com que a gente pense com grande clareza. Sabia que não podia enfrentar outra perda. E quanto mais pensava, parecia extraordinária a facilidade com que a coisa tinha acontecido. Lembra como demoramos para ter a Kate? Me dei conta de que o que imaginei como hora errada era realmente uma hora inconveniente. Comecei a pensar nisso como uma dádiva. Devia haver um padrão mais profundo do tempo, suas horas certas e erradas não podiam ser tão limitadas.

“Podia então ter escrito para você. Sei que teria vindo. Ficaríamos bem, acertaríamos as coisas e pensaríamos que o pior havia passado. Mas sabia que era perigoso para mim. Assuntos importantes teriam que ser enterrados se tivesse chamado você naquela época. Vim para cá a fim de encarar a perda de Kate. Era minha tarefa, meu trabalho, se preferir, mais importante para mim que nosso casamento, ou minha música. Mais importante que o novo bebê. Se eu não enfrentasse aquilo, acho que poderia desmoronar. Houve dias péssimos, quando quis morrer. Cada vez que aquela coisa voltava era mais forte e mais tentador. Sabia o que tinha de fazer. Tinha que parar de correr atrás dela em minha mente. Precisava parar de ansiar por ela, esperando vê-la na porta da frente, visualizando-a num bosque ou ouvindo sua voz quando fervia a água para o chá. Precisava continuar a amá-la, mas precisava também parar de desejá-la. Para isso necessitava de tempo e, se durasse mais que a gravidez, assim seria. Não consegui tudo o que queria...”

O olhar de Julie se dirigiu a um canto do quarto. A velha dor estava estrangulando sua voz. Ele sentiu que a dor também dilatava as narinas dele. Deixaram que passasse. As cortinas estavam de todo abertas e, na parte

superior da janela, se via o brilho do luar no lado do chalé. Numa mesa sob a janela havia um pacote de produtos médicos prontos para serem usados pela parteira. Junto dele, obscurecido pela sombra do armário, um vaso de narcisos.

“Mas fiz algum progresso. Tentei não evitar pensar nela. Tentei meditar sobre ela, sobre a perda, em vez de ficar só ruminando os pensamentos. Depois de seis meses, comecei a sentir certo alívio com a ideia do novo bebê. Isso foi crescendo, mas muito, muito devagar, Stephen. Ainda havia dias quando parecia que eu não tinha chegado a lugar nenhum. Certa tarde, o pessoal do quarteto veio aqui. Trouxeram uma velha amiga da universidade, uma violoncelista, e tocamos, ou tentamos tocar, o *Quinteto em dó maior* de Schubert. Quando chegamos no “Adágio”, você sabe como é bonito, não chorei. Na verdade, me senti feliz. Foi um passo importante. Comecei a tocar direito. Tinha parado porque se tornara uma forma de escape. Pegava aquelas peças difíceis e trabalhava furiosamente nelas, tudo para parar de pensar. Agora tocava por tocar, pensava com prazer na vinda do bebê, passei a pensar em você e me lembrar, realmente sentir o quanto a gente se amava. Senti tudo voltar. Lamento que tenha tido que ser assim. Mas sabia que era a coisa certa a fazer. Estou pronta para ir em frente agora. Precisava confiar que você também estava ficando mais forte, seguindo seu caminho. Por isso finalmente te telefonei ontem a tarde inteira. Não pude suportar quando não te encontrei lá...”

Ele queria mostrar como estava muito mais forte. Em sua euforia, estava pronto a pular da cama e demonstrar seu backhand reconstruído, ou pegar uma caneta e exibir sua caligrafia, compor para ela um poema em árabe clássico. Mas não podia largar suas mãos. Os olhos puros e cinzentos de Julie transferiram sua atenção do olho direito dele para o esquerdo, desceram para a boca, retornaram. A boca de Julie estava madura com seu sorriso contido. Ela afastou as cobertas e guiou a mão dele. A cabeça estava encaixada, a pele acima do emaranhado de pelos quente e dura, quase como um osso. Mais acima, sob o seio direito, Stephen sentiu um estremecimento debaixo da palma da mão, um pé que chutava.

Ele estava prestes a falar e olhou para ela. Julie sussurrou: “Ela era uma filha linda, uma menina encantadora”.

Ele concordou com a cabeça, espantado. E foi então, com três anos de atraso, que por fim começaram a chorar juntos pela criança perdida, insubstituível, que eles não veriam crescer, cujo olhar e movimentos característicos jamais poderiam ser dissipados pelo tempo. Abraçaram-se, e, quando tudo se tornou mais fácil e menos amargo, passaram a conversar tanto quanto podiam em meio ao choro, com promessas de amor, pelo bebê, por eles, pelos pais, por Thelma. Na louca expansividade de suas tristezas reunidas, pensaram em curar tudo e todos, o governo, o país, o planeta, mas começando por eles mesmos; e, ainda que nunca pudessem redimir a perda da filha, a amariam através da nova criança, sem nunca fecharem suas mentes à possibilidade de que ela voltasse.

Ao longo desse tempo ficaram deitados na cama, rosto contra rosto. Julie então desvencilhou-se das cobertas com os pés. Levantou a camisola, virou o corpo e se pôs de quatro. Abriu os cotovelos até que o rosto estivesse encostado nos travesseiros. Ele murmurou o nome dela ao ver — num corpo tão digno e potente — o doce desamparo das nádegas erguidas, desordenadamente emolduradas pela bainha rendada da camisola. O silêncio ressoava depois de todas as promessas, mesclando-se com a agitação de bilhões de folhas de pinheiros na plantação. Ele a penetrou delicadamente. Algo estava se juntando em volta deles, ficando mais audível, com um gosto mais doce, mais quente, mais brilhante, todos os sentidos estavam se sintetizando, se condensando na ideia de intensificação. Ela emitiu baixinho, várias vezes, abafados “oh”, cada qual baixando e subindo em intensidade como uma pergunta perplexa. Mais tarde, gritou alguma coisa alegre que ele não conseguiu entender, incapaz que estava de apreender significados. Depois se afastou dele, queria se deitar de costas. Acomodou-se por inteiro e sorveu com força o ar. Ela pousou os dedos de uma das mãos na parte de baixo da barriga e se massageou de leve. Ele relembrou o nome bonito do movimento, *effleurage*. Com a outra mão o agarrou, apertando mais e mais à medida que a contração ganhava em

potência, comunicando assim seu progresso. Ela estava preparada. Controlava a respiração, fazendo exalações ritmadas e constantes que se aceleravam num ofegar mais superficial ao se aproximar do pico. Ela estava sozinha nessa segunda viagem, tudo que ele podia fazer era correr pela praia e lhe gritar encorajamentos. Ela se afastava dele, dominada pelo processo. Seus dedos se fincavam na mão dele. A pulsação de Stephen repercutia nas têmporas, perturbando-lhe a visão. Ele tentou manter o medo longe de sua voz. Precisava se lembrar de suas falas. “Segue com a onda, vamos, não luta contra ela, flutua com ela, flutua...” Então a acompanhou na respiração ofegante, dando grande ênfase à expiração, reduzindo o ritmo à medida que o aperto em sua mão diminuía. Ele suspeitava que a forma de sua participação havia sido elaborada pelas autoridades médicas a fim de combater o pânico causado pela impotência paterna.

Quando a contração passava, eles respiravam bem fundo juntos. Julie punha as mãos em concha diante da boca para evitar o enjoo provocado pela hiperventilação. Falou alguma coisa, porém as palavras saíram abafadas. Ele esperou. Ela deixou tombar as mãos e sorriu com ironia. Ambos voltaram para o quarto, e para si próprios, como se saíssem de um refúgio após uma tempestade. Ele não era capaz de recordar sobre o que vinham conversando. Não importava.

“Você se lembra de tudo?”, Julie perguntou. Não esperava dele nenhuma reminiscência. Queria ter a certeza de que ele sabia o que fazer.

Fez que sim com a cabeça. Gostaria de dar uma olhada num dos livros de Julie. Tal como se recordava vagamente, havia estágios precisos no trabalho de parto, técnicas diferentes de respiração associadas a eles, hora de se segurar, hora em que era importante se soltar. Mas tinham um longo dia pela frente. Haveria tempo suficiente. E ele se lembrava perfeitamente da última vez. Ele tinha sido o enxugador de testa, o telefonista, o entregador de flores, tinha servido o champanhe, bancado o faz-tudo da parteira — e havia orientado Julie. Mais tarde ela disse que ele tinha sido útil, embora Stephen achasse que seu valor havia sido mais simbólico. Ele se vestiu, atravessou o quarto e encontrou um par de meias de Julie para calçar.

“Onde está o número de telefone da parteira?”

“No bolso do meu casaco, pendurado atrás da porta. Põe a água para ferver antes de sair. Prepara duas bolsas de água quente quando voltar. E um bule de chá de jasmim. As duas lareiras precisam ser reavivadas.” Ele também se recordava dessas ordens enérgicas, o direito absoluto da mãe de comandar seus domínios.

Do lado de fora, o amanhecer ainda estava confinado ao céu do oriente. As nuvens haviam desaparecido completamente, pela primeira vez ele viu estrelas. A lua ainda era a principal fonte de iluminação. Seguiu rápido pelo caminho de tijolos calçando os sapatos úmidos, reparando que Julie tomara a precaução de afastar a neve. Como o interior da cabine telefônica na esquina não tinha luz, ele precisou achar os números pelo tato. Quando foi atendido, viu que falava com uma recepcionista no centro médico de uma cidadezinha próxima. Não devia se preocupar. A parteira seria contatada e chegaria dentro de uma hora.

Na volta, ao andar no curto trecho da estrada pelo qual correria menos de uma hora antes, diminuiu o passo e tentou avaliar as transformações; mas era incapaz de fazer reflexões, só conseguia pensar em detalhes, em chá, lenha, bolsas de água quente.

O chalé estava silencioso quando retornou. Preparou a bandeja com o chá, pegou lenha no depósito do lado de fora, avivou o fogo na lareira do térreo e encheu uma cesta para fazer o mesmo no segundo andar. Passou os olhos em vão pelas estantes de Julie em busca de livros sobre parto. A fim de se fortalecer com uma demonstração de competência, passou alguns minutos na pia da cozinha lavando cuidadosamente as mãos.

Equilibrando a bandeja em cima da cesta, e carregando as bolsas de água quente debaixo do braço, subiu cambaleando a escada. Julie estava esparramada de costas. Os cabelos úmidos se grudavam ao pescoço e à testa. Estava agitada, queixosa.

“Você disse que não ia demorar. O que é que andou fazendo?”

Ia discutir com ela quando se recordou que a irritabilidade podia fazer parte do processo, um dos marcadores ao longo do caminho. Mas

certamente isso devia aparecer mais tarde. Será que tinham pulado alguns estágios? Serviu o chá e se ofereceu para fazer uma massagem. No entanto, ela não suportava ser tocada. Ele arrumou as cobertas. Relembrando como tinha ficado furiosa na outra vez, quando a parteira se dirigiu a ela como se falasse com uma criança, adotou o tom de voz de um treinador de futebol de fala mansa.

“Mexe a perna, assim. Ótimo. Tudo vai muito bem. Estamos indo bem.” E por aí foi. Ela não se deixou apaziguar de todo, mas seguiu as instruções e bebeu o chá.

Ele soprava as brasas, estimulando as chamas num punhado de ramos, quando a ouviu chamar seu nome. Correu até ela, que sacudia a cabeça. Fez menção de pôr os dedos sobre sua barriga, e depois desistiu.

“Fiquei acordada a noite toda. Estou muito cansada para aguentar isso, não estou pronta.”

As palavras de encorajamento de Stephen foram interrompidas por um longo grito. Ela lutou para inalar, e então veio outro grito, um prolongado urro de assombro.

“Vai com a onda, vai com ela...”, ele começou a dizer. Foi interrompido de novo. Havia perdido o pé. Exortações em favor da respiração ritmada não faziam agora o menor sentido. Um vendaval arrancara as instruções de suas mãos. Julie apertou ferozmente o antebraço dele com ambas as mãos. Os dentes à mostra, os músculos e tendões do pescoço retesados a ponto de se romper. Ele estava perdido. Só tinha mesmo a lhe dar o antebraço.

Gritou para ela: “Julie, Julie, estou aqui com você”.

Mas ela estava sozinha. Aspirou e gritou de novo, dessa vez num desvario, como que eufórica. E, quando não tinha mais ar nos pulmões, não fez nenhuma diferença, o grito tinha de durar ainda mais. A contração ergueu-a da cama, o corpo contorcendo-se para o lado. O lençol chegava à sua cintura, tendo se enroscado em volta do corpo. Ele sentiu a armação da cama tremer com o esforço de Julie. Houve um estalido final no fundo de sua garganta e ela voltou a respirar, jogando a cabeça para trás. Quando olhou para ele, para além dele, seus olhos estavam brilhantes, determinados.

O breve desespero tinha sido vencido. Ela estava de novo no controle. Stephen achou que Julie se preparava para dizer alguma coisa, mas o aperto no braço aumentava outra vez e ela não estava mais lá. Seus lábios tremeram ao se comprimir contra os dentes, do fundo do peito veio um gemido estrangulado, o som borbulhante e abafado de um esforço colossal. Depois foi se esvaindo, e sua cabeça tombou de volta sobre os travesseiros.

Ela respirou fundo várias vezes e falou numa voz surpreendentemente normal: “Preciso beber uma coisa fria, um copo d’água”. Ele ia se levantando quando Julie o deteve. “Mas não quero que saia agora. Acho que está vindo.”

“Não, não. A parteira ainda não chegou.”

Ela sorriu como se Stephen tivesse contado uma piada para distraí-la. “Me diz o que consegue ver.”

Ele precisou meter a mão debaixo do corpo dela para liberar os lençóis.

Houve um choque, um abalo, uma desaceleração de tudo quando ele penetrou no tempo dos sonhos. Foi tomado por uma grande paz. Estava diante de uma presença, uma revelação. Contemplava a parte de trás de uma cabeça projetada para fora. Nenhuma outra parte do corpo era visível. A cabeça estava virada para o lençol molhado. Em seu silêncio e total imobilidade, havia uma acusação. Esqueceu de mim? Não se deu conta de que era eu o tempo todo? Estou aqui. Não estou vivo. Stephen olhava o torvelinho de cabelos úmidos em volta do topo da cabeça. Não havia nenhum movimento, pulsação, respiração. Não estava viva, era uma cabeça no cepo e, no entanto, exprimia uma exigência clara e premente. Fiz a minha parte. Qual é a sua agora? Talvez tivesse se passado um segundo desde que ele levantara o lençol. Estendeu a mão. Tocava uma escultura de mármore branco-azulado, ao mesmo tempo inerte e muito determinada. Era fria. A umidade a esfriava, e por baixo havia um calor, mas tênue demais, o calor residual tomado emprestado do corpo de Julie. O fato de que, de repente mas de forma óbvia, ali estava uma pessoa, não vinda de outra cidade ou de um país diferente, mas da própria vida, a simplicidade daquilo estava gerando nele uma grande clareza e precisão de propósito. Ouviu-se

dizer algo tranquilizador a Julie, enquanto ele próprio se sentiu reconfortado pela recordação, breve e nítida como um fogo de artifício, de uma estradinha rural ensolarada, dos destroços de um veículo e de uma cabeça. Seus pensamentos estavam tomando formas simples, elementares. Isso é realmente tudo que temos, essa intensificação, essa questão da vida que ama a si mesma, tudo que temos há de vir daí.

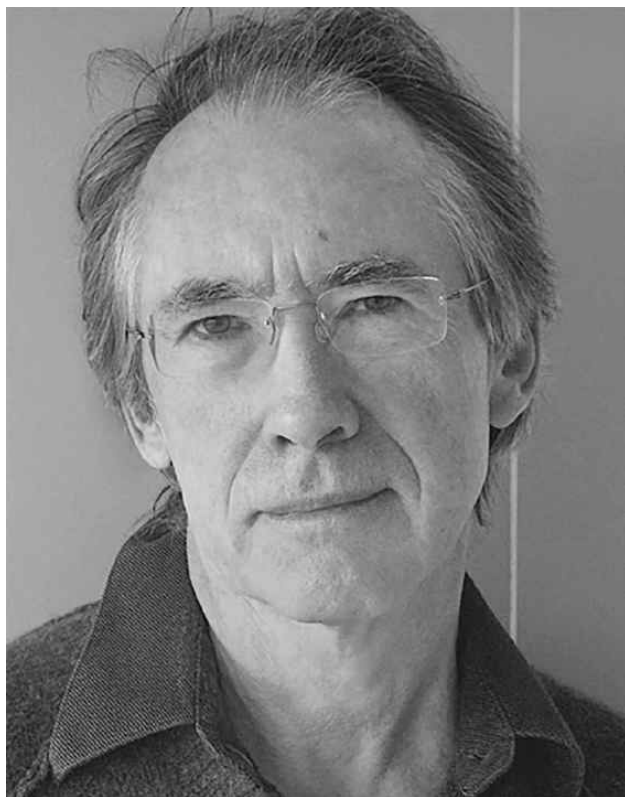
Julie ainda não estava pronta para empurrar. Recobrava as forças. Ele escorregou a mão na direção do rosto, encontrou a boca e usou o dedo mindinho a fim de remover o muco. Não havia respiração. Moveu os dedos para baixo, sob a pele tensionada de Julie, buscando o ombro oculto. Podia sentir ali o cordão, grosso e forte, uma criatura pulsante que dava duas voltas em torno do pescoço. Introduziu o indicador e puxou com cuidado. O cordão se soltou com facilidade, copiosamente, e, ao afastá-lo da cabeça, libertando-a, Julie pariu — ele viu num instante como o verbo era ativo e generoso: juntando toda sua vontade e força física, ela deu o empurrão derradeiro. Com um rangido líquido, a criança deslizou para suas mãos. Ele viu apenas as costas compridas, poderosas e escorregadias, com a espinha musculosa e sulcada. O cordão, pulsando ainda, estava pendurado num ombro e enroscado no pé. Ele era somente o apanhador, não o destino final, e só pensava em devolver a criança à mãe. Ao erguê-la, ouviram uma fungada e um único grito lúcido. Lá estava ela, com o rosto para baixo e o ouvido colado ao coração da mãe. Puxaram os lençóis para cobri-la. Como as bolsas de água eram muito pesadas e quentes, Stephen trepou na cama, ao lado de Julie, e mantiveram o bebê aquecido entre os dois. A respiração se estabilizava, ganhando ritmo, e uma coloração mais cálida, um fulgor rosado, se espalhava por sua pele.

Foi só então que começaram a soltar exclamações e a comemorar, beijando e fuçando a cabeça pegajosa que cheirava a um pãozinho saído do forno. Durante vários minutos foram incapazes de formar frases e só podiam produzir sons de triunfo e fascinação, um dizendo em voz alta o nome do outro. Ancorado pelo cordão, o bebê permaneceu com a cabeça entre as mãos fechadas. Era uma criança linda. Seus olhos estavam abertos,

contemplando a montanha do seio de Julie. Mais além da cama estava a janela, através da qual podiam observar a lua mergulhando num espaço entre os pinheiros. Logo acima dela se via um planeta. Era Marte, disse Julie. Lembrete de um mundo cruel. Por ora, contudo, eles estavam imunes, era antes do começo do tempo, e ficaram deitados acompanhando o planeta e a lua descenderem num céu que se coloria de azul.

Não souberam quanto tempo depois ouviram o carro da parteira estacionar diante do chalé. Ouviram a porta bater e o ruído dos sapatos pesados no caminho de tijolos.

“E então?”, Julie perguntou. “Menina ou menino?” E foi em reconhecimento do mundo a que estavam prestes a se juntar de novo, e para o qual esperavam levar seu amor, que ela enfiou a mão debaixo dos lençóis e apalpou.



ANNALENA MCAFEE

IAN MCEWAN nasceu em Aldershot, Inglaterra, em 1948. Seus livros já lhe renderam uma série de prêmios literários, entre eles o Man Booker Prize e o Whitbread Award. Dele, a Companhia das Letras já publicou *Reparação*, *Na praia*, *A balada de Adam Henry* e *Enclausurado*, entre outros.

Copyright © 1987 by Ian McEwan
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Child in Time

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Imagem de capa
PremiumVector/Shutterstock

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Huendel Viana
Clara Diamant

ISBN 978-85-545-1176-0

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas
e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

IAN



MCEWAN

COMPANHIA DAS LETRAS

Enclausurado

McEwan, Ian

9788543807126

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Através de um narrador inusitado, um dos maiores ficcionistas da atualidade cria uma história de intriga e mistério. O narrador deste livro é nada menos do que um feto. Enclausurado na barriga da mãe, ele escuta os planos da progenitora para, em conluio com seu amante – que é também tio do bebê –, assassinar o marido. Apesar do eco evidente nas tragédias de Shakespeare, este livro de McEwan é uma joia do humor e da narrativa fantástica. Em sua aparente simplicidade, Enclausurado é uma amostra sintética e divertida do impressionante domínio narrativo de McEwan, um dos maiores escritores da atualidade.

[Compre agora e leia](#)

**Chimamanda
Ngozi Adichie**



Hibisco roxo



Hibisco roxo

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543807225

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um romance que mistura autobiografia e ficção, Chimamanda Ngozi Adichie - uma das mais aclamadas escritoras africanas da atualidade - traça, de forma sensível e surpreendente, um panorama social, político e religioso da Nigéria atual. Protagonista e narradora de Hibisco roxo, a adolescente Kambili mostra como a religiosidade extremamente "branca" e católica de seu pai, Eugene, famoso industrial nigeriano, interniza e destrói lentamente a vida de toda a família. O pavor de Eugene às tradições primitivas do povo nigeriano é tamanho que ele chega a rejeitar o pai, contador de histórias encantador, e a irmã, professora universitária esclarecida, temendo o inferno. Mas, apesar de sua clara violência e opressão, Eugene é benfeitor dos pobres e, estranhamente, apoia o jornal mais progressista do país. Durante uma temporada na casa de sua tia, Kambili acaba se apaixonando por um padre que é obrigado a deixar a Nigéria, por falta de segurança e de perspectiva de futuro. Enquanto narra as aventuras e desventuras de Kambili e de sua família, o romance também apresenta um retrato contundente e original da Nigéria atual, mostrando os remanescentes invasivos da colonização tanto no próprio país, como, certamente, também no resto do

continente.

[Compre agora e leia](#)

DO AUTOR DE
FESTA NO COVIL



**NINGUÉM
PRECISA
ACREDITAR
EM MIM**



JUAN PABLO VILLALOBOS



COMPANHIA DAS LETRAS



Ninguém precisa acreditar em mim

Villalobos, Juan Pablo

9788554511821

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em seu novo romance, que recebeu o prêmio espanhol Herralde de Novela 2016, o autor da festejada trilogia mexicana narra as peripécias caóticas e hilariantes de um estudante de literatura em Barcelona. Juan Pablo é um jovem mexicano prestes a viajar para Barcelona, onde vai cursar o doutorado "sobre os limites do humor na literatura latino-americana do século XX". Logo antes de sua partida, porém, ele é convocado para uma "reunião de negócios" com o primo e um grupo de mafiosos envolvidos com corrupção e tráfico de drogas, num episódio que deixará marcas irreversíveis em sua viagem. Neste romance com pinceladas autobiográficas e com altas doses de humor delirante, o autor embaralha os gêneros ao misturar o relato do narrador com cartas da mãe do estudante — que ela própria assume como o "filho favorito" — e trechos do diário de Valentina, namorada do protagonista. Juan Pablo Villalobos apresenta, com estilo capaz de arrancar gargalhadas do leitor, uma galeria de personagens excêntricos numa trama rocambolesca e absurda, que mescla paródia e nonsense.

[Compre agora e leia](#)



a estranha ordem das coisas

as origens biológicas
dos sentimentos
e da cultura

antónio damásio

do autor de
*o erro de descartes e
o cérebro criou o homem*

COMPANHIA DAS LETRAS

A estranha ordem das coisas

Damásio, António

9788554511685

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito por um dos neurocientistas mais proeminentes da atualidade, este livro traz uma reflexão divisora de águas, que abrange as ciências biológicas e sociais, oferecendo uma nova maneira de entender as origens da vida, os sentimentos e a cultura. António Damásio apresenta aqui uma pesquisa inovadora sobre a homeostase, uma coleção de fenômenos que regula a fisiologia humana por meio de mecanismos que possibilitam não apenas a nossa sobrevivência, mas também o florescer da vida. O neurocientista português torna claro que descendemos de uma longa linhagem que tem início nos organismos unicelulares, ou seja, que nossas mentes e culturas são ligadas por um fio invisível aos modos e propósitos de seres unicelulares muito antigos; e que é inerente a nossa própria química uma força poderosa, uma luta pela manutenção da vida que a governa em todos os seus aspectos, inclusive no desenvolvimento dos genes que ajudam a regular e a transmitir a vida. Em *A estranha ordem das coisas* Damásio nos oferece uma nova maneira de compreender o mundo e o nosso lugar nele. "Este é um livro fundamental. Ele oferece os conceitos, a linguagem e o conhecimento para explicar as interações entre

natureza e cultura no cerne da condição humana. [...] é o começo de uma nova revolução científica." — Manuel Castells, professor de sociologia na Universidade da Califórnia, Berkeley

[Compre agora e leia](#)

HELOISA M.
STARLING

SER
REPUBLICANO
NO BRASIL
COLÔNIA

A HISTÓRIA
DE UMA TRADIÇÃO
ESQUECIDA




COMPANHIA DAS LETRAS

Ser republicano no Brasil colônia

Starling, Heloisa Murgel

9788554511692

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Heloisa Starling investiga o ideário republicano na Colônia em torno dos conceitos de igualdade, liberdade e cidadania, com foco na Inconfidência Mineira, na Conjuração Baiana e outros momentos críticos de efervescência política anteriores à Independência. Este ensaio de história e ciência política resgata do esquecimento o percurso das ideias de república no Brasil Colônia e a trajetória formativa da incipiente cidadania antes da Independência. As conjurações de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, entre outras, são reinterpretadas em contraste com a República instituída pelo golpe militar de 1889, cuja essência oligárquica e excludente tem reiterado como tragédia nacional a aguda constatação de nosso primeiro historiador, profeta dos eternos desmandos na condução da res publica nativa. "Nenhum homem nesta terra é repúblico, nela zela, ou trata do bem comum, senão cada um do bem particular." Estranhamente atuais, as palavras certeiras de frei Vicente do Salvador em 1630 correspondem ao primeiro registro impresso da presença do conceito de república no Brasil. Emanados em francês e inglês dos centros mundiais da subversão antimonárquica, os princípios republicanos abraçados pelos inconfidentes já tinham no

final do século XVIII uma rica tradição no Brasil colonial. Heloisa Starling realiza uma impressionante arqueologia da recepção e das adaptações da palavra república em sua vida natural na Colônia, soterradas pelo triunfo do Império e, em seguida, do regime de 15 de novembro de 1889.

[Compre agora e leia](#)